

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Thiago Camargo Iwamoto

**A REPERCUSSÃO DA INCLUSÃO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NO ESPORTE:  
O DISCURSO NAS REDES SOCIAIS SOBRE O CASO DA JOGADORA TIFANNY**

Brasília – DF  
2019

Thiago Camargo Iwamoto

**A REPERCUSSÃO DA INCLUSÃO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NO ESPORTE:  
O DISCURSO NAS REDES SOCIAIS SOBRE O CASO DA JOGADORA TIFANNY**

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção de título de Doutor em Educação Física. Orientadora: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dulce Maria Filgueira de Almeida.

Brasília – DF

2019

A REPERCUSSÃO DA INCLUSÃO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NO ESPORTE:  
O DISCURSO NAS REDES SOCIAIS SOBRE O CASO DA JOGADORA TIFANNY

**Thiago Camargo Iwamoto**

Esta tese foi avaliada e aprovada para obtenção do título de doutor em Educação Física no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer.

Aprovado pela banca examinadora em 05 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Dulce Maria Filgueira de Almeida (Orientadora – FEF/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Aparecida Devidé Nogueira (FEF/UnB)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Fabiano Pries Devidé (FEF/UFF)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Made Junior Miranda (ESEFFEGO/UEG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ingrid Dittrich Wiggers (Suplente- FEF/UnB)

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho para minha mãe Rosemeire da Silva Camargo, as minhas irmãs Thaeny Camargo Gregorutty e Ana Luiza Camargo Pires, que sempre estiveram presentes na minha vida. Em especial a minha mãe por ser meu suporte e por oportunizar todas as condições para eu chegar até esse momento. Dedico a todos os meus amigos e amigas que compartilharam comigo esses momentos.

Dedico a toda a população LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, e Intersexos) e todxs que se sentem de alguma forma menosprezados pelas instituições culturais e sociais, sobretudo as estruturas simbólicas, que delimitam as questões de gênero e sexualidade à perspectiva binária. A todxs que se sentiram feridos e ameaçados perante a sociedade heterocisnormativa, tendo que por vezes ocultar comportamentos, identidades, sexualidades, pensamentos, afetividades, etc., para se adequarem as estruturas sociais. Não poderia esquecer de dedicar a todxs que já foram alvos de violências veladas ou não, a aqueles de já pensaram ou cometeram suicídios por não suportar a hipocrisia de uma sociedade machista e LGBTQIfóbica.

Ademais, dedico esse trabalho à todas as pessoas transgêneras, em particular as pessoas transexuais, que lutam todos os dias para poderem ingressar nos diversos campos da sociedade, incluindo os esportes. Dedico esse material a aqueles, políticos ou não, que corroboram para as políticas inclusivas para a comunidade LGBTQI de modo geral.

Que a democracia, o direito de ir e vir em qualquer ambiente, de assumir o gênero, a sexualidade e identidade de gênero nunca seja condicionado a princípios e valores ortodoxos de uma camada política e religiosa que tenta deslegitimar todxs aqueles que não seguem os preceitos proferidos por esses. Que toda e qualquer forma de se identificar, de ser, de amor, seja aceita na sociedade. Por políticas públicas que garantam os direitos para todxs, independente de gênero, sexualidade e outros fatores. Que o país, as leis, a justiça, a igualdade e o direito aos esportes seja para todxs e não somente para grupos favorecidos e que corroboram com o atual “(des)governo” e são privilegiados por esse. **Ninguém solta a mão de ninguém!**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente tenho a agradecer a Deus e aos mentores espirituais pelas bênçãos e conquistas obtidas nesses últimos anos, sobretudo como guias em uma jornada repleta de desafios e obstáculos árduos. Sem a proteção e a iluminação de Deus e dos mentores espirituais não conseguiria obter forças e paciência para atingir meus objetivos.

A minha mãe Rosemeire da Silva Camargo, que me deu todo o apoio durante toda a vida, estando sempre ao meu lado, como amiga, companheira e conselheira. Tenho a imagem dela como uma grande heroína que possibilitou as melhores condições para que eu e minhas irmãs conseguíssemos atingir nossos objetivos e sermos quem somos hoje, com valores e princípios humanos. Essa mulher, que mesmo sem ter completado o ensino fundamental foi capaz de proporcionar educação, saúde e outras condições para que tornássemos pessoas dignas, respeitadas e focadas em nossos objetivos. Tenho muito orgulho e respeito por tê-la como mãe!

Agradeço as minhas irmãs, Thaeny Camargo Gregorutty e Ana Luiza Camargo Pires, pelos momentos de companheirismo e de paciência, além de entenderem esse meu momento de doutoramento. Momento que por vezes estive ausente, mas que não diminui o meu amor por elas.

Ao Ivan Munir Abdalla Jibril por ter sido o grande companheiro nesses últimos anos, entendendo esse momento e se dispondo a me ajudar com todos os afazeres do dia-a-dia. Pelos momentos de descontração, por todo o cuidado e carinho que teve comigo, me permitindo ter condições para concretizar mais essa fase da vida. Além de ter sido minha base emocional para que eu não desistisse. Uma pessoa que tenho uma profunda admiração!

Agradeço a minha orientadora doutora Dulce Maria Filgueira de Almeida que me possibilitou um novo olhar sobre o corpo, gênero, sexualidade e cultura, e sobre todas as questões referentes a pesquisas. Agradeço a ela pelos momentos de aprendizado, de preocupação com seus orientados e com aqueles ao redor. Infelizmente, gostaria de estar mais presente e próximo, para que pudéssemos manter um diálogo mais amplo. No entanto, mesmo com as dificuldades que tive em manter dois trabalhos com elevada carga horária, entre as idas e vindas entre Goiânia – Brasília, ela sempre esteve disposta a me auxiliar e principalmente compreendendo as minhas limitações e situações.

Não poderia deixar de agradecer ao grupo de Estudos Necon (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza) e todos aqueles que ali estiveram, oportunizando momentos de debates e

enriquecimento pessoal e profissional. Aos professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília, que direta e/ou indiretamente participaram desse processo de formação. Aos professores membros da banca, Júlia Aparecida Devidé Nogueira, Fabiano Pries Devidé, Made Junior Miranda e Ingrid Dittrich Wiggers, pelo carinho e cuidado que tiveram em se dispor a contribuírem para o enriquecimento desse trabalho. Minha eterna gratidão!

As amigades conquistadas e fortalecidas durante o doutorado. Valléria, Reigler, Francisca Islândia, Jéssica, Letícia e Eugênia, que estiveram sempre presentes durante esse processo de doutoramento, com diálogos enriquecedores a caminho de Brasília. Amizade que se estende para além do universo acadêmico.

Agradeço aos meus amigos e amigas, que entenderam esse momento de distanciamento físico, mas que sempre estiveram me incentivando para conseguir terminar meus estudos. Com carinho agradeço a Fernanda Bueno Belchior, Jerônimo Venâncio, Michelle Oliveira, Amanda Jardim e Antônio Júnior.

Os agradecimentos também se estendem aos meus colegas de trabalho da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em especial ao professor Isaías Moreira Ferraz Júnior – Coordenador do Curso de Educação Física, professora Izabel Collus e Maria Rita Santana. Esses que oportunizou condições para que eu pudesse ter os momentos de estudos em Brasília.

No mais quero agradecer a todxs que me deram apoio para conquistar mais uma vitória. E afirmo que essa vitória não é só minha, e sim de todxs nós!

*Versões tóxicas da masculinidade e da feminilidade acabam gerando agressões a quem ousa delas se distanciar no seu exercício de direito fundamental e humano ao livre desenvolvimento da personalidade, sob o espantinho moral criado por fundamentalistas religiosos e reacionários morais com referência à chamada ideologia de gênero.*

(Ministro José Celso de Mello Filho, 2019)

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo realizar uma Análise de Conteúdo a partir dos comentários presentes na rede social, especificamente no *Facebook*, construídos acerca da transexualidade no contexto esportivo, considerando a inclusão e a permanência da jogadora de voleibol Tiffany. Como metodologia foi utilizado o método de análise documental, a fim de realizar uma análise de conteúdo presente no *Facebook*. Para a realização dessa análise foram seguidos quatro procedimentos: organização da análise; codificação; categorização; tratamento, inferência e interpretação dos resultados. Os comentários foram coletados a partir de um perfil do *Facebook*, “Quebrando o Tabu”, sobretudo em uma postagem referente à jogadora Tiffany Abreu e seu desempenho em quadra do dia 01 de fevereiro de 2018. Sobre esse fato, é importante salientar que a sociedade é construída a partir de um movimento social, histórico e cultural, não se caracterizando como uma organização inflexível. As transformações e evoluções das teorias de gênero e sexualidade têm apresentado diversas concepções de acordo com a conjuntura presente da sociedade, atendendo e estudando as necessidades e interesses de grupos minoritários. Gênero e sexualidade compõem uma temática polêmica, por ser discutida em uma realidade social definida pelos dispositivos binários de gênero, sobretudo, por uma organização heterossexista, patriarcal, masculina e machista, que a partir de convenções estabelecem determinados comportamentos e pensamentos que devem se enquadrar nessa estrutura. Pessoas gênero divergentes transgridem essas normativas por não se enquadrarem dentro dos conceitos e estereótipos instituídos pela sociedade, sendo chamadas de pessoas transgêneras. Esse ideal aponta sobre as transidentidades, incluindo a categoria de transexual. A transexualidade tem sido debatida e apresentada veemente na atualidade, de modo a possibilitar uma maior visibilidade para esse grupo. Os novos documentos do Comitê Olímpico Internacional têm autorizado e normatizado o ingresso de pessoas transexuais nos esportes, lócus marcado por uma hegemonia masculina e reforçada pela heterocisnormatividade. Tiffany é a primeira transexual a chegar em uma competição nacional e desbancar suas oponentes pelo seu potencial enquanto mulher transexual. E a partir dessa performance, ela teve destaque nas redes midiáticas e sociais do Brasil e mundo afora, ocasionando uma ampliação dos debates acerca dessa temática, especialmente sobre as diretrizes que concedem as pessoas transexuais atuarem na categoria de acordo com a identidade de gênero. Os discursos evidenciados nos comentários da página analisada apresentam uma dicotomização de opiniões referente à inclusão de pessoas transexuais, onde o grupo que se apresenta favorável segue uma perspectiva humanista e social, enquanto outros fundamentam nos discursos essencialistas. Os posicionamentos não verbais, através dos *emojis*, e os verbais, por meio de comentários, apresentam posicionamentos distintos, sendo que nas reações dos *emojis* há uma tendência a aprovação, ao mesmo tempo em que grande parte dos posicionamentos verbais critica a inclusão e as normativas do COI. Conclui-se que ainda há uma restrição em aceitar as diferenças, sobretudo a diversidade de gênero e sexualidade, sendo o esporte um reforçador do binarismo de gênero. Ao mesmo tempo em que as redes sociais possibilitaram uma maior visibilidade de determinados assuntos e/ou grupos, também ampliou um espaço para a exposição de diversos atores sem o devido conhecimento técnico e científico. Assim, há a necessidade de se desenvolver mais estudos sobre a comunidade transgênera, em particular de pessoas transexuais, nos esportes e na sociedade.

**Palavras-chave:** Teorias de Gênero. Identidade de Gênero. Mulher Transexual. Esportes.

## ABSTRACT

This study aimed to conduct a content analysis based on the comments on the social network, specifically on Facebook, built on transsexuality in the sporting context, considering the inclusion and permanence of the Tiffany volleyball player. The methodology used was the method of documentary analysis to perform a content analysis on Facebook. For the accomplishment of this analysis, four procedures were followed: organization of the analysis; coding; categorization; treatment, inference, and interpretation of results. The comments were collected from a Facebook profile, "Quebrando o Tabu", especially in a post referring to the player Tiffany Abreu and her performance on the court of February 1, 2018. On this fact, it is essential to note that society is constructed from a social, historical, and cultural movement, not characterized as an inflexible organization. The transformations and evolutions of the theories of gender and sexuality have presented diverse conceptions according to the present conjuncture of the society, attending and studying the needs and interests of minority groups. Gender and sexuality compose a controversial theme since it is discussed in a social reality defined by gender binary devices, above all, by a heterosexual, patriarchal and masculine organization, which from conventions establish certain behaviors and thoughts that should fit into this structure. Divergent genders transgress these norms because they do not fit within the concepts and stereotypes instituted by society, being called transgender people. This ideal points to trans identities, including the transsexual category. Transsexuality has been debated and presented vehemently today, in order to allow greater visibility for this group. The new documents of the International Olympic Committee have authorized and normalized the entry of transsexual people into sports, a locus marked by male hegemony and reinforced by heterocisnormativity. Tiffany is the first transsexual to arrive in a national competition and to overthrow her opponents for her potential as a transsexual woman. Moreover, from that performance, it was highlighted in the media and social networks of Brazil and around the world, leading to an increase in debates about this issue, especially on the guidelines that grant transsexual people to act in the category according to gender identity. The speeches evidenced in the comments of the page analyzed present a dichotomization of opinions regarding the inclusion of transsexual people, where the group that presents favorable follows a humanistic and social perspective, while others base in essentialist discourses. Nonverbal postures, through emojis, and verbal ones, through comments, present distinct positions, and in emoji reactions there is a tendency for approval, while at the same time most verbal positions criticize inclusion and norms of the IOC. It is concluded that there is still a restriction in accepting the differences, especially the diversity of gender and sexuality, and sport is a reinforcer of gender binarism. While the social networks made possible greater visibility of specific subjects and/or groups, also it extended space for the exposition of diverse actors without the proper technical and scientific knowledge. Thus, there is a need to develop further studies on the transgender community, in particular, transsexual people, in sports, and society.

**Keywords:** Gender Theories. Gender Identity. Male-to-Female. Sports.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 _ Publicação sobre o caso Tiffany Abreu na página Quebrando o Tabu .....	18
Figura 2 _ Análise de Conteúdo de acordo com Bardin.....	22
Figura 3 _ Mapa Mental: organização das ideias para análise .....	32
Figura 4 _ Mapa Conceitual: organização dos atores favoráveis e contra o processo de inclusão. .....	33
Figura 5 _ Estatísticas de uso e população da Internet no mundo.....	40
Figura 6 _ Usuários da Internet e estatística da população de 2018 para as Américas .....	41
Figura 7 _ Estatísticas sobre uso e população da Internet na América do Sul .....	41
Figura 8 _ Teclado dos Emojis do WhatsApp .....	47
Figura 9 _ Rede Centralizada, Descentralizada e Distributiva de acordo com Baran.....	49
Figura 10 _ Atores representados por nós (ou nodos) nas redes sociais .....	51
Figura 11 _ Conversação e conexões na rede social .....	53
Figura 12 _ Ícone do Facebook .....	56
Figura 13 _ Quantitativo de usuários nas redes sociais, dados de 2017.....	58
Figura 14 _ Emojis como respostas a comentários publicados no Facebook.....	58
Figura 15 _ Nuvem de Palavras: Frequência global.....	67
Figura 16 _ Nuvem de Palavras: Categoria Biofisiológica .....	69
Figura 17 _ Nuvem de Palavras: categoria sociocultural .....	71
Figura 18 _ Enxergando a diversidade. ....	73
Figura 19 _ Nuvem de Palavras: subcategoria Anatomofisiológica.....	78
Figura 20 _ Nuvem de Palavras: subcategoria Gênero.....	90
Figura 21 _ Categorias Transgênero.....	95
Figura 22 _ Nuvem de Palavras: subcategoria identidade de gênero .....	101
Figura 23 _ Nuvem de Palavras: subcategoria corpo .....	117
Figura 24 _ Comentário de Ana Paula sobre Tiffany Abreu .....	119
Figura 25 _ Nuvem de Palavras: subcategoria estigmas .....	130
Figura 26 _ Nuvem de Palavras: subcategoria preconceito.....	134
Figura 27 _ Crescimento na taxa de mortalidade de pessoas transgêneras entre janeiro de 2008 e setembro de 2017 no mundo.....	138

Figura 28 _ Crescimento na taxa de mortalidade de pessoas transgêneras entre janeiro de 2008 e setembro de 2017 no Brasil. ....	138
Figura 29 _ Modificações no nível plasmático de testosterona e modificações associadas as variáveis biológicas. Todas as variáveis são média±d.p. ....	155
Figura 30 _ Nuvem de Palavras: categoria esportes.....	159
Figura 31 _ Nuvem de Palavras: subcategoria habilidades físicas.....	165
Figura 32 _ Nuvem de Palavras: subcategoria instituições médicas.....	169
Figura 33 _ Nuvem de Palavras: subcategoria legitimação.....	172

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 _ Comparação entre a Linguística e a Análise de Conteúdo .....	21
Quadro 2 _ Tipos de elementos para a unidade de registro, segundo Franco (2018).....	25
Quadro 3 _ Critérios para categorização dos elementos.....	27
Quadro 4 _ Principais funções do NVivo .....	30
Quadro 5 _ Classificação dos fenômenos comunicacionais a partir de oposições, de acordo com Serra (2007).....	45
Quadro 6 _ Quantitativo de reações sobre a publicação na página “Quebrando o Tabu”.....	62
Quadro 7 _ Frequência global de palavras .....	64
Quadro 8 _ Frequência de palavras de categoria Biofisiológica .....	69
Quadro 9 _ Frequência de palavras categoria sociocultural .....	71
Quadro 10 _ Frequência de palavras subcategoria Biofisiológica .....	77
Quadro 11 _ Frequência de palavras subcategoria gênero .....	89
Quadro 12 _ Frequência de palavras subcategoria identidade de gênero.....	100
Quadro 13 _ Frequência de palavras subcategoria corpo.....	116
Quadro 14 _ Princípios de Yogyakarta.....	126
Quadro 15 _ Frequência de palavras subcategoria estigmas .....	129
Quadro 16 _ Frequência de palavras subcategoria preconceito .....	133
Quadro 17 _ Instituições Internacionais que corroboram a inclusão de pessoas transexuais.	153
Quadro 18 _ Frequência de palavras categoria esportes.....	159
Quadro 19 _ Frequência de palavras na subcategoria habilidades físicas.....	164
Quadro 20 _ Frequência de palavras na subcategoria instituições médicas .....	168
Quadro 21 _ Frequência de palavras na subcategoria legitimação.....	172

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABCD \_ Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem
- ABEH \_ Associação Brasileira de Estudos da Homocultura
- ADO 26 \_ Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26
- APA \_ *American Psychiatric Association*
- Bit \_ *Binary Digit*
- CBV \_ Confederação Brasileira de Voleibol
- CCES \_ *Canadian Centre for Ethics in Sport*
- CCJ \_ Comissão de Constituição e Justiça
- CFM \_ Conselho Federal de Medicina
- CFP \_ Conselho Federal de Psicologia
- CID-10 \_ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
- CMC \_ Comunicação Mediada por Computador
- COI / IOC \_ Comitê Olímpico Internacional / *International Olympic Committee*
- CONAMEV \_ Comissão Nacional de Médicos do Voleibol
- DSM-V \_ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição
- FIVB \_ Federação Internacional de Voleibol (*Fédération Internationale de Volleyball*)
- HIV \_ *Human Immunodeficiency Virus* (Vírus da Imunodeficiência Humana)
- IGF-1 \_ Fator de crescimento semelhante à insulina tipo 1, somatomedina C
- LGBTQI \_ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexo
- MDB \_ Movimento Democrático Brasileiro
- MI 4.733 \_ Mandado de Injunção 4.733
- MMA \_ *Mixed Martial Arts*
- nmol/L \_ Nanomol por litro
- OMS \_ Organização Mundial da Saúde
- ONU \_ Organização das Nações Unidas
- ONUBR \_ Organização das Nações Unidas Brasil
- PL \_ Projeto de Lei
- PNUD \_ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PPGEF \_ Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física

PSOL-RS \_ Partido Socialista e Liberdade – Rio Grande do Sul  
PT-DF \_ Partido dos Trabalhadores – Distrito Federal  
PT-PB \_ Partido dos Trabalhadores – Paraíba  
QSR *International* \_ *Qualitative Solutions Research International*  
STF \_ Superior Tribunal Federal  
SUS \_ Sistema Único de Saúde  
TGEU \_ *Transgender Europe*  
TLPI \_ *Transgender Law & Policy Institute*  
TMM \_ *Trans Murder Monitoring*  
UnB \_ Universidade de Brasília  
UNESCO \_ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
W.W.W. \_ *World Wide Web*

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT .....	viii
LISTA DE FIGURAS .....	ix
LISTA DE QUADROS .....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. OBJETO DE ESTUDO: O CASO TIFANNY .....	11
1.1 Quem é Tiffany Abreu? .....	11
1.2 Polêmica envolvendo Tiffany.....	14
CAPÍTULO 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	17
2.1 Análise de Conteúdo: procedimentos metodológicos .....	22
2.1.1 Organização da Análise .....	23
2.1.2 Codificação.....	24
2.1.3 Categorização .....	27
2.1.4 Inferência.....	28
2.2 Forma de análise.....	29
CAPÍTULO 3. CAMPO DE PESQUISA: REDES SOCIAIS, INTERAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR .....	35
3.1 Ciberespaço e Cibercultura: aspectos da tecnologia.....	38
3.2 A Comunicação Mediada pelo Computador .....	44
3.3 Rede, Atores e Conexões: elementos que compõem as Redes Sociais .....	48
3.5 <i>Facebook</i> : uma das muitas redes sociais .....	55
CAPÍTULO 4. LINGUAGENS E CATEGORIAS DAS POSTAGENS SOBRE O CASO TIFANNY.....	60
4.1 A linguagem não verbal da publicação: analisando os <i>emojis</i> .....	60
4.2 Análise global dos comentários da página “Quebrando o Tabu” .....	64
4.3 Análise das categorias biofisiológicas e sociocultural .....	67
4.3.1 Categoria Biofisiológica.....	68
4.3.2 Categoria Sociocultural .....	69

CAPÍTULO 5. ESTUDOS DE GÊNERO: SEXO, GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO .....	73
5.1 Sexo: o Biológico em Questão .....	74
5.2 Gênero: uma Construção Sociocultural .....	81
5.3 Identidade de Gênero: como me identifico.....	93
CAPÍTULO 6. LEGISLAÇÕES, ESTIGMAS E PRECONCEITOS RELACIONADOS A PESSOAS TRANSEXUAIS .....	122
6.1 Legislações e Documentos voltados a pessoas transexuais.....	122
6.2 Estigmas: linguagem de relações.....	128
6.3 Transexualidade e preconceito .....	133
CAPÍTULO 7. ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E A ESPETACULARIZAÇÃO DO CASO TIFANNY .....	140
7.1 Questões Identitárias e de Gênero nos Esportes de Alto Rendimento .....	140
7.2 E Quanto aos Gêneros e Transexuais nos Esportes .....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	175
REFERÊNCIAS .....	183
ANEXO .....	198
Anexo 1 - Comentários da publicação analisada no campo empírico-virtual “Quebrando o Tabu” .....	199

## INTRODUÇÃO

No contexto do século XXI é imprescindível pensarmos a sociedade como a constituição de indivíduos que buscam, por meio de suas diferenças – e pelo respeito a estas –, serem reconhecidos enquanto parte de um todo complexo e diverso. Essa formulação nos leva a refletir sobre como vivem esses indivíduos e a que padrões sociais estão muitas vezes submetidos, considerando os atuais espaços midiáticos e as reconfigurações sociais existentes. Nosso suposto é de que se impõe uma cultura voltada a um sujeito concordante, que atende aos interesses e que se encontra dentro das expectativas e estereótipos reforçados pela sociedade.

Notadamente, apesar dos padrões socialmente definidos, as diferenças persistem. Indivíduos buscam demarcá-las de distintas formas no âmbito das dinâmicas culturais. Essas transformações culturais e sociais tendem a influenciar as mais diversas teorias, de modo a questioná-las e/ou reforçá-las como produto e contribuinte para com a sociedade. Para além disso, a ciência tem várias propostas, tendendo a defender e arguir alguma ideia ou perspectiva. Essa situação, tendo em vista a mutabilidade da sociedade, sempre ocorre em virtude de novos pensamentos, pesquisas, questionamentos, olhares e outros métodos referentes às configurações sociais e humanas. Não obstante, compreende-se que todas as teorias são suscetíveis a uma nova ressignificação de acordo com as tramitações e modificações nos e dos sentidos da sociedade.

Nesse pensamento de mutação cultural e teórica, em virtude de prerrogativas históricas e políticas, é necessário compreendermos os tensionamentos quando há referências para sexo, gênero e sexualidade e todas as facetas que circundam essas categorias ou conceitos. Mesmo pensando em um processo de desenvolvimento social, tecnológico e educacional, as pessoas ainda estão sujeitas a diretrizes pautadas em ideais tradicionais, muitas vezes arcaicas, para se comportarem dentro da normalidade. Romper essa barreira da normalidade implica infringir vários paradigmas sociais e questionar determinadas teorias vigentes, possibilitando novas reflexões e propositivas.

Os estudos de gênero sofreram com esses impactos sociais, culturais, históricos e políticos, sobretudo por influência das ciências biomédicas que tentavam e tentam explicar a distinção entre machos e fêmeas, homem e mulher, a partir de informações genéticas, hormonais e corporais, com base em ideias incontestáveis e fixas. Essa teoria, considerada como Essencialismo Biológico, foi estruturada para justificar a importância de cada sujeito dentro da sociedade, enfatizando que o macho/homem teria mais condições do que as fêmeas/mulheres

em diversos papéis e funções sociais (SCOTT, 2005). Essa ideia de superioridade masculina também leva à constituição de que o macho/homem é dominante, empregando-lhe condições para governar e definir grande parte das prerrogativas vigentes na sociedade (BOURDIEU, 2002). Pode-se perceber, assim, a instauração de uma idealização pautada em uma sociedade patriarcal, masculina, hétero e cisnormativa.

Mesmo tendo grandes influências do Essencialismo Biológico para justificar as diferenciações entre homens/mulheres, machos/fêmeas, a sociedade e os grandes pensadores não se convenceram quanto a ser suficiente utilizar somente fatores bio e fisiológicos para determinar as funções sociais. Tem-se construído um discurso que visa perceber a sociedade como um todo, em que diversos agentes e instituições atuam para determinar a personalidade do sujeito, inclusive interferindo nas questões de gênero e sexualidade, insatisfeitos com o fato de que qualquer sujeito desviante dos padrões de normalidade socialmente vigentes possua problemas de ordem psicológica.

Durante o século XIX e início do século XX, incomodados com a teoria do Essencialismo Biológico e outros estudos provenientes da psicologia, grupos em prol dos menos favorecidos, sobretudo as mulheres, trataram de questionar o *status quo* e passaram a lutar pela igualdade de direitos, consolidando um novo movimento, o movimento feminista (NARVAZ; KOLLER, 2006; LOURO et al., 2012).

Nesse movimento, principalmente a partir da terceira onda<sup>1</sup>, surgiu o discernimento de que não é somente pelas dimensões físicas e psicológicas que se pondera sobre a determinação do gênero e sexualidade, pois instituições como política, economia, religião, educação, relações familiares, possuem suas implicações sobre a definição e a identificação dos sujeitos (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2012). Consoante à compreensão pós-estruturalista, a sociedade é regida por sistemas e pela linguagem que são interdependentes e que fomentam as organizações institucionais, estabelecendo convenções sociais para o *modus operandi* dos sujeitos.

A Teoria *Queer* provém desses movimentos feministas que visam a uma discussão sobre todas as camadas minoritárias, sobretudo quando se refere a sexo, gênero e sexualidade (SALIH, 2015; BUTLER, 2017), não se restringindo apenas a uma definição biológica do sexo, mas abarcando um conjunto de variações/diferenças que não se ordenam pelo caráter biológico.

---

<sup>1</sup> A partir desses discursos subjetivos e das experiências propostas por Teresa de Lauretis, Michel Foucault e Jacques Derrida, a partir de 1990, surge a terceira onda nos Estados Unidos da América, que tinha como intuito renovar os princípios e as legislações, além das críticas de supervalorização do homem sobre a mulher em cargos parlamentares, sobretudo nas análises das relações de gênero como relacionais. Como proposto por Narvaz e Koller (2006), houve uma ênfase na “[...] diferença, subjetividade e da singularidade das experiências [...]” (p. 649). Nesse período houve reivindicação para com os direitos das mulheres, afirmando-se como um período de luta para os grupos marginalizados, não se restringindo somente às mulheres (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Trata-se de grupos *outsiders*<sup>2</sup>, que são vistos socialmente como marginais às conformações normativas da sociedade vigente. Ademais, a palavra *queer* remete ao significado de estranho, diferente, excêntrico, insólito, justamente para referenciar as pessoas que se desviam das normativas, principalmente os alusivos à heterossexualidade e ao dispositivo binário de gênero, problematizando essas situações. De Brito (2017) trata *queer* como um termo que pode ser utilizado de diversas formas, como algo “normal ou normatizador” (p. 96), incluindo a transgeneridade nesse aspecto.

Judith Butler (2017), ao apresentar e consolidar a Teoria *Queer*, apresenta e defende a ideia de performatividade de gênero, que é influenciada por uma gama de dimensões com o intuito de uma formação identitária e de comportamentos dos sujeitos. Butler possibilita um questionamento do porquê de o sujeito se configurar de certa forma, não propondo justificar e/ou resolver todos os problemas que concerne essa discussão, mas argumentando que há uma diversidade de manifestações de corporeidade, gênero e sexualidade. Nessa propositiva, percebe-se que a sociedade é antidemocrática ao definir padrões de comportamentos, não respeitando as diversidades de sexo, gênero e sexualidade, principalmente pela imposição de “[...] ideias e teorias que se apresentam como ‘verdades’ autoevidentes [...]” (SALIH, 2015, p.13), que estereotipam e marginalizam os grupos menos favorecidos.

A Teoria Queer, como uma crítica sem sujeito (subjectless), foca em amplo campo de normalização (Warner, 1993) como lócus de violência social, para as estruturas sociais hegemônicas que criam sujeitos como normais e naturais por meio da produção de outros perversos ou patológicos. O queer mantém, portanto, sua resistência aos regimes da normalidade, mas reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto baseada em investigações interseccionais. (MISKOLCI, 2007, p.11)

Os Estudos de Gênero e a Teoria *Queer* visam romper com essa ordem reducionista e classificatória do binarismo homem/mulher, masculino/feminino, além de combater os rótulos e determinismos baseados numa perspectiva heterossexista<sup>3</sup>. Essas categorias de gênero e sexualidade são performativas do ser humano, sendo construídas social e culturalmente, de modo subjetivo, através das experimentações e relações dos sujeitos com eles mesmos, com o outro e com o contexto. Nessa teoria, não há como compreender os atributos jurídicos como algo natural e autêntico, pois, segundo Butler (2017), não o são. As convenções sobre a

<sup>2</sup> São considerados *outsiders* aqueles sujeitos que não são convenientes nas sociedades por diversos fatores. Relacionando com este estudo, os *outsiders* seriam os sujeitos com gênero e sexualidades desviantes.

<sup>3</sup> Heterossexismo social propõe que há uma relação entre a vagina-mulher-feminino e pênis-homem-masculino, sobretudo que a orientação sexual heterossexual é dominante e natural na sociedade. Tratar a transexualidade como patologia, como ocorria anterior, é um princípio da perspectiva heterossexista (ABÍLIO, 2016).

heteronormatividade acabam por subsidiar essas classificações, com o objetivo de amarrar ao dispositivo binário sexo-gênero, homem/mulher, regulamentando as identidades e manifestações dos sujeitos, sobretudo no que tange a uma ordem compulsória referente a sexo, gênero e desejo/prática (SANTOS, 2006).

Ao tratar sobre performatividade, Butler e a Teoria *Queer* não visam analisar somente o sujeito e a experiência individual, mas discernir como a identidade é constituída através da linguagem e do discurso, isto é, uma análise genealógica<sup>4</sup>, entendendo que gênero não é constituído por causas, mas efeitos de um discurso, práticas e instituições sócio, histórico e culturais (SALIH, 2015; BUTLER, 2017). O sujeito, para Butler, se institui perante as informações provindas do meio ambiente, podendo se organizar a partir de uma subjetivação, não reforçando determinadas diretrizes de poder existentes.

Sobre a perspectiva de um pensamento pós-estruturalista, a linguagem é um dos pontos centrais para entender sobre significado e significante, sobretudo como se constroem os signos. Diferentemente do estruturalismo, a teoria pós-estruturalista é entendida como algo que não é fixo e que pode se constituir a partir dos elementos que compõem a sociedade. De certo modo, grande parte da sociedade ainda se baseia em definições e significados rígidos, e ao tentar desconstruir toda essa estrutura estabelecida hierarquicamente institui o caos e a desordem, uma vez que “fere” as prerrogativas implantadas. As situações que fogem às normativas estabelecidas pelas estruturas estruturantes acabam por criar diversas reações na sociedade, que podem ser tanto positivas quanto negativas. Entretanto, entende-se que as reações negativas sobressaem as positivas, visto os paradigmas dominantes.

E é sobre isso que a Teoria *Queer* tem tratado. Segundo a teoria, não existe um pensamento fixo sobre o que é sexo, gênero e sexualidade. Há, no entanto, uma distinção epistemológica entre elas, a fim de dar um direcionamento para os sujeitos sobre o que vêm a ser. Modificações e aplicabilidades dessas terminologias foram e são tratadas a fim de dar apoio em prol de uma representatividade, visibilidade e acessibilidade para todos os grupos serem incluídos e respeitados. Para essa teoria, o sexo seria delimitado pelas características genéticas, hormonais e genitais, definindo as pessoas como macho, fêmea, intersexo e nulo.

Sobre gênero, entende-se que há uma construção a partir de pressupostos sócio, político, cultural e histórico para identificar os sujeitos, havendo uma influência performática perante o contexto. Quando relacionado à orientação sexual, se distingue em várias possibilidades de acordo com o interesse afetivo-sexual das pessoas, podendo ser heterossexual, homossexual,

---

<sup>4</sup> Segundo Salih (2015, p.21), “é um modo de investigação histórica que não tem como meta ‘a verdade’ ou o conhecimento”.

bissexual, pansexual, assexuado e outros. Identidade de gênero aborda a conformidade de gênero e como a pessoa se identifica, podendo ser cisgênera ou transgênera<sup>5</sup>. Assim, entende-se que não há interdependência entre sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero, ou seja, uma não está obrigatoriamente vinculada a outra (SALIH, 2015; BUTLER, 2017).

No tocante às pessoas transgêneras, entende-se que são pessoas que destoam do dispositivo binários de gênero político, social, cultural e histórico. Essas pessoas não estão em conformidade com o gênero designado no nascimento e no registro civil (LANZ, 2015; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017). Por sua vez, transgênero é uma perspectiva mais global e abrange todas as pessoas e os corpos divergentes do dispositivo binário instituído, como, por exemplo, pessoas transexuais ou *Female-to-Male* ou *Male-to-Female*, travestis, *crossdressers*, *dragqueens*, *dragkings* e outros (LANZ, 2015).

Com foco nesse entendimento, a presente tese tem por objeto a problematização da inserção de pessoas transexuais no universo do esporte. No caso em tela, as pessoas transexuais, sujeitos de análise deste estudo, apresentam divergência de gênero e de toda a performatividade para se enquadrar em um gênero estabelecido inicialmente e depois em um outro de acordo com qual se identifica e assume.

Em meio a essas ponderações sobre os transexuais, ocorre que hoje há uma polêmica muito forte e grandiosa no que tange à sociedade brasileira e principalmente os esportes e as suas instituições administrativas, no que se refere à inclusão de pessoas transexuais neste âmbito de acordo com o gênero que se identificam. Para o ingresso na categoria de acordo com o gênero, o Comitê Olímpico Internacional (COI) estipulou determinadas normativas que vêm sendo modificadas desde 2004, tal como a definição de que a pessoa transexual deverá se identificar com o gênero correspondente à categoria, além de passar por uma avaliação multidisciplinar para averiguar determinadas informações, passar comprovadamente por tratamento e/ou controle hormonal por no mínimo um ano, e, no caso das mulheres transexuais, estas devem apresentar no máximo 10nmol/L de testosterona no sangue, não havendo a necessidade do processo cirúrgico para redesignação sexual (IOC, 2015).

Especificamente no Brasil, a grande polêmica gira em torno da jogadora de voleibol Tiffany Abreu<sup>6</sup>, do time Sesi Vôlei Bauru. Ela concluiu o processo de redesignação sexual em

---

<sup>5</sup> Cisgênero corresponde à ideia de que a pessoa está de acordo com as normativas instituídas pela sociedade e que seguem a uma linearidade da relação sexo, gênero e desejo. Transgênero é o contrário dessa informação, sendo considerada pessoas que divergem dessa linearidade, ou seja, pessoas que transgridem a heterocisnormatividade.

<sup>6</sup> Há uma divergência quanto à utilização do nome da atleta Tiffany Abreu, sendo utilizado Tiffany Abreu por alguns autores como Da Silva, Moura e Lopes (2018), Do Prado e Nogueira (2018), Harper *et al.* (2018), Iwamoto e Almeida (2018), Paes, Moas (2018), Quebrando o Tabu (2018a) e outros. Utilizaremos o nome da atleta como mencionado no site da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), Tiffany Abreu (CBV, 2018). Será possível

2015 e mantém o tratamento hormonal para controle da testosterona. No entanto, a grande discussão é porque Tiffany fez a cirurgia tardiamente e, conforme relatos de outras jogadoras, “ela foi construída com o hormônio masculino durante 30 anos”, o que influenciaria na jogabilidade e no rendimento da atleta em quadra. Esses discursos repercutiram no meio midiático, oportunizando vários tipos de discursos em torno do caso da Tiffany e, na grande maioria, contra o ingresso e permanência dela no esporte. Grande parte desses discursos é fundamentada nas ciências biológicas, reafirmando que ela possui vantagens em habilidades físicas quando comparadas com mulheres cisgêneras. Outro discurso, também sem fundamento teórico-científico, parte das normativas estabelecidas pelas convenções sociais, de que ela não poderia ser designada pelo pronome feminino, mas pelo masculino, afirmando que ela é um jogador travestido de mulher. Grande parte das colocações são oposicionistas à continuidade de Tiffany no esporte e são carregados por um discurso de preconceito e ódio com a sua atual situação (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018; GARCIA; RIBEIRO, 2018).

Ao se pensar sobre a perspectiva do esporte, há a necessidade, inicialmente, de se compreender que é um dos maiores fenômenos socioculturais, tendo fortes influências sobre o mundo, estando relacionado com a cultura corporal do movimento (BRACHT, 2005). O esporte influencia significativamente a ordem social e cultural da sociedade, e há diferenças quanto à compreensão de esportes e suas funções sociais em contextos distintos, ou seja, pode variar de acordo com cada cultura e comunidade. O esporte possui suas particularidades, através de sistemas que o legitimam como área de conhecimento; com isso, há várias distinções do esporte (esporte performance, esporte participação e esporte educação). Bracht (2005), no entanto, o diferencia em duas áreas que são base para esse trabalho: esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer.

Essa diferenciação dos campos esportivos provém da necessidade de entender os fenômenos e as semânticas que são construídos, assim como seus significados para o universo. Aplica-se ao esporte, em todos os níveis, uma extrema importância social, sendo que por muitos é compreendido como um meio de salvação da juventude e como esperança para melhores condições socioeconômicas (BRACHT, 2000; PNUD, 2017).

O esporte de alto rendimento ou espetáculo é base para outros movimentos esportivos, inclusive o educacional (BRACHT, 2005). Entretanto, esse tipo de esporte é também muito seletivo, segregando grande parte da população e principalmente os menos favorecidos, com referência a habilidades físicas, à classe trabalhadora e a todos aqueles que divergem do

---

verificar, especificamente, durante a apresentação dos comentários dos atores da rede social *Facebook*, na postagem sobre o caso da atleta, a utilização do nome Tiffany.

“normal”. No mais, os esportes também têm uma grande relação com o estado do consumo e da mercadoria, isto é, com o capitalismo. As relações econômicas que se estabelecem, principalmente no esporte profissional, movimentam poderes e setores para manter as instituições em pleno funcionamento, como o financiamento de atletas e de instalações.

O esporte de alto rendimento, na atualidade, demarca a territorialidade de cada sujeito, visto que convencionou essa situação. Essas demarcações podem ser de modo visível e público ou invisível e privado. A exemplo disso, percebe-se as diferenças nos esportes e toda atmosfera que o circunda quando analisadas as questões identitárias e de gênero. O esporte masculino sempre foi, desde a antiguidade, enaltecido pela comunidade, enquanto o esporte feminino teve e ainda tem que conquistar esse lócus (GOELLNER, 2016; ALTMANN, 2017; DE CAMARGO; KESLLER, 2017). Embora as mulheres tenham conquistado seus espaços, o cenário esportivo ainda se apresenta como hegemonicamente masculino. Em função dessa centralidade no esporte masculino, as mulheres (cisgêneras e, no caso, transgêneras) e suas performances esportivas são ocultadas ou minimizadas dentro de uma sociedade dominada por homens. Há um senso comum na sociedade sobre as atividades que são consideradas de caráter feminino: aquelas que exigem graça, beleza e certa perfeição, como a ginástica, a patinação artística, o voleibol e outros. Essa ideia de senso comum estereotipa todas as pessoas que praticam determinadas modalidades definidas como do universo<sup>7</sup> masculino ou feminino, e por vezes esses estereótipos levam a enfrentamentos identitários para se legitimar dentro daquele esporte (SOARES; MOURÃO, 2017).

A partir do que foi exposto, aponta-se como problema do estudo a seguinte questão: que percepções são construídas por atores de redes sociais, em particular do *Facebook*, acerca da inserção de pessoas transexuais no esporte, considerando o caso da jogadora Tiffany Abreu?

O objetivo geral do trabalho é analisar as percepções construídas por atores de redes sociais<sup>8</sup>, em particular do *Facebook*, acerca de pessoas transexuais no mundo esportivo, considerando o caso da jogadora Tiffany Abreu.

Como objetivos específicos, o estudo tem a finalidade de:

a) identificar as categorias apresentadas nos comentários das redes sociais, tendo como campo empírico-virtual uma publicação da página “Quebrando o Tabu” relativa ao caso da

---

<sup>7</sup> A palavra universo, quando utilizada como um espaço do homem ou da mulher, masculino ou feminino, tem a finalidade de expressar características, domínios e/ou conjunto de informações e características particulares desses, isto é, são estruturas sociais que estipulam o que deve ser de cada gênero.

<sup>8</sup> Redes sociais digitais podem ser compreendidas como um espaço cibernético, mediado pelo computador, onde ocorre relações sociais, interações, falas como expressão da liberdade de determinadas pessoas, havendo uma conversação de um e percepção do outro sobre aquilo que se fala, ou seja, um ciberespaço que possibilita um comportamento verbal através de textos e expressões que são publicadas (RECUERO, 2009).

jogadora de voleibol, observando-se em que medida os arquétipos heterocisnormativos se manifestam neste discurso;

b) verificar como os conteúdos são tratados discursivamente, considerando os sentidos e significados atribuídos aos indicativos biofisiológicos e socioculturais, sobretudo no contexto esportivo.

O presente estudo se situa dentro da linha de pesquisa Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília. Como metodologia, o estudo é de natureza quanti-qualitativo, do tipo analítica, a partir de uma análise documental. “O documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social.” (CELLARD, 2008, p. 295). Nesse caso, há a possibilidade de realizar uma releitura do documento, organizando sua representação (BARDIN, 2010). Os dados foram coletados através da rede social digital *Facebook*, com o intuito de examinar o conteúdo dos discursos e os diversos efeitos produzidos por eles, além de refletir atitudes, interesses e valores considerados como padrões culturais de grupos da população.

Este trabalho está estruturado em introdução, sete capítulos, considerações finais, referências e anexo. O primeiro capítulo trata especificamente sobre o objeto de estudo, sendo considerado o caso da jogadora transexual Tiffany Abreu, apresentando um pouco sobre a atleta e sobre a polêmica nas redes sociais que a envolveu, em particular na página do *Facebook* “Quebrando o Tabu”. O segundo capítulo é destinado aos procedimentos metodológicos da pesquisa, abarcando informações essenciais para compreender o método de Análise de Conteúdo. Para isso, foram detalhados os procedimentos desse método de acordo com a propositiva de Bardin (2016) e Franco (2018). Ademais, foi explicada a forma de análise, a utilização do *software* NVivo 11 e os critérios de inclusão e exclusão do material (comentários) para a Análise de Conteúdo. Após a exposição metodológica, ficou a cargo do terceiro capítulo apresentar informações referentes ao campo empírico-virtual de pesquisa, analisando o ciberespaço, a cibercultura, a comunicação mediada por computadores (CMC) e as redes sociais. Tratou-se sobre as formas de rede, dos atores sociais presentes nesse contexto e a forma de conexões. Foram apresentadas algumas características do *Facebook* e, também, da página “Quebrando o Tabu”.

O quarto, quinto, sexto e sétimo capítulos apresentam, para além das informações conceituais, os resultados das análises realizadas, dialogando com a literatura e os achados da pesquisa, sobretudo refletindo a partir desses. Assim, o quarto capítulo discorre sobre as formas de linguagem expressas de maneira verbal e não verbal, sendo essa última representada pelos

*emojis*, reações, utilizados na postagem da página analisada. Também foi apresentada uma análise global dos comentários a partir da utilização do Nvivo11 e das categorias organizadas de acordo com a propositiva do método de Análise de Conteúdo. Foi explicitado e analisado, de modo global, sobre a categoria biofisiológica e sociocultural. Ressalvamos que as categorias possuem subcategorias que foram sistematizadas através do mapa mental apresentado nos procedimentos metodológicos.

O quinto capítulo versa sobre os estudos de gênero, em específico como é tratado sobre sexo, gênero e identidade de gênero. Há a apresentação das subcategorias anatomofisiológica, sobre a identidade transexual e a relação entre o corpo e o transexual. O sexto capítulo apresenta as legislações e normativas para os direitos e deveres de pessoas transexuais, preocupando-se em focalizar nas relacionadas aos esportes. Discorre sobre a subcategoria estigma e sobre os preconceitos existentes em relação às pessoas transexuais.

O sétimo capítulo é referente à categoria esportes, a qual consideramos como uma categoria flutuante, pois remete a todo o contexto de discussão e onde a atleta Tiffany esteve presente. Nesse capítulo foram tratadas algumas características referentes aos esportes, sobretudo os esportes de alto rendimento e/ou espetáculo. As questões identitárias, de gênero, sexualidade e identidade de gênero também foram tratadas nesse momento, trazendo alguns principais autores dos estudos de gênero e sexualidade na área da Educação Física. Por fim, tratamos sobre os transexuais nos esportes.

Mesmo que em determinados momentos existam alguns comentários e análises das ciências biológicas, vale destacarmos que a nossa intenção não era de fazer uma análise a partir dessas ciências, mas de tratar dos conteúdos analisados a partir de um viés das ciências sociais da área da Educação Física. Buscamos não analisar a atleta Tiffany por uma perspectiva extremista e, exclusivamente, biológica. Tentamos fugir da díade de comentários, situação que foi hipoteticamente idealizada e apresentada no mapa conceitual, mas ao realizar a pré-análise do material utilizado percebemos que seria uma dificuldade, uma vez que os comentários cerceiam as ideias a favor e contra o ingresso da atleta, sobretudo alicerçadas em prerrogativas das ciências biológicas e sociais.

Finalmente, este trabalho tem o intuito de ampliar as informações e discussões sobre gênero e identidade de gênero na sociedade e nos esportes, sendo direcionado para pessoas e instituições de várias áreas do conhecimento e acima de tudo para a Educação Física, com a finalidade de que possamos perceber e compreender a pluralidade de identidades existentes. Ao evidenciarmos determinadas situações e comentários sem embasamento técnico e específico que ocorrem nas redes sociais, buscamos chamar a atenção para o impacto sociocultural que

possui a disseminação do discurso de ódio, com suas formas de preconceito e de segregação de pessoas com gênero e sexualidades divergentes.

## CAPÍTULO 1. OBJETO DE ESTUDO: O CASO TIFANNY

No final do ano de 2017 e início de 2018 a mídia e as redes sociais foram sobrecarregadas de informações, discussões e enfrentamentos quanto ao ingresso de uma mulher transexual na Superliga Feminina de Voleibol 2017/2018. Pela primeira vez na história do esporte brasileiro de alto rendimento houve a presença de uma atleta transexual. Fica muito claro, através da ampla disseminação dessa informação e de todas as discussões realizadas nos mais diversos setores, além da mobilização de um número significativo de pessoas, de que o ingresso de Tiffany rompeu com normativas sociais, sobretudo nos esportes. A repercussão dessa temática pôs em jogo a questão sobre o binarismo de gênero e, principalmente, sobre as identidades de gênero, nesse caso a transexualidade nos esportes. Assim, Tiffany Abreu se tornou um emblema dessa conquista para a comunidade LGBTQI<sup>9</sup>, especialmente para as pessoas transexuais.

### 1.1 Quem é Tiffany Abreu? <sup>10</sup>

Designada como gênero masculino ao nascer por possuir anatomia referida ao sexo macho, Tiffany Abreu foi registrada e atendida pelo nome de Rodrigo Pereira de Abreu<sup>11</sup>. Nascida em 29 de outubro de 1984 (34 anos), natural de Paraíso do Tocantins, Tocantins, mudou-se para Goiânia, Goiás, ao 13 anos (GARCIA; PEREIRA, 2018). Possui 1,98 metros de altura. Antes do processo de identificação como transexual, da transição de gênero e a redesignação sexual, Tiffany jogou como atacante/oposta em algumas equipes e em competições. Apesar de não ter sido considerada como uma das melhores atletas na época, Tiffany nunca desistiu de conseguir atingir o alto rendimento (VECCHIOLI; CARNEIRO, 2018). A atleta competiu pela Superliga A e B no Brasil, passando por outras equipes masculinas de outros países, como é o caso da equipe de Esmoriz, Portugal.

Tiffany, quando Rodrigo, atuou nos anos de 2007 e 2008 por Foz do Iguaçu, onde conseguiu destaque ao disputar a Superliga nacional. Em 2008, foi atuar na liga de Portugal, onde impulsionou sua carreira. Em 2009 transferiu-se para a Espanha; depois, França em 2010; retornou a Portugal e foi para a Indonésia. Neste último país,

---

<sup>9</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexos.

<sup>10</sup> Ressaltamos que existem poucas informações sobre a biografia da atleta, por isso, tivemos que recorrer a materiais jornalísticos.

<sup>11</sup> Pedimos licença e desculpas à atleta por fazermos menção ao nome civil anterior.

no entanto, já estava cansada de jogar voleibol. Seu desejo maior era tornar-se uma mulher, processo, segundo ela, já tardio: “Foi quando eu já estava chegando numa idade que eu falei que essa idade pra mim já estava ficando tarde pra virar trans, e eu tinha que decidir um rumo na minha vida, que só jogar vôlei e viver o que eu estava vivendo já não estava certo; eu já sentia falta de um relacionamento, sentia falta de um amor, sentia falta de ser eu mesma. Então decidi vir pra Bélgica, e, quando terminasse a Bélgica, eu já ficar na Europa e já começar a minha transformação aqui mesmo.” (GARCIA; PEREIRA, 2018, p. 34).

Em entrevista oferecida a pesquisadores e jornalistas, a atleta comenta que passou por diversos momentos perturbadores durante a carreira na categoria masculina, justificando-se pelo preconceito existente dentro do voleibol com pessoas, no caso, homens “afeminados” (GARCIA; PEREIRA, 2018; VECCHIOLI; CARNEIRO, 2018). A atleta recorda em entrevista: “Isso me doeu muito, saber que eu estava em um local onde eles não estavam vendo o meu trabalho, mas estavam vendo o meu andar, o meu conversar.” (VECCHIOLI; CARNEIRO, 2018, s/p).

No caso da jogadora, o processo de transição de gênero e redesignação sexual foi tardio, iniciando em 2012 e concluindo no ano de 2016, sendo os procedimentos realizados na Europa. Atualmente, Tiffany se reconhece como mulher e prefere que sejam utilizados pronomes femininos para seu tratamento. Inicialmente Tiffany se identificava como homossexual, sentindo atração por homens heterossexuais, mesmo sabendo que não seria recíproco. Garcia e Pereira (2018) apontam que a atleta relata: “Aí, eu sempre fui menina. Aí, eu lembro que eu ia pra escola; aí eu ficava apaixonada nos cabelos das meninas porque eu queria ter igual” (p. 28).

Tiffany relata que antes da transição de gênero se sentia incomodada com a situação familiar, financeira, com o status social, com os relacionamentos, com o corpo, além de sofrer preconceito dentro dos esportes. Antes dos procedimentos, a atleta afirma que gostaria de melhorar a condição financeira e elevar o status social para que ninguém a questionasse ou para evitar intrigas com outras pessoas, incluindo a família. Garcia e Pereira (2018) apontam que aceitação, o reconhecimento e as relações dentro do seio familiar melhoraram consideravelmente depois do processo de transição, respeitando-a enquanto mulher. Embora tenha tido aceitação por parte dos familiares, houve outros receios quanto aos posicionamentos nas redes sociais e na equipe em que participava. A atleta relata que teve medo da reação das pessoas em ambientes fora do âmbito familiar, da violência e de agressões direcionadas a ela devido à sua identidade de gênero. Outro ponto que é relatado são as relações dentro de quadra e com a equipe, momento e local em que os vínculos interpessoais foram se solidificando. O medo também se estendia para as quadras, particularmente com relação as outras equipes e espectadores, situação que teve uma bipolarização, isto é, pessoas a favor e contra a jogadora. Apesar da aceitação por membros, Tiffany passou a ter mais cobranças por parte do técnico,

visto as reduções significativa em algumas habilidades físicas, em especial da força explosiva (GARCIA; PEREIRA, 2018).

Garcia e Pereira (2018) apontam que mesmo após ter concluído o processo de transição de gênero e a redesignação sexual a atleta continuou participando de competições na categoria masculina da terceira divisão de uma equipe holandesa. Para além disso, a atleta participou de competições gays, como o *Eurogames* e *Gay Games*. Foi quando, em 2017, Tiffany recebeu a autorização dada pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para participar de competições de alto rendimento na categoria feminina, fazendo sua estreia em uma competição italiana de voleibol (SIMÕES, 2017). Nesse primeiro momento, Tiffany atuou e representou o Golem Palmi (Itália) (GARCIA; PEREIRA, 2018), revertendo a partida, favorecendo e auxiliando a equipe a conquistar a vitória contra a Delta Informatica Trentino (Itália). Além disso, a jogadora foi considerada a MVP<sup>12</sup>.

Embora tenha tido uma excelente estreia, houve diversas discussões sobre o ingresso e a jogabilidade da atleta, sobretudo quanto às vantagens físicas e a influência da testosterona. Apesar de toda essa polêmica, o técnico Pasqualino Giangrossi (Golem Palmi) defendeu a atleta, reforçando que sabia do passado da atleta, mas que a escolha fora realizada pelas capacidades e qualidades enquanto mulher e atleta (SIMÕES, 2017).

Em 2017 Tiffany retornou ao Brasil, sendo convocada para atuar no Vôlei Bauru/SP<sup>13</sup>. A estreia em competição profissional brasileira ocorreu em dezembro do mesmo ano, participando da Superliga Feminina de Voleibol, edição 2017/2018. O ingresso da atleta reacendeu novamente a polêmica, agora mais enfaticamente no Brasil. Outro ponto problematizado para além das habilidades físicas foi o desempenho no final do ano de 2017, momento em que Tiffany foi reconhecida pela maior média de pontos por jogo, sendo 70 pontos em apenas três jogos<sup>14</sup>. Ao final da temporada a atleta registrou 308 pontos na competição. Embora tenha tido grande destaque em 2017/2018, Tiffany Abreu não teve o mesmo desempenho e visibilidade durante a Superliga Feminina de Voleibol 2018/2019, não suscitando uma significativa repercussão como anteriormente (VECCHIOLI; CARNEIRO, 2018).

No ano de 2018, além de sua atuação no Voleibol, o que ocorreu com a renovação de contrato com o agora Sesi Vôlei Bauru/SP, a atleta se candidatou ao cargo de deputada federal. Segundo ela, o propósito desta candidatura, que ocorreu pelo Movimento Democrático

---

<sup>12</sup> *Most Valuable Professional*, ou seja, melhor jogadora da competição.

<sup>13</sup> Em 2018 esse nome foi modificado para Sesi Vôlei Bauru.

<sup>14</sup> Contra o São Caetano, Pinheiros e Fluminense.

Brasileiro (MDB), era defender em nível federal propostas relacionadas às minorias do ponto de vista do gênero. Assim, concorreu ao cargo de deputada federal pelo estado de São Paulo. Em sua plataforma de representação encontravam-se as seguintes propostas: i) priorizar a comunidade LGBTQI e as mulheres, reforçando a Lei Maria da Penha; ii) reforçar educação e esporte como direitos; iii) combater à violência, lutando pelas causas sociais e por grupos minoritários, obviamente, neste último caso sua ideia era de combate aos chamados crimes sexuais, muito corriqueiros no Brasil ainda hoje, no século XXI (VECCHIOLI; CARNEIRO, 2018).

## 1.2 Polêmica envolvendo Tiffany

A polêmica sobre a atleta já foi discorrida em outros momentos desde que ela retornou às quadras esportivas (competições de Voleibol) após o processo de transição de gênero. No Brasil, em particular, a situação tomou uma proporção maior após a exposição nas redes sociais do posicionamento da ex-atleta Ana Paula Henkel, no final de 2017. Essa que representou o país na modalidade de voleibol (Barcelona – 1994 e Atlanta – 1996) e no vôlei de praia (Atenas – 2004, Pequim – 2008). No relato da ex-atleta há a exposição de que ela e outras atletas não concordam com o processo de inclusão e jogabilidade de Tiffany Abreu, uma vez que existem superioridade das habilidades físicas. Tal situação levou a ex-atleta a iniciar uma campanha contra a inserção de jogadoras transexuais em competições femininas, considerando neste particular, o caso da jogadora Tiffany. A saber:

Muitas jogadoras não vão se pronunciar, com medo da injusta patrulha, mas a maioria não acha justo uma trans jogar com as mulheres. E não é. Corpo foi construído com testosterona durante toda a vida. Não é preconceito, é fisiologia. Por que não então uma seleção feminina só com trans? Imbatível. (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 115)

A justificativa de Ana Paula é que o “Corpo foi construído com testosterona durante toda a vida.”, assim, Tiffany teria todas as habilidades físicas provenientes dessa injeção hormonal. Embora tenha ocorrido essa situação e Tiffany tenha realizado os processos de transição de gênero tardiamente, Ana Paula parece desconhecer o impacto que o tratamento e supressão hormonal pode acarretar ao corpo de pessoas transexuais, parece ser meramente especulação. Parece não compreender que há consequências negativas na saúde, performance e qualidade de vida. Para além disso, entendemos que o ciberespaço, sobretudo as redes sociais, possibilita a disseminação de opiniões, ideias e comentários sem que a pessoa tenha

conhecimento técnico e específico sobre determinados casos (RECUERO, 2009a; 2009b; 2014; LÉVY, 2010; MARTINO, 2015; CASTELLS, 2018).

Ana Paula também salientou que é injusto várias atletas terem que se submeter ao processo de testagem hormonal, o conhecido Antidoping, para identificar se os níveis de testosterona estavam em conformidade com o regimento das instituições esportivas. Sobre esses aspectos apontados identifica-se equívocos diante do posicionamento da ex-atleta. Tiffany Abreu, por ser a primeira transexual e participar de uma competição profissional, se submeteu a mais testes hormonais do que o normal para identificar se a atleta estava de acordo com as normativas do COI e da FIVB. As normativas homologadas pelo COI apontam que para a atuação de mulheres transexuais nos esportes, deve-se ter 10 nmol/L de testosterona no sangue. Tiffany estivera abaixo desses indicativos após a transição de gênero, enquadrando-se e tendo aprovação do comitê internacional.

Outro ponto levantado por Ana Paula é de que algumas jogadoras, outras pessoas e instituições não fariam pronunciamentos, devido ao medo com possíveis repercussões. Mesmo com esses receios, algumas jogadoras opinaram sobre a situação, como foi o caso da jogadora Tandara e Sheilla. Os comentários dado por Tandara e Sheilla também seguem na mesma direção daquele de Ana Paula, como segue:

Sheilla, sobre transexual no esporte: “Imagina se vira onda”? (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 115)

Tandara, “Hoje, independente se a Tiffany faz a diferença ou não, eu discordo da presença dela na Superliga Feminina”. (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 115)

Similarmente, houve posicionamentos de instituições médicas ligadas ao esporte contrárias à inclusão, contradizendo a decisão do COI. Como foi o caso do posicionamento da Comissão Nacional de Médicos do Voleibol (CONAMEV) e da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD), representadas por João Grangeiro e Rogério Friedman, respectivamente (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018; KNOPLCH; FONSECA, 2018).

Mas os posicionamentos a favor e contra o processo de inclusão de Tiffany não permearam somente as atletas e instituições médicas e esportivas, tomando uma enorme proporção nos meios de comunicação e nas redes sociais. Alguns comentários de pessoas fora do universo esportivo foram elencados por Da Silva, Moura e Lopes (2018), e mais uma vez observamos diversas formas de violência e preconceito contra o ingresso de Tiffany.

“A possibilidade de se ter 3 Tandaras em um mesmo time é praticamente nula, mas de ser ter 3 homens travestidos de mulher não”. Daniel Schwartz (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 116)

“Se tem vagina A Tiffany é mulher. O par de cromossomos é XX. É no que a esquerda, o socialismo e o comunismo transformam as pessoas: em idiotas, ao ponto de terem suas mentes idiotizadas com essa idiotice de trans, ideologia de gênero e afins”. Ivar Assis do Nascimento (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 116)

“Realmente faz história, pois é uma mulher fisiologicamente homem, não adianta só baixar o nível de testosterona, o corpo humano é mais complexo que isso”. Roberto Luiz (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 116)

“No dia que esse Tifão engravidar e tiver um filho, ou pelo menos menstruar, aí sim, pode ser considerado mulher”. Francisco Alves (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 116)

Para além desses comentários evidenciados na obra *Preconceitos no Esporte: casos do voleibol* de Da Silva, Moura e Lopes (2018), houve um longo e polêmico debate em redes sociais, como é o caso da página do *Facebook*, “Quebrando o Tabu”, campo empírico-virtual desta pesquisa. Nessa página houve diversas manifestações favoráveis e contrárias ao processo de inclusão da atleta Tiffany Abreu no Voleibol brasileiro. É evidente que esse processo de não aceitação por parte de diversos atores e instituições não está ligado somente a justificativas biológicas, ou seja, pela defesa de que Tiffany teve influências do hormônio testosterona ao longo da vida e carga cromossômica XY. Refere-se também ao enfrentamento às perspectivas heterocisnormativas<sup>15</sup> e culturais que atribuem determinadas características fixas para o que é considerado homem e mulher, que são questionados para além da legitimidade e jogabilidade de Tiffany Abreu, atingindo questões quanto à performatividade de gênero e ao corpo da própria atleta, que chega a ser considerado como um corpo abjeto por muitas pessoas. Toda essa situação com relação à jogadora possibilitou embates sobre gênero e identidades de gênero em um espaço que atende, em grande parte, senão todas, a pessoas cisgêneras.

---

<sup>15</sup> Essa perspectiva entende que a sociedade é regida por normativas e padrões relacionados à heterossexualidade e à cisgeneridade, ou seja, todos aqueles que extraviam dessa normativa são consideradas pessoas desviantes. É válido ressaltarmos que esse pensamento está em consonância com ideias fundamentalistas, tradicionais, patriarcais e machistas. Um exemplo claro sobre essa heterocisnormatividade é o conceito de família proferido por diversas entidades, de que a família só é constituída por homem e mulher, não sendo formado entre homens ou mulheres homossexuais, tampouco por pessoas transgêneras.

## CAPÍTULO 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Essa tese enquadra-se dentro da área de concentração “Atividade Física e Esporte” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília – UnB, sobretudo na linha de pesquisa “Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer”, que

[...] investiga questões relacionadas à cultura corporal de movimento no contexto da escola, do esporte, do lazer, e da saúde, tomando como referência teórico-metodológica o campo das Ciências Humanas e Sociais. Seus estudos envolvem aspectos filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicológicos, pedagógicos, políticos e de gestão e comunicação. (PPGEF, 2018, s/p)

Esta pesquisa tem como característica a natureza quanti-qualitativa, visto que houve uma análise quantitativa dos dados levantados através dos comentários realizados na página “Quebrando o Tabu” no *Facebook*. Também é considerada qualitativa por analisar o contexto, a semântica, o conjunto de informações presentes, sobretudo ao analisar e correlacionar com princípios e teorias sobre Estudos de Gênero, Esportes e Redes Sociais. Bardin (2016), ao tratar sobre a Análise de Conteúdo, discorre que os aspectos quantitativos são concebidos quando se tem o máximo de informações, enquanto o qualitativo se refere ao máximo de pertinência.

O recorte temporal se enquadra na característica transversal, uma vez que foi coletada a informação em um único período, não fazendo uma análise e aplicação metodológica procedimental longínqua. Mesmo que o material possua informações a partir da data de sua postagem – 1º de fevereiro de 2018 – e desenvolva por um período longo, este trabalho não acompanhou o desenrolar das informações e das comunicações realizadas na página “Quebrando o Tabu”. Assim, foi utilizada a Pesquisa Documental como técnica de pesquisa. Essa fonte de coleta se restringe a documentos existentes, escritos ou não.

A fonte do documento para a análise foi construída com base em uma publicação realizada na página “Quebrando o Tabu”, especificamente sobre o caso da jogadora transexual Tiffany Abreu. Desse modo, essa página e a publicação (Figura 1) compreendem o campo-virtual empírico da pesquisa. A postagem selecionada foi do dia 01 de fevereiro de 2018 e possui 1,5 mil comentários, 172 compartilhamentos e 4,2 mil reações (2,9 mil *likes*, 638 “*emoji*” de corações, 516 “*emoji*” de raiva, 74 “*emoji*” de gargalhada, 44 “*emoji*” chorando e 43 com cara de espanto) (QUEBRANDO O TABU, 2018a). O conteúdo é proveniente dos comentários emitidos pelos atores na postagem com a seguinte chamada:

Uma polêmica compreensível. Mas o fato é que, depois de pesquisas com médicos esportivos, o Comitê Olímpico Internacional (que é quem decide) decidiu que mulheres trans podem jogar em times femininos em pé de igualdade desde que tenham a quantidade de testosterona controlada. E esse é o caso de Tiffany. Porém, não deixa de ser um caso complexo. Você tem alguma opinião? (QUEBRANDO O TABU, 2018a).



Figura 1 \_ Publicação sobre o caso Tiffany Abreu na página Quebrando o Tabu  
Fonte: Quebrando o Tabu (2018a)

A página “Quebrando o Tabu” foi criada em 1º de janeiro de 2011, tendo a descrição “Por um mundo mais bem informado e menos careta” (QUEBRANDO O TABU, 2018b). A página é destinada a publicações públicas, sobre assuntos polêmicos que são abordados na sociedade, trazendo para esse *locus* a informação e possibilitando o posicionamento e diálogos entre diversos atores sobre os assuntos. Apresenta-se como um espaço democrático que permite (claro que de forma moderada pelos administradores) a exposição e expressão dos atores sobre os assuntos discorridos na *timeline*<sup>16</sup>. Essa página utiliza a referência @quebrandootabu para

<sup>16</sup> *Timeline*, o significado em português é “linha do tempo”. Uma forma de organização das publicações nas plataformas on-line, em específico das redes sociais, organizando de forma temporal as informações, publicações, comentários realizados na rede. Na *timeline* é possível verificar informações que são condizentes ou pertinentes para o ator.

que seja marcado e/ou salientado em alguma outra informação postada na rede social *Facebook*. Desde sua criação, 10.726.950 pessoas são seguidoras e 10.238.397 pessoas curtiram a página<sup>17</sup>.

Para a análise dos dados foi utilizado a Análise de Conteúdo, para isso tomamos como referência principal Laurence Bardin (BARDIN, 2016), tendo como obras secundárias Martin W. Bauer (BAUER, 2015) e Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (FRANCO, 2018). A obra de Bauer e Gaskell foi utilizada para uma melhor fundamentação conceitual sobre a Análise de Conteúdo, enquanto Bardin e Franco foram as autoras empregadas, fundamentalmente, para a compreensão metodológica da pesquisa.

Bardin (2016) apresenta que a Análise de Conteúdo é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 37), não sendo derivada de uma única e exclusiva forma de análise, mas de uma diversidade de possibilidades para a leitura e análise dos diversos tipos de informação. Essas formas de análise podem se modificar e se reinventar conforme o campo de pesquisa, ou seja, de acordo com o meio de comunicação. A Análise de Conteúdo, em específico seus procedimentos, se adequará para atender a demanda.

Segundo Bauer (2015), “A análise de conteúdo é apenas um método de análise de textos desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas [...]. [...] é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.” (p. 190). Essa análise de texto a qual se refere Bauer é provinda de diversas fontes, tal como jornal, rádio, televisão e pela Internet, que possibilitou um grande avanço na forma de coleta de dados. A Análise de Conteúdo não se limita somente aos textos em si; esse procedimento metodológico também é aplicável à análise de imagens, por exemplo. É possível utilizarmos vários *softwares* que possibilitam essa análise, como é o caso do NVivo. Franco (2018) corrobora a ideia de Bardin (2016), ampliando a perspectiva apresentada anteriormente, acrescentando que “O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (p. 12), isto é, não se restringe somente à linguística escrita.

De acordo com Bauer (2015) e Franco (2018) sobre a quantidade e qualidade da análise, a Análise de Conteúdo também realiza uma análise estatística das unidades do texto, onde através da codificação é possível identificar esses dados. Assim, entendemos que não basta a realização de uma análise estatística das variáveis presentes no texto, havendo a necessidade de contextualização desse material, elencando outros elementos que possam estar visíveis ou

---

<sup>17</sup> Os dados quantitativos sobre o número de seguidores e de curtidas foram atualizados no dia 17 de abril de 2019.

invisíveis dentro do material, ou seja, [...] “toda a análise de conteúdo implica comparações contextuais” (FRANCO, 2018, p. 16).

O texto e a mensagem são uma fonte de expressão dos atores sociais, nesse caso, das redes sociais, sendo um dos pontos de partida para a Análise de Conteúdo (BAUER, 2015; FRANCO, 2018), tendo a ideia de *corpus*, fonte e público. O *corpus* é a forma de apresentar e expor as ideias, enquanto a fonte e o público podem ser considerados como contexto. Quando focado no público que escreve o texto, há a possibilidade de identificar valores, princípios, opiniões, atitudes, preconceitos e outros fatores que estão incorporados no *corpus* do material. A Análise de Conteúdo não deve se remeter somente a palavras, mas contemplar todo o arcabouço que sustenta determinado texto, sobretudo daquele que emite e suas nuances, sendo possível decifrar os conteúdos ocultos a partir de códigos e símbolos (BAUER, 2015; FRANCO, 2018).

Ao pensar a Análise de Conteúdo como uma construção social, remeteremos as relações estabelecidas através da linguagem, sendo admissíveis as diversas manifestações de construções mentais a partir do contato e da relação estabelecidos entre o sujeito e o objeto (BAUER, 2015; FRANCO, 2018). Entendemos que essa relação é constante, estando o indivíduo imerso em um contexto que apresenta diferentes possibilidades de experienciar e vivenciar os acontecimentos, absorvendo e construindo perspectivas sobre os objetos. Essa modelagem sobre o objeto não permite somente as modificações mentais e sociocognitivas; extrapola-se essas fronteiras, sendo capaz de modificar os comportamentos dos sujeitos. A exemplo disso, podemos pensar em uma pessoa que faz parte da comunidade LGBTQI e que possivelmente pelas experimentações e vivências enquanto sujeito pertencente a essa comunidade, terá uma perspectiva de sociedade diferente daquele que desconhece tal grupo, desenvolvendo um sentimento de respeito para com o outro e com a diversidade.

Entender as questões de sentido e significado é possível a partir dessa exemplificação dada. O significado refere-se a como é compreendido determinado objeto a partir de definições e pelo *corpus* de significação, enquanto sentido, sendo um tributo que reflete na prática social. A Análise de Conteúdo é uma análise dos significados e, também, dos significantes (BARDIN, 2016). Desse modo, para esse sujeito do exemplo anterior, pertencente à comunidade LGBTQI, a compreensão e significado sobre o que vem a ser gênero e sexualidade será diferente daqueles que não têm envolvimento com o movimento. Apesar disso, há de se entender que não é possível caracterizar o sujeito somente por essa propositiva, é necessário realizar um levantamento, compreendendo a realidade em que esse sujeito se encontra, condições familiares, religiosas, de estudo, social, emocional e outros fatores que possam influenciar na

sua construção identitária. Essas situações não podem ser disjuntas do contexto de sentido e significado, pois não são isoladas, mas influenciam concomitantemente na construção do sujeito (FRANCO, 2018).

Resumindo: o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado, e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo, seja ele explícito e/ou latente. A análise e a interpretação dos conteúdos são passos (ou processos) a serem seguidos. E, para o efetivo caminhar nesse processo, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, e mesmo como o pano de fundo para garantir a relevância dos sentidos atribuídos às mensagens (FRANCO, 2018, p. 17).

Nessa perspectiva, Bardin (2016) apresenta a diferenciação entre a linguística e a Análise de Conteúdo, entendendo mesmo que tenham o objetivo de compreender a linguagem, as estruturas metodológicas procedimentais são diferentes, tal como apresentando no Quadro 1.

Quadro 1 \_ Comparação entre a Linguística e a Análise de Conteúdo

<b>Linguística</b>	<b>Análise de Conteúdo</b>
Objeto: língua	Objeto: Fala
Aspecto coletivo e virtual da linguagem	Aspecto individual e atual (em ato) da linguagem
Trabalha a língua teórica.	Trabalha a fala emitida por emissores identificáveis.
Ocupa das formas e da distribuição	Considera as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análise de coocorrência)
Estuda a língua para descrever seu funcionamento. Estudo da língua.	Procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. Busca de outras realidades por meio das mensagens.
Semântica é o estudo do sentido das unidades linguísticas	Significados é o material principal

Fonte: Bardin (2016, adaptado p. 49-50)

## 2.1 Análise de Conteúdo: procedimentos metodológicos

Sobre o campo empírico-virtual da pesquisa, é possível identificarmos que foi construída uma questão pelo(a) administrador(a) da página, mencionado da seguinte forma: “Você tem alguma opinião?”. Ao analisá-la, é possível identificarmos que há diversas possibilidades de respostas, uma vez que a questão é abrangente, e sendo a página um *locus* democrático, haverá respostas a favor e/ou contra. Bardin (2016) sugere uma sequência para organização do material a ser analisado, sendo: 1) pré-análise ou organização do material; 2) codificação; 3) categorização; e 4) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados. Esses polos servem para uma melhor compreensão e organização das informações, a fim de quantificar e qualificar os dados. Os procedimentos para a Análise do Conteúdo seguem os pressupostos de Bardin, apresentados na Figura 2.

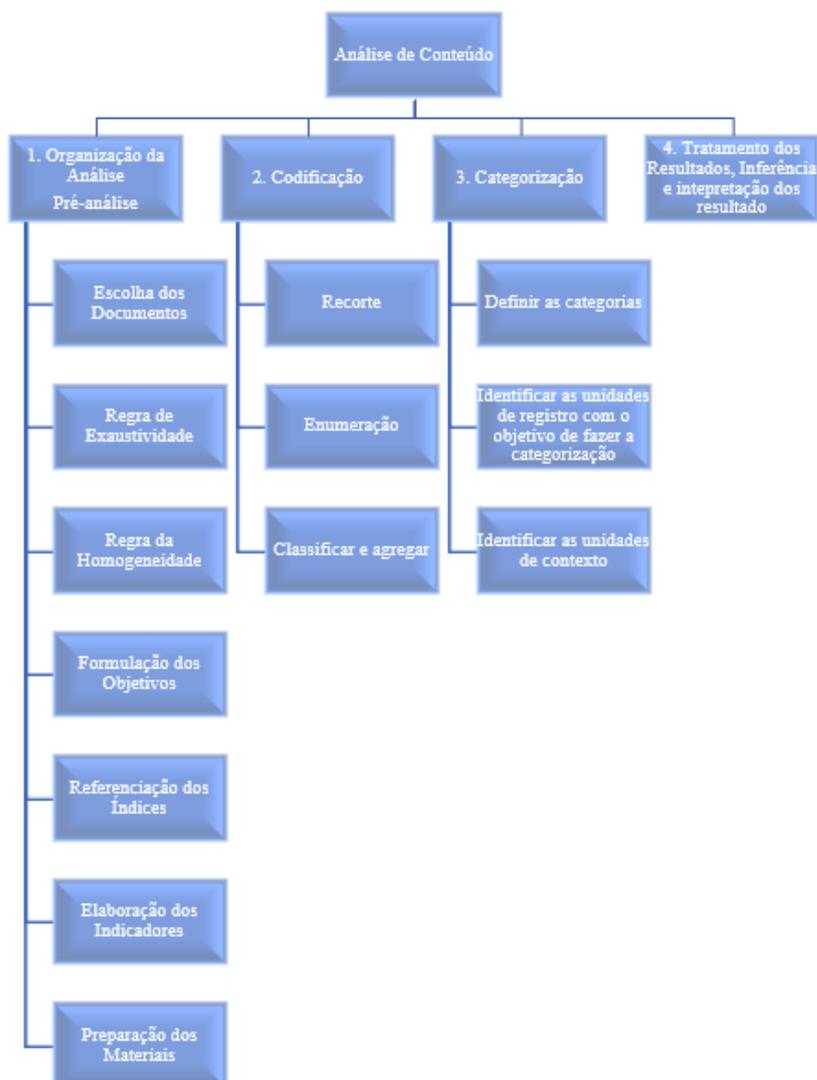


Figura 2 \_ Análise de Conteúdo de acordo com Bardin  
Fonte: Bardin (2010)

### 2.1.1 Organização da Análise

A fase da pré-análise constitui-se pela organização do material, sendo a esquematização das informações constituída de quatro momentos: a) escolha do(s) documento(s); b) formulação da hipótese e dos objetivos; c) elaboração dos indicadores para as interpretações; d) preparação do material (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018). O primeiro método da Análise de Conteúdo foi a leitura flutuante (leitura intuitiva)<sup>18</sup>, utilizado para reconhecer o material. A escolha dos documentos foi parte essencial na pesquisa utilizando a Análise de Conteúdo. Nesse momento foi necessário aplicar algumas regras, tal como a regra da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e de pertinência. O primeiro correspondeu ao agrupamento de informações que possuem semelhança e que se aproximam do proposto ou do *corpus*, não aplicando o critério de seletividade. O segundo tendeu a generalizar a amostra, uma vez que se tornou representativa. A regra de homogeneidade correspondeu a uma aproximação das informações e dos critérios estabelecidos para escolhas dos documentos. E por fim, refere-se à pertinência e importância dos documentos (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018).

Associando essas regras com esta pesquisa, houve uma exaustividade das informações selecionadas, pois procuramos levantar todos os comentários (Anexo 1)<sup>19</sup> pertencentes à postagem da página “Quebrando o Tabu” em análise. Também levamos em consideração a informação da plataforma do *Facebook* que indica os comentários mais relevantes, configurados por aqueles que possuem mais respostas e curtidas. A regra de representatividade foi utilizada a partir do momento em que a própria plataforma apresenta os comentários mais relevantes, levando a entender que o algoritmo desse campo empírico-virtual apresenta os comentários que tiveram maiores reações de outros atores. Ao realizar a leitura flutuante foi possível a aplicação da regra de homogeneidade, uma vez que não há grandes variações nos comentários, sendo possível, inicialmente, identificar dois grupos: os “a favor” e os “contra” o processo de inclusão da jogadora Tiffany, estendendo à comunidade transgênera.

Assim, foi possível a formulação da hipótese, considerando-a como uma afirmativa provisória. Bardin (2016) aponta que essa fase não é obrigatória para realizar a análise dos dados. Mesmo com esse apontamento, construímos a seguinte: “as opiniões que os atores mantêm nas redes sociais sobre o processo de inclusão de pessoas transexuais, sobretudo das mulheres transexuais em equipes femininas, nesse caso, na Superliga Feminina de Voleibol do

---

<sup>18</sup> Bardin (2016) aponta que esse procedimento deve ser realizado livre de pré-conceitos estabelecidos, a fim de identificar as informações do material. Esse momento é marcado pela organização e sistematização de observações do material.

<sup>19</sup> Os comentários analisados foram transcritos e seguem como parte deste trabalho.

Brasil, têm fundamentação nas ciências de natureza biológica, categorizando as pessoas a partir da constituição anatômico-fisiológica, não compreendendo o esporte enquanto um *locus* de possível transformação social, cultural e histórica”.

Após essas fases, a organização dos índices e a elaboração de indicadores foi uma parte importante para a Análise de Conteúdo, uma vez que foram explícitos os índices para a análise e eles representam o tema central das informações, sendo constituintes pela frequência dessa temática. Nessa situação foi possível coletarmos informações quantitativas, sobretudo a frequência absoluta e relativa dos temas tratados (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018).

A fase de preparação do material constituiu a organização dos dados para que a análise fosse mais eficiente, ou seja, esse momento consistiu na edição do material. Os dados utilizados nessa pesquisa sofreram essa edição, mantendo somente as informações mais relevantes e representativas, que em primeira instância foram classificadas pela plataforma do *Facebook* (comentários mais relevantes) e, a *posteriori*, pela análise do pesquisador.

### 2.1.2 Codificação

O próximo processo realizado após a organização da análise foi a codificação, que tem como sinônimo o tratamento do material. “A *codificação* corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, [...], permite atingir uma representação do conteúdo ou da expressão [...]” (BARDIN, 2016, p. 133). Esse momento possibilitou uma melhor descrição das informações, tornando-as unidades de registro. Para realizar esse processo foi necessário compreender o que vem a ser unidades de registro e de contexto. Para isso, Bardin (2016) e Franco (2018) enumeram algumas informações que devem ser compreendidas para fins de organização, tais como a unidade de registro e a unidade de contexto.

A unidade de registro tem relação com as categorias sistematizadas, sendo a unidade de significação. Essa unidade possibilita uma quantificação da frequência das unidades (BARDIN, 2016; FRANCO 2018). Vários tipos de elementos podem ser analisados para a construção da unidade de registro, sendo: i) a palavra; ii) o tema; iii) o personagem; iv) o item (Quadro 2).

Para que a Análise de Conteúdo tenha um aprofundamento e uma boa articulação, o ideal é que não seja escolhido somente um tipo de elemento. O ideal é que seja utilizado de forma conjunta, a fim de agregar mais informações para os resultados da pesquisa. Essa análise em conjunto possibilitou uma leitura mais ampliada, facultando uma análise de informações

que possivelmente não seriam identificáveis quando tratado somente um tipo (FRANCO, 2018).

Destarte, o presente trabalho utilizou dois itens, palavra e tema, para tratar dos dados obtidos a partir da postagem na página “Quebrando o Tabu”. Para a análise das palavras, foram selecionadas apenas as palavras-chave<sup>20</sup> registradas no material de análise, sobretudo elencando e distinguindo os substantivos, adjetivos e verbos mais utilizados. A escolha do tipo tema é devida à sua importância para descobrir os “núcleos de sentido” (BARDIN, 2016, p. 135) da sentença, discernindo os significados presentes no texto analisado. Bardin (2016) aponta que tema é utilizado quando analisadas as opiniões, atitudes, valores, crenças, entre outros aspectos. À vista disso e pela chamada da postagem, entendemos que os comentários postados são representativos quanto às opiniões de atores, alicerçados em seus valores, crenças, princípios, educação etc.

Quadro 2 \_ Tipos de elementos para a unidade de registro, segundo Franco (2018)

<b>Tipos</b>	<b>Descrição</b>
<b>Palavra</b>	“[...] é a menor unidade de registro usada em Análise de Conteúdo. Pode ser uma simples palavra (oral e/ou escrita), um símbolo, ou um termo.” (p.44)
<b>Tema</b>	“[...] O Tema é uma asserção sobre determinado assunto. Pode ser uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo.” (p. 45) “O Tema é considerado como a mais útil unidade de registro, em análise de conteúdo. Indispensável em estudos sobre propaganda, representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes, crenças.” (p. 45)
<b>Personagem</b>	“[...] Refere-se a pessoas particulares passíveis de serem classificadas de acordo com diferentes indicadores: nível socioeconômico, sexo, etnia, educação, escolaridade, nacionalidade, religião, etc.” (p. 46)
<b>Item</b>	“[...] É a unidade de registro a ser utilizada quando um texto, um artigo literário, um livro, ou um programa de rádio são caracterizados a partir de alguns atributos definidores.” (p. 47)

Fonte: Franco (2018, adaptado)

<sup>20</sup> Selecionamos essa forma por entendermos que o material contém um número muito extenso de palavras (15.838), havendo determinados termos que não são pertinentes e cabíveis. Observamos que a escolha de utilizar as palavras-chave é um recorte possível a partir da proposta de Bardin (2016).

As unidades de contexto foram outro aspecto levado em consideração. Na concepção de Bardin (2016), essas unidades servem como base para a análise da unidade de registro, onde a primeira viabiliza a codificação da segunda, sendo necessárias para entender a significação da unidade de registro. Franco (2018), acompanhando essa premissa, realiza uma analogia como se fosse um “pano de fundo” (p. 49) para a Análise de Conteúdo. A autora (2018) aponta a necessidade de se realizar as devidas análises e interpretações dos textos, *corpus*, documentos a serem decodificados, não analisando somente um ator, mas entendendo que emissor e receptor são fundamentais para a codificação. Destarte, amplia-se a concepção sobre significado e sentido emitidos pelas mensagens. Dentre essas informações, ressalta-se que para a Análise de Conteúdo, sobretudo da análise das mensagens, é necessário entender o contexto em que esses emissores e receptores estão envolvidos, “[...] a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) que permite identificar o contexto [...]” (FRANCO, 2018, p. 51).

Para que essa unidade de contexto seja atendida neste trabalho, foi necessário repensar o atual cenário político, social, cultural, econômico e histórico do Brasil, assim como a emergência das redes sociais, *lócus* de uma heterogeneidade de identidades, imposições ideológicas, religiosas, políticas, e que, principalmente, se tornou um espaço aberto para exposições de ideias e princípios que, por vezes, não possuem fundamentação técnica e específica sobre as temáticas tratadas (RECUERO, 2009a; 2009b; 2014; LÉVY, 2010; MARTINO, 2015; CASTELLS, 2018). E nesse sentido, o contexto em que o país se encontra, a luta pela igualdade e equidade de direitos, as buscas por melhorias nos mais diversos campos, o posicionamento político fundamentalista, extremista e autoritário de alguns sujeitos (políticos ou não), pode inferir sobre a sociedade como um todo, provocando uma “onda” de opiniões divergentes de tudo aquilo que foge as convenções sociais estabelecidas ou ideias de uma sociedade mais igualitária. O cenário atual brasileiro, em especial no que concerne aos movimentos e estudos de gênero e esporte, serviram de “pano de fundo” para a construção da unidade de contexto que deu base para a construção das análises de registro.

Outro passo importante para a Análise de Conteúdo, principalmente na fase de codificação, foi a enumeração. Foi realizada a contagem de frequência em que as unidades de registros estabelecidas aparecem dentro do *corpus* do material selecionado. Quanto maior a frequência de determinada unidade de registro, maior é a significância (BARDIN, 2016). No caso deste trabalho, será apresentada posteriormente a frequência das unidades de registro. No entanto, não foi utilizada a frequência ponderada, visto que não almejamos intensificar

determinadas unidades de registro, mas apenas apresentar como tem sido e qual a frequência de determinadas unidades.

### 2.1.3 Categorização

Bardin (2016), ao descrever sobre o processo de categorização, expõe que essa fase não é obrigatória, e a identifica como “[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p. 147). Desse modo, a categorização é uma união ou agrupamento de elementos em torno de um título, podendo ser do tipo: i) semântico; ii) sintático; iii) léxico; e iv) expressivo (Quadro 3).

Quadro 3 \_ Critérios para categorização dos elementos

<b>Tipos</b>	<b>Descrição</b>
<b>Semântico</b>	“Categorias temáticas”
<b>Sintático</b>	“os verbos, os adjetivos”
<b>Léxico</b>	“classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos”
<b>Expressivo</b>	“categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem”

Fonte: Bardin (2016, p. 147, adaptado).

Franco (2018) aponta que a execução da fase de categorização é um momento em que pesquisadores necessitam utilizar de suas competências, habilidades, sensibilidade e conhecimento acerca de determinados fatos. Acrescenta que não existem “fórmulas mágicas” (p. 64) que consigam orientar objetivamente a construção das categorias mesmo quando o trabalho, problematização e objetivos estejam arquitetados de modo satisfatório. Para que o material seja adequado são necessárias várias leituras e, até mesmo, várias construções e modificações das categorias.

Contudo, há dois caminhos que podem ser seguidos: o de categorias criadas *a priori* e categorias não definidas *a priori*. No primeiro caso, são construídas categorias anteriormente ao processo de organização dos conteúdos, para as quais se busca respostas. No segundo caso, quando não são construídas essas categorias anteriormente, o processo de categorização torna-se um pouco mais fluido, correspondendo com a relação entre a leitura e a interpretação do material, e o surgimento das respostas durante esse processo, consequentemente. Franco (2018)

aponta que há implicações nos dois caminhos. Quando criado *a priori*, o pesquisador pode ficar restritos as determinadas categorias já estabelecidas, não possibilitando uma expansão da análise das manifestações proferidas nos documentos. Entretanto, quando não criadas *a priori*, exige do pesquisador um maior aporte teórico. Nesse trabalho realizado e corroborado com Franco (2018), foram criadas categorias com menor amplitude, e à medida que foram desenvolvidas as diversas leituras e interpretações, identificando a variedade de sentidos e significados, essas categorias iniciais foram se transformando em indicadores de categorias mais amplas.

Essa fase é identificada pela aproximação dos significados e agrupamento em categorias. Para esse processo foi necessário seguir duas fases que se constituem pelo inventário e pela classificação. Adotamos algumas ações da Análise de Conteúdo a fim de qualificar esse procedimento. Para isso, foi empregada a exclusão mútua, onde os elementos analisados não podem constituir mais de uma categoria, sendo específico daquela. Foi executado o princípio da homogeneidade das categorias. A pertinência também foi levada em consideração, apresentando a intenção da investigação. O princípio de objetividade e fidelidade implicou evitar qualquer tipo de subjetividade dentro da categorização dos elementos. E com o intuito de apresentar resultados significantes, aplicou-se o princípio da produtividade (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018).

#### 2.1.4 Inferência

Por fim, e de relevância significativa, a Análise de Conteúdo passa por um processo de inferência, ou seja, há uma correlação com outras coisas e dedução a partir de um raciocínio lógico. Franco (2018) aponta que “[...] o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (de maneira lógica) conhecimentos que extrapolem o conteúdo manifesto nas mensagens e que podem estar associados a outros elementos (como o emissor, sua condição de produção [...])” (p. 31).

A autora (2018) também indica que o processo de inferência está entre a descrição e a interpretação dos conteúdos, ou seja, a inferência permite a interpretação dos dados a partir da descrição. Conteúdos (escrito, falado e/ou figurativo) que inicialmente não possuem nenhum significado ou que há restrições de informações, passará a ter sentido a partir da inferência estabelecida com outros dados. Essa que, por sua vez, só é possível com base no aporte teórico e no conhecimento do pesquisador, além das comparações com outras teorias.

Como exemplo dessa situação, podemos apresentar a seguinte situação. Os discursos proferidos sobre a “ideologia de gênero” (sic), emitidos por determinado grupo de pessoas fundamentalistas e conservadoras, foi analisado de forma distinta por aqueles que conhecem e têm competência para discutir e dialogar sobre essa falácia. Investigadores sobre os estudos de gênero e sexualidade dispõem de capacidade de conjugar o conteúdo do discurso com outras teorias, sendo capazes de identificar a origem e os motivos desse discurso, entre outras informações essenciais (CABRAL, 2016; DORNELLES; WENETZ; SCHWENGBER; 2017). Foi confrontada a não existência da “ideologia de gênero”, com base em um aporte teórico relevante e consistente,

A partir dessa exemplificação e da proposta de Bardin (2016) sobre a inferência, é possível identificarmos alguns polos clássicos da comunicação: a mensagem (significado e código) e o seu suporte ou canal, o emissor e receptor. O emissor é considerado o produtor de determinada mensagem, podendo ser um único sujeito ou um coletivo. A mensagem produzida por esse, é carregada de símbolos e signos do próprio emissor. O receptor, que também pode ser um único sujeito, um grupo ou massa de indivíduos, é aquele em que a mensagem se dirige com a finalidade de atuar. A mensagem é o ponto inicial para a Análise de Conteúdo, que possui código e significações. O canal, ou o que Bardin chama de *médium*, diz respeito ao suporte material do código, possibilitando identificar em que ponto tal mensagem pode influenciar ou intervir sobre determinados aspectos sociais.

[...] muitas vezes, os conteúdos encontrados estão ligados à outra coisa, ou seja, aos códigos que contêm, suportam e estruturam estas significação (cf. *supra*), ou então, às significações “segundas” que as primeiras escondem e que a análise, contudo procura extrair: mitos, símbolos e valores, todos esses sentidos segundos que se movem com descrição e experiência sob o sentido primeiro. (BARDIN, 2016, p. 167)

Finalmente, para a Análise de Conteúdo dos comentários na postagem da página “Quebrando o Tabu” referente à jogadora transexual Tiffany Abreu, foram analisados 623 comentários/mensagens prototípicas emitidas, com participação de 218 atores da rede social. Foram seguidas todas as fases propostas por Bardin (2016) e Franco (2018): Pré-análise, Codificação, Categorização e Inferência.

## 2.2 Forma de análise

Foi utilizado o *software* NVivo 11 para a Análise de Conteúdo. “O NVivo é um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o

trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos” (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015, p. 125). Visto o grande avanço tecnológico e o desenvolvimento do *software*, em 1995 foi fundado o *Qualitative Solutions Research (QSR) International* por Tom e Lyn Richards. Em 1999 foi desenvolvida a primeira versão do NVivo. Atualmente, o *software* está na sua 12 versão, oferecendo diversas ferramentas para uma análise mais eficiente (ZAMAWE, 2015; QSR INTERNATIONAL, 2018e). Esse *software* possibilita uma melhor organização das informações obtidas nos mais diversos meios. O NVivo, além de possibilitar uma análise qualitativa, possibilita uma análise quantitativa dos dados, como frequência de palavras e seus sinônimos presentes no material.

O NVivo é um programa que auxilia no processo de Análise de Conteúdo, principalmente pela familiaridade apresentada com o *software* Word da *Microsoft*. Entretanto, pesquisadores têm papel fundamental no desenvolvimento do trabalho. Zamawe (2015) aponta que o NVivo “[...] *works well with wide range of qualitative research designs and data analysis methods such as discourse analysis, grounded theory, conversation analysis, ethnography, literature reviews, phenomenology, and mixed methods.*” (p. 13). Tendo ferramentas que possibilitam criar, exportar e editar; organizar e classificar dados; codificar; memos<sup>21</sup> e comentários; vincular ideias, temas e informações; trabalha com documentos, áudio, imagens e vídeos; trabalhar com planilhas e banco de dados; revisão de literaturas e bibliografias; visualização de padrões e conexões; coleta e análise de dados on-line. Ademais, o programa possibilita a operacionalização e agrupamento de informações que possuem proximidade (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003; ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015) (Quadro 4).

Quadro 4 \_ Principais funções do NVivo

Função	Descrição da Função
<b>Criar, exporta e editar</b>	Documentos no Microsoft Word, arquivos de áudio, planilhas do Microsoft Excel, tabelas de banco de dados do Access, tabelas de banco de dados do ODBC, arquivos de vídeo e clipes de mídia, páginas da WEB e PDFs on-line, dados de mídia social do Facebook, do LinkedIn e do Twitter, fotos e imagens

<sup>21</sup> Segundo o *QSR International*, memos seriam notas que possibilitam anotações, gravações de ideias, interpretações, percepções do material/projeto. Se tornam partes importantes para a análise dos dados (QSR INTERNATIONAL, 2018b)

<b>Função</b>	<b>Descrição da Função</b>
	digitais e criação de documentos dentro do próprio programa.
<b>Organizar e classificar dados</b>	Reunir fontes que possuem as mesmas características no mesmo lugar.
<b>Codificação</b>	Reunir todos os seus materiais sobre um tema, ideia ou tópico por meio da ‘codificação’.
<b>Memos e comentários</b>	Criar anotações sobre um determinado conteúdo. Esses memos funcionam como notas que podem ser facilmente alteradas.
<b>Vincular ideias, temas e informações</b>	Usar hyperlinks para vincular referências selecionadas a arquivos fora do seu projeto do NVivo.
<b>Trabalhar com documentos, áudios, imagens e vídeos</b>	Arquivos de mídia mesmo sem transcrição e criar transcrições a partir de áudios ou vídeos.
<b>Trabalhar com planilhas e banco de dados</b>	Reunir automaticamente respostas com base em dados demográficos.
<b>Revisão de literaturas e bibliográficas</b>	Importar dados bibliográficos de softwares de gerenciamento de referências.
<b>Visualização de padrões e conexões</b>	Criação de gráficos, nuvens, análise de cluster e mapas de conexão.
<b>Coleta e análise de dados on-line</b>	Facebook, Twitter, Youtube, PDFs on-line e dados de mídias sociais.

Fonte: Alves, Figueiredo e Henrique (2015, adaptado)

Inicialmente, foi construído um mapa mental (*mind maps*) (Figura 3), que, segundo Lima e Manini (2016, p. 81), “[...] são representações que tentam mapear, externalizar, simular e se aproximar do processo cognitivo humano e das inter-relações e conexões que ocorrem no cérebro.”. Desse modo, o mapa mental é uma técnica de representação que utiliza de métodos para auxiliar no processo de estruturação e planejamento, favorecendo o *brainstorming*. É organizado de modo hierárquico, onde é apresentado categorias e subcategorias oportunizando uma melhor discussão das ideias, possibilitando a exploração das expectativas iniciais relacionadas com as finais (LIMA; MANINI, 2016; QSR INTERNATIONAL, 2018c). A categoria esporte foi organizada como uma ideia flutuante, pois entende-se que os comentários permeiam o processo de inclusão dentro desse contexto.

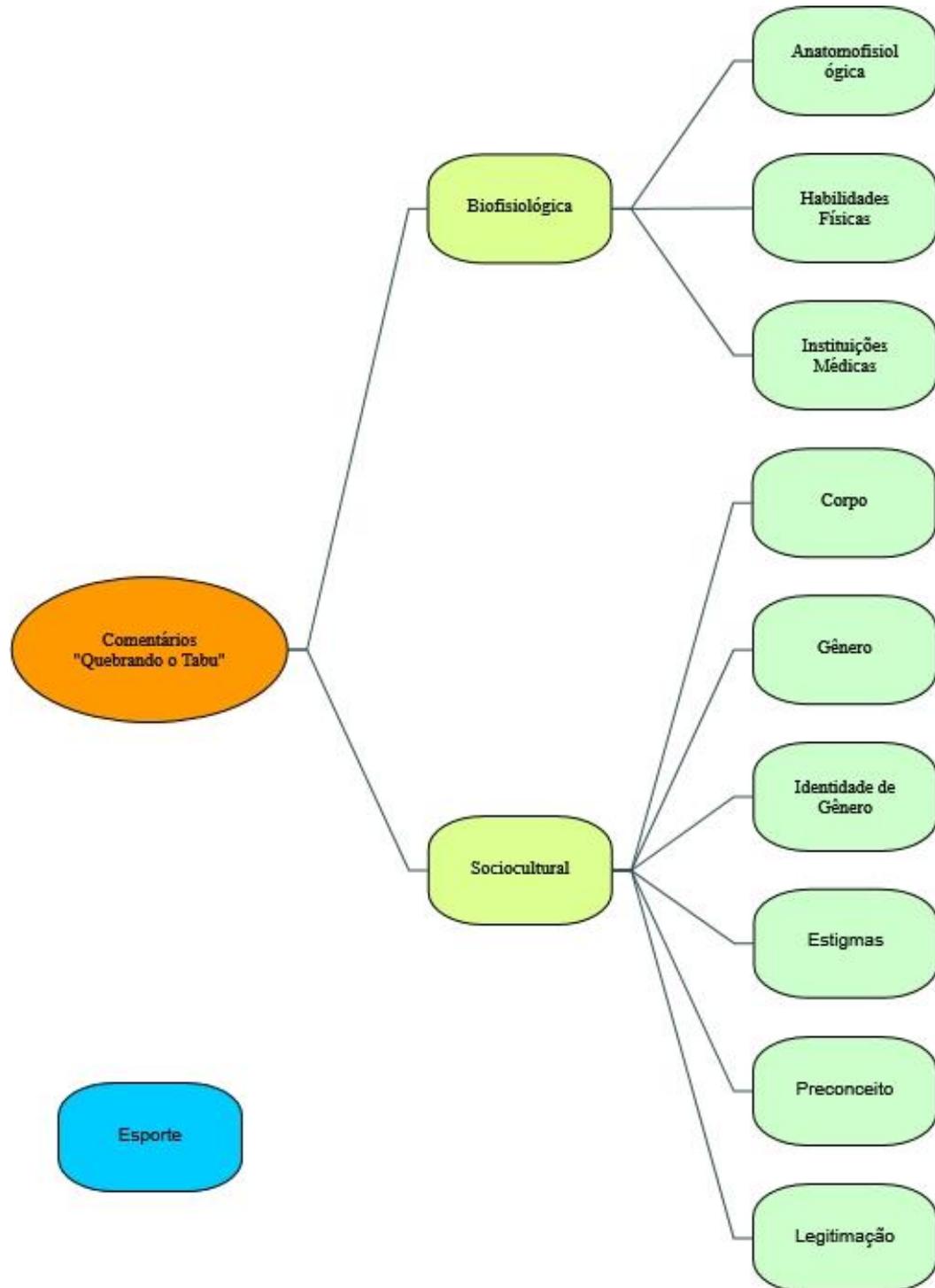


Figura 3 \_ Mapa Mental: organização das ideias para análise  
Fonte: Os autores (2019)

Concomitantemente, foi estruturado um mapa conceitual (*concepts maps*) (Figura 4). O mapa conceitual proporciona uma visualização das diferentes articulações existentes no documento a ser analisado (QSR INTERNATIONAL, 2018a). Assim, foi utilizado o eixo de ideias para a organização desse mapa. Nele é possível visualizarmos uma pessoa na cor cinza que representa todos os atores que expuseram suas ideias na publicação da página “Quebrando

o Tabu”. Essa relação é possível verificar pelo conector<sup>22</sup> existente. Nessa perspectiva, foi possível distinguirmos dois grupos que possuem concepções diferentes acerca do ingresso de pessoas transexuais na Superliga Feminina de Voleibol 2017/2018, demarcados pela imagem de pessoas com diferentes cores. A cor azul identifica as pessoas que são favoráveis ao ingresso e a cor vermelha para pessoas que são contrárias à inclusão. Essa distinção se originou da prerrogativa, hipotética, de que nos comentários realizados haveria pessoas com opiniões diferentes, apontando diversas justificativas.

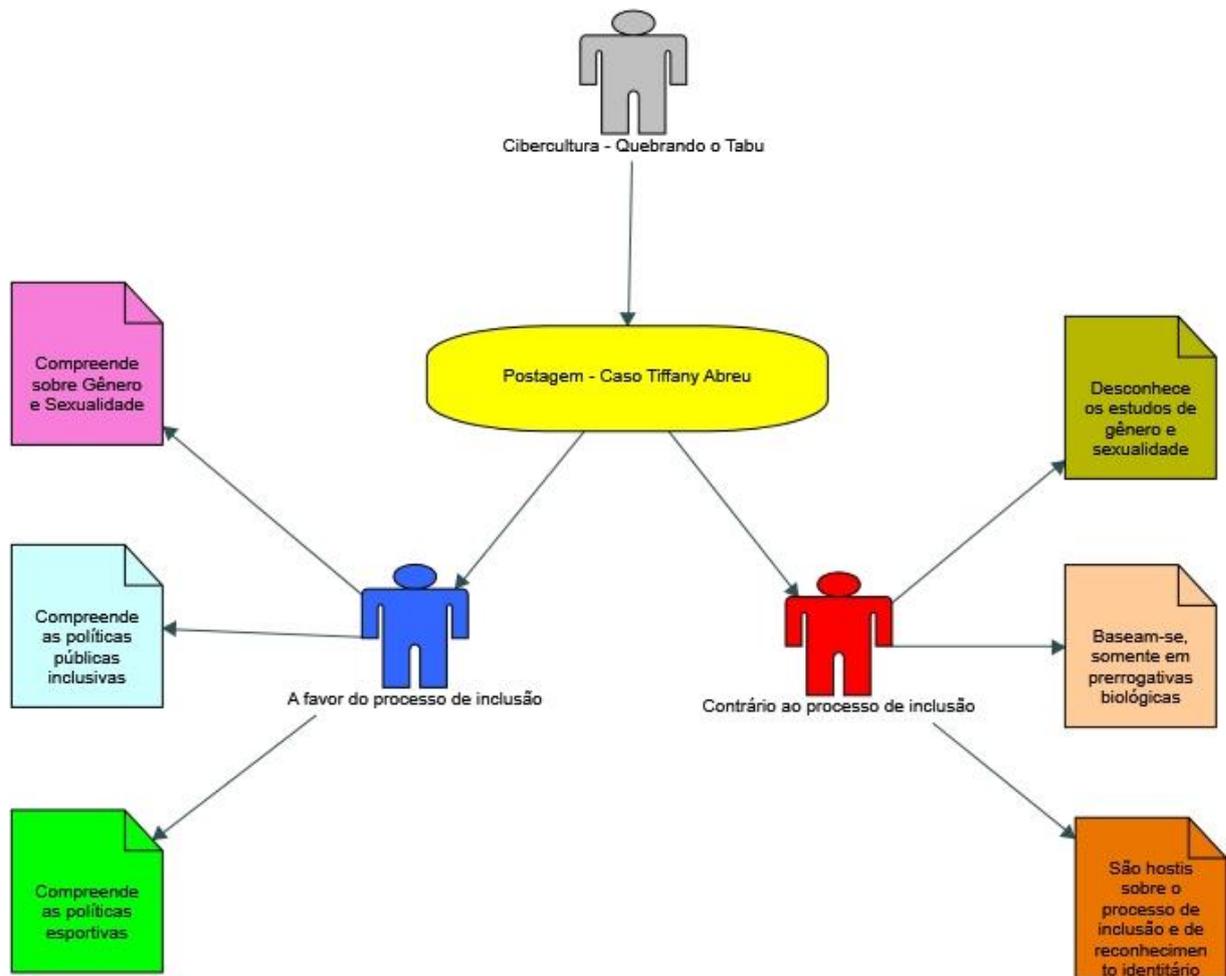


Figura 4 \_ Mapa Conceitual: organização dos atores favoráveis e contra o processo de inclusão.  
Fonte: Os autores (2019)

O mapa conceitual também foi dividido em subcategorias identificadas pelo desenho de notas e de cores diferentes. Do lado “a favor”, foi possível pensar que há pessoas que compreendem os conceitos de Gênero e Sexualidade, as políticas públicas inclusivas e as políticas esportivas. Do lado oposto, há pessoas que desconhecem os conceitos de Gênero e

<sup>22</sup> Seta identificando a direção.

Sexualidade, baseiam-se somente em concepções biológicas e são hostis sobre o processo de inclusão e reconhecimento identitário. Apesar de pensar e estruturar na dicotomia a favor e contra o processo de inclusão, devemos pensar que há outras diversas possibilidades de manifestações de pensamentos e de comportamentos acerca da inclusão de pessoas transgêneras, sobretudo as pessoas transexuais nos esportes.

Após a organização desses dois mapas, as unidades levantadas no mapa mental foram transformadas em nós ou *nodes* (em inglês). Segundo o site *QSR International* (2018d), “*A node is a collection of references about a specific theme, case or relationship. You gather the references by 'coding' sources to a node*” (s/p). Esses nós, por sua vez, foram considerados como as categorias e subcategorias de análise, possibilitando uma melhor visualização dos padrões emergentes e ideias (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003; QSR INTERNATIONAL, 2018d). Relembrando o que foi mencionado nos itens 2.1.2 e 2.1.3 desta tese, a abordagem e organização das ideias foram a partir das categorias semântica e léxica, ou seja, a temática e a classificação das palavras e seus sentidos. Após a organização dos comentários que se enquadram nos nós, foi realizada a codificação do material para uma melhor exploração dos conteúdos, que em seguida foram relacionados e articulados com a literatura existente acerca de gênero, sexualidade e esportes.

Por fim, foi realizada uma análise quantitativa, consultando a frequência de palavras. Essa consulta tem como finalidade “Encontrar as palavras ou conceitos que ocorrem mais frequentemente” (QSR INTERNATIONAL, 2018d, s/p), isto é, teve como objetivo consultar as palavras que são mais salientadas, assim como a temática que ocorre com maior frequência. Primeiramente foram analisados os comentários como um todo, para então analisarmos os nós individualmente. Para que essa consulta ocorresse, foi atribuído como critério para a consulta de frequência de palavras, as seguintes formas: exibir 100 palavras mais frequentes quando analisado o material de forma global, enquanto foi analisado as 20 palavras mais frequentes das categorias e subcategorias. Foi definido o comprimento mínimo de quatro letras, agrupando com sinônimos. Alguns comentários foram excluídos por não se enquadrarem em nenhuma das categorias organizadas. Foram excluídos artigos definidos e indefinidos, advérbio de lugar e de ordem. Todos os comentários foram organizados ao final deste trabalho, respeitando a privacidade dos atores (Anexo 1). Foram 623 comentários analisados, distribuídos em treze comentários principais seguidos de suas respostas, considerados pelo sistema número do *Facebook* como os mais relevantes. Participaram dos comentários e respostas 218 atores de gêneros e identidades de gêneros diferentes, não evidenciados no momento de omissão dos nomes.

### **CAPÍTULO 3. CAMPO DE PESQUISA: REDES SOCIAIS, INTERAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR**

Inicialmente, concordamos com o pensamento de Geertz (2017) de que a cultura se constitui por padrões comportamentais construídos por sujeitos societários em seus processos sociais, sendo mediados por regras de convívio, leis, normas e costumes. Trata-se de uma forma de regulamentação que é estabelecida entre o próprio sujeito, outros sujeitos e o meio ambiente. Nesse sentido, são constituídos códigos e signos, ou o que chamamos de convenções sociais, as quais determinam estruturas significantes que instituem como devem se comportar os sujeitos.

Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica (na maioria das vezes; *há* duas contrações) – uma ação que significa, como a fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita ou a ressonância na música, - o problema se a cultura é uma conduta padronizada ou um estado da mente ou mesmo as duas coisas juntas, de alguma forma perde o sentido (GEERTZ, 2017, p. 8)

A partir da cultura são instituídos vários signos, que de algum modo se tornam públicos e que se consolidam através de relação direta com as convenções sociais estabelecidas em cada comunidade. A cultura pode ser considerada como o contexto, visto a intensidade e a proporcionalidade do que pode ser descrito sobre. Geertz (2017) advoga que há uma coerência dentro da cultura provinda das articulações sociais, estabelecendo a ideia de sistemas culturais. Não obstante, os significantes e significados são construções provindas desse processo de organização e interrelações pessoais constituídas mediante a conjuntura atual, a historicidade e cultura de cada povo.

Bauman (2008), por seu turno, refere-se a uma ideia de cultura que pode se relacionar com a propositiva de Geertz (2017), que vem da perspectiva de que a cultura proporciona distinções, segregação, marca territórios e fronteiras, sobretudo classificando em categorias. Basta refletirmos sobre a cultura brasileira e as concepções sobre a comunidade LGBTQI, a forma que tem sido tratada pelos setores políticos e algumas camadas religiosas. Basta, por exemplo, observar o desprestígio com essa comunidade ao retirá-la, ou melhor, ao não explicitá-la na Medida Provisória 870/19, instituída pelo então “presidente” eleito em 2018, empossado no 1º dia de 2019. Esse documento retira da comunidade LGBTQI direitos adquiridos junto aos direitos humanos, sobretudo do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Sendo a

comunidade implícita dentro dos que foi categorizado como minorias étnicas e sociais, de acordo com essa medida provisória (QUEIROGA, 2019).

Ainda refletindo sobre o conceito de cultura de acordo com Bauman (2008), e abrindo um parêntese para tratarmos de outros fatores relacionados a grupos minoritários, identificamos que nas sociedades mundiais, com maior ou menor evidência, há uma dicotomização do sexo, gênero e sexualidade. Todos aqueles que fogem das propositivas instituídas cultural e historicamente são caracterizados ou categorizados como seres desviantes e depreciados, como é o caso das pessoas transgêneras. No entanto, não é só pela fuga das convenções sociais que esse grupo de pessoas é refutado, mas por uma cultura que segrega os menos favorecidos, que menospreza e desvaloriza, tornando-os objeto de injúria. As pessoas transexuais nas sociedades patriarcais, na qual se inclui o Brasil, são separadas, segregadas e classificadas como inferiores às pessoas cisgêneras. Essa situação por vezes ocorre de forma velada, mas é possível identificarmos preconceitos em vários setores, como no seio familiar, no trabalho, na economia e outros, o que justifica, por exemplo, a pouca existência de pessoas transexuais no mercado de trabalho.

Retornando à ideia da segregação e da publicação realizada pela página “Quebrando o Tabu”, podemos perceber que ao questionar “Você tem alguma opinião?”, o administrador ou moderador da página já indica uma dicotomização das categorias em comentários que tendem a ser favoráveis ou não ao ingresso de pessoas transgêneras, no caso, transexuais, além de comentários que questionam a elegibilidade da atleta Tiffany como mulher. Desse modo, os signos construídos cultural e historicamente têm extrema importância para a definição do que pode ou não pode, do ser e do não ser, constituídos a partir das convenções sociais e que reforçam esses signos e símbolos. Embora cada sujeito tenha suas opiniões assentadas em vivências, experiências e interação particulares com o ambiente sociocultural onde vive e com os outros, é a quebra desse tabu e a não bipolarização de opiniões que deve ser repensada.

Pensar nessa perspectiva ampla é, de algum modo, questionar a ordem das coisas, o que por sinal “fica reduzida a manipular as probabilidades dos eventos” (BAUMAN, 2009, p. 45). O que se passa a estranhar é o estímulo a uma posição excludente que se faz presente na pergunta proposta pela comunidade “Quebrando o Tabu”, o que pode levar a um certo binarismo de gênero e sexualidade, além de outras situações que tendem a classificar os sujeitos. Isto porque, como se sabe, a sociedade é complexa, e posições consensuais e híbridas por vezes existem e podem levar a uma perspectiva socialmente mais construtiva de não exclusão de determinados grupos ou minorias sociais. Com efeito, se pensarmos nessa complexidade, embrenharemos nas construções de signos e símbolos, sobretudo na linguagem, onde Miskolci

(2007) aponta que se opera em binarismo, havendo sempre um polo superior e hegemônico em contrapartida a um polo inferior e subordinado. O autor (2007) exemplifica a condição relacionada à orientação sexual, discorrendo que a heterossexualidade só existe devido à existência da homossexualidade, sendo que essa última é reconhecida por muitos sujeitos como uma doença ou problema. Pessoas homossexuais são consideradas inferiores a aquelas que se enquadram dentro das convenções, isto é, aquelas que são conformantes com os padrões heterocisnormativos. Para mais, a ordem social tem uma relação direta com a ordem sexual, sendo semelhante em suas características.

Sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória. Em resumo, a ordem social do presente tem como fundamento o que Michael Warner denominaria, em 1991, de heteronormatividade. O dispositivo de sexualidade tão bem descrito por Foucault em sua gênese ganha, nas análises queer, um nome que esclarece tanto a que ele direciona à ordem social como seus procedimentos neste sentido. (MISKOLCI, 2009, p. 156)

Diante de todo o cenário, do processo e evolução histórica, enxergamos que em alguns setores houve e há avanços significativos, ao passo que em outros tem-se vivenciado um declínio e/ou estabilização. Os estudos de gênero e sexualidade tomaram uma grande dimensão junto as grandes teorias sociológicas e antropológicas, dialogando com as diversas áreas, como é o caso da Educação Física. Nesse âmbito, essas transversalidades possibilitam a ampliação de debates sobre as estruturas instituídas e reforçadora do sistema binário de gênero e sexualidade, mesmo que ao mesmo tempo a ordem social, política e religiosa ainda tendam a vilipendiar os pesquisadores da área, concatenando-os com a falácia “Ideologia de Gênero”.

Notadamente, há um avanço também nas possibilidades de comunicação e dos instrumentos midiáticos, através das tecnologias inovadoras e da internet, o que acaba por conceder visibilidade e maior acesso às informações, essas que não são tão seguras e/ou possuem fontes legítimas. Bauman (2009) trata do processo de globalização, o “[...] poder global e as principais técnicas de controle social [...]” (p. 51), explicitando que processo acaba por desvalorizar o espaço físico, havendo o enaltecimento do espaço virtual, o que chamamos de ciberespaço. Mesmo que esse espaço possibilite uma aproximação das relações interpessoais, ao mesmo tempo pode-se incorrer em falhas nos relacionamentos e no modo de comunicação entre os sujeitos participantes dessas interconexões virtuais. O primeiro se torna fragilizado por não facultar o contato físico, o “olho no olho”, e o segundo é um espaço sem fronteiras e sem limite, sobretudo, considerado como um sítio que propicia a disseminação de

informações sem nível técnico e específico vultoso (RECUERO, 2009a; 2009b; 2014; LÉVY, 2010; MARTINO, 2015; CASTELLS, 2018).

A evolução tecnológica possibilitou um *lócus*, denominado de ciberespaço, onde todos podem estabelecer conexões e manter contato entre diversos atores, além de construir ciberculturas distintas no ciberespaço (LÉVY, 2010; MARTINO, 2015). A cibercultura é produto e reflexo da sociedade *off-line*, reproduzindo comportamentos semelhantes ao observado no ambiente externo ao ciberespaço, como a hostilidade, o preconceito e a segregação, por vezes, e este parece ser o caso de comunidades minoritárias. Esses fatos são observados no material utilizado para análise, além de uma observação enquanto pesquisadores participantes desse ambiente *on-line*. Nesse espaço, as pessoas puderam expor suas ideias, mesmo que sem fundamento, onde muitas delas acabam por ir contrariamente ao Marco Civil da Internet, especificamente o que corresponde a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (BRASIL, 2018). Esse documento tem suma importância para a dinâmica dentro do ciberespaço, assegurando ao usuário, que chamamos de ator, uma melhor regulamentação, manutenção e proteção dos dados pessoais e privados. Delineia várias consequências mediante a qualquer infração ocorrida nesse espaço, uma melhor seguridade para os atores, liberdade de expressão, danos decorrentes de publicações por terceiros e que fere a honra, a reputação e/ou os direitos pessoais.

### **3.1 Ciberespaço e Cibercultura: aspectos da tecnologia**

A complexificação da sociedade tem sido associada às emergências das novas tecnologias, o que tem causado transformações nas mais diversas áreas. No entanto, “*We know that technology does not determine society: it is society*” (CASTELLS, 2006, p. 3). A sociedade trata da tecnologia de acordo com suas necessidades, valores, princípios e interesses, sobretudo daqueles que manuseiam essas tecnologias. A globalização e as inovações tecnológicas proporcionaram uma sociedade baseada em redes sociais e em uma comunicação mediada por tecnologias (CASTELLS, 2006).

A partir da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) há uma evolução tecnológica que permitiu um crescimento demasiado de instrumentos/aparelhos eletrônicos, além de recursos e viabilidade da Internet para além das grandes empresas (CAPOBIANCO, 2010). O surgimento do *World Wide Web* (W.W.W) é resultado da criação da Internet (CAPOBIANCO, 2010; CASTELLS, 2018), o qual possibilitou espaços para que ocorressem o armazenamento de informações e a comunicação em meios ou sítios eletrônicos. Lévy (2010) aponta que um

movimento social contracultural californiano ampliou as técnicas, contribuindo para o acesso ao computador pessoal. Com essas inovações tecnológicas e com a expansão do mercado eletrônico há uma melhor acessibilidade não só aos computadores, mas a outros aparelhos que possibilitam a comunicação interinstitucional e interpessoal, de modo on-line<sup>23</sup>.

O acesso aos aparelhos e aos sistemas tecnológicos se tornaram importantes na vida dos seres humanos, articulando-se com o meio e com as relações interpessoais, uma vez que essa comunicação passou a ser mediada e facilitada (MARTINO, 2015). As atividades, por mais triviais que sejam, passaram a ser realizadas por esses mecanismos. As informações são trocadas de maneira infinita pela Internet e em velocidades cada vez mais rápidas (LEMOS, 2004).

Observa-se, no século XXI, uma nova era da sociedade, momento em que ocorrem diversas modificações sobre as práticas sociais como consequência do impacto da internet e dos aparelhos tecnológicos. Para Lemos (2004), o período atual tem sido marcado por uma produção e consumo de informações característicos das sociedades contemporâneas. Uma gama de informações é tratada dentro dos espaços tecnológicos a todo instante, desde situações mais formais até as mais informais. As práticas sociais e os comportamentos humanos nessa nova fase tecnológica “gira em face” não somente com respeito às relações interpessoais e com o meio ambiente, mas com o mundo virtual. Em análise, o virtual não deixa de ser uma reprodução das manifestações que existem fora do mundo on-line, havendo um impacto mútuo entre o real e o virtual (JUNGBLUT, 2004). Jungblut (2004) também ressalta que “O virtual [...] está associado à emergência da Internet e que possibilitou criar formas de comunicação e interação social [...]” (p. 102).

Não obstante, surge com a facilidade da Internet a problemática do que é considerado espaço público e privado no mundo virtual. Nesse contexto, Lemos (2004) discute sobre a redefinição dos espaços e das fronteiras, propondo haver uma “des-re-territorialização”. Esse ponto permite entender o ser humano e toda a estrutura de sentido e significado que o meio virtual, ou *cyber*, tem sobre os sujeitos. Quando pensamos em produtores e consumidores de informações, podemos fazer uma relação com a “des-re-territorialização”, pois são nos espaços da Internet, em páginas, blogs, redes sociais, que os sujeitos tentam se enquadrar, criando mecanismos de controle de informações naquele espaço, produzindo e consumindo outras tantas informações para se legitimar nesse território (LEMOS, 2004).

---

<sup>23</sup> Estamos considerando a palavra *on-line* como sinônimo de ambiente virtual, e *off-line* como ambiente real.

Recuero (2014) também considera a distinção sobre o ambiente público e privado nos meios virtuais. A autora (2014) entende que as fronteiras existentes nesse contexto não são bem definidas, o que viabiliza o encaminhamento de determinadas situações para diversas áreas. A definição de conversação privada fica restrita a espaços fechados, ou seja, espaços que definem limitações a algumas pessoas. A exemplo disso, temos perfis e páginas no *Facebook* e no *Instagram* que são fechados para usuários que não fazem parte do círculo de amigos, concedendo visualização e oportunidade de respostas somente a aqueles do círculo. Diferente desse tipo de conversação, a conversação pública não possui delimitação para a visualização de determinadas postagens e/ou informações, onde quaisquer usuários podem visualizar e interagir através de comentários. Alguns sites possuem procedimentos para limitar as postagens, o *Facebook*, por exemplo, possui a ferramenta de gerir quem poderá visualizar e comentar, mesmo que a pessoa seja do círculo de amigos e/ou conhecidos (RECUERO, 2014).

A globalização e as modificações estruturais oportunizaram a acessibilidade aos mecanismos tecnológicos. A proporção de usuários tem crescido nos últimos anos, não somente pela diversidade de aparelhos eletrônicos que oportunizam a comunicação on-line, mas, pela expansão da Internet e a forma como ela é operada. Para se ter uma ideia da amplitude de acessos à Internet, foi realizada a seguinte análise estatística pelo *Miniwatts Marketing Group* no final do ano de 2017:

WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS DEC 31, 2017 - Update						
World Regions	Population (2018 Est.)	Population % of World	Internet Users 31 Dec 2017	Penetration Rate (% Pop.)	Growth 2000-2018	Internet Users %
<a href="#">Africa</a>	1,287,914,329	16.9 %	453,329,534	35.2 %	9,941 %	10.9 %
<a href="#">Asia</a>	4,207,588,157	55.1 %	2,023,630,194	48.1 %	1,670 %	48.7 %
<a href="#">Europe</a>	827,650,849	10.8 %	704,833,752	85.2 %	570 %	17.0 %
<a href="#">Latin America / Caribbean</a>	652,047,996	8.5 %	437,001,277	67.0 %	2,318 %	10.5 %
<a href="#">Middle East</a>	254,438,981	3.3 %	164,037,259	64.5 %	4,893 %	3.9 %
<a href="#">North America</a>	363,844,662	4.8 %	345,660,847	95.0 %	219 %	8.3 %
<a href="#">Oceania / Australia</a>	41,273,454	0.6 %	28,439,277	68.9 %	273 %	0.7 %
<b>WORLD TOTAL</b>	<b>7,634,758,428</b>	<b>100.0 %</b>	<b>4,156,932,140</b>	<b>54.4 %</b>	<b>1,052 %</b>	<b>100.0 %</b>

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics estimates in Dec 31, 2017. (2) CLICK on each world region name for detailed regional usage information. (3) Demographic (Population) numbers are based on data from the [United Nations Population Division](#). (4) Internet usage information comes from data published by [Nielsen Online](#), by the [International Telecommunications Union](#), by [GfK](#), by local ICT Regulators and other reliable sources. (5) For definitions, navigation help and disclaimers, please refer to the [Website Surfing Guide](#). (6) The information from this website may be cited, giving the due credit and placing a link back to [www.internetworldstats.com](http://www.internetworldstats.com). Copyright © 2018, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved worldwide.

Figura 5 \_ Estatísticas de uso e população da Internet no mundo  
Fonte: *Miniwatts Marketing Group* (2018)

A Ásia é a região que possui maior quantitativo populacional, tendo também o maior número de usuários da Internet, chegando à proporção de 48,7% (Figura 5). Ao analisar somente a região das Américas (Figura 6), a maior incidência de usuários é na América do Norte (44,1%), seguido pela América do Sul (39,2%). Filtrando ainda mais os dados (Figura

7), o Brasil é o primeiro no ranking do número de usuários de Internet (48,7%). Esses dados expõem como estão os processos de conectividade através da Internet por meio dos diversos aparelhos que possibilitam essa utilização. Para Capobianco (2010), há uma distinção entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento<sup>24</sup>, sendo que a incidência de acessibilidade à Internet é menor. Entendemos que as políticas governamentais e de determinadas instituições não atendem aos interesses e necessidade de todos; com isso, acabam por não facilitar essa ascensão. Corroboramos a ideia de que “[...] o impacto da Internet depende de fatores econômicos, políticos e sociais de cada comunidade.” (CAPOBIANCO, 2010, p. 178).

INTERNET USERS AND 2018 POPULATION STATS FOR THE AMERICAS						
REGIONS	Population (2018 Est.)	% Pop. America	Internet Users 30-Jun-2018	% Population (Penetration)	% Users America	Facebook 31-Dec-2017
<a href="#">North America</a>	363,844,662	35.8 %	345,660,847	95.0 %	44.1 %	263,080,100
<a href="#">South America</a>	428,240,515	42.2 %	307,597,115	71.8 %	39.2 %	266,583,100
<a href="#">Central America</a>	179,616,163	17.7 %	109,664,952	61.1 %	14.0 %	99,500,000
<a href="#">The Caribbean</a>	44,191,318	4.3 %	20,986,379	47.5 %	2.7 %	16,498,000
<b>TOTAL THE AMERICAS</b>	<b>1,015,892,658</b>	<b>100.0 %</b>	<b>783,909,293</b>	<b>77.2 %</b>	<b>100.0 %</b>	<b>645,661,200</b>

NOTES: (1) Internet Usage and Population Statistics for the Americas were updated for June 30, 2018. (2) The Facebook subscribers were updated for December 31, 2017, last available. (3) CLICK on each region to see detailed data for the individual regions. (4) Population numbers are 2018 mid-year estimates based on data from the [United Nations Population Division](#) and local country sources. (5) Internet usage stats come mainly from data published by [Nielsen Online](#), [ITU](#), [Facebook](#) and other local sources. (6) For methodology, definitions and navigation help, see the [site surfing guide](#). (7) Data on this site may be cited, giving the due credit and establishing a link back to [Internet World Stats](#). Copyright © 2018, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved worldwide.

Figura 6 \_ Usuários da Internet e estatística da população de 2018 para as Américas  
Fonte: *Miniwatts Marketing Group* (2018)

Internet Usage and Population Statistics for South America December 31, 2017						
SOUTH AMERICA	Population (2018 Est.)	% Pop. Table	Internet Usage, 31-Dec-2017	% Population (Penetration)	% Users Table	Facebook 31-Dec-2017
<a href="#">Argentina</a>	44,688,864	10.4 %	41,586,960	93.1 %	13.6 %	30,000,000
<a href="#">Bolivia</a>	11,215,674	2.6 %	7,570,580	67.5 %	2.5 %	6,100,000
<a href="#">Brazil</a>	210,867,954	49.2 %	149,057,635	70.7 %	48.7 %	139,000,000
<a href="#">Chile</a>	18,197,209	4.2 %	14,108,392	77.5 %	4.6 %	13,000,000
<a href="#">Colombia</a>	49,464,683	11.6 %	31,275,567	63.2 %	10.2 %	29,000,000
<a href="#">Ecuador</a>	16,863,425	3.9 %	13,476,687	79.9 %	4.4 %	10,000,000
<a href="#">Falkland Islands</a>	2,922	0.0 %	2,900	99.2 %	0.0 %	3,100
<a href="#">French Guiana</a>	289,763	0.1 %	120,000	41.4 %	0.0 %	110,000
<a href="#">Guyana</a>	782,225	0.2 %	395,007	50.5 %	0.1 %	360,000
<a href="#">Paraguay</a>	6,896,908	1.6 %	6,177,748	89.6 %	2.0 %	3,300,000
<a href="#">Peru</a>	32,551,815	7.6 %	22,000,000	67.6 %	7.2 %	20,000,000
<a href="#">Suriname</a>	568,301	0.1 %	340,000	59.8 %	0.1 %	310,000
<a href="#">Uruguay</a>	3,469,551	8.0 %	3,059,727	88.2 %	1.0 %	2,400,000
<a href="#">Venezuela</a>	32,381,221	7.6 %	17,178,743	53.1 %	5.6 %	13,000,000
<b>TOTAL SOUTH AMERICA</b>	<b>428,240,515</b>	<b>100.0 %</b>	<b>306,349,946</b>	<b>71.5 %</b>	<b>100.0 %</b>	<b>266,583,100</b>

NOTES: (1) The South America Statistics were updated in December 31, 2017. (2) CLICK on each country name for detailed individual country and regional statistic data. (3) The demographic (population) numbers are based on figures and data from the [United Nations Population Division](#). (4) Mexico is included together with the Central American countries according to the United Nations Statistical Division listings. (5) The most recent Internet usage information comes mainly from the data published by [Nielsen Online](#), [ITU](#), [Facebook](#) and other reliable local sources. (6) For definitions and help, please see the [site surfing guide](#). (7) Data may be cited, giving the due credit and establishing an active link back to [www.internetworldstats.com](#). Miniwatts Marketing Group, Copyright © 2018. All rights reserved worldwide.

Figura 7 \_ Estatísticas sobre uso e população da Internet na América do Sul  
Fonte: *Miniwatts Marketing Group* (2018)

<sup>24</sup> Destacamos como em desenvolvimento os países que de algum modo e por algumas instituições são considerados como países subdesenvolvidos.

As informações no meio tecnológico são quaisquer dados que percorrem o espaço da Internet. Essas informações existentes no sistema tecnológico são quaisquer dados novos que geram um *feedback* (CAPOBIANCO, 2010; MARTINO, 2015). Por meio desses elementos existentes são criados códigos para interpretá-las. Essa relação entre informação, *feedback* e código pode ser entendida como um *binary digit* ou, simplesmente, *bit*. Essas informações só são possíveis mediante ao contato humano e a relação que se estabelece com a máquina. As relações estabelecidas por meio da comunicação, da geração de informações, dos *feedbacks*, constituem uma cultura própria desse meio tecnológico (LÉVY, 2010).

Para Lévy (2010), os relacionamentos situados nesse espaço podem ser considerados como cibercultura que só é possível mediante o ciberespaço. O ciberespaço faz referência a todos os sistemas que conectam os aparelhos eletrônicos e mecanismos que possibilitam as mediações tecnológicas existentes na modernidade. No entanto, há a necessidade de uma conexão em rede para que a troca de informações ocorram de forma eficiente entre esses aparelhos. Assim, entendemos a rede e o ciberespaço como um ambiente em que ocorrem essas interações e conexões. Martino (2015) considera que ciberespaço não deve ser confundido com os aspectos estruturais dessa tecnologia, pois refere-se à forma de vínculos que oportunizam essas conexões.

[...] a expressão “estar no ciberespaço” pode levar a metáfora geográfica um pouco longe demais. “Estar lá”, no caso, significa ter a possibilidade de navegar entre documentos, páginas, textos e informações diversas. Isso implica que o ciberespaço não “está lá” até que se converta em algum tipo de interface em uma tela, seja de um computador, *tablet*, ou celular; ao mesmo tempo, cada computador é parte de um conjunto maior de elementos, formando uma espécie de “computador único”, no qual o número de trocas tende potencialmente ao infinito (MARTINO, 2015, p. 30).

No que se refere à cibercultura, apreendemos que essa não é desvinculada com as questões culturais da realidade, sendo um reflexo do que existe no mundo *off-line*. Para Jungblut (2004), a virtualização causa uma “desrealização” do mundo, que constitui-se como um simulacro. Mesmo que esse espaço seja uma representação da realidade, entendemos que também possui as suas particularidades, justamente pelas interações, comunicação e conexões ocorrerem mediadas por computadores em um ciberespaço (LÉVY, 2010; MARTINO, 2015). Martino (2015, p. 27) aponta que “[...] é a cultura – entendida em um sentido bastante amplo como a produção humana, seja material simbólica, intelectual – que acontece no ciberespaço”. Para além disso, retornamos à ideia de Geertz (2017, p. 32) de que “[...] a cultura é vista melhor não como complexos de padrões concretos de comportamentos [...], mas como um conjunto de mecanismos de controle [...] para governar o comportamento.

Outro aspecto particular dessa cibercultura é a sua sistemática. Diferente da realidade ou do espaço *off-line*, não existem regras e normativas que se impõem dentro desse espaço, o que o caracteriza como um *locus* desorganizado. Mesmo que desorganizado, a cibercultura é múltipla, por agregar diferentes sujeitos e grupos que possuem diferentes ideias, valores e princípios. O ambiente virtual e a cultura que se organiza nesse espaço virtual se configura de modo particular, mesmo que reproduzindo determinadas situações da realidade (MARTINO, 2015). Os mecanismos de controle no plano virtual ou no ciberespaço também determinam os comportamentos daqueles que ali se relacionam, sejam sujeitos com sujeitos, sujeitos com máquinas ou máquinas com máquinas (SANTOS; DOS SANTOS, 2014; MARTINO, 2015). Isso pode ser exemplificado quando determinado comentário é realizado em alguma rede social sem que atenda aos princípios ideológicos dela, podendo os moderadores excluírem e/ou banirem o ator do comentário.

Contudo, esse espaço tem a característica de flexibilidade e inconstância, pois depende daqueles que ali interagem e da forma de pensamento dos atores sociais. Assim, ora um sujeito pode defender e realizar uma postagem sobre uma ideia, ora ser contrário ao que postou (LÉVY, 2010; MARTINO, 2015). A flexibilidade existente na cibercultura pode ser modificada a qualquer momento, justamente pela facilidade que os sujeitos têm de apagar algumas informações<sup>25</sup>. Outra ideia da flexibilidade e inconstância é a existência de grupos, o que, para Latour (2012), é uma incerteza e que por vezes agrupa-se a um ou mais grupos, podendo fazer ou não parte deles a qualquer momento. Latour (2012) discorre sobre a fragilidade da palavra grupo e prefere compreendê-la a partir da infralinguagem<sup>26</sup>.

Quando tratamos sobre sociabilidade e formação de grupos, identificamos que a Internet possibilitou a migração de várias relações humanas do mundo *off-line* para o mundo *on-line*. Martino (2015) trata especificamente dessas questões, levantando a premissa qualitativa de que as relações no universo *on-line* são mais frágeis e menores do que no *off-line*. Isso é demarcado pela não aproximação entre os sujeitos e pela relação intermediada por uma máquina, o que não possibilita comportamentos que promovam o estabelecimento de uma relação mais consolidada. No entanto, os mecanismos tecnológicos, juntamente com a Internet,

---

<sup>25</sup> Salientamos nesse momento, que as informações no ciberespaço sempre ficam armazenadas em algum lugar na “nuvem”. Mesmo que o sujeito comece a escrever algo e depois apague, esses dados, códigos e parâmetros de digitação ficam armazenados.

<sup>26</sup> Para Latour (2012, p. 53), a infralinguagem é “[...] algo que não possui outro sentido além de permitir o deslocamento de um quadro de referência a outro”. Nesse sentido, é possível entender que determinadas palavras por não terem uma definição e significado concreto, pode ser levada a contemplar outras situações, nesse caso, a palavra grupo, pode se referir a diversas situações, como por exemplo sociedade, comunidade e outros.

possibilitaram manter laços entre os sujeitos, apesar das distâncias espaciais, evitando o rompimento das relações já estabelecidas (MARTINO, 2015).

### 3.2 A Comunicação Mediada pelo Computador

Inicialmente, abarcaremos as questões pertinentes ao universo da comunicação, fato que teve um crescimento acelerado e grandioso a partir da proliferação dos mecanismos para interação humana. As várias formas de comportamentos comunicativos levaram grande parte das ciências (filosofia, história, sociologia, antropologia, ciências políticas, psicologia e outras) a realizarem pesquisas que compreendessem esse campo. Muitas das vezes a comunicação foi e é tratada de forma analógica por essas ciências (MATTELART; MATTELART, 2011). O estudo sobre a Teoria da Comunicação tem sido feito a partir de clivagens, ou seja, fragmentando esses conhecimentos, seguindo muitas bases epistemológicas, devido às diferentes escolas que a estudam. Assim, para Mattelart e Mattelart (2011) a ideia conceitual de comunicação está muito distante de ser homogênea.

A sociedade, para alguns considerada como um organismo social, leva à investigação sobre as ciências da comunicação. A comunicação está conexas as questões de fluxo e trocas de informações ocorridas no meio social. Um conceito que está relacionado a comunicação é a ideia de rede, ou seja, a sociedade se organiza em teias de redes a partir das interações sociais ocorridas nesse organismo social, levando as pessoas a estabelecerem contato e trocas de informações a partir de sistemas e/ou estruturas simbólicas para se conectarem as outras. *Verbi gratia*, durante a comunicação verbal ou o sistema de linguagem, o falante e o ouvinte estabelecem uma interação, promovendo um fluxo e troca de informações para que ocorra essa interação (MATTELART; MATTELART, 2011). Para Serra (2007), há uma impossibilidade ou dificuldade conceitual do que é comunicação, devido à heterogeneidade de fenômenos que permeiam essas ciências (Quadro 5).

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) é um fenômeno novo e:

[...] abarca todo um conjunto de práticas sociais decorrente das apropriações comunicativas das ferramentas digitais e é discutida por diversos autores desde o princípio dos estudos a respeito do impacto do ciberespaço como ambiente comunicacional na vida social (RECUERO, 2014, p. 22).

Ou seja, a CMC está relacionada ao *modus operandi* de seres humanos, que através das mensagens, em forma de linguagens verbal ou não verbal<sup>27</sup>, que pode ser transmitida e/ou

---

<sup>27</sup> Estamos considerando os *emojis* (novo formato dos *emoticons*) como linguagens não verbal na CMC.

recebida via computador ou aparelhos eletrônicos que possibilitam essa manifestação. Recuero (2014) trata da CMC somente como aquela que ocorre por meio da Internet, não se desdobrando para o meio *off-line*. Qual seja a relação estabelecida nesses meios, a ocorrência de ressignificação desses instrumentos, sobretudo sobre os sujeitos, é contínua (RECUERO, 2014).

Quadro 5 \_ Classificação dos fenômenos comunicacionais a partir de oposições, de acordo com Serra (2007)

<b>Quanto ao tempo</b>	Comunicação direta ou síncrona <i>versus</i> comunicação diferida ou assíncrona.
<b>Quanto ao número</b>	Comunicação interpessoal <i>versus</i> comunicação de massa, tal como caracterizada nos modelos de Jakobson e Lasswell, respectivamente.
<b>Quanto ao espaço</b>	Comunicação presencial, face a face <i>versus</i> comunicação mediatizada, a distância
<b>Quanto ao código</b>	Comunicação verbal, que recorre aos signos linguísticos <i>versus</i> comunicação não verbal, em que se utiliza de signos como gestos, movimentos, espaços, tempos, desenhos, sonhos etc.

Fonte: Serra (2007, adaptado).

Mesmo com toda a tecnologia, Recuero (2009b), em uma visão pessimista, aponta que esses meios de comunicação, de forma virtual, têm diminuído e “esfriado” as relações interpessoais, proporcionando o desenvolvimento do “que há de pior na natureza humana” (p. 12), tal como a hipocrisia, a mentira e até mesmo as más intenções. Com esse pensamento, é possível discernirmos que há uma dicotomia entre positivo e negativo, sobre a utilização desses instrumentos, sobretudo na CMC. Jungblut (2004) aponta que essas inovações tecnológicas e todo o processo de CMC acabam por estimular um universo paralelo, considerando como um “poder tóxico” (p. 98) essas relações exercidas nesse universo virtual.

Não podemos deixar de ponderar que o espaço virtual não é, somente, alicerçado pelo que é demarcado pela Internet, mas pelo espaço, ou melhor, ciberespaço e cibercultura, que se concretiza com as inovações tecnológicas. A CMC só é possível pelo encadeamento de estruturas que possibilitam essa interação, especialmente pela manipulação dos aparelhos pelos seres humanos. Assim, a interação virtual não ocorre meramente pelo acesso à Internet, mas por todos esses mecanismos que de alguma forma possibilita a CMC (JUNGBLUT, 2004). A propagação de informações no meio virtual e/ou pela Internet acaba por formar um novo tipo

de sujeito, um sujeito que não é mais submisso as informações que antes eram mediadas por outros tipos de mídias, como a televisão, rádio e jornais. Esse novo espaço possibilita ao sujeito ser mais operante e mais exigente (JUNGBLUT, 2004), o que corrobora com a propositiva de Martino (2015) de que no meio ou na rede virtual o nível técnico e competências de determinadas pessoas para discutir alguns assuntos é baixo.

Destacamos nesse momento que ainda é predominante a linguagem escrita, textual, na CMC, por exemplo os *chats*, *Messenger*, *WhatsApp*, *Facebook* e outros. Mesmo que o crescimento tecnológico tenha proporcionado outras condições e ferramentas para a CMC, a maioria das informações presentes no meio virtual ainda ocorrem de forma textual. Recuero (2014), apresenta várias ferramentas que possibilitam aos usuários a utilização de ligação e de videoconferências, como o *Skype*, *Facebook* e *WhatsApp*. No entanto, esses recursos são complementares, e os usuários ainda preferem a linguagem escrita.

Outro mecanismo muito presente na CMC é a utilização de *emojis*, que enseja uma comunicação não verbal, sobretudo em uma comunicação simbólica. Os *emojis* são figuras ou gravuras que têm a finalidade e o sentido de representar gestos, expressões e sentimentos humanos. A historicidade dos *emojis* data desde muito tempo, pois entende-se que esses símbolos são presentes desde a antiguidade com as pinturas. A partir de 1980 verifica-se uma transformação desses símbolos, onde inicialmente eram utilizados a partir das letras e símbolos dos teclados, tais como :) (sorrindo), ;) (piscando), :( (triste), entre outros. Esses foram denominados como *emoticons*. Os *emojis* recentes, criados por Shigetaka Kurita, datados no ano de 1997, são desenhos como: 😊 (sorrindo), 😜 (piscando), 😞 (triste)<sup>28</sup> e outros (Figura 8). Apesar disso, os *emojis* só tomaram tamanha proporção em 2013, ao serem tornarem elementos dos *smartphones* (RECUERO, 2014; PAIVA, 2016).

Os *emojis* foram considerados por Paiva (2016) como um tipo de linguagem cibernética, que se popularizou no meio virtual. Atualmente, há uma gama de *emojis* que tentam exteriorizar não somente as expressões e sentimentos dos usuários, mas alguns objetos, profissões, setas, bandeiras, alimentos e outras situações que possam ser usadas a qualquer momento, representando alguma ideia. É uma forma caricata de expressar as reações das pessoas por um meio em que não se tem uma relação direta e pessoal, mormente *off-line*, ou seja, os atores não estão cara-a-cara.

---

<sup>28</sup> Nessa situação, são os considerados *Smiley*. Trata-se de um tipo de representação de gestos ou emoções que tem como finalidade humanizar a CMC (PAIVA, 2016).



Figura 8 \_ Teclado dos Emojis do *WhatsApp*  
 Fonte: *WhatsApp* (Print Scream)

Outras formas também são utilizadas dentro da CMC, como é o caso da utilização da arroba (@) e da *hashtag*<sup>29</sup> (#). Esses símbolos são utilizados por algumas plataformas – *Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter* – para definir um direcionamento de uma postagem (RECUERO, 2014). Além desses símbolos, dos *emojis* e da própria linguagem escrita no meio virtual, há a utilização exacerbada de onomatopeias que simulam sons da linguagem oral. Como exemplo de onomatopeias tem-se a escrita “hehehe” que significa risada, como “rsrsrsrs” e até mesmo “hauhauhau”. Outra forma manipulada na CMC é a entonação dada a partir da repetição de determinadas letras – “oiiiiuiiiiiiii” é um exemplo claro disso (RECUERO, 2014). Esse fato é muito comum dentro do meio virtual, uma vez que a comunicação escrita não apresenta sons, estando a onomatopeia e a repetição de letras como uma prosódia.

Uma das grandes transformações provindas dos meios virtuais é a utilização de abreviações. Essa circunstância ocorre para favorecer a velocidade da escrita e da comunicação. “Blz” (beleza), “vc” (você) e “tb” (também) são algumas das abreviações mais utilizadas no dia a dia (RECUERO, 2014). Para Paiva (2005), os professores têm tido contrariedades no processo de formação educacional devido às novas formas de comunicação, além de dificuldades de contextualização, de assimilação fonética, produção textual e gramática, o que interfere negativamente na aprendizagem e na utilização ortográfica e gramatical.

Por fim, há na CMC determinados rituais que caracterizam essas interações, composto de expressões verbais e não verbais, assim como o silêncio, a persistência, a identificação do conteúdo e outros. Ressaltamos dois tipos de comunicação presentes nos turnos<sup>30</sup>, a conversação síncrona e assíncrona. A primeira diz respeito aos diálogos que ocorrem de imediato, como no *Messenger, WhatsApp* e outros. A ponto de clareza, não necessariamente o imediato é como em uma conversa face-a-face, mas o tempo de resposta é mais curto. Isso

<sup>29</sup> Para Recuero (2014) “Hashtag é uma informação de contexto, normalmente composta do sinal # (hash) e uma tag (etiqueta – uma ou duas ou várias palavras).” (p. 39).

<sup>30</sup> Forma basilar de organização de uma conversa em ambiente virtual (RECUERO, 2014).

difere da conversação assíncrona, em que o contato ou resposta de outro usuário pode ter uma temporalidade maior, não havendo uma sequência bem delineada, como ocorre nos blogs, fóruns, e-mails e outros (RECUERO, 2009a; 2014).

### 3.3 Rede, Atores e Conexões: elementos que compõem as Redes Sociais

Inicialmente é necessário situarmos o contexto do que vem a ser redes sociais, fundamentando esse ponto como uma situação contemporânea e que tem levado diversas pessoas, instituições, organizações a compreenderem em uma perspectiva onipresente. Aliás, a questão das redes sociais é produto de um mundo globalizado que se conecta por meio de aparelhos eletrônicos que possuem tecnologia para mediar a comunicação entre os sujeitos (MARTELETO, 2018). O conceito de rede ou *network* está relacionado com os nós (*nodes*) e elos, possível a partir da interação empreendida pelo ciberespaço, cibercultura e pela CMC. As redes sociais se constituem em um *locus* que não possui fronteiras e posições geográficas delimitadas, característica do mundo on-line, mas que possibilita a relação entre informação, conhecimento e saber (MARTELETO, 2007; 2018; FERREIRA, 2011; MARTINO, 2015). Para Marteleto (2007) e Ferreira (2011), a rede, em um sentido análogo, pode ser uma forma de relações, entrelaçamentos de “fios”, “cordas”, que podem aproximar as pessoas e/ou um conjunto de pessoas, organizações, nervos e fibras, meios de transportes e sistemas de computadores.

O conceito de *redes* é tributário de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos – indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagem subjetivistas/objetivistas; enfoques micro ou macro da realidade social -, colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes. Por exemplo: a antropologia estrutural entende as redes como descritivas, servindo para identificar o caráter perene das organizações e dos comportamentos sociais. Já a linha do individualismo metodológico desconstrói essa concepção, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido, e as relações sociais na formação do seu agir. As redes surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais. (MARTELETO, 2001, p. 72).

As redes sociais seguem essa mesma lógica de organização e de relações que se instaura entre sujeitos, instituições e grupos, seguindo a propositiva de flexibilidade proposta pela internet e seus contextos. Além de tudo, os laços construídos dentro das redes sociais têm um panorama mais fragilizado do que as relações face-a-face. A aproximação das pessoas também ocorre por afinidades de princípios e valores, por interesses e necessidades, assim como no ambiente *off-line* (RECUERO, 2009a; SANTOS; DOS SANTOS, 2014; MARTINO, 2015).

A estrutura das redes sociais, seguindo uma lógica do cientista social norte-americano Paul Baran, pode ser centralizada, descentralizada e distributiva (Figura 9). A centralizada é qualificada quando um ponto central se ramifica para outros lados, enquanto a descentralizada é reconhecida pela existência de outros pontos, chamados de secundários, que fazem a conexão ou ligação com outros, formando novos pontos centrais (MARTINO, 2015). Uma crítica realizada por Martino (2015) e Latour (2012) é que as estruturas possuem uma fragilidade, quer dizer, quando ocorre alguma situação com os pontos centrais ou secundários a informação e/ou comunicação logo é interrompida, deixando todo o sistema inutilizado. Para que essa situação não ocorra, a lógica de Baran é que as redes sejam organizadas em forma distributivas, não havendo uma hierarquia entre os nós, sendo todos interconectados. Como consequência, os dados são mantidos pelos outros nós ou pontos centrais quando há erro da rede ou destruição de algum mecanismo nas redes distributivas.

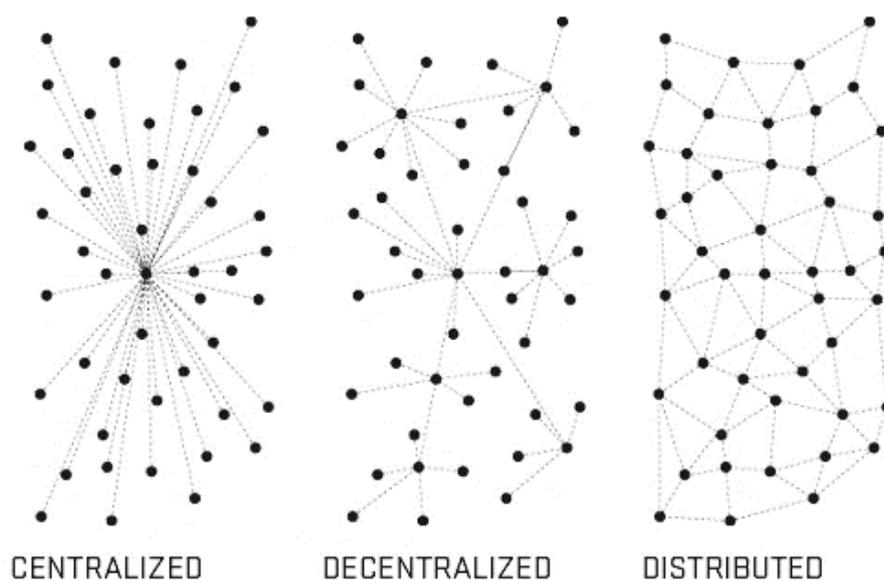


Figura 9 \_ Rede Centralizada, Descentralizada e Distributiva de acordo com Baran  
Fonte: De Franco (2014)

Outro ponto discutido por Martino (2015) é a estrutura e o poder das redes. Para o autor (2015), as redes são formadas por no mínimo três sujeitos, constituindo uma tríade, diferente do que ocorre em relações interpessoais nas quais se tem uma interação entre dois sujeitos, díade. Nas relações em rede há um processo de combinação para além de outros sujeitos, ou seja, quando se estabelece uma conexão com outro usuário, o sujeito não está ou estará interagindo somente com aquele, mas com outros elementos e pessoas que ampliarão as conexões. É possível identificarmos em uma plataforma como o *Facebook*, por exemplo, que quando um sujeito é aceito para fazer parte da lista de amigos ele será incluído à rede do autor

e automaticamente a rede de outros atores, que durante determinadas postagens poderão interagir entre si. Ademais, “[...] o poder das redes não está exatamente em seus participantes individuais, mas no potencial de expansão quase infinito.” (MARTINO, 2015, p. 73).

Conhecido, também, como “redes sociais *on-line*”, “redes sociais digitais”, “redes sociais conectadas” e outras formas, as redes sociais<sup>31</sup> constituem objeto de preocupação das Ciências Sociais (MARTINO, 2015), sendo que os estudos na contemporaneidade são versados também pelas áreas da Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas, da Informação, da Comunicação, dentre outras (MARTELETO, 2018). Um dos pontos mais importantes dos estudos das redes sociais é que eles tentam (re)construir a sociedade, trazendo informações inovadoras e, principalmente, trespassando os paradigmas tradicionais. Nessa acepção, consideramos e corroboramos a ideia de Martino (2015) de que as redes sociais estão diretamente ligadas com o ambiente da Internet e/ou virtual, possuindo características próprias de dinâmica e flexibilidade. Dinâmica, porque existe uma relação dos modos como os atores interagem através de uma comunicação sincrônica e/ou assíncronica, por linguagem verbal ou não verbal, sobretudo em como as conexões são estabelecidas. Flexível, por se remeter a como as relações podem ser remodeladas a qualquer instante.

As redes sociais possibilitam “[...] i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; iii) a exposição pública da rede social de cada autor.” (RECUERO, 2009b, p. 102). Apesar de todos esses aspectos, relembramos que a Internet e, conseqüentemente, as redes sociais possuem pontos positivos e negativos. As redes sociais são demarcadas por um território solitário, onde há a possibilidade de várias pessoas se tornarem o que elas almejam ser, inclusive construindo avatares<sup>32</sup>. Nesse território sem fronteiras, os usuários podem se manifestar de qualquer modo, podendo fugir de determinadas convenções sociais, do que é certo ou errado (MARTINO, 2015). Infelizmente esse espaço se tornou uma falácia da vida *off-line*, pois muitos usuários utilizam o ciberespaço para fugirem da vida cotidiana, construindo uma vida *on-line* utópica.

Sobre os atores, Recuero (2009a; b; 2014) afirma que são elementos primordiais nas redes sociais, representados pelos nós (ou *nodes*) (Figura 10). Esses, por sua vez, não são instantaneamente diferenciados, podendo ser constituídos por diversas entidades, pessoas e até mesmo organizações (FERREIRA, 2011). Isso se dá devido à pluralidade existente nas redes

---

<sup>31</sup> Nomenclatura que será utilizada nesse trabalho.

<sup>32</sup> Avatar pode ser considerado uma forma, animada, para representa o usuário da Internet. Pode ser construído só o rosto ou o corpo inteiro. Para a construção desses avatares, as plataformas destinadas a essa criação apresentam diversas ferramentas para a consolidação, principalmente uma aproximação com a imagem do usuário ou com a imagem que se pretende ter.

sociais, sendo necessário reconhecer a função do ator e como é sua participação no meio, ou seja, compreendendo sua identidade. A identidade no ciberespaço pode ser construída mediante aos interesses do usuário, criando uma individualização fantasiosa ou não.

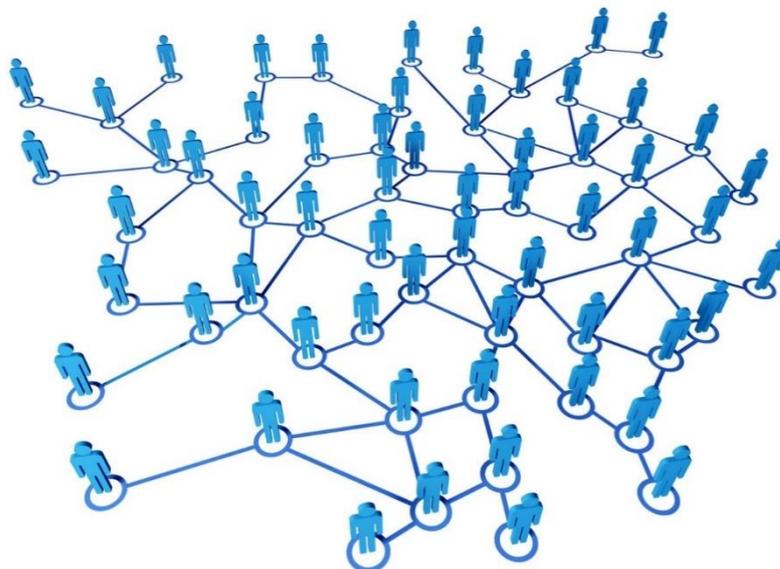


Figura 10 \_ Atores representados por nós (ou nodos) nas redes sociais  
Fonte: CanStockPhoto (2018)

A construção do eu deve-se a uma relação que se estabelece com o outro, pois a partir dessa característica, juntamente com o reconhecimento identitário se estabelece a comunicação. A rede social, nesse caso, o *Facebook*, possibilita a criação de uma identidade particular de cada ator, sendo que a partir dessa identidade outros atores se relacionarão com ele. O não discernimento dessa identidade dificultará a interação e a CMC. O nome ou *nickname*<sup>33</sup>, a foto, a descrição do perfil do ator, são elementos essenciais para a apresentação identitária. A comunicação entre esse ator com o outros será limitada caso falte alguma informação. “Por isso, essas páginas podem ser consideradas como reflexos dos atores que as publicam/mantêm e, assim, como constituintes dos nós das redes sociais analisadas.” (RECUERO, 2009a, p. 3).

Outro aspecto que instaura a característica dos atores é a distância desse com os outros envolvidos. Uma das facilidades que as tecnologias, a Internet e as redes sociais têm proporcionado é a interação entre diferentes atores, em diferentes espaços e distanciamentos. A CMC possibilita a interlocução e a troca de informações entre atores que estejam em locais diferentes. Esses espaços construídos pelos atores, seja uma postagem, um fórum ou um grupo de discussão, permitem aos atores a liberdade da expressão, sendo um lugar de fala para todos

<sup>33</sup> *Nickname* pode ser considerado, nesse instante, como um apelido do ator.

aqueles que interagem (RECUERO, 2009b). Isto posto, esses espaços construídos e disponíveis na Internet, para além da dimensão social, também é um espaço político que suscita a realização de discussão e da expressão de forma livre, mesmo que contraponha ideias de outros atores, o que, por fim, acaba por proporcionar um debate sobre determinados assuntos.

Tal como a fluidez e flexibilidade da Internet e das redes sociais, a identidade dos atores também é inconstante. O processo de construção e expressão identitária é contínua, sendo modificada de acordo com a compasso estabelecido pelos movimentos existentes na cibercultura. Os atores não ficam estáticos nesse contexto, seguindo uma cadência instituída pela cultura existente nas redes sociais (RECUERO, 2009b). A partir desse pressuposto, muitas informações dentro das redes levam atores a terem comportamentos e pensamentos distintos temporalmente, isto é, em determinado período se age de uma forma, postando determinados conteúdos e em outro, postam outros conteúdos, as vezes os que estão em alta naquele momento. Os atores seguem o fluxo de movimentação das redes sociais, visto a injeção de informações existentes nesse espaço, que são compartilhadas de forma constante (RECUERO, 2009a; 2009b; 2014)

Outro elemento importante para compreender sobre as redes sociais é a conexão, ou melhor, as conexões. Essas por sua vez podem ser identificadas de modos variados. Para Recuero (2009a), “[...] as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores.” (p. 30). Conforme apresentado nas Figuras 10 e 11, há o estabelecimento de uma linha entre os atores, formando um tipo de rede, contato ou interação entre eles, o que é considerado como uma conexão. Da mesma forma como apresentado anteriormente sobre a flexibilidade dos atores e suas identificações, as conexões também podem ser modificadas, variando conforme as estruturas dos grupos em que está inserida. Recuero (2009a) ainda aponta que essas interações ficam registradas no ciberespaço por um tempo limitado ou não, podendo o ator deletar tal informação a qualquer momento. Caso isso não ocorra, a informação se manterá ali.

Um dos aspectos que dão suporte às conexões é a interação realizada nas redes sociais. Caso isso não se mantenha, a qualidade da interação será menor. Recuero (2014) aduz que a interação nas redes sociais se amplifica a partir de uma conversação realizada inicialmente em um grupo de nós, que poderá, a partir de um nó, estabelecer um outro grupo de conexões (Figura 11). Ou seja, haverá um compartilhamento de informações entre um grupo de atores, perpassando para outros grupos. Nem todos os atores de determinada rede necessariamente participarão efetivamente da conversação (RECUERO, 2014), como representado pelas bolinhas brancas da Figura 11.

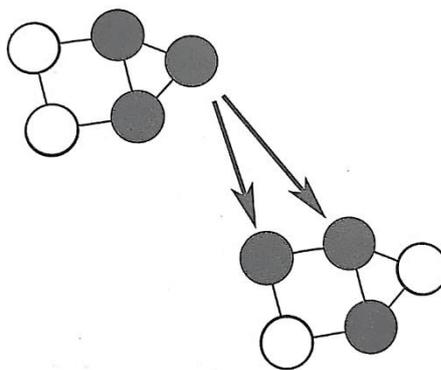


Figura 11 \_ Conversação e conexões na rede social  
Fonte: Recuero (2014).

Essa interação é como no mundo *off-line*, onde se tem um falante e um ouvinte. O diálogo e a expectativa de conversação nesse contexto só ocorrem a partir de um comportamento do ouvinte, da assimilação da informação e de possível verbalização. Quando ocorrem esses comportamentos verbais, entende-se que desenrola uma interação entre os sujeitos. Equitativamente isso ocorre no ciberespaço e nas redes sociais. Para que ocorra efetivamente uma interação, os atores precisam ter comportamento verbal ou não verbal<sup>34</sup> para que se estabeleça uma conexão, ou seja, como no comportamento verbal no mundo *off-line*, no mundo *on-line* a ação também dependerá de como o outro reage a determinados fatos, da reciprocidade do outro (RECUERO, 2009a, 2014). As conexões também dependerão de como é a CMC, se é síncronica e/ou assíncronica. Em qualquer uma dessas ocorrem as interações ou conexões entre os atores, mesmo que sejam por meio de formas e tempos distintos (RECUERO, 2009a).

[...] Essas mensagens, que podem constituir tanto conversação síncrona quanto assíncrona, são capazes de gerar elementos de valor, como o capital social. Portanto, as trocas e diálogos estabelecidos na mediação do computador têm forte impacto sobre as redes sociais dos atores (RECUERO, 2014, p. 143).

As conexões oportunizam a criação de grupos que partilham das mesmas ideias, crenças, valores, princípios, interesses e necessidades. O comportamento de participar, a partir da CMC, de uma postagem abrange a possibilidade de se encontrar ou não em determinado grupo. Latour (2012) discorre que não há grupos, mas formação de grupos, ou seja, visto a flexibilidade das relações estabelecidas nas redes sociais, o grupo ou os atores que ali se encontram podem se enquadrar em determinado grupo, do mesmo modo e a qualquer instante ele pode romper com

<sup>34</sup> Apontamos que possa ser não verbal, pois os mecanismos tecnológicos possibilitaram a partir dos *emojis* o comportamento não verbal através de símbolos.

o grupo devido a mudanças comportamentais. Para a constituição de grupos, há a necessidade de um “porta-voz” que irá expor e conduzir toda a discussão e interação. Ao postar determinado assunto, o ator se transforma em um “porta-voz” para tal assunto e discussão, possibilitando uma melhor organicidade no processo de interação (LATOURET, 2012), situação que podemos relacionar com o administrador da página “Quebrando o Tabu”, que se tornou o “porta-voz” da discussão em foco.

As redes sociais possuem uma característica emergente, especificamente pela CMC, disseminando discussões e rompimento (ou não) de paradigmas por todas as sociedades *off-line* ou *on-line*. Nesse âmbito, e na perspectiva deste trabalho, as redes sociais se transformaram em um espaço em que diversas manifestações políticas têm sido tratadas e disseminadas. Os movimentos sociais têm utilizado esses mecanismos como uma forma de se posicionarem social e politicamente, a fim de apresentarem seus ideais e perspectivas, diminuindo assim a marginalização<sup>35</sup> desses. Como afirmado por Castells (2017), a internet e as redes sociais têm possibilitado a visibilidade de determinados fatores, tornando-se um ambiente de questionamento sobre questões políticas, sociais, econômicas e culturais, de modo a ampliar a disseminação de problemática sociais e para possíveis espaços de diálogos. Os grupos minoritários encontraram nas redes sociais um espaço em que possam dialogar, expor suas indignações e, talvez, construir uma esperança de uma sociedade mais tolerante e respeitosa. Nesse sentido, o ciberespaço toma uma outra proporção, se caracterizando como um *lócus* que oportuniza o ciberativismo. Esse tem como finalidade lutar pelas questões acima levantadas, sobretudo por articular-se dentro das redes sociais e Internet (SANTOS; ROSSINI, 2014)

O Facebook no Brasil tem se configurado um dos principais ambientes de articulação política, onde a organização acontece desde os debates on-line até o compartilhamento dos registros e narrativas das mobilizações fora do ciberespaço. A rede social vai ganhando a forma proveniente da intencionalidade dos ativistas, que na sua maioria, não pertencem a partidos políticos e não são bons conhecedores das esferas políticas. São pessoas comuns que desempenham diferentes papéis na sociedade. (SANTOS; ROSSINI, 2014, s/p).

Mesmo que tenha se tornado um espaço de visibilização para grupos minoritários, a Internet e as redes sociais, por se caracterizarem como um espaço democrático (ao menos é o que esperamos dele) e flexível, também se tornam espaços de perseguições. Como dito anteriormente, o ciberespaço pode ser positivo e negativo. Mesmo com a incidência de grupos que buscam seus direitos perante a sociedade, há grupos que tentam menosprezá-los,

---

<sup>35</sup> Mesmo que com a disseminação e visibilidade de determinados grupos sociais a partir das redes sociais, há uma outra vertente que se contrapõe a determinados movimentos.

comentando e/ou apontando situações que podem intervir sobre o (re)conhecimento de camadas menos favorecidas (CASTELL, 2017). O caso da jogadora transexual Tiffany Abreu é um exemplo prototípico desse pensamento. Embora várias pessoas tenham apresentado afinidade com o processo de inclusão, outras tantas proferiram ataques contra a jogabilidade dela. As redes sociais poderia ser um *lócus* propício para o debate sobre o processo de inclusão e transformação social de pessoas transgêneras no esporte. No entanto, ao mesmo tempo em que se buscou maior visibilidade e compreensão sobre o grupo de pessoas transgêneras, as redes sociais também favoreceram a disseminação de ideias que são opostas ao processo de inclusão, ampliando o discurso de ódio. Segundo Silva et al. (2011, p. 446), “Através da rede, o homem comete ilícitos, propaga mensagens de conteúdo prejudicial, viola direitos fundamentais dos demais usuários.”. Grupos de pessoas que são contrárias a essa questão atacaram veemente as organizações esportivas administrativas e suas normativas, sobretudo as pessoas que são favoráveis à participação da jogadora Tiffany. Jogadores e jogadoras, técnicos, médicos e outros profissionais dos esportes, entre os mais diversos atores se posicionaram livremente sobre a jogadora Tiffany, por vezes expondo comentários sem nível técnico e específico para tratarem sobre a temática. A cibercultura se (re)organiza para atender aos novos mecanismos do grupo de atores e pelas conexões estabelecidas, sobretudo se tornando uma representação da realidade *off-line*. Mas não podemos deixar de criticar que, ocasionalmente, as situações são congêneres à realidade fora do ambiente virtual.

### **3.5 Facebook<sup>36</sup>: uma das muitas redes sociais**

Na pesquisa realizada por Santos e Santos (2014) foi identificado que o *Facebook* (Figura 12) é uma das maiores ferramentas utilizadas pelos usuários da Internet, considerada como uma das maiores plataformas de relacionamento do mundo. Arquitetada por Mark Zuckerberg, em 2004, tinha como principal finalidade estabelecer relações sociais dentro da instituição Harvard. A evolução dessa plataforma se deu ao expandir a proposta dessa rede social as outras instituições em 2006, tomando uma proporção gigantesca e se tornando de livre acesso para outras pessoas. Quando concebido, o *Facebook* tinha uma aproximação com o antigo e inutilizável Orkut, porém, com ferramentas e aplicativos diferentes e mais variados (ELLISON; STEINFELD; LAMPE, 2007; AMANTE, 2014; SANTOS; DOS SANTOS, 2014).

---

<sup>36</sup> Será dada ênfase somente nessa rede social, tendo em vista a perspectiva desta tese de doutorado.



Figura 12 \_ Ícone do *Facebook*  
Fonte: Facebook (2018)

A plataforma dessa rede social tem uma capacidade de manter pontes de relacionamentos *on-line* e *off-line*. Ellison, Steinfield e Lampe (2007) apresentam que, usualmente, um ator dispende em torno de vinte minutos na rede social *Facebook*. Esse, por sua vez, funciona a partir de perfis, comunidades e páginas. Possui vários outros mecanismos para facilitar a utilização, como *Messenger*, atalhos para comunidades e páginas que possuem vínculo, explorar documentos salvos, páginas, grupos, jogos, climas, ofertas, notas e outros (RECUERO, 2009b). O usuário ou ator pode, ao longo da sua *timeline*, ver as postagens, comentários e compartilhamentos de seus amigos, conhecidos e familiares, entre várias outras atividades. “No que você está pensando, [...]?” é a frase que está escrita no campo destinado ao ator para produzir uma publicação, podendo anexar fotos, gif e vídeos, marcar amigos, definir sentimentos/atividades, criar enquete e outras funções. Os atores podem optar por fazer uma *live*, ou seja, fazer um vídeo ao vivo. Essas publicações realizadas pelo ator do perfil podem ser aplicadas ao *feed* de notícias<sup>37</sup> e/ou ao “seu *story*”<sup>38</sup>.

Amante (2014) trata das características do *Facebook*, especificamente como ocorre o processo de criação do perfil e sobre como ocorrem as conexões. O ator, nesse processo de criação do perfil, deverá responder a um questionário que solicita informações variadas, tais como nome, data de aniversário, gênero, idiomas, políticas e religião. No entanto, essas informações não são de caráter obrigatório, exceto o nome e data de aniversário. Também é possível colocar imagem de perfil e uma foto de capa. Dados sobre trabalho e educação, locais onde nasceu e mora, informações básicas e de contato, associar o perfil com familiares e outros relacionamentos, acontecimentos e detalhes sobre o ator, fazem parte do item “sobre”, também são de caráter facultativo. Muitas dessas informações possibilitam a publicização ou não, tornando alguns dados privados para os contatos diretos. Além disso, pode estabelecer aqueles que poderão visualizar essas informações dentro dos contatos diretos. O álbum de fotos também está disponível no *Facebook*, uma ferramenta que organiza álbuns específicos ou faz o

<sup>37</sup> São publicações que possibilitam manter a conexão com outros atores, locais e informações importantes (FACEBOOK, 2019a).

<sup>38</sup> *Story* é uma forma de compartilhamento de fotos ou vídeos com os amigos e/ou seguidores que ficam disponíveis por um período de 24 horas (FACEBOOK, 2019b).

compartilhamento das imagens publicadas no *Instagram*. As fotos se organizam de acordo com marcações em outras fotos publicadas por atores que fazem parte dos vínculos de amizades. Esse mecanismo de marcar as fotos a partir de outros perfis é uma forma de divulgar as imagens de momentos que foram publicadas por outros. Essa possibilidade se dá através do reconhecimento facial das pessoas nas fotos, facilitando a identificação (AMANTE, 2014).

Após a criação do perfil, o usuário poderá buscar por outras pessoas com as quais possua (ou não) vínculo. Ao realizar essa pesquisa, o ator encaminha um convite para aqueles que têm um perfil privado ou bloqueado, ou seja, uma solicitação de amizade. Caso o perfil se encontre público ou aberto, essa solicitação de amizade é imediata, caso contrário há a necessidade do outro aceitar ou rejeitar a solicitação. Com o perfil criado, o ator poderá adentrar em páginas e/ou grupos de acordo com seus interesses. Da mesma forma que os perfis, os grupos e páginas podem ser públicos ou privados. Quando privados, alguns grupos e páginas solicitam o preenchimento de um questionário a fim de verificar se o ator solicitante tem características em comum com a proposta do grupo, cabendo ao administrador aceitar ou não. Quando públicos, basta que o usuário clique no botão de “seguir”, sem a necessidade de solicitação (AMANTE, 2014). Uma outra característica dessa rede social é a flexibilidade dos contatos, podendo ser desfeitas as amizades a qualquer momento. Caso o ator não deseje desfazer a amizade com alguém, basta deixar de segui-la que ao mesmo tempo deixará de ver a publicações desse outro ator ou colocar em modo soneca por 30 dias.

Atualmente, o *Facebook* é uma das maiores plataformas do mundo. Possui o maior número de usuários, com um total de mais de 2 bilhões de usuários ativos por mês, como visto na Figura 13. Amante (2014) apresenta que um dos principais motivos para usar o *Facebook* é o fato de possibilitar a manutenção e concretização das relações para além do âmbito *off-line*. Outros motivos são menos impactantes do que esse apresentado, tal como construir novas amizades e vínculos, popularidade, ocupar o tempo, como uma ferramenta de tarefas a serem realizadas, como ambiente de (ciber)ativismo e outros. Pelas possibilidades e ferramentas atribuídas pelo *Facebook* seria impossível determinar, rigidamente, quais são os objetivos de cada ator dentro dessa rede.

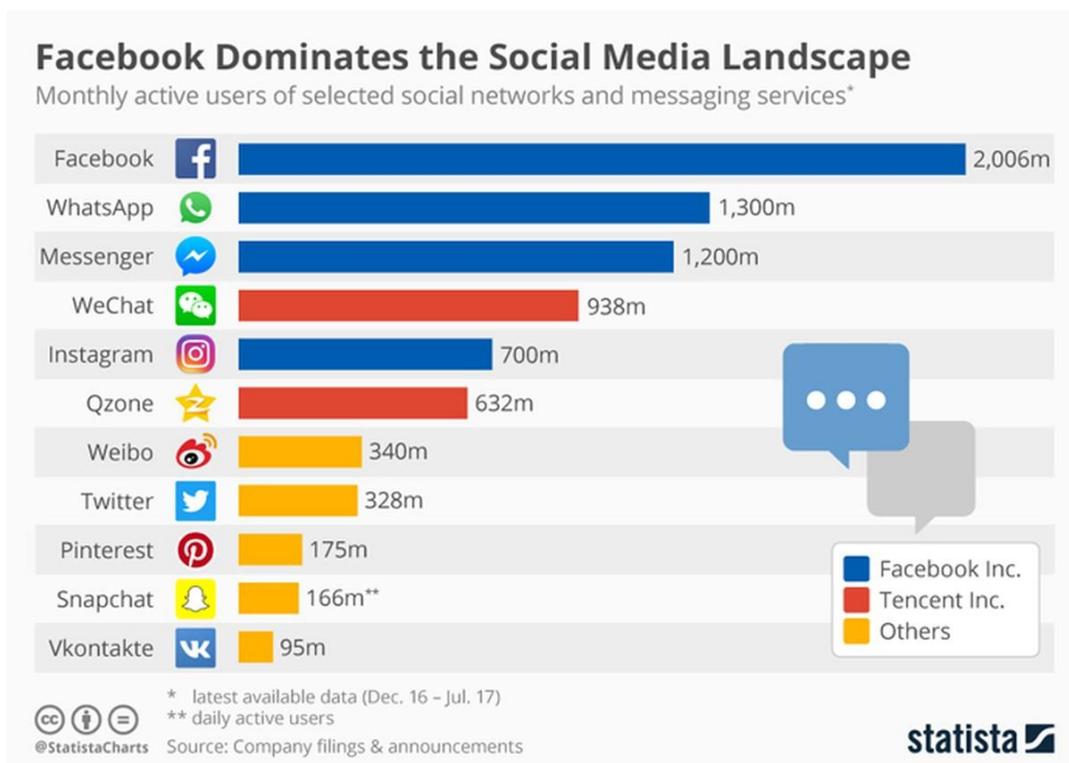


Figura 13 \_ Quantitativo de usuários nas redes sociais, dados de 2017  
 Fonte: Kurtz (2017).

Um dos mecanismos que o *Facebook* possui é a comunicação através de símbolos, como o “*like*” (curtir). Para Recuero (2014), quando um ator publica alguma informação e outro curte a publicação, forma-se um par adjacente, ou seja, estabelece-se uma relação entre os atores, podendo ser considerada como uma forma de resposta para a publicação. Para além disso, atualmente, o *Facebook* também apresenta outras representações simbólicas para além do *like*, em formato de *emojis* que visam apreender outras manifestações para além do “joia” dado através do curtir. Esses *emojis* possibilitam outras formas de demonstrar os sentimentos/emoções para com o que foi publicado, evidenciados, respectivamente, por: “*like*” (“curtir”), amar (“Amei”), gargalhar (“Haha”), surpreender-se (“Uau”), tristeza (“Triste”) e fúria (“Grr”) (Figura 14).



Figura 14 \_ Emojis como respostas a comentários publicados no *Facebook*  
 Fonte: Gomes (2016)

O *Facebook* possui a ferramenta de compartilhar (*share*) determinadas informações, aquelas que representam maiores interesses para os atores, aproximando-se das perspectivas de cada um desses. Essa ferramenta se torna uma alternativa para estabelecer e/ou recuperar os pares conversacionais. Desse modo, a comunicação que se estabelece no *Facebook* se organiza e reorganiza de acordo com o que é emitido nessa rede (RECUERO, 2014). É possível empreender que o ato de compartilhar as informações é uma forma de explorar a informação da postagem, possibilitando uma ampliação das discussões sobre determinada temática. Uma vez compartilhada a postagem, serão estabelecidas novas interações e conexões com outros atores.

O capital social é modificado pela CMC e se estabelece a partir da qualidade das conexões de uma rede social. Para Recuero (2009b, p. 45) o conceito de capital social “refere-se a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais”. O capital social refere-se a questões morais e cívicas, do coletivo e individual, de consenso, reciprocidade, questões de poder e conflito, questões de classe, pertencimento a determinado grupo, e controle sobre determinados recursos e interesses. Ademais, podemos pensar que todos esses pontos salientados sobre o conceito de capital social remetem à organização e expansão de uma comunidade (RECUERO, 2009b). A rede *Facebook* possibilita a ressignificação do capital social mesmo com elos mais fracos, havendo a possibilidade de manter contato entre vários atores mesmo à distância.

Quando observada a “privacidade”<sup>39</sup>, o *Facebook* possui uma melhor estrutura do que as outras redes sociais. Há uma delimitação das informações que podem ser fornecidas de alguns usuários (perfis), páginas e grupos, sendo que para ter acesso a essas informações há a necessidade de se estabelecer uma conexão entre os pares. Quando se estabelece essas conexões, ambos os atores podem ter acesso às informações dos perfis, sendo assim, essa comunicação e rede social pode ser considerada com síncrona (SANTOS; SANTOS, 2014; RECUERO, 2014).

Por fim, o *Facebook* possui diversas outras ferramentas que proporcionam para os usuários várias formas de interação entre os atores e conexões, de manter e romper contatos, além de formas de evidenciar determinadas publicações, fotos, vídeos, eventos, tarefas, jogos e outros. Essa plataforma segue as inovações tecnológicas da contemporaneidade, sempre apresentando atualizações para o sistema, com o objetivo de melhorar as condições de uso, de conexões e de privacidade.

---

<sup>39</sup> Colocamos entre aspas, pois questionamos a questão de privacidade instituída pelo *Facebook*. Será que realmente há uma política que estabelece essa privacidade a todos os usuários?

## CAPÍTULO 4. LINGUAGENS E CATEGORIAS DAS POSTAGENS SOBRE O CASO TIFANNY

### 4.1 A linguagem não verbal da publicação: analisando os *emojis*

A linguagem enquanto signo da espécie animal, sobretudo da espécie humana, é a capacidade de sistematizar formas de expressar e organizar o pensamento. É considerada como uma das primeiras formas de socialização de uma criança. Borges e Salomão (2003) apontam que as primeiras relações de linguagem são realizadas a partir das interações com os pais, momento em que a criança, mesmo sem conseguir verbalizar as informações, tem acesso a informações, valores, crenças e regras.

No estudo de Borges e Salomão (2003), intitulado *Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social*, é apontado que a linguagem é uma característica da espécie humana, provindo de um sistema de significados e significantes. “O significante refere-se ao aspecto formal da linguagem, e é constituído pela junção hierárquica dos elementos – fonemas, palavras, orações e discurso.”. “O significado, por outro lado, refere-se ao aspecto funcional da linguagem, considerado como o responsável pela comunicação no meio social [...]” (p. 327). Essa relação entre significado e significante tem uma importância profunda sobre a sociedade, dado que não basta somente a formalidade da linguagem, mas todos os seus aspectos simbólicos e operacionais.

Esse processo de linguagens e de signos são erroneamente entendidos pelos meios que são expressos, ou seja, há muita compreensão de que a linguagem tem somente caráter verbal. Não obstante, há o reconhecimento que as formas de expressão a partir de pinturas, desenhos, música, gravura, escultura, movimentação corporal e outras formas de manifestações também são linguagens, uma vez que possuem significados (LÉVY, 2000; SANTAELLA, 2001). Na publicação analisada nesta tese houve diversas formas de expressar essa linguagem, não restringindo somente a parte escrita, mas também utilizando símbolos e/ou linguagem não verbal, aqui relatada através dos *emojis*. Para mais, compreendemos que há um pensamento, linguagem e/ou expressão que se vincula à parte escrita, isto é, os atores necessariamente construíram e organizaram um pensamento formal para ser transcrito, advindo de suas concepções, vivências e experimentações. Destarte, o que foi escrito é um produto simbólico do que foi construído em mente.

Santaella (2001) propõe algumas matrizes de linguagem, apontando a sonora, visual e verbal. Em consonância com a análise dos *emojis* da publicação analisada, trataremos nesse momento especificamente sobre a linguagem visual, que de acordo, com a autora (2001, p. 186) “as modalidades do visual dizem respeito às formas visuais estruturadas como linguagem, isto é, às formas visuais representadas. Quando digo ‘linguagens’ e ‘representação visual’, pretendo que esses termos já funcionem como indicadores de uma delimitação.”. Nesse sentido, a linguagem visual pretende representar alguma coisa do mundo visível (SANTAELLE, 2001), estando os *emojis* como forma simbólica com finalidade de equivaler aos gestos, expressões e sentimentos humanos, sendo, nesse caso, expresso e materializado no ciberespaço (PAIVA, 2016).

Os espaços virtuais compreendem em uma complexidade de linguagens e hibridação das matrizes de linguagem, como salientado por Santaella (2001). Esse espaço interfere de modo particular na forma dos atores se expressarem e na escrita, devido ao fato de compreenderem e utilizarem outras formas simbólicas e de comunicação. A evolução tecnológica e a possibilidade da CMC deve ser pensada como uma evolução antropológica, devido às novas técnicas desse universo e as formas de interação no ciberespaço. O corpo material se transforma ao ter contato com uma máquina artificial, integrando esses dois aspectos. A evolução tecnológica tem oportunizado o desenvolvimento de *softwares* cada vez mais atualizados, com o intuito de simular os processos mentais do ser humano.

Retomando a contextualização da linguagem no ambiente virtual, corroboramos o pensamento de Lévy (2000) de que esse ambiente oportuniza a interlocução e interação de múltiplas formas e de modo real, sendo de “um para”, de “um para muitos” e de “muitos para muitos”. Esse fato se dá pela amplitude e dimensionalidade que o ciberespaço possibilita aos atores e as conexões entre eles. “O principal significado do ciberespaço é a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e linguísticas estão vivas.” (LÉVY, 2000, p. 65). Sendo modificadas a todo momento para atender as necessidades e interesses da cibercultura e dos atores.

Os *emojis* se tornaram uma forma de linguagem para as mídias sociais, sendo que desde a sua criação até a atual conjuntura, a utilização dos *emojis* expandiram-se para além desse contexto, sendo utilizadas em diversas mídias televisivas, por exemplo. Paiva (2016) apontam que os *emojis* têm a finalidade de “pontuar” as frases e que pela dificuldade em expressar determinados sentimentos somente na linguagem escrita, os *emojis* propiciam maior entonação, expressões e sentimentos a parte verbalizada. Para além disso, Paiva (2016) também reflete a partir de uma analogia com o ponto de interrogação, de que determinados símbolos têm a

finalidade de expressão. E isso é possível a partir dos *emojis*, uma carinha de espanto () pode ser encaminhada, uma carinha como monóculo () representa que você está realmente desconfiado, entre outras formas de carinhas, pessoas, alimentos, bandeiras, atividades e outros, isto é, de *emojis*. O *Facebook* apresenta diversas possibilidades de comportamentos a uma postagem, utilizando as reações de “like” (“curtir”), amar (“Amei”), gargalhar (“Haha”), surpreender-se (“Uau”), tristeza (“Triste”) e fúria (“Grr”). Analisando os *emojis* da publicação em estudo sobre o caso de Tiffany, temos o quantitativo de 4.100 reações, divididas nas categorias apresentadas pelo Quadro 6.

Quadro 6 \_ Quantitativo de reações sobre a publicação na página “Quebrando o Tabu”

Carinha	Significado	Quantitativo
	Curtir ( <i>Like</i> ) Pode indicar o conhecimento e leitura da publicação, aprovação e curtiu a situação.	2.809 (68,51%)
	Amei Indica forte atração e/ou aprovação pela publicação. Pode indicar felicidade com relação ao assunto ou concordar com a opinião.	622 (15,17%)
	Grr Indica que não aprova a publicação, indignação, desconforto.	511 (12,46%)
	Haha Indica que achou graça do assunto. Considerado como um botão da “zueira”, pode identificar reação de ironia, sarcasmo ou mais simpatia do que o curtir ( <i>Like</i> )	71 (1,73%)
	Triste Utilizado em situações que o <i>emoji</i> curtir ( <i>Like</i> ) pode não ser ideal, indica desaprovação, mágoa, nostalgia.	44 (1,07%)
	Uau Indica surpresa com a publicação, utilizadas em situações surpreendentes, boas ou ruins.	43 (1,05%)

Fonte: De Souza (2016, adaptado) e os autores (2019).

Até junho de 2018, data da presente análise, 4.100 participantes da página “Quebrando o Tabu” da rede social *Facebook* haviam reagido à publicação na forma de símbolos, que foram assim distribuídos: 2.809 “curtidas”; 622 “amei”; 511 ficaram “bravos” ou “furiosos”; 71 “gargalharam”; 44 ficaram “tristes”; e 43 “se surpreenderam”. Pela descrição apresentada no Quadro 6, identifica-se que é possível haver uma interpretação errônea sobre os significados dos *emojis*, uma vez que a conceituação dos mesmo possui uma ambiguidade, a exemplo o *emoji* “Haha” e “Uau”, onde o primeiro pode indicar sarcasmo, mas ao mesmo tempo pode indicar mais simpatia do que o curtir; e o segundo indica surpresa com situações boas ou ruins. Os resultados quantitativos parecerem favoráveis à inclusão de pessoas transexuais no esporte (83,68% dos participantes curtiram e amaram a publicação), considera-se que as reações simbólicas dos *emojis* podem possuir significados distintos, podendo ser interpretados de modo variado. No entanto, a partir desses dados é reconhecível que há um agrupamento de pessoas que se solidarizam sobre o ingresso ficando, de algum modo, satisfeitos com a notícia.

De fato, essa situação pode ocasionar uma confusão para os atores ao se expressarem a partir das reações possibilitadas pelo *Facebook*. Para além disso, atentamos que o processo de identificar com os *emojis* pode ser muito subjetivo, sendo que cada ator tem uma percepção que vai para além da definição desses. Ao mesmo tempo depreendemos e reforçamos a ideia de que os *emojis* são uma forma de linguagem expressa, em maior parte, no ciberespaço e que há uma funcionalidade dentro desse contexto. A percepção de quem emite e de quem recebe o símbolo dependerá da análise pessoal e do olhar de cada um dos atores, sendo que o aspecto cultural e social tem forte influência sobre a percepção e uso dos *emojis* (MORO, 2016; PAIVA, 2016). Exempli gratia, o “curtir” pode ser utilizado como forma de simbolizar a ciência a respeito da postagem e não necessariamente a concordância com o tema. Mas, apesar dessa leitura do *like* e visto o quantitativo de possibilidades de manifestações oferecidas pelo programa do *Facebook*, os atores possuem mais alternativas de expressarem seus sentimentos “reais” sobre o assunto através desses símbolos. Dessa forma, corroboramos com Moro (2016)

Nesse caso, a forma de expressão contemporânea acabou por ser utilizada de diversas maneiras. O vocabulário próprio de representação de cada pessoa criou identidades e fez dela múltiplos usos, preenchendo as lacunas por meio de interpretações culturais e vocabulários próprios, constituindo a percepção. A percepção depende essencialmente da interpretação de quem está vendo, vinculada aos estímulos, aos aparelhos fisiológicos e às sensações. (MORO, 2016, p. 62)

De resto, na era da tecnologia há uma rápida e constante evolução, caracterizando esse momento histórico como mutável. Existem novas formas de comunicação textuais multimodais que não utiliza somente as formas de escrita para expressar algo, consideradas como

multissemióticos. Essa forma de comunicação apropriou-se de outras formas, como os *emojis*, através de expressão simbólica, dando mais significado para o texto escrito (SANTAELLA, 2001; PAIVA, 2016; RIBEIRO; AMORIM; DOS REIS NUNES, 2016). Esses textos possuem uma proximidade com todas as estruturas e ações das práticas sociais e culturais, exigindo dos sujeitos uma compreensão e percepção sobre os assuntos, interpretando e ressignificando as informações providas do meio *on-line* e *off-line*.

#### 4.2 Análise global dos comentários da página “Quebrando o Tabu”

O resultado referente à análise das palavras do conjunto global dos comentários, sobretudo a frequência das palavras, é um dos indicadores para apresentar uma perspectiva abrangente do que foi proferido junto ao campo empírico-virtual. Consideramos como um conjunto global todos os comentários incluídos na publicação. À vista disso, foi identificado os seguintes dados apresentados no quadro 7 e na figura 15.

Quadro 7 \_ Frequência global de palavras

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1°	mulher	6	161	mulher, mulheres
2°	trans	5	118	trans
3°	pessoas	7	58	peessoa, pessoas
4°	testosterona	12	53	testosterona
5°	homem	5	49	homem, homens (sic)
6°	opinião	7	45	opinião
7°	homens	6	40	homens, “homens”
8°	esporte	7	39	esporte, esportes
9°	preconceito	11	38	preconceito, preconceitos
10°	comitê	6	37	comitê, comitês
11°	estudo	6	36	estudo, estudos
12°	time	4	35	meter, time, times
13°	força	5	34	força
14°	comentário	10	33	comentário, comentários
15°	médicos	7	33	médico, médicos
16°	atleta	6	32	atleta, atletas
17°	caso	4	30	caso, casos
18°	jogar	5	30	jogar
19°	melhor	6	30	melhor, melhores
20°	masculino	9	29	masculino, masculinos
21°	jogadoras	9	28	jogadora, jogadoras

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
22°	corpo	5	27	corpo, corpos
23°	questão	7	27	questão
24°	anos	4	26	anos
25°	ponto	5	26	ponto, pontos
26°	feminino	8	25	feminino, femininos
27°	física	6	24	física, físicas
28°	vantagem	8	24	vantagem
29°	contra	6	23	contra
30°	existe	6	23	existe, real
31°	falando	7	23	falando
32°	achismo	7	22	achismo, achismos
33°	diferença	9	22	diferença, diferenças
34°	muscular	8	22	muscle, muscular, musculares
35°	tiffany	7	22	tiffany
36°	gente	5	21	gente
37°	vôlei	5	21	vôlei
38°	decisão	7	20	decisão
39°	conselho	8	19	conselho
40°	fatos	5	19	fato, fatos
41°	assunto	7	18	assunto
42°	liga	4	18	liga
43°	nunca	5	18	nunca
44°	jogos	5	17	jogo, jogos
45°	tratamento	10	17	tratamento, tratamentos
46°	cara	4	17	cara
47°	recordes	8	17	recorde, recordes
48°	concordo	8	16	concordo
49°	diferente	9	16	diferente, diferentes
50°	hormonal	8	16	hormonal
51°	sexo	4	16	sexo, sexo', sexos
52°	falar	5	15	falar
53°	feminina	8	15	feminina, femininas
54°	grande	6	15	enorme, enormes, grande, grandes
55°	ninguém	7	15	ninguém
56°	números	7	15	número, números
57°	alta	4	14	alta, altas
58°	ciência	7	14	ciência, ciências
59°	justo	5	14	justo, justos
60°	olímpico	8	14	olímpico, olímpicos
61°	problema	8	14	problema, problemas
62°	vida	4	14	vida
63°	hormônios	9	14	hormônio, hormônios

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
64°	amigo	5	13	amigo, amigos
65°	opinar	6	13	opinar
66°	parece	6	13	parece, parecer
67°	preconceituoso	14	13	preconceituoso, preconceituosos
68°	qualquer	8	13	qualquer
69°	verdade	7	13	verdade, verdades
70°	óssea	5	13	óssea
71°	forte	5	12	forte, fortes
72°	jogador	7	12	jogador, jogadores
73°	saber	5	12	saber
74°	vantagens	9	12	vantagens
75°	achar	5	11	achar
76°	acredito	8	11	acredito
77°	demais	6	11	demais
78°	discussão	9	11	discussão
79°	especialistas	13	11	especialista, especialistas
80°	forma	5	11	forma, formas
81°	gênero	6	11	gênero
82°	masculina	9	11	masculina
83°	mudança	7	11	mudança, mudanças
84°	sabe	4	11	sabe
85°	simples	7	11	simples
86°	social	6	11	social
87°	também	6	11	também
88°	tempo	5	11	tempo
89°	alguns	6	10	alguns
90°	categoria	9	10	categoria
91°	físico	6	10	físico, físicos
92°	luta	4	10	luta
93°	massa	5	10	massa
94°	nenhum	6	10	nenhum
95°	níveis	6	10	níveis
96°	nível	5	10	nível
97°	próprio	7	10	próprio, próprios
98°	superior	8	10	superior, superiores
99°	tiffany	7	10	tiffany
100°	tipo	4	10	tipo, tipos

Fonte: Os autores (2019)

Com suporte no Quadro 7, é possível verificarmos que as três primeiras palavras e seus sinônimos remetem-se a “mulher”, “trans” e “pessoas”. A palavra “esporte” e “comitê” está



será percorrido nesse momento sobre o que foi analisado nas categorias biofisiológica e sociocultural de modo geral.

#### 4.3.1 Categoria Biofisiológica

Inicialmente pedimos licença para as ciências biológicas antes de adentrarmos a discussão sobre a categoria biofisiológica. Nesse momento há necessidade de irmos além da análise provinda das ciências duras, de uma análise que se estabeleça em consonância com as ciências sociais e humanas, sobretudo pelo fato de a Educação Física suscitar diálogos entre todas essas áreas de conhecimento. Mencionamos certa restrição nessa discussão, devido à linha de pesquisa do trabalho e à vertente epistemológica dos pesquisadores. Assim, essa parte se estrutura por uma análise consubstancialmente inicial e reflexiva sobre as características biofisiológicas, sem afastar das ciências sociais e humanas. Para um embasamento da mesma natureza, optamos por trabalhar com autores que sustentam a ideia de que os estudos de gênero e sexualidade não negam as influências da área biológica.

Sobre a frequência de palavras dessa categoria (Quadro 8 e Figura 16) é evidente que a palavra “mulheres” aparece novamente como mais utilizada nos comentários dos atores, seguida por “testosterona” e “médicos”. Esses dados apresentam que o discurso biológico ainda estabelece relação direta com os fatores fisiológicos e anatômicos, particularmente quando observadas as mulheres transexuais. Os discursos apontam a relevância dos saberes médicos para sustentar a legitimidade e jogabilidade de pessoas transgêneras, no caso transexuais, para competirem com pessoas cisgêneras. Outro ponto bastante ressaltado nos discursos provindos do campo empírico-virtual analisado é de que pessoas transexuais, como Tiffany Abreu, teriam mais vantagens nas habilidades físicas, produto da produção de testosterona antes do processo de transição. Os atores reforçam a fala da ex-jogadora Ana Paula de que o corpo de Tiffany foi “construído com base no hormônio da testosterona”. Essas vantagens apontadas pelos atores dos comentários substanciam a ideia de que há diferenças significativas nas habilidades, desempenho e performance da jogadora, o que poderia causar uma vantagem desproporcional. Outro ponto ressaltado veemente nos comentários é a falta de estudos que corroborem a elegibilidade e legitimidade de pessoas transgêneras nos esportes, mesmo que alguns autores tenham, por vezes, apresentado estudos, como o de Harper (2015), que apontam que há modificações estruturais nos corpos e fisiologia das pessoas transgêneras, consequentemente declinando as habilidades físicas em mulheres transexuais.

Quadro 8 \_ Frequência de palavras de categoria Biofisiológica

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	mulheres	8	38	mulher, mulheres
2º	testosterona	12	27	testosterona
3º	médicos	7	26	médico, médicos
4º	trans	5	21	trans
5º	força	5	20	força
6º	diferença	9	13	diferença, diferenças
7º	física	6	13	física, físicas
8º	muscular	8	12	muscular, musculares
9º	vantagem	8	12	vantagem
10º	estudos	7	11	estudo, estudos
11º	homens	6	10	homens
12º	questão	7	10	questão
13º	esporte	7	9	esporte, esportes
14º	homem	5	9	homem, homens
15º	hormonal	8	9	hormonal
16º	caso	4	8	caso, casos
17º	musculatura	11	8	musculatura
18º	pessoas	7	8	peessoa, pessoas
19º	tratamento	10	7	tratamento, tratamentos
20º	alta	4	7	alta, altas

Fonte: Os autores (2019)



Figura 16 \_ Nuvem de Palavras: Categoria Biofisiológica

Fonte: Os autores (2019)

#### 4.3.2 Categoria Sociocultural

Além da categoria biofisiológica, foi codificada a categoria sociocultural, com o objetivo de elencar os conteúdos que retratam uma perspectiva social e cultural sobre o processo de inclusão de transexuais. Foram organizadas subcategorias para construir essa perspectiva e

para a análise dos conteúdos notórios dentro dos comentários dos atores, sendo: corpo (26)<sup>40</sup>; gênero (33); identidade de gênero (46); estigmas (42); legitimação (21); preconceitos (77). A partir desse quantitativo é perceptível que há inter-relação dessas categorias, uma vez que o corpo faz parte da identidade, exprimindo o gênero e a identidade de gênero. Quanto às pessoas transexuais, há determinados estigmas sobre os corpos e sobre a forma de se identificar. Mesmo que haja esses estigmas, há uma legitimação sobre as identidades de gênero e o processo de inclusão de pessoas transexuais nos esportes, sobretudo quando analisado e relacionado com o Estudo de Gênero e Sexualidade na Educação Física. Há também legislações, documentos (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição - DSM-V) e instituições que legitimam a identidade de gênero e ingresso nos esportes. Embora se disponha de poucos mecanismos de aceitação e reconhecimento da pluralidade de identidades de gênero, como é o caso da criminalização da LGBTfobia analisada pelo Superior Tribunal Federal no início de 2019, ainda é evidente o preconceito, velado ou não, seja na sociedade, no ciberespaço e nas redes sociais.

Diante dessa categoria, identificamos que novamente o termo “mulher” e seus sinônimos são ressaltados em maior quantitativo, sendo sistematicamente vinculado ao termo “trans”, como uma forma de identificar a identidade de gênero. “Preconceito” é a terceira palavra com maior quantitativo, sendo que nos comentários dos atores há o posicionamento de que não é preconceito a opinião deles (Quadro 9 e Figura 17), embora entendemos esse discurso como uma forma de camuflar a intolerância. Entender nessa perspectiva sociocultural é ressaltar que gênero e sexualidade não estão subordinados somente à área médica, mas que a construção também tem uma relação cultural, histórica e social (NICHOLSON, 2000; GOLDENBERG, 2005; GOELLNER, 2009; LOURO, 2014; LANZ, 2015; BUTLER, 2017). As questões de gênero e sexualidade, sobretudo a diversidade dessas, ainda são consideradas como tabu para a sociedade, visto a forma que a heterocisnormatividade<sup>41</sup> é tratada e instituída em nossa sociedade. As opiniões de vários atores não apontam para uma aceitação do processo de inclusão, por considerarem que o corpo de Tiffany é dissonante e abjeto, posto que não é um corpo considerado naturalmente como “feminino” e sim como um corpo artificial.

---

<sup>40</sup> Número de comentários categorizados.

<sup>41</sup> Conjunto de sistemas e normas que estabelece como aceito e natural a heterossexualidade e a cisgeneridade.

Quadro 9 \_ Frequência de palavras categoria sociocultural

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	mulher	6	33	mulher, mulheres
2º	trans	5	28	trans
3º	preconceito	11	25	preconceito, preconceitos
4º	corpo	5	19	corpo
5º	contra	6	14	contra
6º	jogar	5	14	jogar
7º	jogadoras	9	11	jogadora, jogadoras
8º	pessoas	7	11	pessoa, pessoas
9º	homem	5	11	homem
10º	opinião	7	11	opinião
11º	existe	6	10	existe, real
12º	questão	7	10	questão
13º	testosterona	12	9	testosterona
14º	time	4	9	time, times
15º	ponto	5	8	ponto, pontos
16º	preconceituoso	14	8	preconceituoso, preconceituosos
17º	sociedade	9	8	sociedade
18º	esporte	7	7	esporte, esportes
19º	gente	5	7	gente
20º	homens	6	7	homens

Fonte: Os autores (2019)



Figura 17 \_ Nuvem de Palavras: categoria sociocultural

Fonte: Os autores (2019)

Mediante a essas informações, é possível afirmarmos que a repercussão causada pelo processo de ingresso da jogadora Tiffany Abreu se dá pela identidade de gênero. Associa-se essa fuga da heterocisnormatividade com alguns argumentos biológicos para se reforçar que a jogadora possui um corpo abjeto, quando comparado ao das outras jogadoras. Esse corpo abjeto que foi modificado mediante processos cirúrgicos e tratamentos hormonais concomitantes à

perspectiva de que antes do processo de transição de gênero e a “construção” do corpo com hormônio testosterona possibilitaram à Tiffany melhores desempenhos físicos quando comparados com mulheres cisgêneras. A valer, há um preconceito impregnado nas opiniões dos atores quanto ao ingresso da atleta, pois além de romper com paradigmas tradicionais, rompe-se, também, com alguns posicionamentos das ciências biológicas.

## CAPÍTULO 5. ESTUDOS DE GÊNERO: SEXO, GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Na contemporaneidade, é reconhecível haver vários desdobramentos que remetem a gênero e sexualidade, maiormente ao trato que tem sido feito nos diversos contextos. Gênero e sexualidade têm circulado por diversos mecanismos de comunicação, seja explicando a diversidade existente ou até mesmo estereotipando esses termos e determinados grupos. É necessário compreendermos que sexo, gênero, identidade de gênero, papel/função de gênero, identidade sexual<sup>42</sup> e orientação sexual (Figura 18) são termos-chave presentes cotidianamente e que nem sempre se inter-relacionam. Esses termos estão registrados nos corpos, pensamentos e modos dos indivíduos se comportarem e pensarem. É válido ressaltarmos que em cada cultura há determinadas condutas sobre esse assunto, sendo tabu para alguns discuti-lo, enquanto em outras há maior preocupação e entendimento sobre os fenômenos de identificação do ser. Para que a discussão ocorra de forma satisfatória, é necessário compreendermos conceitualmente quais os significados e distinções sobre esses termos.

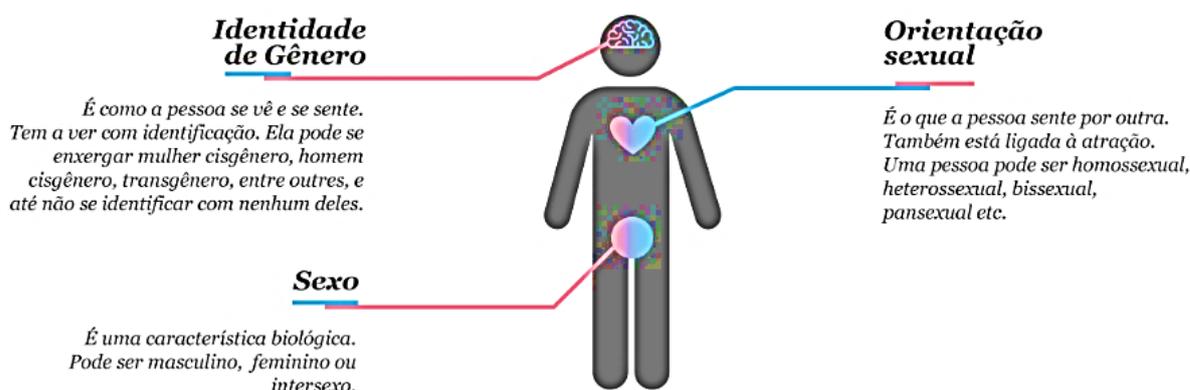


Figura 18 \_ Enxergando a diversidade.  
Fonte: Dicionário de Gênero (2016)

As diversas manifestações sociais e midiáticas têm levado a uma maior visibilidade de alguns grupos minoritários, enquadrando mulheres, gays, lésbicas e todos os grupos elencados na transgeneridade, como é o caso da transexualidade. No entanto, é perceptível que a

<sup>42</sup> Segundo Nicholson (2000), a identidade sexual é um ponto partilhado entre as várias culturas e sociedades, reiteradamente generalizada. “[...] produto de um sistema de crenças específico de sociedades modernas ocidentais, podemos também apreciar a diversidade profunda das formas pelas quais a distinção masculino/feminino pôde e pode ser entendida.” (NICHOLSON, 2000, p. 15).

visibilidade desses grupos ainda se enraíza em vários preconceitos e segregações existentes, mesmo com a massificação de informações. Isso é reflexo de uma sociedade que se alicerça na soberania de um grupo em particular (homens brancos, heterossexuais e de classe alta).

### 5.1 Sexo: o Biológico em Questão

Segundo o Dicionário de Gênero, sexo<sup>43</sup> é “uma característica biológica. Pode ser masculino, feminino ou intersexo” (DICIONÁRIO DE GÊNERO, 2016, s/p), ou seja, é um conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o macho da fêmea; conjunto de pessoas que têm morfologia idêntica relativamente ao aparelho sexual, órgãos sexuais, relação sexual, atividade reprodutora, sensualidade e prazer sexual. De maneira coesa, a definição atual de sexo é estabelecida pelo pré-discurso existente, tal como abordado e defendido pela Teoria *Queer*. Sexo, como proposto pelas ciências duras, refere-se à parte genital, à morfologia, biologia e fisiologia dos seres vivos, existindo alguns tipos de sexo: macho, fêmea, intersexo e nulos<sup>44</sup> (GOELLNER, 2009; 2010; GRESPAN; GOELLNER, 2014; LANZ, 2015; IWAMOTO; ALMEIDA, 2018). Essa é a definição utilizada por parte da população que enfatiza que sexo é a mistura de genes ao se reproduzirem, situação que é proveniente de uma relação entre um “macho” e uma “fêmea” (GEARY, 1998; HIRD, 2000; ROUGHGARDEN, 2004).

Para se enquadrar como macho, o sujeito deverá apresentar cromossomos XY, pênis e os testículos, além de outras características primárias e secundárias que virão a aparecer ao longo da vida. Além desses aspectos, o macho em sua fisiologia terá uma maior produção de testosterona pelas gônadas masculinas, declinando a partir da fase adulta. Quando, há a presença de cromossomos XX, de vagina (parte externa), ovários, útero, duas tubas uterinas, ovidutos ou trompas de falópio e outras características secundárias, o sujeito será classificado como fêmea. A progesterona e o estrogênio são os principais hormônios produzidos no ovário (ROUGHGARDEN, 2004).

Sobre os intersexos ou intersexuais, é necessário compreender que nem sempre essa condição está relacionada obrigatoriamente aos órgãos genitais ou à exposição da vagina e do pênis, mas a uma condição em que a produção e a sensibilidade dos hormônios andrógenos e da carga genética não sejam compatíveis com a estética da pessoa. A título de exemplo, “[...]”

---

<sup>43</sup> Etimologia da palavra sexo: do latim *sexus*.

<sup>44</sup> Esse último termo não é tratado no Dicionário de Gênero, mas entendemos como aquela pessoa que nasce sem o órgão genital definido ou explícito.

refere-se a indivíduos de fenótipo feminino, porém com genótipo e gônadas masculinos” (KORMANN et al., 2016, p. 39). Atualmente, considera-se como intersexos as pessoas que possuem distúrbios na diferenciação sexual, sendo uma condição rara de acontecer (SILVA JUNIOR, 2013).

Estima-se que a ocorrência de nascimento de intersexuais seja de 1:10.000 a 1:64.000 (BANDEIRA et al., 2015; SODRÉ, 2016). Especificamente no Brasil, há uma estimativa de 1:1.200 nascidos vivos, com uma aproximação de 167 mil pessoas até o início do ano de 2016 (SODRÉ, 2016). O diagnóstico é muito amplo e complexo, pois nem sempre ocorre por hereditariedade, apesar de acreditar que em muitos casos ocorra justamente por essa herança. As questões sobre a modificação cromossômica recessiva ligada ao X é diagnosticada por volta da infância até após a puberdade, principalmente quando as gônadas deveriam desenvolver determinados hormônios, além do desenvolvimento de características que não condizem com o sexo visível (HIRD, 2000; KORMANN et al., 2016). Desse modo, e relacionada com essas variáveis, a insensibilidade dos hormônios androgênicos se categoriza em três classificações: a) *Complete Androgen Insensitivity Syndrome* (Síndrome de Insensibilidade aos Andrógenos Completa); b) *Partial Androgen Insensitivity Syndrome* (Síndrome de Insensibilidade Androgênica Parcial); e c) *Mild Androgen Insensitivity Syndrome* (Síndrome de Insensibilidade Androgênica Moderada). A primeira é quando apresenta o fenótipo feminino, o segundo quando o genital masculino é parcial e o terceiro é quando o genital é ambíguo, considerando a pessoa diádica (BANDEIRA et al., 2015).

A categoria intersexual é uma categoria extremamente ampla e complexa, onde o sujeito pode percorrer e experimentar as mais diversas sensações provenientes do binarismo sexo/gênero (HIRD, 2000). No entanto, a sociedade de modelo heterocisnormativo, delimita que as pessoas tenham somente um órgão genital e que funcione de acordo com os órgãos sexuais internos e pela aparência corporal, preferencialmente. Desse modo, há a necessidade de romper com os paradigmas do dualismo macho/fêmea, pênis/vagina, como categorias identitárias para os sujeitos, havendo a necessidade compreensão das extensas manifestações corporais, a fim de não estigmatizar e segregar as pessoas.

Corroborando as ideias centrais apontadas por Santos (2006) sobre a Teoria *Queer*, entendemos que as pessoas intersexuais possuem suas identidades próprias que também são construídas cultura e socialmente, e que mesmo que tenham variações cromossômicas, hormonais e anatômicas, essas pessoas possuem influências das estruturas estruturantes para a formação identitária. Quando realizada a cirurgia prematuramente, pode ocorrer de o funcionamento do cérebro e dos pensamentos não ser condizente com o sexo “imposto”. O

processo de cirurgia prematuramente foge das premissas da Teoria *Queer*, uma vez que não respeita o processo de formação do indivíduo e dos pensamentos, não dando a oportunidade de escolhas e de transacionar o momento que convém. Esse é um modo de controle social em que são determinados os comportamentos e ações dos sujeitos, além da parte corporal.

É interessante apontarmos que mesmo com o objetivo de diminuir os estereótipos categorizados no binarismo macho e fêmea, algumas áreas, como as ciências médicas, tentam abolir o termo intersexo, pois remete-se a um terceiro sexo, o que não é aceito pela classe médica, que considera não ser conveniente tratar os pacientes dessa forma. Um exemplo claro e talvez prototípico da categorização é perceptível dentro das instituições esportivas, em razão de não conseguirem consolidar normativas sólidas para enquadrar determinadas pessoas que, porventura, tenham uma disfunção hormonal, como é o caso de atletas que apresentam hiperandrogenismo. Pessoas que possuem hiperandrogenismo apresentam uma alteração elevada na produção hormonal, particularmente do androgênico testosterona. Atletas como Jarmila Kratochvilova, Caster Semenya e Dutee Chand são casos emblemáticos (BIANCHI, 2017).

A seleção natural e sexual contribui para as diferenças entre os sexos através das gerações. Entretanto, é necessário levar em consideração algumas influências, como a produção hormonal como fator contribuinte para a distinção sexual. *“One important implication is that sex hormones act to modify the physical, behavioral, cognitive, or brain systems of males or females and do not create completely different systems.”* (GEARY, 1998, p. 45). Há um baixo indicativo de desenvolvimento das características sexuais secundárias quando indivíduos, especificamente os machos, têm uma supressão do hormônio característico (testosterona), situação que ocorre com pessoas transgêneras que iniciam o processo de transição de gênero. Esse baixo indicativo de testosterona leva conseqüentemente a uma baixa do sistema imune, o que pode acarretar o desenvolvimento de determinadas doenças, do mesmo modo que ocorre quando há altos índices de produção.

Para Geary (1998), a influência hormonal não atinge somente os comportamentos, a sensibilidade, as condições ambientais e as características sexuais, mas impacta também o modo operacional do cérebro e do pensamento. No entanto, os hormônios sexuais nem sempre interferem nas diferenças sexuais, havendo necessidade de uma interação entre diversos fatores para que ocorram essas distinções. O impacto desses fatores sobre os sujeitos tem como contribuição a designação do sexo, cooperando para o desenvolvimento de determinadas características.

Essas modificações e diferenças orgânicas e fisiológicas contribuem para determinadas habilidades físicas. Entretanto, não é viável justificar essas modificações e melhorias somente à produção hormonal ocorrida durante a puberdade, sendo necessário levantar informações basilares para compreender outros fatores que interferem nas habilidades físicas, como o nível de atividade praticada pelos indivíduos durante a infância e adolescência. Vários indicativos demonstraram que os meninos realizam mais práticas ou se envolvem em mais atividades dinâmicas do que as meninas (GEARY, 1998). Pensando na área social, há uma distinção entre essas práticas e a inclusão das crianças em determinadas atividades, isto é, meninas realizam atividades mais leves, delicadas e associadas a atividades maternas e de casa, enquanto meninos realizam atividades mais dinâmicas, aventureiras e agressivas. Essas condições influenciam significativamente na formação e no desenvolvimento das habilidades físicas.

Nesse sentido e restrito aos aspectos biológicos, apresentaremos os resultados da análise dos comentários que possuem uma perspectiva sobre a subcategoria Anatomofisiológica<sup>45</sup>. Sumariando a análise a subcategoria biofisiológica, fica evidente pelo conteúdo analisado de que há um discurso que ressalta a influência do hormônio testosterona sobre a formação corpórea da jogadora Tiffany. Nessa subcategoria foram elencados 59 comentários que possuem relação com a análise pretendida. Nesses comentários a palavra “testosterona” foi a mais utilizada, seguida de “mulheres” e “trans”, conforme apresentado no Quadro 10 e na Figura 19.

Mesmo que concordemos com a propositiva de Marteleto (2001; 2007; 2018), Recuero (2009a; 2014) e Martino (2015) de que o ciberespaço é composto de atores que não possuem embasamento técnico e específico sobre determinados conteúdos, salientamos que vários atores fizeram comentários na publicação com perspectivas que necessitariam de melhor fundamentação. Muitos dos comentários provêm somente da percepção dos atores perante o assunto, fato que foi denominado de “achismo” por vários outros atores.

Quadro 10 \_ Frequência de palavras subcategoria Biofisiológica

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1°	testosterona	12	26	testosterona
2°	mulheres	8	20	mulher, mulheres
3°	trans	5	13	trans
4°	força	5	9	força
5°	homem	5	9	homem, homens
6°	muscular	8	8	muscular, musculares

<sup>45</sup> Subcategoria alinhada à categoria Biofisiológica, como apresentado na metodologia.

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
7º	diferença	9	7	diferença, diferenças
8º	hormonal	8	7	hormonal
9º	hormônios	9	7	hormônio, hormônios
10º	musculatura	11	7	musculatura
11º	níveis	6	7	níveis
12º	ossos	5	7	ossos
13º	anos	4	6	anos
14º	física	6	6	física
15º	masculinos	10	6	masculino, masculinos
16º	óssea	5	6	óssea
17º	pessoas	7	6	peessoa, pessoas
18º	femininos	9	5	feminino, femininos
19º	vantagem	8	5	vantagem
20º	atleta	6	4	atleta, atletas

Fonte: Os autores (2019)



Figura 19 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria Anatomofisiológica

Fonte: Os autores (2019)

Apesar de Beauvoir (2016) realizar apontamentos com caráter sociológico, a autora não deixa de apresentar questões biológicas entre homens e mulheres. Ela sustenta a ideia de que há uma sobreposição do homem sobre a mulher provinda das modificações e ações hormonais, acarretando também uma subordinação da mulher. A autora dialoga sobre a diferenciação e inferioridade física da mulher, sendo considerada como menor do que o homem, mais frágil, menos forte, com número menor de hemoglobinas e outras situações, que contribuem para a relação de instabilidade e subserviência da mulher. Apesar dessas considerações, Beauvoir (2016) afirma: “Eis que estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela.” (p. 60), propondo que há uma relação de diversos contextos, tais como o ontológico, o econômico, o social e o psicológico, que permitem clarificar e debater com as ciências.

Coleman (2017) discorre no documento intitulado *Sex in Sport* que há uma distinção entre os sexos referente à biologia, advertindo que a testosterona é um dos indicativos para essa distinção. Durante a vida da pessoa, a produção e a injeção de testosterona produzidas pelas gônadas são responsáveis pelas diferenças entre homens e mulheres. A produção pode alterar de acordo com o desenvolvimento pessoal, idade, horário do dia e outras variáveis. Além disso, esse hormônio é responsável pelas características primárias e secundárias das características masculinas, como o pênis, a voz, os pelos faciais e corporais, a musculatura e outros. Algumas falas dos participantes indicam e corroboram as influências e alterações provindas da testosterona.

[...] pois passou 30 anos com **testosterona** nos níveis masculinos desenvolvendo musculatura masculina durante todo esse período a partir desse hormônio [...] (Ator D, grifo nosso)<sup>46</sup>

[...] se ela se estruturou quando adolescente com **testosterona** acima das competidoras já seria o suficiente pra se repensar sobre a questão [...] (Ator Z, grifo nosso)

Ela faz tratamento hormonal mas a construção da musculatura da atleta é masculina, órgãos, recuperação física mais rápida, não acredito que os níveis de **testosterona** isoladamente sejam parâmetro pra dizer que ela não tem vantagem sobre as demais atletas cis. (Ator BB, grifo nosso)

[...] daí ela tem mais força física, mesmo estando hoje com **testosterona** controlada [...] (Ator BL, grifo nosso)

O estudo da fisiologia do esporte mostra que o desenvolvimento infanto-juvenil tem papel fundamental nos resultados do atleta de alto rendimento. Ou seja, mesmo controlando a **testosterona**, a estrutura física particularmente a osteomuscular possuirá grandes diferenças entre mulheres de nascimento e trans (Ator ET, grifo nosso)

Esses comentários são alguns exemplos do posicionamento de atores que justificam a não inclusão de pessoas transexuais no esportes respaldados pela ciência biológica. Muitos desses comentários ressaltam a diferença e a vantagem que a jogadora Tiffany e outras pessoas transexuais possuem nos esportes, visto que tiveram influências do hormônio testosterona. Não obstante, outros atores apresentam posicionamentos contrários, argumentando que há indicativos de que há mudanças significativas na estrutura corporal e fisiológica após o processo de transição de gênero, a saber:

[...] sei que a taxa hormonal de **testosterona** dela teve de baixar drasticamente o que por si só configura radical mudança corpórea (Ator A, grifo nosso)

---

<sup>46</sup> Decidimos por manter os comentários na forma original, não realizando correções quanto a gramática e pontuação, o que nos permite verificar a linguagem multissemiótica.

Não pode, porque ela faz tratamento para reduzir a **testosterona**, logo é comprovado que a força dela não é mais como era [...] (Ator AH, grifo nosso)  
 Faz sim! Há perda de força, tônus muscular, humor. Os hormônios regulam tudo. Podemos ter como exemplo a tireoide. Faz um estrago absurdo. (Ator CU)

Eu sou trans e gostaria de ressaltar que o efeito dos hormônios femininos diminuem massa muscular e ossea, s tem alguém que pode dar palpite nisso e o endocrinologista dela (Ator EN)

[...] existem muitas mulheres que têm maiores níveis de **testosterona**, são maiores, ossos mais robustos e possuem maior força física e aí? [...] (Ator FE, grifo nosso)

Os posicionamentos de alguns atores, incluindo uma pessoa transexual, aponta para a dicotomização de opiniões. Alguns atores ressaltam que há modificações corpóreas significativas com o tratamento e a redução da testosterona. Vale frisarmos que o estudo de Harper (2015) é citado nos comentários do ator AH como forma de reforçar que existem estudos científicos que apresentam dados sobre essas modificações, mesmo que em menor quantidade.

[...] garante que o tratamento hormonal de mulheres trans ou travestis produzem um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher trans que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres trans serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany [...] (Ator AH)

O ator AH apresenta somente o estudo de Harper (2015), no entanto, existem outros estudos que analisam as modificações fisiológicas de pessoas transexuais, como de Gooren e Nunck (2004) Harper, Betancurt, Martínez-Patiño (2016); Harper et al. (2018) e outros, que apresentam que há uma diminuição significativa na área muscular, na hemoglobina e no IGH-1, consequentemente atingido as habilidades físicas. O ator AH é contestado sobre a amostra utilizada no estudo de Harper (2015), o qual se restringe somente a velocistas. No entanto, o estudo de Gooren e Bunck (2004), que antecede o de Harper, não menciona informações se são atletas ou não, e de qual modalidade, levando a entender que são pessoas transexuais não atletas. Mesmo sendo questionado sobre a amostra utilizada no estudo de Harper, identificamos através de Gooren e Bunck (2004) que há modificações anatomofisiológicas com o processo de transição de gênero.

Um comentário excepcional é o de EN. Ao se posicionar como pessoa transexual, ela se põe no seu lugar de fala e apresenta um posicionamento oriundo de suas experiências. EN se coloca enquanto sujeito social, representando individual e coletivamente os transexuais. O comentário ressaltado por EN corrobora o posicionamento dos atores A, AH, CU e FE, que

defendem a inclusão e que há modificações que impactam as habilidades físicas e o corpo de pessoas transexuais. Também relaciona com o discurso de GQ de que “[...] o tratamento é mais pesado q dos homens trans, mais delicado, elas perdem força, musculatura, tudo muda, é muito radical a mudança [...]”.

Nesse caso, temos que relevar que há uma mudança drástica do nível de testosterona, que leva a respostas e consequências biofisiológicas, podendo ser positiva e/ou negativa. Essas podem ser em curto e/ou em longo prazo. A redução hormonal, sobretudo da testosterona, em pessoas cisgêneras é processual, não sendo bloqueada ou restrita de forma mecânica. Com essa diminuição há efeitos decrescentes da força muscular, da resistência, da agilidade, equilíbrio, flexibilidade, coordenação, além da diminuição do metabolismo e de um maior acúmulo de gordura corporal (WEINECK, 2003). Logo, Tiffany Abreu e as mulheres transexuais têm modificações estruturais mais imediatas devido ao tratamento e restrição da testosterona, o que ocasiona diminuições significativas na parte fisiológica.

Contudo, foi possível refletirmos que há um número maior de pessoas que corroboram a perspectiva biofisiológica, mesmo tendo estudos que apontam haver modificações corporais e biológicas significativas. Há uma bipolaridade nos comentários a favor e contra a inclusão de pessoas transexuais nos esportes, sobretudo no vôlei, como a crença de que transexuais possuem vantagens quando comparados às pessoas cisgêneras.

## **5.2 Gênero: uma Construção Sociocultural**

O discurso sobre a terminologia gênero se refere a uma construção cultural, histórica e social (GOELLNER, 2010; ABÍLIO, 2016; BUTLER, 2017). Mesmo que haja uma compreensão mais significativa da influência cultural e social, é inegável a preponderância da dimensão biológica. Nesse caso, a identificação se dá como masculinos e femininos, homem e mulher, situação derivada a partir de um conjunto de informações e condutas que são distintas entre esses e que são adotadas cultural ou socialmente (SCOTT, 1995; ROUGHGARDEN, 2004).

[...] o conceito de gênero engloba, também, as formas de construção social, cultural e linguística que estão implicadas nos processos de diferenciação entre mulheres e homens, levando em consideração, portanto, que as instituições, as leis, as políticas, as normas, enfim, os processos simbólicos de cada cultura, ao mesmo tempo em que são constituídas por representações de masculinidade e feminilidade, produzem essas representações ou, ainda as ressignificam [...] (GOELLNER, 2007, p. 179)

Lanz (2015) aponta gênero como sendo o “[...] conjunto das expectativas sociais de desempenho de uma pessoa, fixadas em função do seu sexo biológico [...]” (p. 76), o que reforça a ideia de Roughgarden (2004) e Butler (2017) de que há uma relação entre os comportamentos, a aparência e a história a partir de um corpo sexuado<sup>47</sup>. Deste modo, nos corpos são inscritos símbolos e signos que dão representatividade para aquele sujeito (GOELLNER, 2009; 2010; JESUS, 2012; DORNELLES; WENETZ; SCHWENGBER; 2017)).

Essa conceituação de gênero é uma normativa binária de identificar os indivíduos, classificando-os em apenas duas categorias. A partir desses dispositivos ocorre uma delimitação sobre os papéis de gênero na sociedade e sobre quais atividades são de características de um ou de outro (LANZ, 2015; DE CAMARGO; KESSLER, 2017). Na Educação Física é perceptível alguns estereótipos em certas atividades e/ou modalidades esportivas, como a segregação e hegemonia do futebol masculino sobre o feminino, sendo considerado no senso comum como uma modalidade de caráter mais masculino. A exemplo dessa modalidade, Altmann (2017) e Altmann et al. (2018) apresentam que o número de meninas que praticam o futebol é muito menor do que o de meninos, além de elas terem menos suporte social. Os esportes reforçam esse binarismo de gênero ao instituir duas categorias de distinção marcadas pela desigualdade de gênero (ALTMANN, 2017).

Altmann (2017) considera que mesmo sendo um espaço prioritariamente masculino, houve um avanço histórico considerável desde a revogação em 1979 da Legislação de 1941, que proibia a prática, por mulheres, de lutas, futebol, *rugby*, halterofilismo e *baseball*. Atualmente há uma frequência expressiva de mulheres que praticam e/ou tem interesse em modalidade marcada cultural e historicamente pela masculinidade, mesmo que em uma menor quantidade de praticantes. De Camargo e Kessler (2017) reforçam as ideias mencionadas acima, apresentando que a partir da possibilidade de ingresso da mulher em determinadas modalidades esportivas, ampliou-se a visibilidade da performance feminina nos esportes, mesmo que isso implique demonstrar habilidades físicas transgressoras do que é comumente atribuído à mulher na sociedade.

A utilização da terminologia gênero está associada e/ou é utilizada analogicamente à ideia de mulher (SCOTT, 1995). Para autora (1995), com a evolução dos estudos de gênero, o impacto da palavra mulher e/ou feminino teria menos implicação na relevância social e acadêmica nos trabalhos, por somente exprimir a esse universo e que poderia causar uma ideia separatista entre homem e mulher. A utilização do termo gênero traria legitimidade acadêmica,

---

<sup>47</sup> Esse corpo se torna sexuado a partir da ideia de que produz determinados tipos e tamanhos de gametas.

maior visibilidade, e corresponderia não somente à ideia da mulher, mas se estendendo aos homens, sobretudo nas relações sociais estabelecidas entre esses e por sua dimensão relacional.

[...] a utilização do gênero como uma ferramenta analítica, deslocando, desse modo, a centralidade na categoria identitária *mulher* para o caráter relacional entre os sexos, enfatizando ‘as conotações sociais do gênero em contraste com as conotações físicas do sexo’. (GOELLNER, 2013, p. 47)

As questões sobre gênero ainda possuem um debate extremamente conturbado, visto que determinados grupos e entidades ainda utilizam a terminologia como definição de sexo, e vice-versa. Várias feministas da segunda onda refletiram sobre a utilização do termo sexo para distinguir as diferenças ligadas meramente às questões biológicas, introduzindo um pensamento em volta da constituição social humana (NICHOLSON, 2000). Goellner (2009) afasta essa generalização, explicando conceitualmente o que vem a ser *gênero*. O corpo não deve ser tratado somente pela perspectiva biológica, pois estão inseridas diversas outras marcas e cicatrizes provindas de vivências e experimentações, sobretudo por haver uma relação cultural, social e linguística. Apesar disso, o conceito de gênero é amplo e complexo, desde as menores até as maiores instituições, sendo organizado em símbolos, normas e leis sociais que são constantemente construídos e ressignificados.

Ao afirmar que existem diversas situações que generalizam a temática sobre gênero, Goellner (2009) discorre que as instituições e práticas sociais fazem parte do processo de constituição enquanto homem e mulher. Esse processo não é linear, tampouco constante e finalizado. Os processos educacionais são intrinsecamente importantes e, em consonância com os processos familiares, cooperam para essa formação (GOELLNER, 2009). Outras condições consideráveis para a constituição enquanto homem e mulher são o tempo, o espaço e as circunstâncias. Esses fatores concebem situações que direcionam o que é masculino ou masculinidade e feminino ou feminilidade. Nessas noções de tempo, espaço e circunstâncias há a correlação com a cultura e a forma com que se articulam as informações e normativas sobre gênero, especialmente no que concerne à diversidade de gênero e sexual.

Para Nicholson (2000), o gênero tem uma associação com os comportamentos e pensamentos dos sujeitos, não somente com os corpos. Esses ganharão significados a partir dos envolvimento dentro do contexto e da forma como esses corpos reagem a determinada cultura e estabelecimento de poder. Há duas premissas que levam à concepção e consolidação da terminologia gênero: identidade e construção social. A prerrogativa de gênero também é constituída por relações sociais de poder, constituída pelas convenções de papéis/funções do masculino e do feminino (BOURDIEU, 2002).

Existem diversas manifestações e modos de observar as questões de gênero no mundo. Em algumas sociedades há somente o dispositivo homem e mulher, enquanto em outras há uma percepção de que existe uma diversidade de outros gêneros, como em Osh-Tish (tribo Crow), Hastíin Klan (Navajos), Mahu (Polinésia), Hijras (Índia) (ROUGHGARDEN, 2004; LANZ, 2015). Em algumas sociedades, essa relação estabelecida a partir do dispositivo binário tem uma forte correspondência com as questões corporais, em que os aspectos biológicos sobrepõem qualquer outro tipo de natureza, enquanto em outras há uma compreensão que transcende as formas corporais e as ideias biológicas. Corrobora-se a ideia de que compreender o corpo em, exclusivamente, duas categorias, a partir de orientações biológicas, é uma forma simplista de entender a dimensão humana e as possibilidades em torno delas, uma vez que restringe, omite ou nega todas as relações estabelecidas entre cultura, sociedade, sujeito e historicidade desse corpo.

Todavia, existem algumas condições e parâmetros que se subdividem de acordo com a heterocisnormatividade. Comportamentos das dimensões da masculinidade e feminilidade são requisitos para sustentar, respectivamente, os paradigmas de homem e mulher. Estes, ao se vincularem ao sexo, fortificam os padrões e as convenções sociais, reforçando o dispositivo binário. Isto é, os papéis e funções sociais estabelecidos enfocam o que deve e/ou contribui para ser homem e masculino ou mulher e feminino. Os corpos, símbolos, linguagem, estruturas, políticas, leis, conhecimentos e várias outras situações substanciam essas perspectivas (GOELLNER, 2009).

Nos esportes não é diferente. Há estruturas na grande maioria das entidades ou modalidades esportivas que se alinham a determinados estereótipos. A exemplo disso, e dentro do próprio voleibol, é notória a diferença entre homens e mulheres, a começar pela vestimenta. A vestimenta da categoria feminina tem uma característica muito próxima das indumentárias utilizadas por mulheres que não são esportistas, como a camiseta mais justa ao corpo e os shorts curtos, diferentes da vestimenta dos homens que possuem shorts mais largos e compridos e camisetas mais soltas. Para além disso, existem ponderações que distinguem a jogabilidade entre homens e mulheres: os primeiros reagem com força aos ataques, pontuando mais rapidamente, enquanto o jogo das mulheres é mais duradouro, tendo uma partida maior. Essas análises impulsionam a estereotipação de homens e mulheres em quadra. Quando uma jogadora transgride a algumas dessas estruturas simbólicas de alguma modalidade, como é o caso da Tiffany, é necessário ressignificar todos os pensamentos, preceitos e estigmas existentes.

A partir do que foi elencado da literatura, foi possível identificarmos vários comentários acerca da temática gênero. Embora entendamos que gênero é uma construção cultural, histórica

e social, os comentários proferidos no campo empírico-virtual referem-se, em grande parte, ao processo biológico. Assim, houve discussões acerca do que é ser mulher. A saber:

O principal médico do concelho disse que não acha justo. Ele apenas afirmou os níveis de testosterona no sangue. Não podemos esquecer que o corpo dele foi moldado por décadas com testosterona, o fazendo ser SIM, superior fisicamente as **mulheres**. (Ator B, grifo nosso)

Ah, e foda-se que as outras **mulheres** que competem com ela passaram as últimas décadas sem nunca poder ter níveis altos de testosterona, afinal são só mulheres, né não? (Ator D, grifo nosso)

Amigo, o erro começa com sua persistência em atribuir a ela o gênero masculino, não estamos falando de um homem cis, mas sim de uma **mulher** trans. Aliás, vocês que tanto dizem ela ter superioridade física ao menos sabem o que é uma **mulher** trans? Estão achando que é simplesmente um homem biologicamente falando dizer: "pronto, sou uma **mulher**" !? Existe todo um processo pelo qual a pessoa passa na transição ,em minha forma leiga de falar não sei explicar com riqueza de detalhes mas sei que a taxa hormonal de testosterona dela teve de baixar drasticamente o que por si só configura radical mudança corpórea (sic). (Ator A, grifo nosso)

Essas denominações e nomenclaturas me confundem. Chamar alguém de **mulher** trans, não seria errado? Já que deixa claro que não é uma **mulher "mulher"**, mas sim uma **mulher** trans. Não seria melhor chamarmos apenas de **mulher** ou de homem? Tipo, acabei de ser chamado de homem cis. Até ontem eu era apenas homem. Isso me confunde muito (Ator B, grifo nosso)

Tem quem defenda que a estrutura óssea e os músculos das pessoas trans não alterariam após a hormonioterapia, pois as mudanças já ocorreram após a puberdade. Mas um estudo norte-americano chamado Race Times for Transgender Athletes, do Providence Protland Medical Center de Joana Harper, garante que o tratamento hormonal de **mulheres** trans ou travestis produzem um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. (Ator AH, grifo nosso)

Mas tem muitas jogadoras com uma estatura bem maior que as outras jogadoras, mais altas e mais encorpadas, e isso nunca foi tópico de discussão. Além disso, o tratamento hormonal interfere na mudança de um corpo mais masculino pra ficar mais feminino. Não queria chegar no ponto da discussão que os homens sempre são mais fortes, mais ágeis e mais velozes que as **mulheres** em todos os esportes, mas é nesse sentido que vai a conversa. Sei lá. (Ator AS, grifo nosso)

Ótima conquista pro feminismo, agora as **mulheres** perdem pra homens na própria categoria. (Ator DF, grifo nosso)

N existe isso de **mulher** trans n sejam estúpidos, um homem n pode ser uma **mulher** é biologicamente impossível eu sou a favor da inclusão do trans mas na categoria masculina e n na feminina, é um homem jogandoo liga feminina simplesmente isso. (Ator DZ, grifo nosso)

na verdade, muitas **mulheres** na liga estão incomodadas, mas tem medo de falar, pois vão ser atacadas. A Tandara, da seleção, estava quieta tbm e agora resolveu falar q não acha justo. Muitas pensam assim, só tem medo de falar e ser massacrada pela mídia. O fato é q quando era Rodrigo, Tiffany era um jogador ruim, nunca teve destaque. Agora jogando com **mulheres**, bate recorde de pontos. (Ator EM, grifo nosso)

Dentre essas falas que representam a grande maioria dos comentários, podemos observar que há uma dicotomia nas falas das pessoas, algumas sendo favoráveis e outras contrárias ao processo de inclusão da jogadora Tiffany. A palavra mulher foi utilizada para diversos tratos, desde para apresentar que há diferenças biológicas entre homens e mulheres, para apresentar e questionar as distinções das identidades de gênero, para questionar a legitimidade e o posicionamento das mulheres e dos movimentos feministas. Observados os conteúdos presentes nas falas, identifica-se que ainda há uma falta de conhecimento acerca das categorias de sexo, gênero e sexualidade. Muitos ainda se baseiam exclusivamente nas ciências duras, como forma de identificarem e utilizarem a nomenclatura homem e mulher.

Retomamos a ideia de que os gêneros homem e mulher, masculino e feminino, são construções culturais, históricas e sociais, sendo influenciadas por estruturas estruturantes que instituem e aceitam determinados comportamentos e pensamentos para cada categorias. Além disso, não podemos deixar de corroborar com Butler (2017) e ignorar o fato de que a estrutura biológica também é um dos fatores que contribuem para essa instituição. Atualmente, muito se tem discutido sobre o que é ser homem e mulher, sobretudo no governo federal que assumiu no início do ano de 2019. Não é possível separar essa política da atual conjuntura que permeia as questões relacionadas a sexo, gênero e sexualidade.

Os discursos de algumas entidades políticas sobre a temática têm gerado grandes manifestações, principalmente nas redes sociais, causando reações em diversas pessoas e instituições. Algumas instituições emitiram manifestos e notas de repúdio quanto aos discursos emitidos, como é o caso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH)<sup>48</sup>. Além de todo o retrocesso nesses discurso, é indiscutível que houve modificações estruturais legislativas a partir da Medida Provisória nº 870/2019 (BRASIL, 2019). Nesse documento não fica explícitas ponderações para a população LGBTQI, antes, o documento exclui esse população das diretrizes dos Direitos Humanos, fragilizando os direitos a esses. Nosso posicionamento corrobora o manifesto da ABEH de que não existe a “Ideologia de Gênero” e que os Estudos sobre Gênero e Sexualidade não visam “impor” conteúdos que os grupos políticos, religiosos e conservadores disseminam, mas refletir e criticar sobre os sistemas.

Retomando a ideia sobre gênero, Beauvoir (2016) robustece a ótica de que a mulher seria designada ocasionalmente pela palavra mulher. Tanto homens quanto mulheres deveriam ser considerados como seres humanos, em uma situação abstrata, por toda a sociedade, mas ainda há vertentes ortodoxas que levam a reforçar que homens são diferentes e superiores do

---

<sup>48</sup> A nota de Repúdio da ABEH é encontrada na página oficial do *Facebook* da instituição. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/350693011642365/permalink/2226741314037516/>

que as mulheres. A autora (2016) apresenta que a mulher não é pensada sem antes fazer referência ao homem, sendo o homem autônomo, enquanto a mulher não é, sendo considerada pela sociedade como o “outro”. Esse fato é muito evidente na fala do ator DF: “Ótima conquista pro feminismo, agora as mulheres perdem pra homens na própria categoria.”, onde se faz justamente essa distinção das mulheres com os homens. Ademais, em diversas sociedades, a relação arbitrária dos homens sobre as mulheres ainda é de dominação, principalmente da subalternidade da mulher. Essa questão também se assemelha ao que Bourdieu (2002) trata em sua obra *A Dominação Masculina*.

Dentre as falas analisadas que relacionam as mulheres, é evidente uma comparação biofisiológica entre homens e mulheres, não se baseando em uma concepção histórica humana, mas a partir de vantagens e desvantagens entre ambos. O ator B afirma: “Não podemos esquecer que o corpo dele foi moldado por décadas com testosterona, o fazendo ser SIM, superior fisicamente as mulheres.”. E o ator DZ: “N existe isso de mulher trans n sejam estúpidos, um homem n pode ser uma mulher é biologicamente impossível [...]”, entre outros comentários. Para Ribeiro (2017),

[...] a biologia é utilizada como base para a legitimação da opressão da mulher. É como se dissessem: “a mulher é isso e não há nada que se possa fazer”. O sentido político e objetivo da diferença se dá porque a diferença biológica que há produz desigualdade que não é meramente biológica. (RIBEIRO, 2017, p. 3)

Mesmo que haja esse posicionamento, Ribeiro (2017) discorre que as ciências biológicas e a sociedade ainda afirmam que a mulher teria menores condições biofisiológicas do que os homens, e que as habilidades físicas não são comparáveis devido à estrutura corporal e fisiológica divergente. Estereotipam a mulher como mais frágil do que o homem, afirmativa que não é verdadeira. Outras questões reducionistas que são levantadas é que a mulher “é um ovário”, estrutura que a define como submissa ao homem, colocando a mulher como produtora de uma matéria passiva, o óvulo, enquanto o homem seria o espermatozoide, ativo. Tal circunstância define as pessoas a partir da bipolaridade ativo/passivo, sendo o segundo subserviente ao primeiro.

Outros pontos biológicos que são defendidos e que caracterizam as mulheres se referem à questão genética, pormenorizando a mulher a partir dos cromossomos XX e o homem como XY. A produção hormonal também é designada na distinção de homens e mulheres. Inclui, também, a divisão das categorias a partir do modo de funcionamento do cérebro, como ele se comporta e organiza os pensamentos (GEARY, 1998; HIRD, 2000).

Os estudos de gênero e sexualidade têm problematizado esse pensamento biologicista, investigando a partir de um olhar social e humano os posicionamentos que diferem homens e mulheres. Há um processo de socialização onde são definidos os comportamentos congruentes dos sujeitos apoiados no sexo, corroborando para que sejam enquadrados dentro do que é instituído socialmente (LAKOFF, 2010). Aqueles que fogem das práticas instituídas como admissíveis são estereotipados e julgados pela sociedade. Bourdieu (2002) e Lakoff (2010), por exemplo, problematizam a condição masculina e feminina e mostram em suas abordagens que a distinção entre homens e mulheres funciona como marcadora de diferenciação social, contribuindo para forjar uma posição de dominação masculina. Bourdieu (2002) enfatiza que a sociedade androcêntrica legitima as relações de dominação do homem sobre a mulher, sobretudo quando há uma relação e diferenciação entre os corpos. As estruturas sociais e simbólicas se instauram sobre e nas relações dos homens e mulheres, sobretudo nas relações de produção e reprodução do capital simbólico.

Veremos que o efeito geral da “linguagem das mulheres” – que significa tanto a linguagem restrita ao uso das mulheres quanto a linguagem descritiva das mulheres simplesmente – é este: ela submerge a identidade pessoal da mulher, por negar a ela os meios de expressar-se fortemente, por um lado, e por encorajar expressões que sugerem trivialidade do assunto e incerteza sobre ele; e, quando se está falando sobre uma mulher, por tratá-la como um objeto – sexual ou outro – mas nunca como uma pessoa com posições individuais. (LAKOFF, 2010, p. 17)

A frase propagada pelo movimento feminista de meninas e jovens atualmente, “lute como uma menina”, visa questionar essa relação de poder, as estruturas estruturantes e o capital simbólico produzido pela sociedade. A mulher inquieta deixa de ser submissa para se tornar um sujeito e agente da sociedade, questionando todas as formas instituídas que menosprezam o gênero feminino. As redes sociais têm possibilitado “voz” para os diversos grupos minoritários, que visam legitimar e visibilizar os sujeitos e as práticas a partir de sexo e de gênero (DORNELLES; WENETZ; SCHWENGBER, 2017). Esse movimento reivindicatório nas redes sociais impacta sobre todos os setores da sociedade, inclusive na Educação Física e nos esportes de todos os níveis, questionando, principalmente, o papel e a forma de agir das mulheres. Em particular na Educação Física e nos esportes, proporciona a reflexão sobre a heterocisnormatividade que se instaura nesses espaços, refletindo sobre o que é “permitido” e “obstruído” para os sujeitos, mormente quanto à feminilidade e masculinidade normatizadas.

Há tempos a Educação Física separava os sujeitos de acordo com o sexo, entendendo que cada grupo necessitaria de intervenções de práticas corporais distintas, respeitando as questões biológicas dos sujeitos. Ainda há escolas que se propõem a fazer essa distinção na

atualidade. No entanto, inúmeras escolas já percebem a importância de práticas igualitárias para todos, oportunizando um diálogo transversal e vertical com as outras disciplinas, associando com valores e princípios éticos e morais (ALTMANN, 2017). As discussões de gênero vêm nesse momento para apresentar possibilidades e reflexões acerca dessas instituições que definem e delimitam os gêneros e as práticas corporais, discorrendo sobre a pluralidade de identidades de gênero e sexualidade.

Os esportes, conteúdo da Educação Física, também se apresentam como um espaço de transformação social, de acordo com Bracht (2005), tendo resquícios da heterocisnormatividade instituída na sociedade e reforçada no meio esportivo. As formas e a normalização dos corpos, das vestimentas, dos gestos e expressões são reforçadas nesses espaços, como forma performática característica desses espaços e das dinâmicas da sociedade (SOARES; MOURÃO, 2017). Acaba sendo uma extensão dos preceitos dos âmbitos não esportivos.

Diante dessa contextualização, gênero foi outra subcategoria analisada incorporada à categoria sociocultural. Essa categoria foi idealizada com o intuito de identificar o que os atores das redes sociais compreendiam e expressavam sobre o que vem a ser gênero e o modo de tratar as pessoas a partir de seus gêneros. Dentre todos os comentários analisados e elencados na subcategoria (33), foi possível identificarmos que novamente a palavra “mulher” obteve o maior quantitativo, seguida por outras palavras que se enquadram dentro do prisma de gênero, como “homens”, “homem”, “feminismo” e “gênero” (Quadro 11 e Figura 20).

Quadro 11 \_ Frequência de palavras subcategoria gênero

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1°	mulher	6	27	mulher, mulheres
2°	homens	6	6	homens, "homens"
3°	homem	5	5	homem
4°	feminismo	9	4	feminismo
5°	gênero	6	3	gênero
6°	achar	5	2	achar
7°	conta	5	2	conta
8°	deixa	5	2	deixa
9°	dentro	6	2	dentro
10°	erro	4	2	erro
11°	existem	7	2	existem
12°	falar	5	2	falar
13°	ideal	5	2	ideal
14°	nenhum	6	2	nenhum
15°	problema	8	2	problema

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
16°	somos	5	2	somos
17°	talvez	6	2	talvez
18°	tiffany	7	2	tiffany
19°	acontece	8	1	acontece
20°	adinta	6	1	adinta

Fonte: Os autores (2019)



Figura 20 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria Gênero

Fonte: Os autores (2019)

Mesmo que haja referências significativas a termos correspondentes à perspectiva de gênero, ainda é possível identificarmos uma dicotomia nos comentários, sempre proeminentes à oposição entre homem e mulher, masculino e feminino. Diante disso, ainda são ressaltados nos comentários os princípios biológicos e de um corpo anatômico e fisiológico como padrão na sociedade e nos esportes. Mesmo que queiramos fugir dessa dicotomização e apresentar outras perspectivas, os comentários da página “Quebrando o Tabu” apontam o contrário: há uma diáde de gênero existente e reforçada pela heterocisnormatividade. A saber:

Ah, e foda-se que as outras mulheres que competem com ela passaram as últimas décadas [...] (Ator D)

[...] amigo, o erro começa com sua persistência em atribuir a ela o gênero masculino, [...] (Ator A)

[...] não sei, penso que em determinados esportes (que talvez não envolvam tanto desempenho físico) talvez treinamento e preparação física consigam equiparar homens e mulheres [...] (Ator BB)

Reduzir a condição de gênero levando em conta apenas níveis hormonais que é bem senso comum (Ator BP)

É como se uma mulher tomasse bomba 29 anos e com 30 sem tomar ela pode jogar. (Ator CS)

[...] São mulheres, independente de altura e força, já a Tiffany não, ela é homem, mas fazer o que se hoje ninguém mais quer se indispor [...] (Ator DE)

Ótima conquista pro feminismo, agora as mulheres perdem pra homens na própria categoria. (Ator DF)

[...] e se a mulher for estéril? Ou o útero tiver problema? Ela deixa de ser mulher? Sua definição de mulher é tão limitada e tão fácil de ser quebrada com biologia e ciência. (Ator DP)

A origem "dela" é masculina. (Ator DR)

Não, ela é mulher logo não estão perdendo para homens (Ator DY)

Olha, o meu feminismo não apoia a participação da Tiffany na Superliga! (Ator EE)

O que era pra ser descritivo, se torna prescritivo dentro de um ideal de feminilidade culturalmente estabelecido de que mulheres devem ser mais fracas. Só que nem todas as mulheres se encaixam dentro desse ideal. E nem sempre isso o que acontece. Tanto que há relatos de mulheres no início da era olímpica que quebraram recordes de homens. (Ator EV)

[...] pq não adianta falar que ele é uma mulher, pq não é [...] (Ator FS)

Ela é mulher, de todo modo, não há pq. (Ator GQ)

Tem pênis natural logo é homem. (Ator HJ)

Os atores BP e DP problematizam sobre as questões biológicas como definidoras de gênero, sobretudo ao reducionismo existente dentro dos diálogos que apontam a justificativa de que para ser mulher necessariamente precisa produzir hormônios característicos dessa, ter útero e ovário, além de ser fértil. O que nos leva, também, a questionar o que é ser homem e o que é ser mulher. Nosso olhar enquanto pesquisadores sociais, vinculados aos estudos de gênero e sexualidade, tendem a corroborar com Beauvoir (2016), reconhecendo a frase emblemática da autora, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ou seja, para ser homem ou mulher, masculino ou feminino, não se deve levar em consideração somente um aspecto, pois há influências multidimensionais em torno do ser humano, como as dimensões cultural, histórica e social, que oportunizam a construção identitária e de corpo. Ao tratar dessa forma, Beauvoir (2016) reflete que a sociedade já institui que para ser mulher há a necessidade de ser desprovida de algumas condições anatomofisiológicas distintas dos homens, ser tratada e exercer os papéis sociais dentro dos arquétipos e normativas destinados, de modo a reforçar uma modelagem dos comportamentos e pensamentos para um corpo dócil e padronizado pela sociedade.

Nos comentários acima utilizados como exemplos fica evidente a dicotomização sobre o que vem a ser gênero, além de utilizar linguagens não coerentes com a identidade da atleta Tiffany. Acabaram utilizando pronomes de tratamentos femininos por alguns atores, exemplo “dela”, “ela”, mesmo identificando-a como homem. Não obstante, ainda há atores que

conseguem compreender para além dessa ideia biologizante como meio de identificar os gêneros, como é o caso dos atores A, BP, DP, EV e GQ. Em especial podemos citar o ator EV, que apresenta um posicionamento muito próximo das teorias de gênero e da proposta desta tese. O ator EV, ao enfatizar a relação dos aspectos culturais sobre o que vem a ser homem e mulher, masculino e feminino, problematiza essas normativas classificatórias e de que a mulher deve ser mais fraca e sensível. A ponderação desse ator corrobora a propositiva de Lakoff (2010) de que a linguagem e a educação reforça a desigualdade dos padrões comportamentais e de pensamento para meninos e meninas.

Dentre as falas publicadas na postagem analisada, há a amotinação relacionada ao movimento feminista, como apresentado pelos atores DF e EE. Nessas falas fica evidente que os atores não estão de acordo com o processo de inclusão de Tiffany Abreu nos esportes, justificando-se, possivelmente por fatores biológicos, de que a atleta seria homem e que deve competir na categoria masculina. Para Louro (2014), o movimento feminista oportunizou a distinção entre as palavras sexo e gênero, uma vez que a primeira está ligada ao determinismo biológico, enquanto a segunda está relacionada a questões culturais, históricas e sociais. A autora (2014) enfatiza que não há pretensão de negar a influência do biológico, mas apresentar que o corpo e o sujeito não são constituídos puramente por essa dimensão.

Nisso voltamos à ideia apresentada sobre a multidimensionalidade envolta e que corrobora a construção identitária e a corporeidade das pessoas. Assim, tratar como uma perspectiva de “o meu feminismo”, como apresentado pelo ator EE, é desconhecer a missão e o objetivo desse movimento e, talvez, reduzi-lo somente à busca pelos direitos das mulheres. Situação que não é a real função do movimento, principalmente a partir das alianças com outros grupos minoritários para a conquista dos direitos de todos.

Retomando a fala do ator EV, salientamos que gênero é um construto das interações sociais (GOLDENBERG, 2005; GOELLNER, 2009; 2010; DEVIDE et al., 2011; LOURO, 2014; LANZ, 2015; SALIH, 2015; LOURO, 2016; BUTLER, 2017) e que as questões de homem e mulher, masculinidade e feminilidade, são produtos de uma sociedade ditada pela heterocisnormatividade. O ator EV levanta a questão de que a cultura tem influência sobre o sujeito e que determina situações que corroboram a ideia de submissão da mulher. Ao tratar que nem todas as mulheres se enquadram dentro dos padrões instituídos, o ator contextualiza uma realidade existente dentro da sociedade e dos esportes, de que há diferenças entre pessoas que praticam ou não esportes, há distinção de modalidades etc. Assim, se fizermos uma comparação das mulheres esportistas com as não esportistas, ou até mesmo com homens não esportistas, o indicativo de habilidades físicas, em especial a força, será maior (SOARES; MOURÃO, 2017).

Desse modo, seria a mulher esportista considerada dissonante? Será que as mulheres que quebraram recordes, como comentado pelo ator EV, se enquadrariam dentro desses corpos e sujeitos discordantes? Esse e outros posicionamentos que diferem as questões de gênero de forma simplista são as maiores justificativas apontadas pela sociedade.

Cabe pontuar que tais processos restritivos vivenciados pelas mulheres foram – e ainda são – meticulosamente planejados nas tramas normativas da instituição esportiva, baseada em uma ampla economia de circulação dos significados que a exposição e a divulgação de tais corpos poderiam ensejar (SOARES; MOURÃO, 2017)

Esses corpos normatizados têm referência com os ideais regulatórios culturalmente instituídos, sobretudo nas diferenças entre os gêneros, o que de fato se incorpora nos contextos esportivos (SOARES; MOURÃO, 2017). Esses espaços instituem corpos que serão permitidos ou não, não sendo julgados somente pelos envolvidos naquele determinado espaço, mas por toda a sociedade, como é o caso de Tiffany Abreu, tendo inclusive visibilidade nas mídias. Os esportes, nesse sentido, tornam-se espaços que normalizam esses corpos, incorporando os processos performativos do meio que se inserem e que consideram abjetos os que não se adequam às estruturas vigentes.

### **5.3 Identidade de Gênero: como me identifico**

Louro, Felipe e Goellner (2012) apontam que não se deve negar a construção da identidade a partir de corpos sexuais,

Não se está, portanto, negando a materialidade do corpo ou dizendo que ela não importa, mas mudando o foco dessas análises: do “corpo em si” para os processos e relações que possibilitam que sua biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais (p. 19).

Assim, a identidade de gênero corresponde à maneira ou ao universo ao qual a pessoa se identifica, podendo ser como homem ou mulher, no universo masculino ou feminino, ou outros tipos de manifestações (SILVA JUNIOR, 2013; LANZ, 2015; JONES et al., 2017). O Conselho Federal de Psicologia (CFP), aponta “[...] as expressões de gênero como possibilidades da existência humana [...]” (CFP, 2018, s/p), considerando a existência de pluralidades de expressões e identidades de gênero. Duas categorias são elencadas dentro dessa identidade de gênero: cisgênero ou cis e transgênero ou trans. No primeiro caso, as pessoas se identificam e concordam com as normas binárias sociais, estando de acordo com a

cisnormatividade, ou seja, a pessoa possui determinadas características sexuais e biológicas e corroboram as estruturas simbólicas e de linguagem determinantes do referente gênero, tendo comportamentos, pensamentos e sentimentos que são característicos do universo correspondente ao homem e a mulher. Em contrapartida, quando a pessoa transgride essas normas binárias políticas e culturais, não se identificando com os fatores biológicos, sexuais e a instituição social, sobretudo as determinações de gênero ao nascer, provindas da heterocisnormatividade, ela é chamada de transgênero ou trans. Para Lanz (2015), a partir da década de 1990 começaram os discursos e debates referentes à transgeneridade, tendo os estudos feministas como disseminadores desses conceitos e em defesa dessa categoria.

O termo transgênero apresenta-se como um conceito guarda-chuva, que exhibe outras categorias (Figura 21) que não se enquadram nesses dispositivos binários de masculino/feminino e homem/mulher, uma vez que esse dispositivo cisnormativo é extremamente reducionista, não compreendendo as diversas manifestações de identidades de gênero (LAURETIS, 1994; LANZ, 2015; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017).

A perspectiva da transgeneridade pode ser considerada como uma macrocategoria, exatamente por envolver as inúmeras expressões e identidades de gênero. Ademais, quando a pessoa se desvia das normativas proeminentes de sua categoria de gênero, em especial ao binarismo, comete um desvio social, isto é, procede uma transgressão de gênero. Entende-se que os desvios sociais são todos aqueles comportamentos que não condizem com as regras e normas institucionais estabelecidas por convenções culturais (LANZ, 2015).

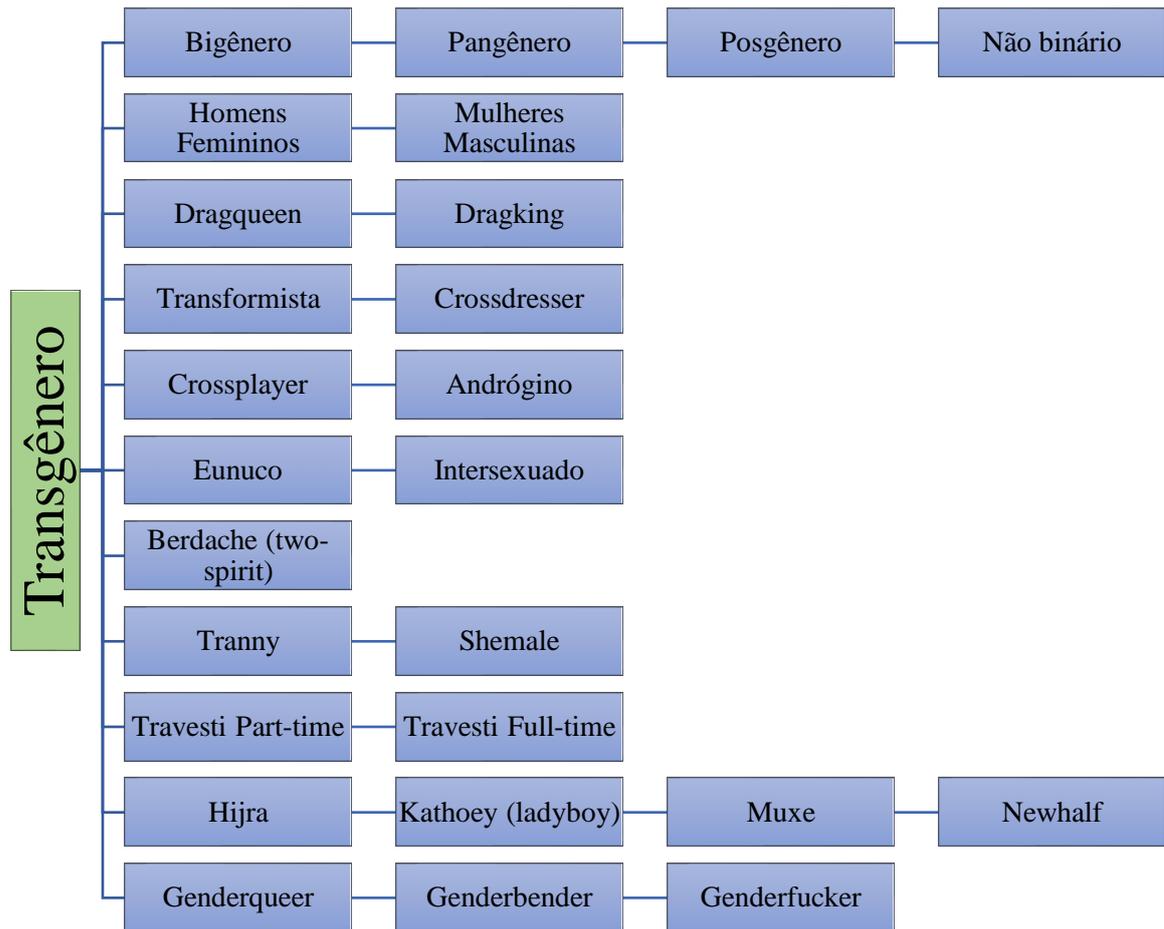


Figura 21 \_ Categorias Transgênero  
Fonte: Lanz (2015).

Todo comportamento humano, e o comportamento transgênero não seria uma exceção, é influenciado por inúmeros fatores, das mais diversas e variadas naturezas: genética, linguística, psicológica, sociológica, antropológica, histórica, política, religiosa etc., etc. (LANZ, 2015, p. 121)

Atualmente, a *American Psychiatric Association* (APA) dispõe que as áreas que tratam sexo e gênero são muito divergentes, sobretudo no que concerne a algumas terminologias como é o caso de *sex* na língua inglesa. A transgeneridade é considerada pela APA como uma perspectiva conflitante, na qual a identificação não condiz com os fatores biológicos, sendo enquadrada como Disforia de Gênero. Essa, por sua vez, tem relação com os sentimentos depressivos, especificamente com as desordens, angústias e sofrimentos provenientes da contradição entre o sexo e o gênero (APA, 2014). Nesse sentido, Lanz (2015) aponta que as questões de gênero atribuídas pejorativamente aos sujeitos são entre todas a maior causa para o desenvolvimento de determinados sentimentos de sofrimento nas pessoas transgêneras.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) aponta que “Transgênero refere-se ao amplo espectro de indivíduos que, de forma transitória ou persistente, se identificam com um gênero diferente do de nascimento” (APA, 2014, p. 451). Esse manual apresenta códigos para identificar a disforia de gênero em crianças, adolescentes e adultos, sendo 302.6 (F64.2) para o primeiro e 302.85 (F64.1) para os dois últimos. A APA apresenta os seguintes critérios para o diagnóstico:

#### Disforia de Gênero em Crianças 302.6 (F64.2)

- A. Incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e o gênero designado de uma pessoa, com duração de pelo menos seis meses, manifestada por no mínimo seis dos seguintes (um deles deve ser o Critério A1):
1. Forte desejo de pertencer ao outro gênero ou insistência de que um gênero é o outro (ou algum gênero alternativo diferente do designado).
  2. Em meninos (gênero designado), uma forte preferência por cross-dressing (travestismo) ou simulação de trajes femininos; em meninas (gênero designado), uma forte preferência por vestir somente roupas masculinas típicas e uma forte resistência a vestir roupas femininas típicas.
  3. Forte preferência por papéis transgêneros em brincadeiras de faz de conta ou de fantasias.
  4. Forte preferência por brinquedos, jogos ou atividades tipicamente usados ou preferidos pelo outro gênero.
  5. Forte preferência por brincar com pares do outro gênero.
  6. Em meninos (gênero designado), forte rejeição de brinquedos, jogos e atividades tipicamente masculinos e forte evitação de brincadeiras agressivas e competitivas; em meninas (gênero designado), forte rejeição de brinquedos, jogos e atividades tipicamente femininas.
  7. Forte desgosto com a própria anatomia sexual.
  8. Desejo intenso por características sexuais primárias e/ou secundárias compatíveis com o gênero experimentado.
- B. A condição está associada a sofrimento clinicamente significativo ou a prejuízo no funcionamento social, acadêmico ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

Especificar se:

Com um transtorno do desenvolvimento sexual (p. ex., distúrbio adrenogenital congênito, como 255.2 [E25.0] hiperplasia adrenal congênita ou 259.50 [E34.50] síndrome de insensibilidade androgênica).

Nota para codificação: Codificar tanto o transtorno do desenvolvimento sexual como a disforia de gênero. (APA, 2014, p. 452)

#### Disforia de Gênero em Adolescentes e Adultos 302.85 (F64.1)

- A. Incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e o gênero designado de uma pessoa, com duração de pelo menos seis meses, manifestada por no mínimo dois dos seguintes:
1. Incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e as características sexuais primárias e/ou secundárias (ou, em adolescentes jovens, as características sexuais secundárias previstas).
  2. Forte desejo de livrar-se das próprias características sexuais primárias e/ou secundárias em razão de incongruência acentuada com o gênero experimentado/expresso (ou, em adolescentes jovens, desejo de impedir o desenvolvimento das características sexuais secundárias previstas).
  3. Forte desejo pelas características sexuais primárias e/ou secundárias do outro gênero.
  4. Forte desejo de pertencer ao outro gênero (ou a algum gênero alternativo diferente do designado).

5. Forte desejo de ser tratado como o outro gênero (ou como algum gênero alternativo diferente do designado).
  6. Forte convicção de ter os sentimentos e reações típicos do outro gênero (ou de algum gênero alternativo diferente do designado).
- B. A condição está associada a sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

Especificar se:

Com um transtorno do desenvolvimento sexual (p. ex., distúrbio adrenogenital congênito, como 255.2 [E25.0] hiperplasia adrenal congênita ou 259.50 [E34.50] síndrome de insensibilidade androgênica).

Nota para codificação: Codificar tanto o transtorno do desenvolvimento sexual como a disforia de gênero.

Especificar se:

Pós-transição: O indivíduo fez uma transição para uma vida em tempo integral no gênero desejado (com ou sem legalização da mudança de gênero) e fez (ou está se preparando para fazer) pelo menos um procedimento médico ou um regime de tratamento transexual – a saber, tratamento hormonal transexual regular ou cirurgia de redesignação de gênero confirmando o gênero desejado (p. ex., penectomia, vaginoplastia em um gênero masculino ao nascimento; mastectomia ou faloplastia em um gênero feminino ao nascimento). (APA, 2014, p. 452-3)

Durante o ano de 2017, no Brasil, mais especificamente no mês de setembro, houve diversas manifestações políticas em torno da “(des)patologização” da transgeneridade e contra o tratamento psicológico para a realização de uma “cura”. Essas ideias de “cura” estavam alicerçadas em movimentos políticos e religiosos, principalmente provindos de parlamentares cristãos que se baseiam em fundamentos para além das leituras religiosas, assim com os provindos do DSM-V e da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). Os posicionamentos convergem para a justificativa de que as pessoas transgêneras deveriam ter atendimento psicológico, uma vez que a transgeneridade é considerada como doença por constar nos documentos DSM-V e CID-10 (OMS, 2018). Embora ainda conste nesses documentos, as instituições médicas que regulamentam o manual e a classificação de doenças mantiveram a transexualidade para garantir acesso aos procedimentos médicos assegurados pelo sistema de saúde.

Diante desse retrocesso determinado pelo juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, que autoriza o tratamento de “cura” efetuado por psicólogos na comunidade transgênera, o Conselho Federal de Psicologia entrou com processo contra essa liminar, entendendo que não há formas de curar a autoidentificação dos sujeitos transgêneros, visto que não é uma doença como apresentado pelos DSM-V e CID-10 (OMS, 2018). No dia 29 de janeiro de 2018, o CFP apresentou a Resolução CFP 01/2018, identificando como os profissionais da psicologia deveriam atuar em relação às pessoas transgêneras, sobretudo apontando a não patologização, logo, não sendo passível de “cura”. Os casos de sofrimentos e de sentimentos depressivos que circundam as pessoas trans, como afirmado pelo DSM-V, não são oriundos das dimensões

intrapésicas, mas sim de uma instituição social baseada no binarismo sexo/gênero que suscita algum tipo de preconceito ou agressão desencadeados pelo discurso de ódio e/ou transfóbico (GRINSPAN et al., 2017; CFP, 2018). Diante desses e de outros documentos que concernem às questões de gênero e sexualidade, o CFP considera que psicólogos devam fundamentar a prática profissional na ética da profissão, de modo a contribuir para a não discriminação, sem utilizar de métodos ou eventos que favoreçam o engrandecimento do preconceito e a patologização de pessoas transgêneras, especialmente a transfobia, reforçando os estereótipos sociais (CFP, 2018).

Desde 2012, o debate sobre a transgeneridade está presente nas organizações referentes à saúde. A discussão enlaça a ideia de que essa não deve ser considerada como uma doença. No entanto, mesmo com essas discussões, o DSM-V lançado no ano de 2014 apontava como uma patologia, enquadrando-a como Disforia de gênero. A expectativa era de que no ano de 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considerasse a despatologização da transgeneridade, respaldando o Conselho Federal de Psicologia, em específico a CFP 01/2018. Nesse sentido, pode ocorrer o deslocamento de como uma doença mental para uma categoria referente à saúde sexual.

Outro documento direcionado à comunidade transgênera é o *The Yogyakarta Principles plus 10*, que apresenta determinados princípios, que iremos apresentar à frente, para estabelecer os direitos humanos. Desde 2006, *The Yogyakarta Principles* vem discutindo as questões sobre gênero, sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero e outros, com o objetivo de erradicar todas as formas e manifestações de violência e discriminação contra essas temáticas. Os princípios também apontam que devem ser desenvolvidas e implementadas formas educacionais e públicas para eliminar qualquer tipo de prejuízo, além de estabelecer que deverão haver programas para os setores jurídicos e de segurança, com a finalidade de garantir segurança quando há assuntos de ordem sobre orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero e características sexuais (GRINSPAN et al., 2017). Nesse documento também são discutidos e apontados os direitos para o reconhecimento legal, a integridade mental e física, o direito à liberdade, à educação, à igualdade, à privacidade, à verdade e à proteção, o direito à apreciação e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação, além das diversidades culturais (GRINSPAN et al., 2017).

No início de fevereiro de 2019 foi realizada pelo Superior Tribunal Federal (STF) a análise da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26 (ADO 26), tendo como relato o Ministro Decano José Celso de Mello Filho, que sustenta e julga a omissão do Congresso Nacional em não tomar as providências cabíveis para a discriminação da LGBTQIfobia,

justificando a inércia do Congresso em elaborar medidas protetivas para os direitos fundamentais de integrantes de grupos vulneráveis, em particular da comunidade LGBTQI. O Ministro Decano aponta que a intolerância que rejeita o sentido democrático e a pluralidade de ideias e de identidades de gênero ocasiona violências físicas, psicológicas e simbólicas. Evidenciamos uma das emblemáticas falas do Decano em defesa da comunidade:

**Essa visão de mundo**, Senhores Ministros, **fundada na ideia**, *artificialmente construída*, de que as diferenças biológicas **entre** o homem e a mulher **devem determinar** os seus papéis sociais (“*meninos vestem azul e meninas vestem rosa*”), **impõe**, *notadamente em face dos integrantes da comunidade LGBT*, **uma inaceitável restrição** às suas liberdades fundamentais, **submetendo tais pessoas a um padrão existencial heteronormativo**, **incompatível com a diversidade e o pluralismo que caracterizam** uma sociedade democrática, **impondo-lhes, ainda, a observância** de valores que, **além de conflitarem** com sua própria vocação afetiva, **conduzem à frustração** de seus projetos pessoais de vida. (DE MELLO FILHO, 2019, p. 15).

Durante o voto proferido pelo Ministro Decano Celso de Mello, foram reconhecidas a pluralidade de gênero e a diversidade de orientação sexual, contribuindo para a criminalização de qualquer manifestação violenta contra o grupo LGBTQI. Juntamente a ADO 26, foi votado o Mandado de Injunção 4.733 (MI 4.733), tendo como relator o Ministro Luiz Edson Fachin. A MI 4.733 apresenta premissas que sustentam a prerrogativa de atentado ao Estado Democrático de Direito qualquer tipo de discriminação, além do direito de igualdade, relações estabelecidas entre Brasil e outros tratados internacionais que criminalizam qualquer tipo de preconceito que atentem aos direitos fundamentais, omissão legislativa em tipificar a LGBTQIfobia, e a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero (FACHIN, 2019).

Noutras palavras, a igualdade está a nos exigir, enquanto intérpretes da Constituição, que se reconheça a igual ofensividade do tratamento discriminatório, seja para afastar a alegação de que judeus não seriam vítimas de racismo, seja para tolerar a apologia ao ódio e à discriminação derivada da livre expressão da sexualidade. (FACHIN, 2019, p. 26)

A partir dessas prerrogativas, a identidade de gênero<sup>49</sup> foi subcategorizada para uma possível análise criteriosa sobre os comentários proferidos no campo empírico-virtual. Houve a necessidade de explorar como o grupo de atores do campo empírico-virtual se referia à jogadora Tiffany Abreu, além de tentar identificar o que os atores compreendiam sobre a identidade de gênero. Lembramos que qualquer identidade de gênero é um posicionamento político e social do sujeito perante a sociedade, e alguns corroboram com as estruturas heterocisnormativa e outros não, como é o caso das pessoas transgêneras (LANZ, 2015; SOARES; MOURÃO, 2017).

---

<sup>49</sup> Subcategoria alinhada com a categoria Sociocultural, conforme a metodologia do trabalho.

Foram codificados 46 comentários sobre identidade de gênero. Desses, foi possível verificarmos que a palavra “trans” teve o maior número de frequência (28), seguida de “mulher”, “homem”, “pessoa”, “gênero”, seus sinônimos e outros (Quadro 12 e Figura 22). Mesmo utilizando os termos mulher trans, há ainda o posicionamento de alguns atores sobre a não compreensão acerca dessa terminologia. Alguns rerverberam comentários pejorativos (traveco) e relacionados à prostituição, e outros tentam evidenciar as formas de tratar as pessoas a partir da identidade de gênero. É salientado o posicionamento de que ninguém “muda de sexo” para tomar vantagens nos esportes, que esse fato não é tão simples e que requer todo um processo intenso e delicado. Outro ponto relevante dentro dos comentários é sobre não haver repercursão sobre homens transexuais nos esportes, principalmente sobre o ingresso desses nos esportes de alto rendimento.

Quadro 12 \_ Frequência de palavras subcategoria identidade de gênero

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1°	trans	5	28	trans
2°	mulher	6	23	mulher, mulheres
3°	homem	5	11	homem
4°	homens	6	8	homens
5°	pessoa	6	6	pessoa, pessoas
6°	gênero	6	5	gênero
7°	estudo	6	4	estudo, estudos
8°	existe	6	4	existe
9°	liga	4	4	liga
10°	masculino	9	4	masculino, masculinos
11°	transição	9	4	transição
12°	atletas	7	3	atleta, atletas
13°	esporte	7	3	esporte
14°	fazer	5	3	fazer
15°	muda	4	3	muda, ‘muda
16°	social	6	3	social
17°	time	4	3	time, times
18°	vida	4	3	vida
19°	anterior	8	2	anterior
20°	campo	5	2	campo

Fonte: Os autores (2019).



Figura 22 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria identidade de gênero  
Fonte: Os autores (2019)

O esporte é um espaço marcado pela exclusão de pessoas que não se enquadram dentro dos parâmetros estipulados (DOS ANJOS; GOELLNER, 2017). Corpos dissonantes são restritos a esses espaços e quando adentram são alvos de discursos que visam coibir a jogabilidade desses sujeitos, questionando a legitimidade de seus corpos. É notório que o processo de inclusão de pessoas transgêneras nos esportes tem ganhado espaço e a mídia, mesmo que muitos sejam contrários a esse processo. Como exemplos, temos: Jaiyah Saelua, jogadora de futebol; Fallon Fox, do *Mixed Martial Arts* (MMA), Chris Mosier, do duatlo e triatlo; Mianne Bagger, do golfe; Laurel Hubbard, do levantamento de peso, Isabelle Neres e Tiffany Abreu, jogadoras brasileiras de voleibol, Renée Richards, do tênis; Schuyler Bailar, da natação; e Tia Thompson, do vôlei de praia (TAVARES, 2018).

O caso Tiffany Abreu se tornou amplamente divulgado, mesmo não sendo ela a primeira jogadora transexual a ser liberada para jogar. O primeiro caso de atleta transexual foi o da jogadora Isabelle Neres, que foi liberada pela Federação Paranaense de Voleibol para jogar sem ter realizado o processo de redesignação sexual. Entretanto, o caso de Isabelle não teve desmesurada proporção, pois possivelmente não teve grande destaque durante os jogos como Tiffany. Nesse sentido, evidenciamos um dos mais marcantes casos de atletas transexuais nos esporte e que de algum forma modificou toda a conjuntura e normativa esportiva, problematizando a categorização de gênero nos esportes, que é o caso da tenista Renée Richards (DO PRADO; NOGUEIRA, 2018; TAVARES, 2018).

Diante da temática identidade de gênero, é possível identificarmos os seguintes comentários:

Aliás, vocês que tanto dizem ela ter superioridade física ao menos sabem o que é uma **mulher trans**? (Ator A, grifo nosso)

[...] se ela nasceu biologicamente falando homem e fez transição para o feminino, diz-se, **mulher trans**. (Ator A, grifo nosso)

Chamar alguém de **mulher trans**, não seria errado? (Ator B, grifo nosso)

Essa é uma discussão importante pois trata da inclusão de **trans**, há pouco tempo atrás isso nem estaria em pauta. Acho positivo, porém precisamos ser justos com todos os atletas... (Ator BB, grifo nosso)

[...] mas vocês só vai aceitar quando ter um **trans homem** sendo melhor que os **homens cis** [...] (Ator CT, grifo nosso)

Tiffany é uma mulher, se sente como uma e quer fazer as mesmas coisas, só que enquanto mulher. (Ator DB)

N existe isso de **mulher trans** n sejam estúpidos [...] (Ator DZ, grifo nosso)

A gente tem aqui alguns exemplos claros gente que não entende NADA **de identidade de gênero**. (Ator ED, grifo nosso)

[...] pra começar não existe mulher "**cis**"... Parem de chamar mulheres de **cis**. (Ator EZ, grifo nosso)

[...] existe sim. Você é uma delas. Esse é o termo usado dentro do campo de pesquisa chamado Estudos de Gênero para se referir a mulheres que se identificam com o gênero que foi atribuído a elas no nascimento. Goste você ou não, essa palavra faz parte do campo de estudo da área. (Ator EV)

Não vejo **homens trans** em importantes times de vôlei, basquete- se fosse normal, os homens trans estariam enfrentando os outros homens (Ator V)

Fato é que, ninguém 'muda de sexo' só pra ter vantagem em esporte, visto que existe uma carga negativa enorme em cima de **pessoas trans** na nossa sociedade. (Ator GZ, grifo nosso)

[...] nos **homens trans** lutamos todo dia pra entrar no esporte masculinos (Ator GQ, grifo nosso)

Fica irrefutável nos comentários a incompreensão a respeito do que é transgeneridade, especificamente o que é a transexualidade. As novas ciências e estudos que têm identificado as relações de gênero, sexualidade e identidade de gênero, têm tentado ampliar as discussões acerca desses assunto, de forma que toda a comunidade entenda que há distinções e que nem sempre há uma relação com a outra, ou seja, não há uma ordem compulsória entre esses (DEVIDE, 2018). Essa perspectiva da obrigatoriedade de haver relação entre sexo, gênero e orientação sexual é uma forma de normatização, considerada como uma falácia. Sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade são atributos distintos, não interdependentes. No caso de Tiffany, temos a situação de ela ter sido designada pelo sexo macho, durante muito tempo alinhou-se ao universo do homem, e mais tardar identificou-se como mulher que se relaciona, atualmente, com um homem cisgênero. Esse exemplo clarifica que não há fundamentação para

essa ordem compulsória, a não ser por uma perspectiva de doutrinação de um grupo extremista de políticos e religiosos.

Quando apontado pelos atores que não há mulher trans e/ou cis<sup>50</sup>, reforçamos o desconhecimento da sociedade sobre essas categorias, ficando incontestável quando os atores se posicionam sobre o assunto por não ter conhecimento técnico e específico sobre o assunto. Muitas pessoas não compreendem esses termos e a pluralidade de identidades de gênero possíveis. No caso de Tiffany, ela é mulher, pois se identifica dessa forma. No entanto, utiliza-se o termo “trans” para reforçar a realização do processo de transição de gênero, e que mesmo considerada como macho e influenciada pela estrutura masculina da sociedade durante grande parte da vida, ela se identificou com o gênero oposto, nesse caso, como mulher e feminina. Butler (2017) reforça que pessoas que não mantêm a coerência da ordem compulsória são consideradas como gêneros “inteligíveis”, como é o caso da atleta e de outras tantas pessoas.

O ator EV corrobora esse posicionamento, substanciando que há distinção para a utilização das terminologias de transgêneros e cisgêneros de acordo com os Estudos de Gênero e Sexualidade. O comentário responde ao questionamento realizado pelo ator B sobre ser errado chamar alguém de mulher cis e rebate as falas de outros atores que apontam que não existem essas terminologias para se referir às pessoas. Tonificamos a evidência quanto à falta de embasamento e conhecimento sobre os Estudos de Gênero e Sexualidade de diversos atores, sobretudo a relação existente entre pessoa, corpo e performatividade, reduzindo as características a apenas uma descrição dos corpos. O corpo carrega esse discurso provindo de uma sociedade heterocisnormativa que não admite a existência de teorias que explicam sobre a temática (NARVAZ; KOLLER, 2006; GOELLNER, 2009; DEVIDE et al., 2011; LOURO, 2016).

Sobre o posicionamento de não haver homens trans lutando ou adentrando aos esportes exposto pelo ator V e respondido pelo ator GQ<sup>51</sup>, pode ser justificado pela pequena quantidade de pessoas transgêneras na sociedade, sobretudo aquelas que participam de competições esportivas de alto rendimento. Também se admite que há uma menor visibilidade, posto que não há tamanha problematização em comparação ao ingresso de mulheres transexuais. O processo de inclusão do homem transgênero em competições na categoria masculina cisgênera não ocasiona desconforto social, pois a sociedade entende que o homem transgênero tem menos habilidades, pois o corpo antes do processo de transição e do tratamento hormonal era feminino.

---

<sup>50</sup> Como apontado anteriormente, há uma utilização do termo trans para identificar pessoas transgêneras e transexuais, o que comumente é utilizado de forma errônea, como abordado por Lanz (2015). Nesta tese optamos por utilizar o termo trans para transgênero e cis para cisgênero.

<sup>51</sup> Ator que se identifica como pessoa transgênera.

Comparando com a fala da ex-atleta Ana Paula, o corpo do homem transexual não é “construído” com base no hormônio testosterona. Retornamos ao ideário social sobre a fragilidade do corpo da mulher (SCOTT, 1995; GOELLNER, 2005b; 2007; BEAUVOIR, 2016; ALTMANN, 2017) para problematizar os comentários acerca do homem transexual, o que de fato não proporciona uma polêmica significativa tanto quanto a mulher transexual. O COI através do “*IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism, November 2015*” também aponta que o homem transexual é elegível para competições na categoria masculina, não apresentando condições rígidas para a participação (IOC, 2015), situação que pode respaldar a pouca visibilidade e discussão sobre seu processo de inclusão.

#### a) *Identidade Transexual*

Relembrado o diálogo anterior e enfatizando a Figura 21, que evidencia a categorização da transgeneridade, é importante destacarmos que a categoria de transexual faz parte desse universo. Utilizar a categoria transexual para retratar a todos os transgêneros é de fato uma situação errônea, visto que a transgeneridade é uma macrocategoria que se refere a qualquer desvio de conduta conferida pelo dispositivo binário cultural, político e social na sociedade. Desse modo, todo transexual enquadra-se na transgeneridade, mas nem todos os transgêneros são transexuais. Um *crossdresser*<sup>52</sup>, por exemplo, pode ser considerado uma pessoa transgênera, mas não transexual e tampouco homossexual, somente pelo fato de sentir prazer em vestir-se e/ou utilizar acessório do universo do outro gênero. Essa situação referente ao *crossdresser* está relacionada com o prazer em utilizar determinada indumentária (LANZ, 2015).

Expostas essas questões sobre a transgeneridade, entendemos a importância de destacar e enfatizar, conceitualmente, o que é transexualidade, haja visto que o estudo remete a uma atleta transexual. Dentro desse entendimento, é preciso categorizarmos a transexualidade ao conceito de transgênero. Pessoas que se identificam como transexuais são pessoas que possuem gênero divergente do que lhes é conferido ao nascer e no registro de nascimento, fugindo da convenção padrão performática de gênero e de suas atribuições socioculturais (GALLI et al., 2013; LANZ, 2015; ABÍLIO, 2016). Existe a crença de que pessoas transexuais querem e/ou necessitam realizar o processo de redesignação sexual, passando pelo processo de tratamento

---

<sup>52</sup> “[...] é um caso muito especial de transgeneridade, caracterizado tanto pela exagerada preocupação da pessoa não revelar publicamente a sua transgressão de gênero quanto pela vergonha e culpa que carregam no ato de se travestir.” (LANZ, 2015, p. 404). A grande maioria dos *crossdressers* se intitulam como heterossexuais ou bissexuais, apresentando um repúdio ou preconceito contra os homossexuais.

hormonal e cirúrgico. No entanto, essa afirmação não passa de uma ideia hipotética de senso comum. Há casos de transexuais que não desejam se submeter ao processo de reaparelhamento genital e/ou qualquer tratamento, se sentindo “confortáveis” com o órgão genital e algumas características secundárias, tendo como exemplo o cartunista Laerte (JESUS et al., 2008; LANZ, 2015).

Há diversas controvérsias quando se trata de pessoas transexuais. Para Chiland (2003), algumas pessoas transexuais relatam que é um tipo de gênero preso no corpo de outro gênero, ou seja, que não pertencem àquela materialidade ou não pertencimento ao corpo, além de atribuírem a transexualidade a um erro da natureza. Diversos pesquisadores, como Lanz (2015), Jesus et al. (2008) e Leite Júnior (2011), discordam desse posicionamento e discutem que quando dentro dessa ideia de que há um homem/mulher preso no corpo de mulher/homem, acaba-se fazendo uma apologia errônea que poderá ser caracterizada como doença mental, visto que há uma divergência psicológica sobre a questão. Para esses autores, não se deve fazer essa relação, em especial, associar somente o corpo à mente. Há a necessidade de entender que a pessoa transexual não se sente confortável com as normatividades políticas e sociais, além dos papéis de gênero estipulados a elas ao nascerem. Não há nada de errado em ser uma mulher transexual com um pênis ou um homem transexual com vagina, pois essas são formas de corporeidade distintas, cabendo ao próprio sujeito compreender e decidir o que mais lhe convêm. No entanto, a sociedade estipula que isso não é correto e que é inexistente essa situação, justamente pelo reducionismo do gênero ao órgão genital e ao sexo.

A partir disso, houve uma modificação terminológica para identificar uma pessoa transexual. O uso da expressão homem transexual para identificar uma pessoa do gênero masculino que se identifica como mulher, e mulher transexual para uma mulher que se identifica como homem (CHILAND, 2003), caiu em desuso. Atualmente, é ao contrário, a pessoa que esteve sob a normativa do gênero masculino e que se identifica com o gênero feminino é mulher transexual, e da mesma forma ocorre com o homem transexual, que se enquadrava no gênero feminino, porém se identifica com o gênero masculino.

A categoria dos transexuais não possui relação direta com a questão do desejo. A classificação quanto à orientação sexual terá relação com o gênero que a pessoa se identifica, e não com o órgão genital, isto é, um homem transexual que mantiver relação afetivo-sexual com outro homem cisgênero ou transgênero terá a orientação homossexual. Enquanto um homem transexual que apresenta interesse em manter relações com mulheres cisgêneras ou transgêneras será identificado como heterossexual. Essas condições também valem para as mulheres e para as demais categorias de orientação sexual, como é o caso de Tiffany.

Observamos, pelos comentários analisados, que ainda há um discurso simplista na forma de abordar a questão da transexualidade. Além dessa simplicidade, é identificável o não aprofundamento técnico e específico para as pessoas proferirem suas ideias, as quais, por várias vezes, apresentam-se enviesadas por fundamentações biológicas e de outras naturezas. A seguir, apresentamos alguns comentários prototípicos dessa situação.

Eu sou **trans** e gostaria de ressaltar que o efeito dos hormônios femininos diminuem a massa muscular e osso, mas tem alguém que pode dar palpite nisso e o endocrinologista dela, segundo que tem muitas mulheres que jogam muito melhor que muitos homens, se fosse assim uma baixinha jamais poderia jogar no mesmo time de basquete que uma gigante por exemplo, fora que não faz o menor nexo coloca-la num time masculino, esse aí todo e porque ela é talentosíssima e uma vencedora, infelizmente a sociedade Brasileira não aceita ver isso, saber que uma de nós pode sim chegar no topo!!! mas Desculpe vamos cada vez mais mostrar pra vocês que podemos muito mais quer vocês queiram ou não!!! (Ator EN, grifo nosso)

Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher **trans** que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres **trans** serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany.

No entanto, acho importante pesquisarmos e buscarmos essas pesquisas, artigos e formar uma opinião sem julgamentos e preconceitos baseadas em "achismos". É bom discutirmos com seriedade (Ator AH, grifo nosso)

Uma coisa é o empoderamento das pessoas **trans**, o qual precisamos muito ainda. O outro é a importância da puberdade no desenvolvimento humano, a qual é muito relevante na construção corporal.

Certas coisas não voltam completamente após a puberdade, mesmo após adequação hormonal posterior. É assunto delicado. (Ator EP, grifo nosso)

Mulher **trans** tem mais força do que uma mulher comum. Nem venham com o papo de "ah, mas existem mulheres" existem sim e são minorias então parem com isso. Se a questão fosse preconceito ficaria evidente pra nós, mas é questão de força física. (Ator FD, grifo nosso)

COMITÊ OLÍMPICO VIROU DEUS AGORA. acho que o que deve ser feito é cada um no seu quadrado, Liga Masculina, Liga Feminina e Liga **Trans**, pq não adianta falar que ele é uma mulher, pq não é, até em campeonato Masculino ele já jogou. então vai ser assim, " se eu não me der bem aqui, viro trans e joga com as mulheres" será???????? (Ator FS, grifo nosso)

As principais entidades que regulamentam o vôlei (COI, FIVB e CBV) liberaram a participação dela, e até que eles voltem atrás na decisão, ninguém tem que achar nada. É pura hipocrisia das pessoas criticarem a participação dela, até porque, se ela fosse uma atleta ruim e não tivesse correspondendo, ninguém reclamaria. As pessoas também esquecem que vôlei é um esporte **COLETIVO** e que não depende apenas dela uma possível vitória do time. Ela só marca esse monte de pontos porque até agora não jogou contra times que podem bater de frente com o Bauru (tirando o Praia \*desfalcado\*, e o Fluminense e Minas \*que ganharam do Bauru\*). Ela recebe uma quantidade ENORME de bolas, é normal que ela pontue muito no ataque, e mesmo pontuando muito, o aproveitamento dela gira em torno de 44%, que não é um número tão extravagante assim. Se as outras atacantes do Bauru não tem a capacidade de pontuar, É ÓBVIO, que as levantadoras vão encher ela de bolas. A sociedade ainda é

muito preconceituosa e é normal ocorrer esse estranhamento, mas como disse, cabe às federações decidirem se ela deve ou não jogar. Enquanto isso, a gente comemora esse início da quebra de barreiras dentro de um país que mais mata pessoas **trans** no mundo. VAI TIFFANY <3 (Ator GZ, grifo nosso)

Infelizmente ainda estamos à mercê de uma sociedade que se organiza, em grande parte, de forma dicotômica. Mesmo entendendo a diversidade de identidades de gênero, a sociedade ainda se estrutura a partir de normativas que estipulam quem está em conformidade entre sexo e gênero, considerando-os como cisgêneros ou cis (LAURETIS, 1994; GRESPLAN; GOELLNER, 2014; LANZ, 2015; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017; GRINSPAN *et al.*, 2017; CFP, 2018). Mesmo que não esteja totalmente errado utilizar o termo trans, pois essa é uma concepção guarda-chuva de identidade de gênero, visto que no caso de Tiffany Abreu ela se identifica como uma mulher transexual, observamos a importância de se disseminar as formas corretas de tratar essas identidades de gênero.

Nos comentários prototípicos apresentados acima e em outros comentários publicados (Anexo 1) há uma separação entre os posicionamentos do processo de inclusão de pessoas transexuais nos esportes de alto rendimento, sobretudo competindo na categoria com a qual se identifica. Nos comentários é notório que há pessoas que trazem informações científicas, como no caso do estudo de Harper (2015) para salientar que não existem diferenças significativas nas habilidades físicas de uma pessoa transexual para uma pessoa cisgênera. Há pessoas que sugerem a criação de ligas esportivas distintas e limitadas (“liga masculina (sic), Liga Feminina e Liga Trans”, Ator FS) e outros comentários que provocam a segregação de transexuais nos esportes.

A criação de uma liga direcionada para pessoas transgêneras, no caso transexuais, pode ser um mecanismo para controlar quem se enquadra dentro dos esportes, o que de fato já ocorre nos esportes. Há uma segregação das pessoas que ocasiona ou reforça uma menor visibilidade em algumas categorias. O *Gay Games*, um dos maiores eventos esportivos competitivos voltados para a comunidade LGBTQI (DE CAMARGO, 2016), evento que não tem visibilidade nos meios de comunicação, a não ser os que são destinados a esse público, possui suas críticas dentro do próprio grupo social por ser um evento que está mais direcionado à orientação sexual do que à identidade de gênero. Muitas pessoas transgêneras, *queers* e intersexos criticam esse tipo de evento, uma vez que não atende diretamente as identidades de gênero.

*The Gay Games is built upon the core principles of Participation, Inclusion, and Personal Best™. Based on these values, since 1982, the Gay Games have brought together people from all over the world, with diversity, respect, equality, solidarity, and sharing. The Gay Games is open to all, young or old, athlete or artist, experienced or novice, gay or straight.* (FEDERATION OF GAY GAMES, 2018a, s/p)

*It is a fundamental principle of the Federation of Gay Games that all activities conducted under its auspices shall be inclusive in nature and that no individual shall be excluded from participating on the basis of sexual orientation, gender, race, religion, nationality, ethnic origin, political belief(s), athletic/artistic ability, physical challenge, age, or health status.* (FEDERATION OF GAY GAMES, 2018a, s/p)

Sobre o que está descrito no site da *Federation of Gay Games*, especificamente sobre a missão e a visão do evento, podemos identificar que o propósito é a inclusão de todos nos esportes, respeitando a diversidade, promovendo a equidade e a solidariedade. No entanto, há uma contradição nas falas presentes no site da federação, onde em primeiro momento apresenta que “*The Gay Games is open to all, young or old, athlete or artist, experienced or novice, gay or straight.*” (FEDERATION OF GAY GAMES, 2018, s/p) e em outro, “*The mission is to promote equality for all, and in particular for lesbian, gay, bi and trans people throughout the world.*” (FEDERATION OF GAY GAMES, 2018b, s/p). Nessa descrição é possível identificarmos em um determinado momento uma restrição quanto à orientação sexual (“*gay or straight*”) e em outro momento a ampliação da missão da federação. Nesse sentido, questionamos: será que a idealização de uma liga específica para pessoas transgêneras seria viável? Será que haveria pessoas transgêneras suficientes para realizar uma competição ou uma liga?

Ao abordarmos a fala do ator FS que direciona a criação de uma liga trans, identificamos que as ciências biológicas ainda predominam nesses pensamentos, distinguindo que pessoas transexuais, especialmente, mulheres transexuais, teriam melhor performance esportiva devido às influências hormonais. Observemos o histórico da própria Superliga Feminina de Voleibol, dos demais esportes no Brasil e no mundo, o quantitativo de pessoas transexuais que já se identificaram e participaram dessas competições é desconhecido. É um número mínimo de pessoas. Desse modo, entendemos que não há números suficientes para a formação de uma liga e/ou competição específica, além de segregar as pessoas transexuais de ingressarem, permanecerem e competirem nos esportes. Para além disso, refletimos sobre o quantitativo de pessoas transexuais que praticam esportes e quantas delas chegam ao alto rendimento. Na comparação com pessoas cisgêneras, o número seria quase nulo.

Um outro ponto interessante dos comentários analisados é o posicionamento de uma mulher trans (Ator EN) tendo impacto e pertinência na análise. O lugar de fala possibilita uma representação e posicionamento daquele que vivencia o processo, daquele que se enquadra dentro do que é problematizado, e que muitas das vezes é silenciado por outros discursos. Ou seja, o lugar de fala assume uma dimensão estratégica e posicional. O posicionamento dela possui uma coerência dentro do contexto em que foi abordado. No entanto, mesmo se

identificando como trans, é possível verificar que a mesma ainda se refere a um caráter biológico, uma vez que aponta a função de um endocrinologista para atestar a legitimidade da jogadora Tiffany Abreu.

Acerca do comentário do Ator EN, fica explícita uma crítica sobre a sociedade brasileira e que o processo de inclusão de pessoas transexuais tem tomado grandes proporções, oportunizando o ingresso e permanência nos esportes. Ademais, mesmo que a sociedade tenha características heterocisnormativas alicerçadas no patriarcado, os movimentos em prol da comunidade LGBTQI e dos Estudos de Gênero e Sexualidade têm se mobilizado e intensificado as lutas para consolidar espaços e visibilidade para essa comunidade. Com os posicionamentos da atual conjuntura política e do então eleito presidente da República, seus ministros e de aliados políticos, os movimentos LGBTQI e dos Estudos de Gênero e Sexualidade têm se posicionado perante os discursos ofensivos e hostis para com a comunidade, afirmando que é necessário discutir sobre gênero e sexualidade. Esses manifestos vêm rebatendo o posicionamento sobre a falácia da “Ideologia de Gênero”, denotando que a discussão deve ter fundamentos científicos e não partir de premissas religiosas e pessoais.

#### *b) Corpo e a identidade transexual*

Para Le Breton (2013a), o corpo tem sido evidentemente tratado dentro da sociedade contemporânea como uma forma manipulável, como uma prótese, diante do contexto em que está inserido. “O corpo torna-se emblema do *self*” (p. 29). Nesse sentido, ele se torna um simulacro do que o sujeito pretende com a sua presença, possibilitando seu julgamento e classificação. Le Breton (2013a) apresenta que o corpo se torna uma estrutura simbólica, ou seja, uma forma de se colocar no mundo. Entender o corpo é ressaltar a influência das tradições populares e das relações estabelecidas entre o eu, o outro e o ambiente.

A sociedade individualista e capitalista oportunizou uma distinção do corpo como identificado pelas sociedades tradicionais, onde passa de uma energia comunitária para um social. Le Breton (2013b, p. 40) identifica que “o ‘corpo’ existe apenas construído culturalmente pelo homem”.

Para que “a individualização pela matéria”, isto é, pelo corpo, seja admitida, no plano social, é preciso esperar o desenvolvimento do individualismo. Então, efetivamente, o corpo será a propriedade do homem, e não mais sua essência. No plano das representações, uma teoria do corpo como objeto independente do homem, conquanto estando ligado a ele, e encontrando nele seus próprios recursos (LE BRETON, 2013b), p. 44).

A concepção de corpo toma distintas posições ao longo da história dos seres humanos, um corpo que já foi demonizado e pecaminoso, um corpo como mão de obra, como produto, máquina, capital, um corpo mutante e outras derivações. Entende-se que muito se dá ao período histórico e a necessidades e interesses dos sujeitos para esses corpos. O corpo canônico é um corpo evidenciado e enaltecido pelos meios de comunicação, incluindo as redes sociais. Além de como é (re)apresentado para a sociedade, estipulando determinados padrões de estética, beleza e formas para caracterizar os sujeitos e para enquadrar como homens e mulheres. Seria inevitável para a sociedade desvincular a relação desse corpo esbelto ou “ideal” de uma concepção anatomizada e que objetifica as formas dos corpos (LE BRETON, 2013b).

Csordas (2008) e Le Breton (2013a; b) relacionam o corpo com a *self* como algo culturalmente construído. Entretanto, ao tratar sobre a corporeidade e a *self*, Csordas (2008) resgata pensamentos de outros autores como Irving Hallowell, Merleau-Ponty e Pierre Bourdieu, para aprofundar a discussão e a forma como o sujeito se localiza dentro da cultura. Para a construção da ideia de *self*, Csordas (2008) entende que há um objetificação e produto de uma mentalidade reflexiva, reconhecendo a “[...] si mesmo como um ‘objeto num mundo de objetos’” (p. 102).

O corpo é uma condição simbólica criada a partir do coletivo e que possui interferências de estereótipos reforçados pelo sistema, pela mídia e pelos cânones sociais. Entende-se que o corpo é modelado a partir de diversos fatores que permeiam o sujeito, desde as dimensões mais próximas (família, educação e saúde) até as mais distantes (ideologia, religião, economia, meio ambiente, saneamento e outros). Se houver uma desconstrução do corpo, haverá de um lado o corpo nu, em formato biológico, enquanto, do outro lado, estarão todas as dimensões que intercedem sobre esse corpo (LANZ, 2015).

Devemos considerar que o corpo é modificável durante toda a vida, sendo um corpo que se encontra em constante mutações e que influencia significativamente sobre a identidade. As experimentações e vivências percorridas ao longo da vida agregam valores e princípios aos sujeitos, consolidando-se em uma corporeidade que segue os preceitos normativos de determinada sociedade (LANZ, 2015). Nesse pensamento, é possível compreendermos que os gêneros e suas identidades também sofrem impactos com esses fatores, sendo construída através da aproximação com o meio ambiente, com o outro e consigo próprio.

A sociedade estabelece padrões corporais baseados no binarismo pênis e vagina para determinar os gêneros, de formar a corroborar com a ordem compulsória instituída. Desse modo, todos os sujeitos que possuem identidades que não estão em conformidade com esses atributos serão considerados como transgressores da corporeidade padronizada. O corpo ainda

possui uma significância sobre a expressão e identidade de gênero, ele não é algo fixo e imutável, pois com os múltiplos métodos e meios de intervenção médica e tecnológica os sujeitos podem realizar qualquer modificação e manipulação desse corpo. “[...] Mas, evidentemente, não é o corpo material que está errado, e sim a sua classificação artificial e arbitrária em uma das duas ‘caixinhas de gênero’, exclusivamente em função do seu sexo genital” (LANZ, 2015, p.161). Pessoas transgêneras geralmente não conseguem se enquadrar dentro dessas “caixinhas de gênero” rígidas, mesmo realizando todo o processo de transição de gênero serão marcadas pela transgressão as normativas culturais e sociais.

Existem pessoas transexuais que se sentem confortáveis com seus corpos e com esse rompimento político cultural, como o cartunista Laerte e a psicanalista Letícia Lanz. Entretanto, grande parcela das pessoas transexuais possuem dificuldades em aceitar o corpo biológico, em especial o órgão sexual. Essa frustração leva a sérias consequências no que tange o envolvimento social e em diversos estabelecimentos. Não é somente o corpo da pessoa transexual que lhe causa constrangimentos, mas o processo que concerne à sociedade e às análises subjetivas feitas às pessoas transexuais. Essas situações potencializam a busca por cirurgias estéticas com o intuito de diminuir a androgenia e/ou a aproximação estética e imagem pertencente ao gênero que não se identifica. Isso tudo para diminuir qualquer tipo de desconforto e se enquadrarem nos parâmetros dos gêneros que se identificam, tendo uma melhor passabilidade<sup>53</sup> (ÁRAN; SAIDHAFT; MURTA, 2008; BENTO, 2009; CERQUEIRA-SANTOS et al., 2010; LANZ, 2015).

Antes de discutir sobre o processo de redesignação sexual, é importante contemplar sobre a performatividade. A performatividade se faz presente em diversas áreas do conhecimento, como na antropologia, na sociologia, nas artes cênicas e outras. Pode-se entender que a ideia de performatividade, em uma perspectiva linguística, é de reconfigurar e/ou desconstruir alguns paradigmas existentes. Butler (1988; 2017) compreende que muito das ações, das palavras e desejos internos são reproduzidos corporalmente, o que ela considera como “superfície do corpo”, estando ligados com símbolos e signos que envolve a identidade dos sujeitos. Muitas das atitudes das pessoas estão relacionadas com a coerência simbólica e estruturas sociais. A performatividade de gênero instituída leva a consolidação do masculino e feminino nos seres humanos, principalmente sobre a propositiva da ordem compulsória de sexo, gênero e desejo. No caso de pessoas transexuais, entendemos que muito das vezes não ocorre

---

<sup>53</sup> Termo utilizado para identificar pessoas transgêneras que conseguem passar pelo gênero que se identificam sem ser julgadas pela sociedade por sua aparência. Muitas pessoas procuram realizar todas as modificações possíveis com o intuito de aproximar dos estereótipos do gênero que se identificam. Essa passabilidade refere-se a passar ou aparentar o corpo de acordo com o gênero que se identifica, passando uma certa naturalidade (LANZ, 2015).

o processo de transição, de “sair do armário” e/ou preferem se manter de acordo com o gênero estipulado durante o nascimento, como uma forma de estratégia de sobrevivência em uma sociedade que reforça o sistema compulsório. “Os gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero” (BUTLER, 2017, p. 241), e isso é o que realmente ocorre com pessoas gênero divergente. No caso de Tifanny Abreu, percebe-se uma punição através dos diversos discursos proferidos contra o ingresso na equipe de voleibol, justamente por não desempenhar corretamente o gênero designado a ela em conformidade com o sexo.

Para além das ações, atitudes e pensamentos, há outros elementos que corroboram para a performatividade de gênero das pessoas. As vestimentas e os acessórios, por exemplo, possuem e produzem um significado para as pessoas transexuais. Esses tipos de indumentárias se tornam valiosos instrumentos para reafirmação dos gêneros, sobretudo ao se perceber que seguem as normativas<sup>54</sup> provindas do posicionamento cânone (LANZ, 2015). A vestimenta e os acessórios são mecanismos simbólicos que possibilitam uma aproximação do gênero que a pessoa se identifica, afirmando-se dentro da categoria de gênero, além de fácil acessibilidade e viabilidade financeira (menor do que um processo cirúrgico). Embora compreenda-se que a roupa não é somente para o uso durante o dia a dia e/ou para esconder determinadas marcas e características, esta se torna um adorno carregado de significados para as pessoas transexuais, a qual incorpora o poder que é atribuído àquela vestimenta e acessório ao gênero. A importância de se reafirmar dentro da categoria de gênero leva as pessoas transexuais a visualizarem essas peças de vestuários como uma maneira de aproximar e construir suas identidades, isto é, uma maneira de exteriorizar e materializar a masculinidade e/ou a feminilidade.

É válido ressaltarmos que é estipulado pela sociedade o que é de homem ou masculino e o que é de mulher ou feminino. Essas informações se traduzem na identidade de todos os sujeitos. Assim, o modo de vestir e o uso de acessórios faz parte da corporeidade de todos, cisgêneros ou transgêneros.

Apesar de tentarem por diversos meios o enquadramento dentro dos estereótipos de corpo feminino ou masculino, ou seja, na performatividade instituída estruturalmente, muitas pessoas transexuais não conseguem ter grandes transformações, tendo a passabilidade comprometida. Corpos que não optam por passar pelos processos cirúrgicos e/ou de tratamento

---

<sup>54</sup> Importa entendermos que existem diferenciações de natureza cultural, histórica e social entre as diversas normativas sociais estabelecidas pelas comunidades sobre as estratégias para reafirmação de gênero. Neste trabalho nos referimos, em grande parte, às sociedades ocidentais, especificamente em uma visão do Brasil. Alertamos o leitor de que as vestimentas têm interferências culturais, como ocorre com a vestimenta chamada *Kilt* ou saio escocês, que possui uma história que fundamenta a vestimenta para pessoas do gênero masculino.

hormonal e que possuem marcas evidentes da transgressão se tornam abjetos, corpos considerados defeituosos e assexuados pela sociedade. Esse corpos abjetos, para a Teoria *Queer*, são aqueles que não estão em conformidade com o proposto pela perspectiva do essencialismo biológico, sobretudo do binarismo de gênero (BUTLER, 2017). Porchat (2015), Butler (2017), Dos Anjos e Goellner (2017) apontam que esses corpos abjetos são aqueles que não se enquadram dentro nas normativas discursivas que normalizam os corpos, não pertencendo a “lugar” nenhum, não pertencendo a nenhum gênero constituído pela ordem binária. São considerados dessa forma todos aqueles corpos que não são inteligíveis e/ou legítimos (PORCHAT, 2015; BUTLER, 2017).

O corpo abjeto é aquilo que não queremos ver em nós mesmos: nossos excrementos, nossos excessos e, em última instância, nosso cadáver. O nosso corpo abjeto é nossa doença, nossa morte. Os corpos abjetos da sociedade são aqueles que execramos da mesma maneira que execramos nossos excessos e aquilo que em nós apodrece, levando à nossa morte. (PORCHAT, 2015, p. 40)

Fica claro, a partir das proposições de Lanz (2015) e Butler (2017), que os corpos que não se enquadram dentro das matizes heterocisnormativas são considerados como corpos abjetos. Esses corpos abjetos são atribuídos a pessoas que são excluídas desses ideários normativos presentes em determinadas culturas. Podemos relacionar esse pensamento de corpos abjetos com as concepções higienistas de que o que convém são os corpos puros, certos, considerados como dóceis, ou seja, aquele corpo que é domesticado pelos princípios sociopolíticos. Lanz (2015) aponta que o corpo do transgênero, nessa situação, o corpo transexual, é um corpo rebelde e que não se enquadra dentro das normativas e que se contrapõe ao projeto sociopolítico determinado pela biologia. Para tanto, os transexuais tendem a buscar a passabilidade corporal, a fim de livrar-se desses estigmas sociais.

O corpo abjeto é o “corpo errado”, fora da matriz de inteligibilidade instituída e mantida pela sociedade. É o corpo “defeituoso” em relação ao modelos vigentes de normalidade dos corpos. Corpo que apresenta defeito físico, de inadequação aos padrões estéticos das anatomias idealizadas dos corpos e/ou defeito moral, por transgredi as normas de condutas de gênero, por estar fora dos discursos oficiais de gênero. (LANZ, 2015, p. 169)

As pessoas que se adequam às conformidades estruturais relacionadas a gênero, identidade de gênero e sexualidade percebem o corpo do outro a partir de seu próprio corpo. Quando o corpo do outro não é considerado adequado ou quando não se ajusta às normativas sociais, é considerado como abjeto. Esses corpos são execrados, abominados, detestados pelas pessoas, como Porchat (2015) evidencia. Os corpos de pessoas transexuais são exemplos desse

processo de abominação, justamente por não se enquadrarem dentro da normativa, causando vulnerabilidade desse grupo minoritário. Tiffany é um exemplo dentro do meio esportivo, assim como Fallon Fox, Renée Richards, Dutee Chand e demais atletas transexuais que repercutiram debates significativos em torno da inclusão de pessoas transexuais nos esportes (GRESPLAN; GOELLNER, 2014), uma vez que esses corpos não somente fogem da heterocisnormatividade, mas se afastam da perspectiva do essencialismo biológico e higienista que aponta diferenças anatômicas e fisiológicas.

Justamente por se tornarem abjetos, alguns recorrem, em algum momento da vida, a intervenções médicas para a conformidade com as normativas e as características de gênero (BENTO, 2009; LANZ, 2015). Bento (2009) esclarece a questão sobre a necessidade de intervenção cirúrgica, abordando que nem sempre as pessoas transexuais sentem a necessidade de realizarem as cirurgias, e em muitos casos se sentem completas e perfeitas com o próprio corpo. A autora (2009) discute que o órgão genital é muitas vezes generalizado como “o corpo”, “[...] É como se a genitália fosse o corpo” (p. 97). Transexuais entrevistadas pela autora (2009), na obra *A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade*, expõem suas experiências com seus corpos, sobretudo a necessidade e/ou importância do processo cirúrgico, ficando evidente que há uma relação entre o corpo assexuado e o corpo sexuado. Em um primeiro momento, há a limitação das relações sexuais por causa do órgão genital e/ou das características secundárias. Porém, quando ocorre o processo cirúrgico, esse corpo deixa de ser assexuado para se tornar uma fonte de prazer e de superioridade para as pessoas transexuais. Entretanto, para Arán, Zaidhaft e Murta (2008) o que mais importa para o sujeito transexual é o encontrar-se em conformidade consigo mesmo, de acordo com o gênero que se identifica, mais do que “ter” relações sexuais.

Todo esse processo de transição influencia significativamente a corporeidade de pessoas transexuais, de maneira que o corpo se contrai e cria cicatrizes a partir desses episódios cotidianos. Essas características, marcas e cicatrizes apontam para uma não possibilidade de (re)produzir expressões, gestões e mímicas que estariam elencadas caso se identificasse com o gênero. O fato de poder se movimentar evidenciando a sua verdadeira identidade de gênero é frequentemente podado e/ou massacrado por todo o sistema que rege a sociedade heterossexista. Todos os movimentos que não condizem com o que a sociedade impõe são considerados incomuns e errôneos e, como dito anteriormente, a padronização de estereótipos relacionados ao gênero evitam que determinadas pessoas transexuais se organizem e se apresentem com sua verdadeira identidade, ou seja, a sociedade institui um poder simbólico

sobre as formas dessas pessoas se movimentarem, enquadrando as características em aceitas ou não (BOURDIEU, 2002; LANZ, 2015).

O estar condicionado a fatores biológicos compromete o desenvolvimento integral da pessoa transexual em todas as facetas da vida. As pessoas se sentem isoladas e excluídas do grupo social, entrando em um processo de angústia provindo desses motivos reforçadores dos paradigmas sociais. Essa situação infere na possibilidade de desenvolver doenças mentais, como depressão, ansiedade, transtorno dismórfico corporal, entre outras, que podem impactar na qualidade de vida e saúde dos sujeitos. A inclusão de uma pessoa transexual é muito sutil e invisível, e quando ocorre é por pequenos grupos que aceitam as diversidades de identidade de gênero e sexualidade, sendo criticada pelo restante.

Csordas (2008), ao tratar do paradigma da corporeidade, defende que ela é baseada na relação estabelecida com a cultura, sendo o corpo considerado como sujeito e não como um objeto. Ele afirma que a corporeidade “[...] pode ser dado como um equivalente complementar do paradigma semiótico da cultura como texto.” (p. 367). Não nega a relação direta com o campo biológico, mas entende que a corporeidade provém das relações estabelecidas do sujeito com o contexto, com suas experiências e vivências.

Assim, as noções de corpo e de corporeidade são distintas nas diversas culturas, sendo que há modos distintos de tratar o corpo. As práticas sociais, individuais e coletivas acabam por inscrever nos corpos símbolos e estruturas características de cada sociedade e de cada cultura. A forma como compreendemos o corpo está associada à forma como sentimos nosso corpo e percebemos como esse se encontra no mundo e, também, como é dada a atenção aos corpos de outros. Contudo, não há como identificar o corpo a partir e tão somente pela matriz epistemológica das ciências biológicas, mas concatenando com as outras matrizes. O corpo não é constituído arbitrariamente pela biologia, sendo cultural, histórico e socialmente constituído.

Le Breton (2007; 2013a; b) corrobora o proposto por Csordas (2008) de que o corpo e a corporeidade são situações construídas através das relações culturais. Ao corpo são atribuídos símbolos e significados que são constituídos a partir da interação individual e coletiva, sendo que a partir das vivências e experimentações os sujeitos se apropriam de substâncias que compartilham com a comunidade.

Nessa lógica, o sujeito e o corpo se tornam receptores e emissores ativos de informações. Le Breton (2007, p. 26) aponta que “A visão moderna do corpo nas sociedades ocidentais, que de alguma forma oficial é representada pelo conhecimento biomédico, pela anatomofisiologia, repousa sobre uma concepção particular de pessoa”. Entretanto, o autor identifica que o corpo, o outro e o mundo estabelecem relações invisíveis, oportunizando a consolidação de

conhecimentos, de rituais e símbolos. As ideias biológicas não são as únicas formas de se pensar o sujeito, existem outras formas de entendê-lo.

É evidente a incursão dessa perspectiva cultural sobre o corpo nas mais diversas áreas do conhecimento. Goellner (2012) faz as mesmas referências sobre o corpo e a influência da sociedade e cultura sobre ele. O corpo é mutável, provisório, modificável, inserido e influenciado por uma ampla conjuntura, como econômica, cultura, espaço, tempo, história, grupos sociais e outros. Para além disso, o corpo não é uma constituição exclusivamente biológica, inclusive os acessórios, as vestimentas, a forma de se expressar e movimentar intervêm sobre a concepção de corpo. O corpo também sofre inferência da linguagem como sistema simbólico, que por vez tem o poder de classificá-lo dentro de algumas categorias, como o corpo belo, o corpo mutante, o corpo capital, o corpo deficiente, o corpo abjeto e outros (BUTLER, 1988; 2017; BUTLER; LOURTIES, 1998; GOELLNER, 2009; 2012).

Fala do corpo é falar, também, de nossa identidade dada a centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo, no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e, também, ao seu controle. (GOELLNER, 2009, p. 29-30)

Apresentada uma breve análise sobre o corpo e a corporeidade, analisaremos os conteúdos da subcategoria corpo (26), sendo perceptível que a palavra “corpo” teve maior frequência nos comentários encaixados nessa categorização, seguida da palavra “mulher” e “testosterona” (Quadro 13 e Figura 23). Diante desse cenário dos resultados, identificamos que a palavra corpo sempre esteve conectada à relação de gênero, havendo comparação com a produção do hormônio de testosterona, que para os atores levaria a um melhor desenvolvimento e performance. O corpo ressaltado nos comentários ainda está associado a um corpo anatomizado e biológico, sobretudo, alicerçado na dicotomia entre masculino e feminino, homem e mulher, assegurando o discurso determinista do corpo enquanto comprovante do gênero dos sujeitos. Quase não foi perceptível identificar um ator que compreendesse e dialogasse sobre o corpo enquanto constructo histórico, cultural e social.

Quadro 13 \_ Frequência de palavras subcategoria corpo

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	corpo	5	19	corpo
2º	mulher	6	9	mulher, mulheres
3º	testosterona	12	5	testosterona
4º	masculino	9	4	masculino

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
5º	altas	5	3	alta, altas
6º	anos	4	3	anos
7º	desenvolvimento	15	3	desenvolvimento
8º	feminino	8	3	feminino
9º	jogadoras	9	3	jogadoras
10º	trans	5	3	trans
11º	alguns	6	2	alguns
12º	atleta	6	2	atleta
13º	homem	5	2	homem
14º	jogando	7	2	jogando
15º	moldado	7	2	moldado
16º	muscular	8	2	muscular
17º	querer	6	2	querer
18º	semelhante	10	2	semelhante
19º	achar	5	1	achar
20º	afeta	5	1	afeta

Fonte: Os autores (2019)



Figura 23 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria corpo

Fonte: Os autores (2019)

Não podemos esquecer que o **corpo** dele foi moldado [...] (Ator B, grifo nosso)

Nenhuma mulher, a não ser que tenha usado testosterona de origem externa ao organismo, conseguiria formar o mesmo **corpo**. É só olhar para a atleta, alta e muito forte" (Ator AZ, grifo nosso)

Além disso, o tratamento hormonal interfere na mudança de um **corpo** mais masculino pra ficar mais feminino. (Ator AS, grifo nosso)

[...] **corpo** foi estruturado com testosterona [...] (Ator BL, grifo nosso)

Precisa de muito tempo pra um **corpo** modificar. (Ator BS, grifo nosso)

[...] existe aquela intimidade com o **corpo** masculino que ela teve por tantos anos, memória muscular. (Ator CL, grifo nosso)

Achar que alguém que teve o **corpo** moldado por testosterona por 29 anos (e que tem toda a sua fisiologia modificada por esse hormônio) (Ator B, grifo nosso)

Ele se modifica a ponto de se tornar fisicamente do jeito que se sentirá bem. (Ator DB)

A própria questão do **corpo** e que há mulheres com densidade óssea semelhante a de homens e massa muscular maior que de alguns. O problema é querer estabelecer um padrão de **corpo** que nem todas se encaixam. (Ator EV, grifo nosso)

[...] tem várias jogadoras mais altas e com **corpo** semelhante. (Ator GP, grifo nosso)

Estou dizendo que o **corpo** feminino é diferente. (Ator HI, grifo nosso)

A partir dos comentários analisados identificamos que há uma tendência em ressaltar o corpo dos sujeitos a uma matriz biológica, inclusive ressaltando que o sexo/gênero é o definidor dessas características. Não nos espanta a ausência de um posicionamento à luz das ciências sociais e/ou humanas que estabeleça uma associação da identidade e do corpo da atleta com os aspectos sociais e culturais. É muito mais fácil identificar que houve comentários que negam o processo de inclusão de Tiffany, justamente devido à visão corrente de que é um corpo abjeto, uma corpo “construído” pelo hormônio testosterona ao longo da vida. Dentre os exemplos apresentados acima, podemos perceber que apenas os atores AS, DB e GP parecem compreender a possibilidade de realizar modificações a partir dos tratamentos, transicionando o corpo para o gênero que se identifica.

Quando tratada a relação entre corpo e linguagem sobre gênero e sexualidade, os estudos dessa área têm enfatizado que gênero não é estabelecido com o que se nasce, tampouco o que possuímos, mas sim, um construto social (LANZ, 2015; BEAUVOIR, 2016; BUTLER, 2017). Entende-se que as estruturas estruturantes e os aspectos simbólicos definidos pela matriz heterocisnormativa já define a partir das linguagens quais são as características predominantes do homem e da mulher, do masculino e do feminino (LAKOFF, 2010). Essas estruturas já inserem e influenciam o *modus operandi* dos sujeitos, alicerçando na ordem compulsória sexo, gênero e desejo. Lakoff (2010) menciona que a sociedade é binária nesse sentido, determinando os papéis sociais de homens e mulheres, sendo que, principalmente, as mulheres “experimentam a discriminação linguística de duas maneiras: no modo como elas são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata” (p. 14).

É isso que ocorre com Tiffany, uma pessoa e um corpo que foge as prerrogativas sociais, da ordem compulsória binária e da matriz heterocisnormativa. Um corpo que tem sido questionado, principalmente nas redes sociais, quanto a sua legitimação e quanto a jogabilidade dentro das quadras. Um corpo que é comparado pelo sistema fixo binário provindo da biologia e que não transcende para um pensamento de construção corporal e da corporeidade a partir de

ótica cultural, histórica e social. Um corpo que é questionado mesmo diante de vários registros e comprovantes de que há a modificação corporal, sobretudo modificações fisiológicas que interferem nas habilidades físicas da atleta. Um corpo que é inclusive comparado a outros corpos. Goellner (2010) considera que o corpo é o que somos e que não existe a possibilidade de outros remeterem a nós mesmos. No caso de Tiffany, ela é o que ela é, o que gosta de ser e como se identifica, no caso como uma mulher. À vista disso, o corpo não se faz somente pela materialidade biológica e que não deve ser o único marcador identitário.

Para tanto, o corpo é educado em diversas esferas, não se restringido exclusivamente à um âmbito e/ou contexto. Os esportes se tornam um campo que proporciona também uma educação do corpo (GOELLNER, 2010), possibilitando a ressignificação desses corpos, da identidade e dos próprios sujeitos. Mesmo que alguns espaços esportivos sejam considerados como híbridos (COELHO, 2009; DE BRITO; PONTES; PEREIRA, 2016), ainda há uma cultura envolta que estabelece os padrões de corpos e de comportamentos, considerando-os desejáveis ou não (GOELLNER, 2010; LANZ, 2015). Mesmo Tiffany estando em um ambiente híbrido, ela se tornou protagonista e alvo de julgamentos sobre seu corpo, pertencimento, legitimidade e jogabilidade, não somente dos atores das redes sociais, mas de outras pessoas e instituições que também fazem parte daquele universo e que são influenciadas pela cultura estruturante de corpos. Temos exemplos claros de jogadoras que se posicionaram contra a atuação de Tiffany por ideias ligadas estritamente a um corpo biológico, como a ex-jogadora Ana Paula (Figura 24) e as jogadoras Tandara e Sheilla.



Figura 24 \_ Comentário de Ana Paula sobre Tiffany Abreu  
Fonte: GloboEsporte.com (2018)

“Estudei, tirei dúvidas, falei com especialistas, nosso fisiologista, preparador físico e fisioterapeuta. Respeito muito a história dela, para a sociedade é importante. Hoje, eu não concordo com a participação da Tiffany na Superliga feminina. Durante muito tempo, a puberdade inteira, ela se desenvolveu como sexo masculino. Não é o fato de tirar espaço de quem está chegando, é muito delicado isso. Não é homofobia o que estou falando. É fisiologia. Querendo ou não, ela tem vantagem”, comentou a atleta. (Tandara) (CANOSSA; PEREIRA, 2018, s/p)

Apontando a autora Lanz (2015) e dando-lhe lugar de fala, “Para a pessoa transgênera, corpo é sempre um projeto incompleto e inacabado, um vir-a-ser da própria pessoa dentro de uma ampla perspectiva de transformação [...]” (p. 160). O corpo de pessoas transgêneras transgride a submissão da heterocisnormatividade vivida pelos corpos de pessoas cisgêneras. Não é o corpo que está errado e tampouco a pessoa transexual, é a forma em que o sistema binário institui e classifica artificial e arbitrariamente os corpos e os gêneros. Mesmo com o processo de transição e de redesignação sexual, as marcas e cicatrizes ficam inscritas nos corpos e nos sujeitos transexuais. Esse processo demanda muita energia e muito tempo dessas pessoas, e mesmo com todos os recursos para a transição e redesignação sexual, as pessoas transexuais precisam se reorganizar, tentando se enquadrar dentro do que é estruturado para o gênero que se identifica. A busca por melhoras não é somente na imagem corporal, mas de comportamento e pensamento. Essa busca está associada ao fato de o corpo ter uma ligação com a identidade da pessoa, por isso, os procedimentos médicos são buscados com tamanha ênfase, uma vez que esse processo de transição se torna uma obstinação para a grande maioria das pessoas transexuais.

Finalmente, Courtine (2011) argumenta que a partir da virada do século a organização de mecanismos e dispositivos de normalização tomaram uma grande dimensão, e apresenta que a ideia de panoptismo e de vigilância pelo Estado tomou proporções imensuráveis. Diante disso, podemos incluir que não somente os poderes do Estado têm implicado na verificação de condutas, mas também a sociedade como um todo, ou seja, todos passaram a se considerar como vigilantes e analistas da normatividade, principalmente nas redes sociais. Courtine (2011) também trata do corpo deformado, estando os corpos diferentes inclusos nele, que são veemente julgados pela sociedade panóptica. Tiffany dentro da sociedade e dos esportes, assim como outras pessoas transgêneras, são julgadas como um corpo abjeto, um corpo deformado, defeituoso (LOURO, 2016; BUTLER, 2017; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017), e se torna centro dessa vigilância social. As redes sociais oportunizaram um espaço para que as pessoas pudessem exprimir suas opiniões sobre o caso de Tiffany, e que de algum modo se transformou em um espaço de vigilância sobre a atleta, o esporte e os comitês envolvidos. Como não há

fronteiras fixas dentro do ciberespaço, os atores se sentem confortáveis em expressar suas opiniões sobre a temática, podendo ou não corroborar com outros atores.

## **CAPÍTULO 6. LEGISLAÇÕES, ESTIGMAS E PRECONCEITOS RELACIONADOS A PESSOAS TRANSEXUAIS**

### **6.1 Legislações e Documentos voltados a pessoas transexuais**

Inúmeras pessoas transexuais recorrem a cirurgias e tratamentos legais e ilegais. Desde 1997 é oferecida a cirurgia de transexualização nos hospitais públicos, situação aprovada pela Resolução 1482/97 do Conselho Federal de Medicina (CFM) e revogada pela Resolução 1652/02 do mesmo conselho, permitindo que sejam feitas as cirurgias em hospitais públicos e particulares (ARÁN; Zaidhaft; Murta, 2008). A Portaria nº 2.836, de dezembro de 2011, aponta “[...] a necessidade de ampliação do acesso ao Processo Transexualizador, já instituído no âmbito do SUS” (Sistema Único de Saúde) (BRASIL, 2011, s/p).

A portaria também aponta a necessidade de promoção de Política Nacional de Saúde Integral para as pessoas LGBTQI. Essa ação atinge em especial a comunidade de transexuais e travestis, com iniciativas que visam à redução dos problemas causados pelo uso de hormônios femininos, uso de medicações, prevenção do câncer de próstata, problemas de saúde mental, drogas, álcool e suicídio, garantindo tratamento de recuperação da saúde para esses pacientes (PORTAL BRASIL, 2015; BRASIL, 2017a).

O SUS realiza esse processo desde a publicação da Portaria nº 457, de agosto de 2008. Uma portaria do Ministério da Saúde constituída em novembro de 2013, sob o número 2.803, amplia o processo transexualizador, favorecendo um maior número de procedimentos ambulatoriais e hospitalares, assim como o processo de redesignação sexual de mulher para homem, que é menos procurado (PORTAL BRASIL, 2015; BRASIL, 2017b). Segundo o Portal Brasil (2015), o SUS realizou de novembro de 2014 até março de 2015, 6.724 procedimentos ambulatoriais e 243 processos de transexualização. A Portaria 2.803/13 apresenta diretrizes para que ocorra a cirurgia, desde que a pessoa transexual seja diagnosticada, se submeta ao acompanhamento multidisciplinar por no mínimo dois anos e faça o acompanhamento após a intervenção. O SUS proporciona vários serviços interdisciplinares pós-cirúrgicos para que ocorra uma integração satisfatória de corpo e identidade sexual (ARÁN; Zaidhaft; Murta, 2008; GALLI et al., 2013).

Arán, Zaidhaft e Murta (2008) e Galli et al. (2013) apontam que há alternativas de tratamentos sem a intervenção cirúrgica, possibilitando uma vida íntegra da pessoa transexual, como o auxílio medicamentoso, hormonal, psicopedagógico e psiquiátrico. As autoras ainda

comentam sobre o processo de transgenitalização como sendo a última alternativa para solucionar a readequação genital, além de apontar que este procedimento é bastante discutido juridicamente. Mesmo sendo legal, ainda é caracterizado como um processo de mutilação.

Mesmo com a precariedade das políticas públicas para essa população, o Estado e o SUS têm identificado a importância do processo transexualizador, compreendendo a necessidade de melhor regulamentação para os procedimentos junto ao sistema de saúde (GALLI et al., 2013). Apesar dessa percepção da importância do processo como contribuinte para a identidade de gênero dos sujeitos, a classe médica ainda institui terminologias errôneas de tratamento e descasos para o atendimento com pessoas transexuais e travestis. Cerqueira-Santos et al. (2010) relatam a percepção de usuários do SUS e identificam que há comportamentos preconceituosos por parte da equipe de saúde, além de um autoritarismo de profissionais da saúde para com os usuários. Desta forma, há a necessidade e a urgência de melhorias dos sistemas de saúde nos âmbitos público e privado através de ações e políticas públicas, para que o atendimento seja de qualidade e não seja diferenciado a partir da orientação sexual e/ou identidade de gênero. Sobre o sistema de saúde privado, é importante salientarmos que o procedimento burocrático pode ser um pouco mais ágil, mesmo tendo que passar integralmente pelos processos médicos e multidisciplinares. Porém, o gasto financeiro é muito maior.

Ainda há a ideia de patologização pelos instrumentos médicos, sendo a transexualidade incluída como uma doença pelos DSM-V e CID-10 (OMS, 2018). Esses manuais ainda utilizam a terminologia “transexualismo”<sup>55</sup> (sic), termo que foi utilizado pela primeira vez por Magnus Hirschfeld, em 1923, como *Seelischer Transsexualismus* (transexualismo emocional ou psíquico ou da alma). Em 1973, foi considerado pela psiquiatria como Disforia de Gênero, concomitante a outras enfermidades, tal como neurose e psicose. Como diagnóstico, o DSM-V aponta que deverá analisar a conformidade com os papéis de gênero, transtornos transvésticos, transtorno dismórfico corporal, esquizofrenia e outros transtornos psicóticos que influenciam no desenvolvimento do “transexualismo”, além de outras apresentações clínicas (APA, 2014).

A Resolução nº. 1.955/10 do Conselho Federal de Medicina define os critérios mínimos para o enquadramento do “transexualismo”:

Art. 3º Que a definição de transexualismo obedecerá, no mínimo, aos critérios abaixo enumerados:

1) Desconforto com o sexo anatômico natural;

---

<sup>55</sup> A utilização do sufixo “ismo” pode exprimir um fenômeno linguístico, político, religioso, ligado a ideologia, esporte, doenças etc. Nesse sentido, entendemos que a utilização do termo “transexualismo” remete à patologização de pessoas com gêneros discordantes.

- 2) Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
- 3) Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
- 4) Ausência de outros transtornos mentais. (CFM, 2016, s/p.)

Em geral, os hospitais públicos de caráter universitário oferecem as cirurgias de redesignação sexual, mas tais procedimentos não se restringem somente a essa esfera, podendo ser disponibilizado por hospitais privados. Seis estados brasileiros têm hospitais credenciados para a realização desse processo, sendo o Hospital das Clínicas de Porto Alegre – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital Universitário Pedro Ernesto – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Hospital das Clínicas de São Paulo – Universidade de São Paulo, Hospital das Clínicas de Goiás – Universidade Federal de Goiás, Hospital das Clínicas de Pernambuco – Universidade Federal de Pernambuco e, recentemente, implantado no Hospital das Clínicas – Universidade Federal do Paraná (GALLI et al., 2013; BONLADO, 2017).

Quanto às outras legislações, em 2013, foi apresentada uma proposta para a alteração do Art. 58 da Lei 6.015/1973 – Lei João W. Nery ou Lei de Identidade de Gênero, pelo deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Erika Kokay (PT-DF), com a finalidade de garantir direitos às pessoas de gênero divergente, retificação do “sexo”, da mudança do nome e imagem nos documentos pessoais, não havendo a necessidade de comprovar a realização do processo cirúrgico de redesignação sexual, terapias hormonais, comprovantes de tratamento, diagnóstico psicológico ou médico e autorização judicial. O mesmo documento visa atender a menores de idade (pessoas com menos de 18 anos), sendo que o representante legal deverá realizar a solicitação. Nessa propositiva também é evidenciada a garantia ao acesso e gratuidade para o tratamento junto ao SUS, sobretudo outras ações que dão suporte e segurança para as pessoas transexuais. Essa proposta foi aprovada pelo relator representante da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias, deputado Luiz Albuquerque Couto (PT-PB), em 03 de abril de 2016, publicado em 04 de abril de 2016 (BRASIL, 2013; 2016b).

O Decreto nº 8.727 de abril de 2016 aponta sobre a atribuição do nome social e reconhecimento da identidade de gênero para pessoas transexuais e travestis como constitucional. No Art. 1º, aponta que esse decreto tem esfera na administração pública federal, autárquica e fundacional, evidenciando sobre as terminologias para nome social e identidade de gênero. Inclui que a utilização de termos pejorativos para se dirigir a essas pessoas deverá ser evitada. Esse decreto também estipula que deverá constar o nome social em documentos, cadastros, programas, fichas, formulários, prontuários e congêneres dos órgãos e entidades

públicas, sendo que a pessoa transexual possa solicitar a qualquer momento a inclusão do nome nesses documentos (BRASIL, 2016a; 2017b).

O Projeto de Lei do Senado, nº 515, de 2017 visa à alteração da Lei nº 7.716, de 7 de dezembro de 1940, “[...] Código Penal, **para punir** a discriminação ou preconceito de origem, condição de pessoa idosa ou com deficiência, gênero, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero.” (DE MELLO FILHO, 2019, p. 4). O projeto visa ampliar o crime de discriminação ou preconceito as condições de gênero, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero. Embora ainda não tenha uma legislação consolidada que oportunizem seguridade, assistência e outros direitos à comunidade LGBTQI, foi iniciado no mês de fevereiro de 2019 a criminalização da LGBTQIfobia através da MI-4733 e da ADO 26, tendo como relatores Luiz Edson Fachin e José Celso de Mello Filho, respectivamente, pelo Superior Tribunal Federal. Tais medidas buscam avigorar as legislações, equiparar a LGBTQIfobia com o crime de racismo e relatam a omissão do Congresso Nacional em implementar medidas para garantir os direitos fundamentais a essa comunidade. No dia 13 de junho de 2019, os onze votos foram proferidos a favor da MI-4733 e ADO 26, sendo dos Ministros Celso de Mello, Luis Edson Fachin, Luís Roberto Barroso, Alexandre de Moraes e Luiz Fux, além dos votos das Ministras Carmen Lúcia e Rosa Weber. O votos contrários forma emitidos pelos Ministros Ricardo Lewandowski, Marco Aurélio Mello e Dias Toffoli. Ademais, no dia 22 de maio do mesmo ano, foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) o Projeto de Lei 672 de 2019.

O texto prevê a criminalização das tentativas de se proibir manifestações públicas de afeto. Conforme a proposta, quem “impedir ou restringir a manifestação razoável de afetividade de qualquer pessoa em local público ou privado aberto ao público”, ressalvados os templos religiosos, poderá ser punido com pena de um a três anos de reclusão. O substitutivo incluiu também os termos “intolerância” (outra forma de manifestação da prática criminosa, ao lado da discriminação e do preconceito) e “sexo” (outro fator motivador do delito, ao lado de raça, cor, etnia, religião e procedência nacional) nos dispositivos alterados na Lei do Racismo. (CRISTALDO, 2019, s/p.)

Recentemente, e mais precisamente a partir do início do século XXI, a visibilidade de pessoas transexuais tem aumentado consideravelmente. A abertura de canais de comunicação e a exposição dessas pessoas têm implicado maior reconhecimento. Essa maior visibilidade tem apresentado a diversidade de gênero, identidade de gênero e sexualidade existentes no universo. No entanto, essa visibilidade não tem relação direta com a aceitação e o respeito das pessoas que se enquadram nas convenções cisnormativas, aumentando ainda mais os discursos de ódio e de preconceito, como percebido através dos comentários proferidos no campo empírico-virtual analisado. As características de uma sociedade heterocisnormativa têm determinado

veementemente as questões sobre a aceitação ou não do outro. Como ressaltado anteriormente, as intervenções religiosas na política têm instituído diversas falsidades sobre as questões de gênero, sexualidade, identidades de gênero e orientação sexual, reforçando e disseminando a falácia da “ideologia de gênero” (WENETZ; SCHWENGBER; DORNELLES, 2017). Essas intervenções e o discurso da frente religiosa têm como finalidade manter a ideia de “família tradicional”, em que há um homem, uma mulher e os filhos e/ou filhas, sendo o primeiro o dominante, progenitor (PAINS, 2019). Outrossim, a instituição de ideologias religiosas na política tem desrespeitado a Constituição da República Federativa do Brasil, essa que determina que o Estado é laico e que garante os direitos constitucionais fundamentais dos seres humanos em território brasileiro.

Interessa ressaltarmos que as pessoas transexuais também são cidadãs e merecem respeito para uma vida digna e longínqua. Todos aqueles que divergem do imposto nos dispositivos binários sociais e políticos sofrem algum tipo de preconceito, discriminação e intolerância, tendo como consequência violências físicas, morais, simbólicas, o que resulta muitas vezes em morte. Essas minorias possuem certas restrições para a vida e para o exercício como cidadãos. Ainda que haja grupos e movimentos que lutam pela conquista dos direitos para essas pessoas, a legislação brasileira ainda é falha quanto às políticas públicas que garantem o exercício pleno enquanto cidadão, acesso à saúde, educação, segurança e outros, havendo negligências e descasos pelos órgãos responsáveis (SILVA JUNIOR, 2013). Assim, a votação no STF pela criminalização da LGBTfobia, MI-4733 e ADO26, visa à garantia dos direitos e segurança para essa comunidade, uma vez que relata a omissão do Congresso Nacional em propor e homologar projetos para esse grupo.

É imprescindível compreender que o Brasil, ao se unir à Organização das Nações Unidas (ONU), assume, se compromete e se torna signatário das prerrogativas, princípios e regimentos dessa organização, de modo a oportunizar a aplicação dos direitos universais destacados pela ONU, incluindo os direitos para os grupos considerados como minoritários. Existe, desde 2006, a adoção dos Princípios de Yogyakarta, que discute e apresenta normativas que estabelecem os direitos das pessoas que divergem quanto à orientação sexual e à identidade de gênero. Conforme o Quadro 14, os Princípios de Yogyakarta (2014; BRASIL, 2017b; GRINSPAN et al., 2017) são:

Quadro 14 \_ Princípios de Yogyakarta

<b>Princípio 1</b>	Direito ao gozo universal dos direitos humanos
<b>Princípio 2</b>	Direito à igualdade e à não discriminação

<b>Princípio 3</b>	Direito ao reconhecimento perante a lei
<b>Princípio 4</b>	Direito à vida
<b>Princípio 5</b>	Direito à segurança pessoal
<b>Princípio 6</b>	Direito à privacidade
<b>Princípio 7</b>	Direito de não sofrer privação arbitrária da liberdade
<b>Princípio 8</b>	Direito a julgamento justo
<b>Princípio 9</b>	Direito a tratamento humano durante a detenção
<b>Princípio 10</b>	Direito de não sofrer tortura e tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante
<b>Princípio 11</b>	Direito à proteção contra todas as formas de exploração, venda e tráfico de seres humanos
<b>Princípio 12</b>	Direito ao trabalho
<b>Princípio 13</b>	Direito à seguridade social e a outras medidas de proteção social
<b>Princípio 14</b>	Direito a um padrão de vida adequado
<b>Princípio 15</b>	Direito à habitação adequada
<b>Princípio 16</b>	Direito à educação
<b>Princípio 17</b>	Direito ao padrão mais alto alcançável de saúde
<b>Princípio 18</b>	Proteção contra abusos médicos
<b>Princípio 19</b>	Direito à liberdade de opinião e expressão
<b>Princípio 20</b>	Direito à liberdade de reunião e associação pacíficas
<b>Princípio 21</b>	Direito à liberdade de pensamento, consciência e religião
<b>Princípio 22</b>	Direito à liberdade de ir e vir
<b>Princípio 23</b>	Direito de buscar asilo
<b>Princípio 24</b>	Direito de constituir família
<b>Princípio 25</b>	Direito de participar da vida pública
<b>Princípio 26</b>	Direito de participar da vida cultural
<b>Princípio 27</b>	Direito de promover os direitos humanos
<b>Princípio 28</b>	Direito a recursos jurídicos e medidas corretivas eficazes
<b>Princípio 29</b>	Responsabilização (“ <i>accountability</i> ”)
<b>Princípio 30</b>	Direito à proteção
<b>Princípio 31</b>	Direito ao reconhecimento jurídico
<b>Princípio 32</b>	Direito à integridade física e mental

<b>Princípio 33</b>	Direito à liberdade de criminalização e sanção na base de orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero ou características sexuais
<b>Princípio 34</b>	Direito à proteção da pobreza
<b>Princípio 35</b>	Direito ao saneamento
<b>Princípio 36</b>	Direito à apreciação dos direitos humanos em relação às tecnologias da informação e da comunicação
<b>Princípio 37</b>	Direito a verdade
<b>Princípio 38</b>	Direito de praticar, proteger, conservar e reviver a diversidade cultural

Fonte: Princípios de Yogyakarta (2014), Brasil (2017b) e Grinspan et al. (2017) (adaptado)

Apesar desses princípios e leis que buscam assegurar às pessoas LGBTQI seus direitos, é possível percebermos que a LGBTQIfobia ainda é crescente no Brasil. O discurso baseado nas normativas binárias assegura somente às pessoas que estão em conformidade com os dispositivos estabelecidos pelas convenções, enquanto os divergentes em orientação sexual e identidade de gênero são invisíveis para as legislações e políticas públicas, sendo alvos de discurso de ódio, preconceito e discriminação. A ampliação das redes de comunicação tem oportunizado maior disseminação de informações referentes ao número de assassinatos de pessoas LGBTQI, em particular de transexuais, tendo em vista a necessidade de a militância disseminar essas informações, a fim de visibilizar que o discurso e as atitudes de ódio estão presentes na sociedade. Entretanto, há pouco estudos científicos com publicações que relatam as taxas de mortalidade e os fatores que levam a essa situação, a grande maioria é relacionada ao preconceito e às doenças, como o HIV. Hipoteticamente, a maioria dos homicídios ocorridos tem uma relação direta com a transfobia.

## 6.2 Estigmas: linguagem de relações

A subcategoria estigma foi definida como forma de apresentar as marcas e símbolos existentes como definidoras de um corpo e/ou sujeito considerado como defeituoso ou mutante. Goffman (1988) retrata que a sociedade constrói mecanismos para categorizar as pessoas, de modo a estabelecer probabilidades de encontrá-las em determinados espaços. O autor (1988) considera que essas “[...] pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas,

em exigências apresentadas de modo rigoroso.” (p. 5). A sociedade considera indesejável quando uma pessoa se difere dessas pré-concepções, atribuindo-lhe um descrédito.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 1988, p. 6)

Desse modo, foram codificados 42 comentários para representar a subcategoria estigma, sendo que novamente identificamos as palavras “mulher”, “trans” e “homem” (Quadro 15 e Figura 25) como as mais utilizadas na subcategoria de identidade de gênero.

Quadro 15 \_ Frequência de palavras subcategoria estigmas

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	mulher	6	13	mulher, mulheres
2º	trans	5	12	trans
3º	homem	5	5	homem
4º	jogar	5	5	jogar
5º	luta	4	5	luta
6º	existe	6	4	existe
7º	homens	6	4	homens
8º	social	6	4	social
9º	esporte	7	3	esporte, esportes
10º	lado	4	3	lado, lados
11º	lutadora	8	3	lutadora
12º	melhor	6	3	melhor, melhores
13º	sociais	7	3	sociais
14º	times	5	3	time, times
15º	aceita	6	2	aceita
16º	banida	6	2	banida, banidas
17º	biológico	9	2	biológico
18º	caso	4	2	caso
19º	causa	5	2	causa, causas
20º	competir	8	2	competir

Fonte: Os autores (2019)



Figura 25 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria estigmas  
Fonte: Os autores (2019)

[...] coisa que for decidida vai ter retaliações de ambos os lados, motivadas mais por crenças pessoais e causas políticas do que por argumentos científicos. (Ator Y)

O mais triste ainda é ver gente atacando a atleta por causa das mesmas crenças pessoais, e porque não aceita a decisão do comitê. (Ator Y)

Repetindo, não é questão social, é médica. É de justiça. (Ator B)

[...] quem tem que achar justo ou não é a mulher que se dispõe a tal. Norma é pra ser cumprida, mulher trans tem que jogar com mulher e não com homem (até porque caso contrário imagina os estigmas ao qual a pessoa teria de passar) . (Ator A)

[...] existe uma corrente sociopsicológica que trás discussões acerca disso, alguns dizem que sim, seria mais promissor se não houvessem tantas distinções. Por outro lado existe uma visão ao qual eu tendo concordar que existem "camadas sociais" invisíveis quiza desvalorizadas justamente por fugirem a "norma social" (Ator A)

Não estou afirmando que é machismo mesmo. Só me surgiu essa dúvida se seria biológico, ou se fomos condicionados a isso. (Ator AS)

Semana passada uma lutadora trans nocauteou uma mulher em luta na Asia, o juiz demorou para finalizar a luta, resultado, edema cerebral e morte da lutadora, a mesma só aceitou a luta pq senão a fizesse, seria expulsa da federação do país [...] (Ator CK)

Na verdade não existe mulher trans ele é homem e fim de papo! (Ator EL)

[...] esse aue todo e porque ela e talentosissima e uma vencedora, infelizmente a sociedade Brasileira nao aceita ver isso, saber que uma de nos pode sim chegar no topo!!!mas Desculpe vamos cada vez mais mostrar pra voces que podemos muito mais quer voces queiram quer nao!!! (Ator EN)

outro detalhe enquanto homem Tiffany jogou em times menores e não conseguiu melhor colocação. ela tem um formação tão superior que entrou arrebatando no feminino e tá aí, nos melhores times (Ator HE)

ngm está dizendo que Tiffany fez isso de propósito. (Ator HÁ)

Seguindo a sua lógica, não devemos contestar a leis ou a sociedade em que vivemos, já que as instituições superiores já tomaram as decisões sobre tudo. (Ator GI)

Não estamos debatendo opiniões, vc esta falando de segregação [...] (Ator GQ)

Bem comum de gente cis, que não faz ideia do que estar em um lugar marginalizado a vida toda. (Ator GQ)

O processo de estigmatização está presente em todos os contextos da sociedade e o esporte não se exclui dessa. São construídos estereótipos e ideais vilipendiosos sobre as pessoas transexuais e que acabam por menosprezá-las, marcando negativamente suas vidas. Segundo Da Silva, Bezerra e De Queiroz (2015), “Os processos depreciativos vividos por elas influem em toda a organização de suas subjetividades, construídas ao longo das relações que estabelecem com os outros, com o mundo e consigo mesmas.” (p. 368). Vários desses processos depreciativos acabam por desenvolver sensações de sofrimentos diversos nas pessoas transexuais, e podem culminar no desenvolvimento de alguns transtornos (ansiedade, síndrome do pânico, depressão e outros).

Como colocado pelo ator GQ de que os grupos têm expostos opiniões que acabam por segregar as pessoas transexuais dos esportes. Desse modo, diversos comentários publicados acabam por evidenciar mecanismos de distinção entre as pessoas, incluindo uma ordem biológica. Essa situação estigmatiza as pessoas transgêneras, colocando em uma posição delicada, pois como são consideradas como corpos abjetos não se enquadram dentro dos mecanismos estruturantes. Reforçando as perspectivas ressaltadas anteriormente, esses mecanismos/estruturas estruturantes são construídos culturalmente, tendo uma grande influência das e sobre as posições individuais, como evidenciado pelo ator Y: “O mais triste ainda é ver gente atacando a atleta por causa das mesmas crenças pessoais, e porque não aceita a decisão do comitê.”

Os sujeitos portadores do estigma da abjeção podem se tornar suscetíveis a prática de discriminação que, além de decretar sua inexistência social, os condenam a uma vida de confronto e enfrentamento que, inclusive, pode gerar o extermínio desse “coletivo anormal” (DO PRADO, 2017, p. 112)

A partir dos posicionamentos de alguns atores e do que é proposto por Do Prado (2017), fica muito irrefutável que a sociedade é organizada em divisões relacionadas com o ser humano. Goffman (1988) deixa claro haver a existência de identidades reais e virtuais, sendo que a real reflete justamente os valores e princípios individuais, enquanto a virtual é uma identidade imaginária que as pessoas constroem para o outro, ou seja, o não verdadeiro eu. Essa noção (que é construída) tem relação com os estigmas que são construídos para com as outras pessoas; a identidade virtual é uma forma de ocultar todo o preconceito existente, a ponto de não expressar o que realmente pensa e/ou sente sobre determinado assunto.

No caso das análises propostas e o espaço em que foi analisado, retornamos a ideia de Recuero (2009; 2014) de que muitas identidades construídas nas redes sociais são verdadeiras e expressam os valores e princípios das pessoas. Entretanto, com a não limitação dos espaços, muitos atores utilizam o ciberespaço e as redes sociais para construir perfis *fakes*, onde poderão postar o que lhes convém. Sabe-se que há vários perfis que tendem a destilar o ódio e o preconceito contra determinados grupos sociais, incluindo os LGBTQI, reforçando os estigmas sociais, a fim de segregar as pessoas que divergem das normativas. Desse modo, o ciberespaço, por não possuir fronteiras e permitir que as pessoas se escondam atrás dos computadores, se torna um espaço de inúmeros comentários e posicionamentos estigmatizadores, que reforçam a segregação de grupos.

O impacto das *fakes news* sobre a sociedade também é enorme. As informações que são construídas para consolidar os estigmas existentes têm tido influências negativas sobre os comportamentos e pensamentos da sociedade, corroborando a disseminação da hostilidade, oposição, agressividade etc. “*We do know that, as with legitimate news, fake news stories have gone viral on social media.*” (LAZER et al., 2018, p. 1095). O ator CK traz uma informação que não é verdadeira, ao ressaltar que houve uma luta entre uma mulher cisgênera e transgênera, resultando na morte da atleta cisgênera. Essa situação já foi comprovada como uma *fake news*, mas mesmo diante dessa prova muitas pessoas ainda se deixam levar por informações falsas, contribuindo para uma maior estigmatização e discriminação de pessoas transgêneras nos esportes.

As teorias apresentadas e que sustentam a ideia de que há uma distinção entre as estruturas estruturantes que instituem uma heterocisnormativa são tratadas pelo ator A, sobretudo quando aponta que há “camadas sociais invisíveis quicã desvalorizadas por fugirem a norma social”. Goffman (1988), Bourdieu (2002), Fleury e Torres (2010), Courtine (2011), Jesus (2012), Louro (2014), Princípio de Yogyakarta (2014), Butler (2017), De Camargo e Kessler (2017), Dornelles, Wenez e Schwengber (2017) e Wenez, Schwengber e Dornelles (2017) tratam que as normativas sociais, sobretudo as referentes a gênero e sexualidade, se organizam de modo a condicionar os comportamentos humanos, categorizando as pessoas dentro de padrões e do binarismo de gênero e sexualidade, o que de fato faz com que alguns grupos não sejam visíveis perante a sociedade.

No caso de pessoas transexuais fica muito claro que a dificuldade de assumir a real identidade, a repulsa existente no ambiente de trabalho, os obstáculos para conseguirem emprego e/ou estudarem, de se desenvolverem socialmente, é proveniente de estigmas atribuídos a esse grupo de pessoas (LANZ, 2015). A procura por procedimentos e tratamentos

para modificarem seus corpos são uma forma de passabilidade com o gênero que se identificam, a fim de não se tornarem alvos de qualquer tipo de violência, bem como uma tentativa de se adequarem às normativas instituídas e diminuírem a possibilidade de serem estigmatizados (LANZ, 2015).

Por fim, quando trazemos a ideia de Bourdieu (2002) sobre a violência simbólica, identificamos que há essa situação com as pessoas transexuais, considerando o número de violências físicas e assassinatos de pessoas desse grupo, assim como as dificuldades e obstáculos que enfrentam dentro da sociedade. Essa violência simbólica está em todos os ambientes, incluindo os esportes, a normatização dos corpos, as habilidades físicas, os questionamentos sobre a legitimação e jogabilidade proferidos por atletas e espectadores. A dificuldade com as normativas que regulamentam a jogabilidade de pessoas transexuais são formas evidentes dessa violência dentro da sociedade. Assim, os estigmas construídos e consolidados pela sociedade fazem parte de um processo de controle social, que considera as pessoas transexuais como uma anormalidade, um corpo abjeto e defeituoso, não aceitas devido à sua transgressão de gênero.

### 6.3 Transexualidade e preconceito

Em consonância com a subcategoria anterior (estigmas), idealizamos a subcategoria de preconceito para apresentar o posicionamento dos atores sociais sobre o caso. Nesse sentido, compreendemos que preconceito é uma manifestação, opinião ou posição sem que ocorra uma reflexão crítica sobre tal assunto, sobretudo, sem haver fundamentação teórica. Pode ser considerado como um julgamento precipitado provindo das estruturas e experiências com o meio. Essa subcategoria foi organizada por 77 comentários dos atores, respaldada por um maior quantitativo das palavras “preconceito”, “opinião” e “contra” (Quadro 16 e Figura 26).

[...] preconceito, usualmente incorporado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto da violência. Ele tem como objetivo a percepção falsa e/ou incompleta da situação que lhe é apresentado, criando uma imagem distorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, constringendo todo aquele que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede, como uma ordem, uma obrigação. (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 107)

Quadro 16 \_ Frequência de palavras subcategoria preconceito

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	preconceito	11	24	preconceito, preconceitos
2º	opinião	7	10	opinião

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
3º	contra	6	9	contra
4º	mulheres	8	8	mulher, mulheres
5º	preconceituoso	14	7	preconceituoso, preconceituosos
6º	achismo	7	6	achismo, achismos
7º	questão	7	6	questão
8º	sociedade	9	6	sociedade
9º	trans	5	6	trans
10º	igualdade	9	5	igualdade
11º	peçoas	7	5	peçoas
12º	cara	4	4	cara
13º	física	6	4	física, físicas
14º	gente	5	4	gente
15º	jogadoras	9	4	jogadora, jogadoras
16º	jogar	5	4	jogar
17º	preconceituosa	14	4	preconceituosa
18º	aceitar	7	3	aceitar
19º	assunto	7	3	assunto
20º	concordo	8	3	concordo

Fonte: Os autores (2019)

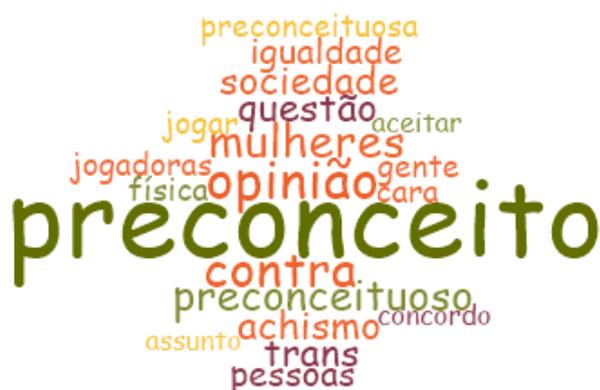


Figura 26 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria preconceito

Fonte: Os autores (2019)

Só não confundam preconceito com fisiologia (Ator J)

Já pensou se eles tivessem decidido que não? Eles seriam atacados de todas as formas. A coisa anda tão pesada, q até as decisões podem ser tomadas de forma errada, por medo do que pode acontecer. (Sem ironia) (Ator O)

Se existir, é normal, se não existir, alguma coisa está bem errada (Ator V)

Aceitar que ela é superior, não faz ninguém preconceituoso, apenas alguém que vê o que está na cara. (Ator B)

Bem dito, mas vemos pessoas q querem discordar, dar "opinião" sem ao menos entender sobre o assunto. 😞 😞 (Ator AD)

No entanto, acho importante pesquisarmos e buscarmos essas pesquisas, artigos e formar uma opinião sem julgamentos e preconceitos baseadas em "achismos". É bom discutirmos com seriedade (Ator AH)

É uma opinião de leiga, mas pelo que tenho lido, não é uma questão de preconceito e sim de igualdade no esporte. (Ator BB)

[...] não é preconceito mas não existe pé de igualdade a força é outra os hormônios são outros affffffff (Ator BG)

O seu achismo não é prova, seu achismo não é argumento. É achismo. Espero ter sido Claro. (Ator CR)

já a Tiffany não, ela é homem, mas fazer o que se hoje ninguém mais quer se indispor, por acharem que isso seria homofobia, o que não é. (Ator DE)

A opção sexual ou qual sexo pretende escolher para si, não interfere no caráter, prefiro um amigo trans que falso, mesmo não concordando.

Estes extremistas devem parar de impedir de termos opinião contrária ao homossexualismo ou de quem quer ser trans, tanto quanto os que são extremistas contra, a ponto de agredir. (Ator DG)

é aquele tipico homem ignorante e preconceituoso, que detestas feministas pois elas dizem o quão merda ele é por ser um cara babaca, e que não vão aceitar os tipos dele. E pra completar a cereja do bolo, o cara ainda é transfobico. Pois não respeita o genero da mulher trans em questão. Ai percebemos pelo comentário dele, que o mesmo tentou fazer uma piada preconceituosa por dois véis de ignorância, para se sentir melhor com a propria insegurança e ignorância dele. Dá dó 😞 tem gente que é assim mesmo. Pequena. Insegura. Ignorante. Intolerante. (Ator DX)

Que coisa mais chata .. tudo é preconceito aff..

Não concordo como vários aqui .. e isso não nos torna preconceituosos .. até pq isso é questão de ter senso.. (Ator EU)

o preconceito pode estar disfarçado com uma argumentação que parece boa, mas sempre precisamos desconstruir a argumentação para validá-la (Ator FE)

Não torço pela Tiffany, torço por uma sociedade livre de preconceitos e que introduzam essas pessoas da melhor forma possível na sociedade! :) (Ator GZ)

Para Fleury e Torres (2010), a ideia de preconceito está presente durante séculos, e a biologia tenta justificar as diferenças sociais, tendo o parâmetros de raça e gênero para estipular a superioridade e/ou inferioridade de um grupo. O preconceito pode ser categorizado de diversas formas, por características econômicas, físicas, orientação sexual, situação cultural, geográfica etc. Na atualidade, os preconceitos estão disseminados por toda a sociedade e em diferentes formas, sendo que dentro do próprio grupo social existem certos tipos de preconceitos (FLEURY; TORRES, 2010), velados ou não, como é o caso da aceitação e respeito com pessoas transexuais dentro da comunidade LGBTQI.

O preconceituoso é identificado pelo sujeito que possui e/ou emite determinada opinião de forma unilateral, isto é, não se apropria ou aceita ideias divergentes da sua própria. Essa inflexibilidade decorre de uma sociedade que estipula normativas sociais que levam as pessoas a se comportarem desse modo (FLEURY; TORRES, 2010). No caso dos comentários analisados, fica muito evidente o preconceito, pois os comportamentos verbais e não verbais dos atores legitimam a heterocisnormatividade instituída. Mesmo que ocorra um diálogo entre diversos atores, os conteúdos nos levam a identificar que o posicionamento é inflexível, não possibilitando a reflexão a partir de outras ideias. No entanto, mesmo que isso seja um problema, também entendemos que faz parte de um processo educacional mal estruturado, um processo de modelagem das pessoas de acordo com o que é considerado certo na sociedade.

É precisamente por isso que quase ninguém assume ser preconceituoso. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem: “Eu não tenho preconceito, mas não gosto de lésbicas”. Tem-se aí uma evidente contradição: ninguém que ser rotulado de preconceituoso, pois essa palavra é pejorativa, equivalendo à ignorância, intolerância, superstição, julgamento antecipado [...]. Assim, na autoavaliação das pessoas, elas acreditam não serem preconceituosas (FLEURY; TORRES, 2010, p. 59-60)

No caso dos comentários referentes à jogadora Tiffany, fica evidente a característica de pessoas preconceituosas, que, na autoavaliação, não se consideram de tal forma, o que corrobora o proposto por Fleury e Torres (2010). Os atores que se posicionam na postagem analisada tentam identificar que os argumentos exaltados não são formas de preconceitos. Entretanto, os discursos são carregados de informações que menosprezam as pessoas transexuais, nessa situação, a atleta Tiffany. Os atores tentam justificar a ilegitimidade e jogabilidade da atleta pelos fenômenos da fisiologia, de igualdade nos esportes, por senso etc. Mesmo com esses posicionamentos, os atores sempre se posicionam como sem preconceito, embora seus discursos não representem esse fato. A fala do ator FE discorre exatamente sobre essa camuflagem do preconceito, apontando que se disfarça todas as formas de preconceito através de argumentações que parecem boas, entretanto, que apontam a necessidade de reflexão, de embasamento, de críticas, para poder validá-la, como ocorre com o reconhecimento de teorias científicas.

No caso de Tiffany, pela falta de embasamento e pela não abertura para outras teorias, os atores *on-line* e *off-line* acabam exprimindo posicionamento que também podem ser estereotipados, como o comportamento do ator DX. O ator generalizou aqueles que têm opiniões distintas e que não visualizam outras formas de compreender as pluralidades de identidades de gênero como um “um homem ignorante e preconceituoso” e que “[...] não respeita o gênero da mulher trans em questão”.

O preconceito e as violências físicas, psicológicas e simbólicas são presentes dentro da sociedade brasileira. As violências e os crimes de ódio são características dessa sociedade, a qual possui o maior índice de assassinatos de transexuais e travestis (TGEU, 2016; 2017). A transfobia faz referência “a preconceitos e discriminação sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral” (JESUS, 2012, p. 11), que “[...] **caracterizariam** comportamentos subsumíveis à noção de racismo, tal como concebida, na latitude dessa expressão [...]” (DE MELLO FILHO, 2019, p. 2). Esses corpos abjetos e que fogem da normatividade geram em outros indivíduos um sentimento de indignação que pode ser velado, explícito, persistente e propagado, o que complementa a perspectiva de Jesus (2012) sobre a transfobia, que pode ser pela negação aos direitos e acesso aos espaços, pela exclusão dos sistemas estruturais (educação, saúde, mercado de trabalho) e por diversas outras violências.

Jesus (2012) aponta que a comunidade transgênera é perseguida historicamente, devido ao julgamento social desse grupo como anormal, que foge do que é considerado como “natural”. Os sistemas e legislações básicas ainda são mínimos para as pessoas transexuais e travestis. Alguns documentos, como a Constituição e o Princípio de Yogyakarta, se referem aos princípios básicos do direito do ser humano, como a dignidade, a cidadania, a liberdade de expressão, o bem de todos, sem preconceito (BRASIL, 2017a). Não obstante, não evidencia ou explicita os direitos ao grupo LGBTQI. Tamanho é o preconceito existente com esse grupo, principalmente provindo de camadas políticas e religiosas, que houve modificações estruturais no documento com a Medida Provisória nº 870, de 1º de janeiro de 2019 (BRASIL, 2019). Esse fato levou a comunidade LGBTQI a se posicionar de forma fortemente contrária a essa Medida Provisória nas redes sociais.

O Brasil, apesar de ser conivente e signatário com as diretrizes da ONU, com os Princípios de Yogyakarta, com legislações e resoluções próprias em nível nacional e regional que garantem o direito aos transexuais, ainda possui um dos maiores quantitativos de mortes de pessoas de gênero divergente. O *Transgender Europe* (TGEU) aponta que o Brasil está entre os países que têm o maior número de mortalidade de pessoas transgêneras (802), seguido pela Colômbia (105), enquanto Paquistão (34) e Ásia (4) estão com os menores índices (TGEU, 2016). Em um levantamento realizado entre janeiro de 2008 e setembro de 2017 foram identificadas 2609 mortes no mundo, números que têm apresentado um crescimento constante (Figura 27). No Brasil, esse número cresce significativamente, tendo o maior número de mortos na América Central e Sul (1071) (Figura 28). Dentre as 2609 mortes de pessoa transgêneras, o maior número é de pessoas entre 20 e 29 anos (46%), sendo que a morte é mais presente em profissionais do sexo (583), mortos por tiros (983) e nas ruas (763) (TGEU, 2017). Ademais,

os números apresentados pelo *Trans Murder Monitoring (TMM)* são alarmantes, situação que nos leva a questionar sobre os sistemas de seguridade para pessoas transgêneras, mesmo em países que contêm políticas que visam garantir os direitos a essa população.

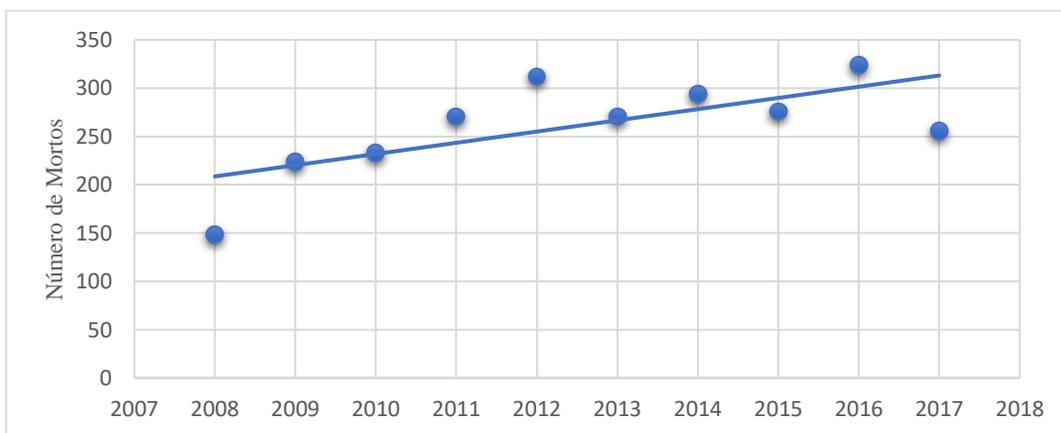


Figura 27 \_ Crescimento na taxa de mortalidade de pessoas transgêneras entre janeiro de 2008 e setembro de 2017 no mundo.

Fonte: TGEU (2017)

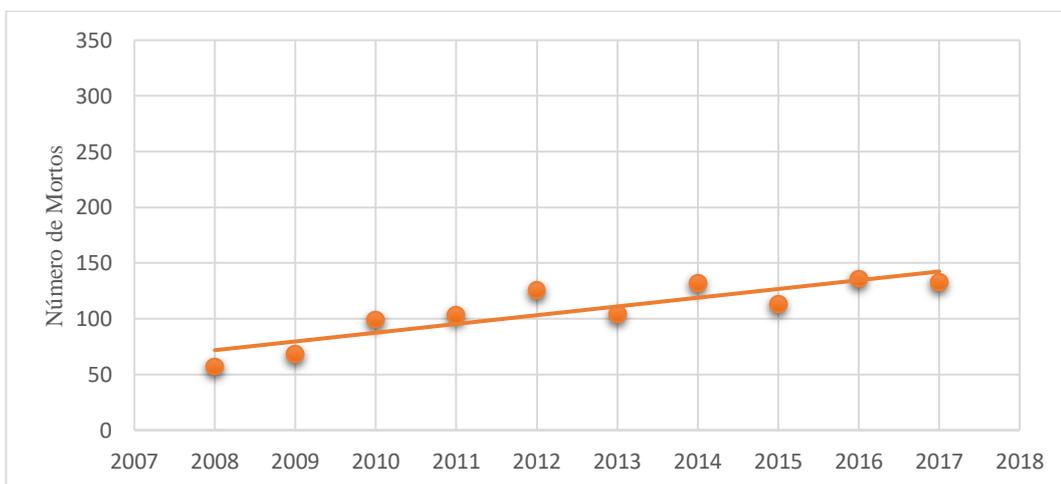


Figura 28 \_ Crescimento na taxa de mortalidade de pessoas transgêneras entre janeiro de 2008 e setembro de 2017 no Brasil.

Fonte: TGEU (2017)

No caso dos comentários contra Tiffany há o registro de preconceito e de transfobia, causando principalmente uma violência simbólica indireta não só à atleta, mas a todas as pessoas transexuais. Mesmo que não tenham certeza de serem atingidas, as pessoas transexuais, ao terem acesso as tais colocações, podem se sentir inferiorizadas e/ou ofendidas, possibilitando maior sofrimento psíquico do que já vivenciado. Nesse caso, a ferramenta da rede social *Facebook* possibilitou uma ampla discussão sobre a temática, principalmente por ideais da camada dominante e essencialistas, além de garantir acesso e direitos a comentários por todos,

sem que exista a necessidade de embasamento técnico e específico, o que é característico dessas redes sociais. Tiffany Abreu, nesse momento, foi exposta a diversas posições e opiniões de diversas pessoas, a palavras pejorativas, a opiniões preconceituosas que de algum modo a violentam indiretamente.

É notória a falta de conhecimento das pessoas sobre os discursos de gênero e sexualidade e a utilização de terminologias em desuso, como “opção sexual” e “homossexualismo”. No caso, o ator DG teve a infelicidade de exprimir situações que não são asseguradas pelas entidades médicas, psicológicas, estudos de gênero e sexualidade, e outros, por serem consideradas formas de identificar a divergência da orientação sexual como uma doença, a partir da utilização do sufixo “ismo”. Ademais, o DSM-V considera e recategoriza a transexualidade como “disforia de gênero”, situação que foi realizada na última atualização do manual a fim de assegurar às pessoas transexuais condições de tratamentos e cirurgias (APA, 2014).

Segundo Griffin (2012), desde a reorganização dos esportes modernos há um grupo de defensores da comunidade LGBTQI nos esportes que visam combater a homofobia, a transfobia e qualquer forma de discriminação, oportunizando um processo de inclusão mais eficaz. A autora (2012) ainda contempla que houve um progresso na igualdade nos esportes, oportunizando um espaço menos hostil aos grupos antes menosprezados e segregados. O processo de globalização das informações e da ampliação tecnológica possibilitou uma conscientização das relações com o outro, da individualidade de cada sujeito e da necessidade de respeito mútuo. Entretanto, mesmo que esse espaço tenha se reconfigurado para atender a essa comunidade, o grupo de pessoas fora do âmbito esportivo, especificamente nas redes sociais, ainda mantém uma postura crítica sobre as pessoas LGBTQI nos esportes. Isso é justificável devido à sociedade heterocisnormativa e a educação dessas pessoas que entendem que todos que não se enquadram no dispositivo binário de gênero e sexualidade são categorizados como abjetos, deformados, anormais, entre outros aspectos negativos (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018).

## **CAPÍTULO 7. ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO E A ESPETACULARIZAÇÃO DO CASO TIFANNY**

### **7.1 Questões Identitárias e de Gênero nos Esportes de Alto Rendimento**

O esporte é um dos mais importantes fenômenos socioculturais já vistos em toda a humanidade, caracterizado como seu patrimônio (BARROSO; DARIDO, 2006). Não tem fundamento e impacto somente sobre a técnica e a tática, mas sim sobre os aspectos sociais e culturais da humanidade, acentuando a propositiva de uma dialética dessas características e de sua efetivação. Em especial, essa área tem oportunizado um diálogo muito próximo das questões políticas, econômicas, educacionais, culturais, sociais e científicas, o que de fato melhora e consolida a organização e os ideais do esporte (DAÓLIO, 1998; BRACHT, 2005; KUNZ, 2014).

Daólio (1998) reforça que o esporte faz parte da sociedade e da cultura do sujeito, uma vez que implica a (re)construção enquanto ser humano, sobretudo nas relações estabelecidas entre o corpo e o movimento, chamando essa situação de cultura esportiva. O esporte está tão inserido na sociedade que há diversas formas de aprendizagem, não se restringindo somente ao campo escolar, mas aos mais diversos ambientes (BARROSO; DARIDO, 2009).

Classificar os esportes ainda é uma forma muito difícil devido às diversas transformações ocorridas desde o seu surgimento na antiguidade até a contemporaneidade, principalmente no trato metodológico de como ensinar os esportes (DE ALMEIDA; DE ROSE JUNIOR, 2010). Mesmo que o esporte tenha se tornado uma dos grandes temas centrais da modernidade, vale concordarmos com Goellner (2005a) de que não se trata de uma manifestação inventada no presente. De acordo com sua historicidade, há indícios do Esporte Antigo, Esporte Moderno e do Esporte Contemporâneo, havendo diversas formas de manifestações e movimentos esportivos espalhados pelo mundo. Essa sensatez racional em organizar determinadas situações difere o homem de outros animais e de outros homens, consolidando diferentes culturas. O contexto de alguma forma implica sobre o modo de ver, de atribuir significado e de se portar perante a sociedade. Não obstante, os esportes se enquadram na perspectiva de cada cultura, onde determinado povo influenciará o modo como esse corpo é representado e o significado dos esportes para a sociedade (DAÓLIO, 1998; FUNDAÇÃO VALE, 2013a; b).

O *Fair-Play*, defendido no Olimpismo no Esporte Moderno, “[...] representa a honra e a lealdade, o respeito pelos outros e por si próprio, e reflete o pensamento a respeito das práticas esportivas da aristocracia inglesa dos séculos XVIII e XIX, estando, portanto, repleto dos ideais e princípios do comportamento cavalheiro” (FUNDAÇÃO VALE, 2013b, p. 11). Essas questões relacionadas com o *Fair-Play* resgatam os ideais dos Jogos da Antiguidade ligados às relações interpessoais e da função da prática com o desenvolvimento integral dos seres humanos. O Movimento Olímpico se estabelece concomitantemente aos princípios do COI, visando à aproximação dos cinco continentes na perspectiva de um desenvolvimento harmonioso do ser humano, na diminuição dos atritos entre Estados, promovendo a pacificidade. Também tem como intuito uma formação educacional ampla, ou seja, uma educação olímpica que estabeleça relações entre o esporte, a cultura e a educação (FUNDAÇÃO VALE, 2013b; MARINS; DOS SANTOS; MARQUES, 2016).

Em 1976, durante a 20ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada em Paris, foi tratado sobre os rumos e as diretrizes sobre a Educação Física e os Esportes, constituindo a Carta Internacional da Educação Física e dos Esportes da UNESCO. Nesse documento é explanado sobre os direitos humanos com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de questões referentes à importância da Educação Física e dos Esportes como contribuição para os seres humanos em todas as dimensões da vida (UNESCO, 2013; MARINS; DOS SANTOS; MARQUES, 2016).

No esporte, as alterações da segunda metade do século XX, pós-guerra, foram profundas, pois o número de praticantes e modalidades surgidas cresceu impressionantemente. Além disso, o esporte era visto apenas na perspectiva do rendimento e após a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO (1978), a prática esportiva, passou a ser entendida como “direitos de todas as pessoas”. (DE ALMEIDA; DE ROSE JUNIOR, 2010, p. 13)

Para Goellner (2005), é possível “compreender que em torno do esporte moderno há ênfases tanto da tradição como do espetáculo e estas ênfases colocam em ação diferentes paixões, sentimentos, atitudes, desejos e vontades.” (p. 81). Há também um desenvolvimento de um sentimento de identificação coletiva, uma vez que as práticas esportivas promovem determinadas excitações. Com esse entendimento, há uma ideia pluralista sobre as práticas esportivas, estabelecendo relações entre o esporte e os atletas. Essa situação acaba por ampliar a abrangência social dos esportes (DE ALMEIDA, DE ROSE JUNIOR, 2010).

A partir da compreensão e da importância da Educação Física e dos Esportes, uma nova configuração em torno dessas áreas é organizada, compreendendo o Esporte Contemporâneo. Para Athayde et al. (2016), com base na teoria crítica dos esportes, há um vínculo do

desenvolvimento do esporte contemporâneo em consonância com a sociedade capitalista. Os esportes, nesse momento, percorrem algumas tensões que vão desde as inquietações entre burguesia e proletariado, passando pelo caráter interventor do esportes em um momento em que se considerava como um aparelho ideológico, com a redução ao utilitarismo e fisiologismo pragmático até o processo de mercantilização e de consumo.

É nesse universo do esporte contemporâneo que foram criadas diversas ramificações esportivas, com o objetivo de atender às necessidades e aos interesses das comunidades. Assim, alguns posicionamentos e dimensões foram organizados para referir aos esportes. De Almeida e de Rose Junior (2010) corroboram que os esportes se separam em três dimensões: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance. O primeiro tem uma perspectiva pedagógica educacional sobre os esportes, tratando-os como conteúdo de uma aula de Educação Física, ou seja, com um caráter socioeducativo. O esporte-participação, ou considerado por De Almeida e Rose Junior (2010) como esporte-lazer, é relacionado com as questões de lazer e ludicidade, não havendo normativas rígidas e obrigatoriedade quanto a como tratar os esportes e com uma liberdade de possibilidades de movimentos para as atividades. Por último, o esporte-performance ou de alto rendimento, em que há uma perspectiva mais rígida quanto a performance dos sujeitos, preocupa-se com as questões técnicas e táticas, com as habilidades físicas e psicológicas, a fim de atingir o extremo do rendimento durante as competições, recorrendo à superação e ao uso de diferentes tecnologias.

No entanto, Bracht (2005) introduz que o esporte-educação está presente em todos os outros esportes, pois a partir das relações interpessoais, pela sistematização das atividades em sua organicidade e vários outros elementos que compõem os esportes e suas práticas, está implícito o fator educativo. Não se exclui e não limita a educação somente às práticas realizadas em uma instituição educacional, pois ela coexiste em todos os contextos, mesmo com suas especificidades. Podemos distinguir, assim, duas dimensões: o esporte de alto rendimento ou espetáculo e o esporte enquanto atividade física. O esporte de alto rendimento ou espetáculo se aproxima da ideia de Bracht (2005) e De Almeida e Rose Junior (2010). No entanto, ao utilizar a terminologia espetáculo, agrega a necessidade de visibilidade para os atletas e para os esportes, inclusive se aproximando de uma propositiva de uma sociedade do consumo, havendo movimentação e relação com as instituições financeiras e o produto. Para os esportes, enquanto atividade física, as questões lúdicas não são fatores unicamente determinantes, pois se expandem para as ideias de uma prática sem uma alta exigência técnica e que oportunizam uma descontração das pessoas praticantes em forma de lazer, saúde, recreação etc.

Retornando a ideia de esporte de alto rendimento ou esporte espetáculo, corroboramos o conceito utilizado por De Azevedo e Gomes Filho (2011), de que é qualquer manifestação de jogo que tem caráter competitivo organizado. Ademais, esse tipo de esporte tende a solicitar o máximo de desempenho de atletas. Os autores (2011) argumentam que os esportes de alto rendimento têm uma exigência elevada dos atletas, que acaba por não proporcionar melhoramentos humanos, não desenvolve a solidariedade e desumaniza as pessoas, situação que de fato diverge da ideia do Movimento Olímpico. Contra todo o arcabouço teórico, tendo em vista a performatividade de excelência nos esportes, há a possibilidade de que esse tipo de esporte não seja capaz de promover a inclusão social de modo satisfatório. “Assim, processos de inclusão através de esporte deveriam ter como foco o ‘esporte-participação’ e o ‘esporte-educação’, e não o ‘esporte rendimento’” (DE AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011, p. 594), e isso se dá justamente pela aproximação que esses têm com o esporte rendimento, fato também afirmado por Bracht (2005).

Mas quando tratamos de esportes nas mais diversas dimensões, corroboramos a ideia de De Camargo e Kessler (2017) de que os corpos que não se enquadram dentro das propositivas dos esportes são excluídos de qualquer contexto, seja na educação, lazer ou alto rendimento, o que também pode ser estendido para as relações de identidade de gênero e sexualidade. Nesse prospecto, os esportes ainda se alicerçam sobre o binarismo de gênero, possuindo categorias fixas masculinas e femininas (SOARES; MOURÃO, 2017), onde esse último é entendido como inferior em performance e para além da erotização. Tiffany e seu corpo passaram por uma deslegitimação devido à atleta ter realizado a “transição de gênero” e a redesignação sexual, sendo considerado um corpo abjeto, “construído”, o que foi alvo de discussões dentro do esporte de alto rendimento. Para além dessa exclusão nos esportes, há uma ineficiência das políticas públicas e educativas no atendimento à comunidade LGBTQI, sobretudo em relação aos corpos dissonantes e que não se enquadram nas convenções sociais (DE CAMARGO; KESSLER, 2017). Esses territórios têm se organizado pelo poder do discurso, principalmente alçado pela heterocisnormatividade.

Considerando que estão presentes transformações históricas e culturais, juntamente com concepções de uma sociedade modernizada, tecnológica e fruto de uma indústria cultural, cabe criticarmos as inferências que se faz sobre o esporte, tais como a ideia de corpo máquina e corpo instrumento. Esse corpo, para os esportes da modernidade, relaciona-se com uma alienação das estruturas sociais e tende a trabalhar sobre determinadas padronizações e imposições características da modalidade (GRESPLAN; GOELLNER, 2014; SOARES; MOURÃO, 2017). De Camargo e Kessler (2017) propõem que há uma diminuição da categoria feminina em

relação à masculina, inferiorizando a performance e, por vezes, “erotizados/objetificados no que diz respeito à beleza e à sensualidade” (p. 193). Dessa forma, exige-se dos atletas um rendimento e um enquadramento maior, a fim de atingirem a perfeição (KUNZ, 2014). A partir disso, entendemos que

O esporte de rendimento aqui considerado refere-se a um tipo de esporte que é sistematicamente treinado com o objetivo de participar periodicamente de competições esportivas. Sabe-se que sobre esse tipo de esporte já foram realizadas inúmeras críticas. (KUNZ, 2014, p. 53).

Não há como ignorar as relações estabelecidas entre Estado e esportes. Há uma dependência entre esses dois cenários, em que um alimenta e sustenta o outro. O Estado, em sua característica capitalista, auxilia nas questões financeiras esportivas, a fim de dar reconhecimento a esses espaços, salientando a importância das práticas esportivas. Para que isso ocorra existem políticas públicas e de incentivos voltadas para a garantia de certa segurança aos envolvidos no esporte. No entanto, espera-se que haja um reconhecimento político mundial das entidades esportistas e governamentais, possibilitando um novo olhar para o Brasil e as políticas públicas de incentivo aos esportes, além de se tornar um forte polo esportivo e *locus* para a realização de eventos das mais variadas magnitudes (MURAD, 2009; ATHAYDE et al., 2016).

Acredita-se também que o esporte desenvolva questões sociais, como a construção da nação, integração, higiene, saúde, política social, patriotismo, entre outros aspectos que possam aproximar o povo do Estado (BRACHT, 2005; MURAD, 2009; ATHAYDE et al., 2016). Esses fatores estão diretamente ligados a questões políticas, sendo inegável estabelecer relação entre política e Educação Física, sobretudo por meio dos esportes. Murad (2009) frisa que a sociedade é constituída por mecanismos de poder, ou seja, a política, mesmo que indiretamente, tem impacto sobre os esportes e todas as dimensões que os cerceiam. Mas esses fatores não diminuem a ação política que os esportes têm, inclusive podendo se opor a política oficial, não sendo objeto de manipulação e alienação. O ambiente esportivo pode se transformar em um campo de resistência ao que está institucionalizado (MURAD, 2009).

Há uma hegemonia atrelada às questões esportivas e a um processo social global, que se estende à cultura mundial e suas representações, normas e valores voltados à classe mais favorecida. O esporte pode ser visto não só “[...] como elemento de dominação, mas também, como resistência cultural ou resistência política” (BRACHT, 2005, p. 63). Concordamos com a afirmativa de Murad (2009) de que o esporte e a Educação Física podem ser considerados como resistências e “contraespaço ideológico” (p. 170). Mas não podemos negar que há certas

influências político-ideológicos, especificamente provindas da classe dominante, sobre as concepções e práticas esportivas. Nesse sentido, o esporte-performance é o retrato de uma hegemonia dos e nos esportes com influências da aristocracia e da dimensão econômica (BETTI, 1993; MURAD, 2009). Para além dessas características de atender a aristocracia, há uma hegemonia masculina dentro dos esportes. As relações de gênero e o trato delas revelam uma grande idolatria sobre as modalidades pertencentes aos esportes do universo masculino que sobrepujam o feminino.

Não obstante, De Camargo (2014) trata das questões de masculinidade e feminilidade nos esportes, mostrando haver um direcionamento distinto para homens e mulheres. As modalidades esportivas que tendem a exigir uma necessidade maior de tônus muscular são categorizadas para os homens, sendo mais masculinas, enquanto as modalidades que não necessitam de uma massa muscular mais enfática seria para as mulheres, consideradas como femininas. Os esportes têm uma tendência a naturalizar os corpos, sendo esses divididos de acordo com a perspectiva biológica, a partir de uma matriz de divisão sexual, segregando aqueles que não se enquadram dentro dessas prerrogativas e, até mesmo, dificultando a acessibilidade e permanência nos esportes (SOARES; MOURÃO, 2017).

A ocupação feminina de áreas “tradicionalmente” masculinas da sociedade (e o esporte é uma delas), as novas posições das mulheres no mercado de trabalho – impensáveis há cerca de meio século –, a própria reorganização dos gêneros dentro da atual “família”, o aparecimento de novos atores (como gays, lésbicas, transexuais, travestis, pessoas trans) e a emergência de anúncios públicos de coming out (saída do armário da sexualidade) constituíram-se em elementos decisivos, que impuseram um xeque-mate à chamada “masculinidade hegemônica” (DE CAMARGO, 2014, p. 45)

As performatividades masculinas são realizadas e reforçadas em determinados campos esportivos, como no futebol, *rugby*, lutas e outros. Há processos de aprendizagens e performances masculinizadas distintas até mesmo dentro dos esportes citados como exemplo. Com isso, ocorrem processos de incorporação de determinados comportamentos e pensamentos estipulados por essa performatividade e pelo *lócus*, intervindo sobre o poder masculino (DE JESUS, 2012; DE CAMARGO, 2014). Mas mesmo que a masculinidade seja hegemônica, ainda há divergências quanto à aceitação de outras manifestações de masculinidades, ou seja, a “masculinidade gay” é a última das categorias dentro de uma hierarquia. Essa ideia de hegemonia é uma luta de homens em busca da definição social de masculinidade.

Podemos considerar que o ingresso de pessoas LGBTQI nos esportes de alto rendimento é, também, pela falha de políticas públicas que lhes deem oportunidades de ingressarem nos esportes e meios que consolidem sua permanência (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011).

Mesmo que o COI tenha compreendido e apresentado documento que ressalva as diretrizes sobre o processo de inclusão de pessoas transgêneras (IOC; 2015), outros documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição da República Federativa do Brasil e outras normativas de confederações e federações ainda não contemplam significativamente direitos e deveres para as pessoas transexuais. Essas falhas acabam por oportunizar chances de as pessoas questionarem as políticas inclusivas, questionando a legitimidade dos fatos. Ademais, há uma lacuna também no processo de disseminação e visibilidade das poucas políticas públicas para esse grupo minoritário, situação que também colabora para o preconceito.

## 7.2 E Quanto aos Gêneros e Transexuais nos Esportes

Tratar sobre gênero na sociedade tem sido complicado nos últimos tempos, especialmente pela disseminação da falácia da “ideologia de gênero” (CABRAL, 2016; DORNELLES; WENETZ; SCHWENGBER, 2017). Nos esportes, mesmo que várias modalidades percebam e aceitem as pluralidades (COELHO, 2009; DE BRITO; PONTES; PEREIRA, 2016), trata-se de um meio que possui um *ethos* que se equipara às convenções sociais estabelecidas. A hegemonia masculina está atrelada a esse espaço, sobretudo na ênfase dada a alguns esportes compreendidos como masculinos e masculinizantes (SOARES; MOURÃO, 2017). Quando lembrada a ideia de Bourdieu (2002) de que a sociedade é organizada e dominada pelo homem, pelas propositivas masculinas, estando ligada às questões de poder, identificamos os campos esportivos como um reflexo da sociedade, ao reproduzir essas prerrogativas. Fica visível a implementação dessas perspectivas hegemônicas da sociedade atual nos esportes. Essas características e os discursos machistas quanto às mulheres, cisgêneras ou transgêneras, reforçam a segregação e o preconceito com esses grupos.

Para melhor contextualização, o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) apresenta uma diferença entre o número de praticantes do gênero masculino sobre o feminino, constatando que há um quantitativo muito maior de praticantes homens nas atividades físicas e esportivas (PNUD, 2017). Mesmo que esse relatório faça um apanhado de atividades físicas e esportivas, não somente dos esportes de alto rendimento, isso é de fundamental importância para identificar que ainda há uma diferença significativa quanto aos praticantes. Essa desigualdade aumenta quando comparada com a renda familiar não só entre homens, mas entre outras mulheres com fator econômico mais elevado, ou seja, a ideia dos privilégios para uma

aristocracia com características de grupo branco e de classe mais elevada. Ademais, o maior quantitativo de praticantes de atividades físicas e esportes está centrado em estados com maior Índice de Desenvolvimento Humano (ALTMANN, 2017; PNUD, 2017).

Como é possível percebermos por meio desse documento, a equidade e a acessibilidade aos esportes é diferente para as mulheres. Planos foram desenvolvidos voltados à educação e aos esportes para as mulheres, sendo discutido mundialmente na primeira Conferência Internacional sobre Mulher e Esporte, Brighton (UK), em 1994. Nessa conferência buscou-se diminuir os processos de desequilíbrios na/da participação de mulheres no esporte, materializando a Declaração de Brighton sobre Mulheres e Desporto<sup>56</sup>. O objetivo principal foi desenvolver métodos para o ingresso e valorização das mulheres nos esportes, intentando um aumento quantitativo desse grupo. Para além disso, houve a intenção de diminuir qualquer tipo de preconceito existente contra as mulheres em qualquer âmbito esportivo, propondo a igualdade de oportunidades (BRAUNER, 2015).

Um dos pontos que nos intriga e que não é a realidade existente, é quanto ao texto referente ao esporte de alto rendimento. Na declaração foi apontado que os governos e instituições esportivas devem aplicar o princípio da igualdade, oportunizando todas as possibilidades para que mulheres se desenvolvam dentro dos esportes. É determinado que as competições, as recompensas, os prêmios, patrocínios e apoios, sejam distribuídos de forma equitativa entre homens e mulheres. Um exemplo claro de que esse princípio não é considerado, é a partir das diferenças existentes entre homens e mulheres no Voleibol. Em 2016, a equipe feminina recebeu o equivalente a US\$ 200 mil, enquanto os homens obtiveram o valor de US\$ 1 milhão no Grand Prix de Bangcoc, Tailândia. Em 2017, o valor da premiação da categoria feminina aumentou para US\$ 600 mil (RODRIGUES, 2018).

Sobre a posição das mulheres nos esportes de alto rendimento, é necessário resgatar Goellner (2005b) e evidenciar que mesmo que nos últimos 30 anos tenha havido uma crescente participação das mulheres nos esportes, esse número ainda é inexpressivo. A autora (2005b) salienta que essa dificuldade é maior quando diz respeito à gestão esportiva, e que em muitos casos ainda são direcionados por homens. Graças a essas distinções que marcam o ingresso e permanência de pessoas nos esportes, Altmann (2017) aponta que essa busca pelos direitos e igualdade de gênero dentro dos esportes é constante, e que várias entidades e movimentos, inclusive internacionais, vêm se mobilizando para que seja oportunizadas condições equitativas para a participação e integração de mulheres nos esportes. Entretanto, essa dificuldade nos

---

<sup>56</sup> Documento aprovado por 280 delegações dos 82 países presentes.

esportes retratam uma sociedade dominada por ideias e princípios masculinos que não se restringem somente a esses espaços.

A estereotipação das modalidades por suas características e peculiaridades tem influenciado nas ideias de o que é e o que faz parte do universo masculino e do feminino. No senso comum, as modalidades que necessitam de habilidades mais agressivas e de força são voltadas para os homens, enquanto as mais delicadas e que exigem graciosidade e elegância são para as mulheres (ALTMANN, 2017; ALTMANN et al., 2018; TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2009). Desse modo são constituídos alguns estereótipos quanto aos participantes nas modalidades, podendo haver questionamentos sobre a masculinidade e a feminilidade dos sujeitos que praticam modalidades estereotipadas, a exemplo do homem na ginástica artística. O homem que faz ginástica artística é questionado quanto à sua masculinidade, visto que é uma modalidade que exige elegância, plasticidade e graciosidade, quesitos considerados do universo feminino (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2009).

Certamente, esta situação é um reflexo da manifestação da masculinidade hegemônica presente em nossa sociedade, a qual não permite a co-existência de elementos caracterizados como “masculinos”, como por exemplo, a força para executar um crucifixo nas argolas, com elementos considerados “femininos”, como a necessidade de manter os pés em flexão plantar e a postura de tronco correta. (TSUKAMOTO; KNIJNIK, 2009, p. 116)

Outro exemplo é quanto ao futebol: a mulher que pratica esse esporte é considerada masculinizada e lésbica, pois se utilizam de movimentos e adornos do dito universo masculino.

[...] Estão ausentes análises que apontem para esportes cujo acontecer produz outros modos de ser masculino, por exemplo, as ginásticas rítmicas ou aeróbica e a patinação artística, modalidades nas quais o corpo do homem parece ser incapaz de protagonizar uma estética corporal tradicionalmente associada a uma exclusiva prática feminina (GOELLNER, 2013, p. 50).

Para romper com essas questões binárias é necessária uma evolução sobre a compreensão do que o esporte representa, quais são os símbolos e significados construídos e reconstruídos por ele, e também sobre o que é gênero e sexualidade, no que concerne esses universos e na construção da identidade dos sujeitos que ali pertencem. As questões identitárias não estão ligadas somente a uma ideia e um contexto; reduzir e generalizar essas informações faz com que a compreensão de universalidade e diversidade seja reduzida. As lutas pela igualdade de gênero dentro dos esportes oportunizaram um desdobramento teórico-epistemológico que intencionam a valorização feminina e a visibilização de grupos minoritários. Os estudos feministas, de gênero e de sexualidade ampliaram seus discursos,

tratando também das práticas corporais, âmbito em que os esportes estão incluídos. É incontestável que nesse espaço esportivo os corpos e as identidades ainda são generificados, se sustentando nas propositivas hierárquicas e de poder masculino (GOELLNER, 2013). Instaura-se nesse ambiente certos estereótipos de características do universo masculino e feminino, apoiando-se no binarismo para determinar os traços, os comportamentos e o pertencimento ao contexto.

Há uma precariedade nas políticas públicas que visam à igualdade e equidade de gênero nos esportes. Existe a necessidade de repensar as políticas públicas voltadas para o esporte com um novo olhar, rompendo com as convenções sociais estabelecidas e iniciando uma nova ressignificação, também, a partir de gêneros. As poucas políticas públicas nacionais existentes visam em sua grande maioria às crianças e aos jovens, e não fazem significativa distinção entre os gêneros, generalizando as informações para homens e mulheres. Basta observar e interpretar as informações contidas em alguns documentos, como na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 2017a), onde as informações presentes na seção sobre “desporto” são generalistas, não abordando informações para pessoas de gênero e sexualidade divergentes. Algumas propositivas de políticas públicas que favorecem a inclusão social são consideradas uma falácia, visto que não são oportunizadas ações afirmativas eficazes para que todos sejam incluídos e possam desenvolver o espírito de cidadania. De fato, ainda ocorrem desigualdades dentro dos esportes com referência ao sexo e ao gênero, no qual o Estado corrobora para a não equidade entre homens e mulheres.

No caso das políticas públicas voltadas para o grupo LGBTQI há pouca visibilidade cultural e social dessas, fato que compromete a seguridade e garantia da cidadania e direitos dessa comunidade. Relembramos que, até o presente momento, está em tramite o processo decorrente do julgamento da MI-4733 e ADO 26 pelo STF, para oficialização da criminalização da LGBTQIfobia. Quanto aos esportes e a transgeneridade, retomamos aos documentos das Organizações das Nações Unidas, especificamente a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, os Princípios de Yogyakarta e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT<sup>57</sup>. Os dois primeiros documentos generalizam as informações de gênero e sexualidade, não direcionando a nenhum grupo em particular. Todavia, identificam como direito de liberdade e igualdade em dignidade e direito, promovendo o bem de todos, sem preconceitos quanto a origem, raça, sexo, cor, idade e outras formas identitárias (ONU, 2009; BRASIL, 2017a).

---

<sup>57</sup> Utilizamos essa sigla diferente da que tem sido padronizada no corpo textual (LGBTQI), pois o plano e o programa referem-se dessa forma.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 possuem falhas e, como dito anteriormente, generalizam as informações. Esses dois documentos são sucintos à temática dos esportes, não ampliando as possibilidades e oportunidades de tratamento adequado para todos. Mesmo os documentos específicos ao grupo LGBTQI, como os Princípios de Yogyakarta e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, apresentam restrições de informações sobre os esportes, sendo que somente no Plano Nacional há referências direcionadas à necessidade de combate à discriminação quanto à orientação sexual, identidade de gênero e étnico-racial em todos os ambientes esportivos (itens 1.3.37 e 1.3.41) (BRASIL, 2009), incluindo formas de denúncia contra qualquer tipo de discriminação (PRINCÍPIO DE YOGYAKARTA, 2014). Além disso, o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB<sup>57</sup>, criado pelo Governo Federal e articulado com a sociedade civil, tem como objetivo transformar os comportamentos de gestores públicos, a fim de não serem coniventes com qualquer ação de discriminação. Não obstante, não explicita nenhum planejamento que inclua os esportes (BRASIL, 2004).

Há uma necessidade emergencial de que os esportes sejam para todos, como citado na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2017a), e para tanto o Estado deveria fomentar as práticas esportivas formais e não formais. A necessidade de impulsionar melhores políticas públicas e descrevê-las em forma de lei para garantir melhores condições às pessoas LGBTQI é emergencial. As questões de gênero não são evidenciadas, mas entende-se, ao utilizar a terminologia “para todos”, que há a extensão para o processo de inclusão e não distinção entre homens e mulheres, cisgêneros e/ou transgêneros. Mesmo com uma maior visibilidade dos movimentos feministas e do grupo LGBTQI em prol dos grupos minoritários, ainda há de se pensar na equidade e igualdade de direitos, e de fomentos para todos nos esportes, de forma a evitar qualquer tipo de segregação por questões de gênero e sexualidade.

Sobre a transexualidade nos esportes, desde 2003, através do *Stockholm Consensus on Sex Reassignment in Sports*, tem sido reconhecida a importância de se compreender as diferenças e pluralidades de identidades de gênero na sociedade, possibilitando o ingresso de pessoas transgêneras nos esportes. Love (2014) enfatiza que nesse primeiro momento as políticas ainda possuíam características conservadoras, se organizando a partir das prerrogativas binárias de sexo/gênero. Entretanto, esse documento já apresenta uma preocupação com esses grupos minoritários, sobretudo com a finalidade de obter espaços dentro dos esportes de alto rendimento.

Em 2004, o COI incorporou em suas políticas esportivas a inclusão de pessoas transgêneras, desde que houvesse a identificação com o outro gênero, tivesse realizado o

processo de redesignação sexual e a utilização e/ou controle de hormônios androgênicos por no mínimo dois anos para que pudesse competir. Esses critérios e procedimentos passavam por avaliação e processos laboratoriais. No final de 2015, a fim de facilitar o ingresso de pessoas transgêneras, em específicos as transexuais, o COI reformulou essas restrições e propôs novas normativas com o intuito de adequar as práticas e competições para esse grupo de pessoas (BALJINDER; KANWALJEET; NARINDER, 2010; IOC, 2015; JONES et al., 2017).

Essas alterações foram corroboradas no *Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism* (IOC, 2015). Esse documento, discernindo que o órgão genital não proporciona vantagens para os sujeitos durante as práticas, estipula a prescindibilidade do procedimento de redesignação sexual no esporte, sobretudo no reconhecimento sobre a identidade sexual na sociedade e no esporte, de modo a evitar a exclusão de atletas transgêneros em competições (BALJINDER; KANWALJEET; NARINDER, 2010; IOC, 2015; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017; JONES et al., 2017).

Apesar dessa alteração, a normativa do COI considera que para o processo de transição do homem transexual (*Female-to-Male*) não há restrição para a competição, enquanto para a mulher transexual (*Male-to-Female*) é necessário seguir algumas condições. A mulher transexual deve declarar a identidade de gênero como feminino, o que não poderá ser alterado nos documentos por no mínimo quatro anos, e apresentar no máximo 10 nmol/L de hormônio testosterona no sangue nos últimos doze meses para a primeira competição. O documento ainda ressalta a necessidade de uma avaliação de cada caso em particular, pois considera-se que o período de doze meses pode ou não ser suficiente para minimizar as desvantagens, reforçando a distinção da individualidade biológica e como cada organismo reagirá mediante as intervenções (IOC, 2015; PIRES, 2016). Fica evidente que a instituição esportiva administrativa se preocupa com a equidade nas competições, vistas as suas considerações.

Pires (2016) discute a performatividade melhorada a partir do elevado nível de testosterona, configurado como doping em caso de mulheres trans.

[...] não é só pela garantia de uma equidade das performances esportivas, nem mesmo pela manutenção de um horizonte de saúde dos atletas que essas práticas de dopagem são proibidas; busca-se também definir como os corpos sexuados devem experimentar essas atividades esportivas de alto nível, ou seja, querem demarcar quais corpos masculinos e femininos podem ser elegíveis em competições esportivas a partir de critérios que são mais morais e sociais do que acepação puramente biológicas sobre o dismorfismo sexual e suas capacidades de rendimento esportivo (PIRES, 2016, p. 220).

As legislações garantem o direito a todos nos esportes e lazer, corroborando o pensamento de que os indivíduos devem ter a oportunidade de acesso e prática de esportes. O

*Transgender Law & Policy Institute* (TLPI) discute que o acesso aos esportes contribui para afirmação do gênero e das experiências positivas, impactando na autoestima e autoconfiança de pessoas transexuais. Esse mesmo instituto relaciona os indicadores de crianças e jovens<sup>58</sup> transgêneros comparados aos cisgêneros, apontando que não há diferenças médicas e fisiológicas que ocasionem vantagens sobre as pessoas cisgêneras, justificando que as vantagens são consequências de uma construção social, em que meninos são encorajados a praticar esportes mais do que meninas (TLPI, 2009). Enfatiza que crianças e jovens transgêneros dispõem das mesmas variações em tamanho, peso e habilidades físicas que outras pessoas. Entretanto, essa instituição apresenta informações e normativas desenvolvidas para crianças, justamente pelo fato de não terem se submetido a tratamento hormonal e/ou a cirurgia de redesignação sexual (TLPI, 2009).

O *Canadian Centre for Ethics in Sport* (CCES) discute sobre a organização de ambientes favoráveis para esportistas transgêneros no Canadá e apresenta a necessidade de que sejam consolidados meios para que esses sujeitos sejam inclusos dentro do esporte, incentivando a prática e enfatizando a necessidade de consolidar normativas elegíveis para esses participantes. A propositiva do CCES é de que exista uma organização que intencione a inclusão de todos, respeitando os direitos individuais, o nome social e a identidade de gênero, abrangendo a privacidade e confidencialidade dos sujeitos (CCES, 2016). Poucas instituições esportivas se solidarizam com as causas desse grupo minoritário e que corroboram a proposta do COI de incluir pessoas transgêneras. Atualmente, são no total onze instituições internacionais, sendo que quatro delas ainda apontam o processo cirúrgico como necessário (TRANSATHLETE.COM, 2017) (Quadro 17).

Outras entidades também possuem políticas de inclusão de pessoas transexuais nos esportes, uma vez que o COI compreende e oportuniza autonomia para as confederações e federações organizarem seus documentos normativos. É o caso do *British Rowing*, *The Football Association* (UK), *Scottish Football Association*, *United Kingdom Roller Derby Association* e *Rugby Football Union* (UK) na União Europeia, sendo que a última entidade requer cirurgia. Na Austrália há o *Disability Sports Australia*. Na América do Norte, o *Golf Canada*, *Hockey Canada – Ontario*, *Ontario Volleyball Association*, *US Association of Blind Athletes*, *USA Curling*, *USA Cycling*, *US Rowing*, *USA Senior Softball*, *US Soccer Federation*, *USA Swimming*, *USA Track & Field*, *USA Triathlon*, *USA Ultimate*, *USA Wrestling* e *Women's Flat Track Derby Association*, que possuem políticas para pessoas transexuais sem a necessidade do

---

<sup>58</sup> Mesmo não sendo o grupo-alvo de análise, achamos prudente e importante salientar os mais diversos estudos que corroboram a perspectiva de não haver diferenças significativas.

processo cirúrgico de redesignação sexual. O *Ladies Professional Golf Association*, *USA Boxing*, *USA Gymnastics*, *US Masters Swimming*, *USA Rugby* e *USA Sailing*, requerem esse procedimento como pré-requisito para competir (TRANSATHLETE.COM, 2017).

Quadro 17 \_ Instituições Internacionais que corroboram a inclusão de pessoas transexuais

<i>Association of Boxin Commissions*</i>	<i>Fédération Internationale de Volleyball</i>
<i>International Association of Athletics Federation*</i>	<i>International Olympic Committee</i>
<i>International Quidditch Association</i>	<i>International Tennis Federation*</i>
<i>International Gay and Lesbian Football Association</i>	<i>World anti-Doping Agency</i>
<i>World Flying Disc Federation</i>	<i>World Out Games</i>
<i>World Rugby*</i>	

Legenda: \* Requer Processo de Redesignação Sexual  
Fonte: Transathlete.com (2017)

O ambiente esportivo, mesmo que seja um espaço de transformação social conforme explicitado anteriormente, também se torna um *locus* que há um controle de práticas sociais e comportamentais. Grespan e Goellner (2014) consideram que esse espaço se caracteriza como um “local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, o exercício da sexualidade e a experimentação das representações de gênero.” (p. 1278). Mesmo que alguns esportes possam ser considerados como um ambiente híbrido e que aceita a pluralidade de identidades, ainda observamos a reprodução de alguns sistemas e normas sociais (COELHO, 2009; DE BRITO; PONTES; PEREIRA, 2016).

Mesmo com toda essa polêmica sobre o caso Tiffany e os discursos de legitimação ou não dos corpos masculinos e femininos, o esporte “é um espaço que não apenas reproduz as diferenças de gênero e de sexo como produz a lógica da diferenciação” (DOS ANJOS; GOELLNER, 2017, p. 61). Essa diferenciação ainda se baseia na concepção do essencialismo biológico, que tem como fundamento as diferenças biofisiológicas, considerando o homem superior à mulher. Esse pensamento ainda é muito presente nos discursos fora e dentro do campo esportivo.

Joanna Harper<sup>59</sup> e colaboradores, autores de três importantes artigos intitulados: “*Race Times for Transgender Athletes*”, “*Analysis of the Performance of Transgender Athletes*” e

<sup>59</sup> Médica, corredora de longa distância, mulher transexual e conselheira do Comitê Olímpico Internacional.

“*Implications of a Third Gender for Elite Sports*” (HARPER, 2015; HARPER; BETANCURT; MARTÍNEZ-PATIÑO, 2016; HARPER et al., 2018), tratam das transformações ocorridas ao dar início ao tratamento hormonal, sobretudo sobre a supressão do hormônio testosterona em mulheres atletas transexuais. Harper, Betancurt e Martínez-Patiño (2016) apresentam as dificuldades e resistências de mulheres transgêneras nos esportes, conduzindo uma pesquisa para analisarem a performance dessas atletas. Os autores (2016) concluíram que há uma diferença significativa na performance e nas habilidades físicas, corroborando a decisão do COI em oportunizar a competição de mulheres transgêneras com cisgêneras. Esse estudo identifica os mesmos resultados de outro artigo publicado por Harper (2015). Dentre os resultados das pesquisas de Harper e colaboradores, há a menção de que em um ano de tratamento e/ou supressão de hormônios androgênicos, as modificações corporais se estabilizam, não ocorrendo modificações significativas.

*After one year of testosterone suppression, the subjects had testosterone levels below those of 46,XX women, and hemoglobin levels equal to those of 46,XX women (red blood cell content is very important in endurance sports). Muscle mass differences between the two groups were cut in half. The height of the individuals did not change. There were no additional changes noted at three years. (HARPER, 2015, p. 2)*

Os discursos proferidos de que Tiffany teria mais força do que as outras atletas e de que a constituição corporal é diferente devido à injeção de testosterona durante a “construção” corporal podem ser debatidos com os resultados provenientes dos estudos de Harper e colaboradores, sobretudo com o estudo de Gooren e Bunck (2004), considerado pioneiro sobre as análises biofisiológicas, transexuais e esportes. Gooren e Bunck (2004) comprovam que com a modificação do nível de testosterona há diminuição da área muscular, das hemoglobinas e da produção de insulina tipo 1 (IGF-1), conforme mostra a Figura 29.

Em uma análise biofisiológica, os indicativos apresentados por Gooren e Bunck (2004) comprovam que há impacto sobre as variáveis físicas, a distribuição da massa muscular e gorda, além de modificações nas variáveis bioquímicas. Esses estudos das ciências biológicas representam dados importantes para o processo de inclusão de pessoas transexuais e para que possam competir com pessoas cisgêneras de modo igualitário (GOOREN; BUNCK, 2004; JONES et al., 2017). No entanto, mesmo com todas essas considerações comprovadas cientificamente, a sociedade ainda se baseia no tradicionalismo, contrapondo-se a esses estudos e questionando-os a partir de fundamentações baseadas no empirismo, em posicionamentos políticos e religiosos.

	Male-to-female transsexuals (n = 19)			Female-to-male transsexuals (n = 17)		
	Baseline	1 year	3 years	Baseline	1 year	3 years
Plasma testosterone (nmol/l) (6)	21.5±5.8	1.0±0.0*	0.9±0.1	1.6±0.6	30.8±11.4	30.0±13.0
Muscle area (cm <sup>2</sup> ) (6)	306.9±46.5	277.8±37.0*	271.0±39.0§	238.8±33.1	285.3±35.6*	280±39*
Hemoglobin (mmol/l) <sup>§</sup>	9.3±0.7	8.0±0.7*	8.1±0.6	8.2±0.7	9.4±0.8*	9.3±0.9
IGF-1 (7)	38.0±10.0	14.0±8.0*		26.0±12.0	36.0±14.0*	

\*  $P < 0.05$  baseline vs 1 year (Mann–Whitney test), no significant difference between 1 and 3 years.

§ Unpublished data. Numbers in parentheses correspond to sources in reference list.

Figura 29 \_ Modificações no nível plasmático de testosterona e modificações associadas as variáveis biológicas. Todas as variáveis são média±d.p.  
Fonte: Gooren e Bunck (2004)

É evidente que sobre processo de inserção da jogadora Tiffany, a comunidade médica, de gestão e técnica de equipes de voleibol no Brasil se baseiam nos estudos ortodoxos das ciências biológicas, sobretudo os que distinguem que há diferenças significativas entre homens e mulheres cisgêneras. Fica notório, a partir da fala de João Grangeiro, coordenador da CONAMEV, de que há divergência na jogabilidade da atleta Tiffany. Mesmo que a comissão entenda as recomendações do COI e tenha acesso aos documentos e exames realizados pela jogadora, ainda se pronuncia que Tiffany nasceu homem e tem influência da testosterona em sua constituição, favorecendo as características físicas. João Grangeiro ainda aponta que o corpo de Tiffany não é um corpo feminino, por ela ser mais alta e mais forte do que as outras atletas (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018; KNOPLUCH; FONSECA, 2018). Apesar disso, entendemos que a estatura não deve ser o único parâmetro para justificativa, uma vez que há atletas mais altas que Tiffany.

Rogério Friedman, médico endocrinologista, membro da ABCD, contrapõe as informações científicas de Gooren e Bunck (2004), de Harper (2015), Harper, Betancurt e Martínez-Patiño (2016) e Harper et al. (2018) e do COI (IOC, 2015), ao apontar que há a necessidade do processo de retirada dos testículos, no caso de mulheres transexuais, a fim de bloquear a produção do hormônio androgênico testosterona (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018; KNOPLUCH; FONSECA, 2018). Como ressaltado por Iwamoto e Almeida (2018), esse posicionamento de Friedman é controverso tendo em vista duas situações, singularmente no caso de Tiffany:

*First, the IOC has already presented that there is no need for the process of sexual reassignment, because the genitals do not interfere in the performance of the athlete. And the second, that even through the non-necessity of the surgical procedure, in the case of Tiffany has already been accomplished the process of reassignment. (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018, p. 71).*

Esse processo de identificação e legitimação enquanto pessoa transexual dentro dos esportes pode ser invasivo. Um caso explicitado em Love, Lim e Desensi (2009) e Love (2014) é sobre o caso da jogadora transexual Mianne Bagger, golfista. Bagger esteve envolvida em vários processos relacionados às políticas de ingresso nos esportes, em especial no golfe profissional, onde a atleta ganhou o direito de participar de torneios femininos. Não obstante, Bagger teve que passar por diversos procedimentos constrangedores e que a tratavam como diferente, situação que não deve ser tão incomum em outros casos na atualidade.

*The USGA has done nothing to develop a policy to include transitioned women on tour. Rather, they have explicitly, through their policy, excluded transitioned women from competing on tour, and have disguised it as a policy to say they include people. It basically, what they request, is a signed waiver by the entrant giving the USGA complete and unrestricted access to one's medical records and pre-operative and post-operative psychiatric records. And I just find that horrendous. **We are treated as a complete freak, and we are treated so differently to any other competitor** with complete disregard to the real facts and medical conditions involved in our treatment and the person who we are. It's an obvious policy developed based on emotion and fear. (LOVE; LIM; DESENSI, 2009, p. 73-74, grifo nosso)*

Como já salientado, o esporte é considerado como um espaço que oportuniza uma transformação social (BRACHT, 2005). No entanto, é um espaço que ainda mantém as estruturas binárias como normativas e definidoras das categorias de competição (TRAVERS; DERI, 2011; LOVE, 2014; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017; GENEL, 2017). As práticas regulatórias existentes nesse âmbito não condicionam somente as técnicas, mas os corpos e identidades que ali se inserem. Aqueles que desviam dessas condições, chamados de desviantes, são segregados dos esportes e, também, da sociedade. A Política de Verificação de Gênero (PIRES, 2016; DOS ANJOS; GOELLNER, 2017) é uma prática que regulamenta esses corpos, separando os “válidos” e “não válidos” para participarem e competirem em determinadas modalidades. As mulheres que não atendem ao estereótipo da modalidade e que possuem características masculinizadas são questionadas e se tornam alvos de protocolos antidoping, como no caso da ex-judoca brasileira, Edinanci Silva (PIRES, 2016). A política de Verificação de Gênero é uma ação amplamente criticada por pesquisadores que analisam essa esfera, uma vez que possui falhas nessa verificação.

Quando refletimos sobre a transexualidade, temos que analisar para além das estruturas biológicas, integrando e interagindo com os aspectos socioculturais, entendendo que o corpo possui uma interpretação cultural, histórica e social. Melhor dizendo, a sociedade e as normativas estabelecem estereótipos de corpo que identificam o que é ser homem e mulher, de masculinidade e feminilidade, sobre quem está ou não dentro dos padrões e quais são esses

padrões. Exclui-se todos aqueles que não se encaixam dentro dessas prerrogativas, como os transexuais. E o esporte se apresenta como um reflexo dessa realidade, hierarquizando e classificando de acordo com as aparências corporais. No estudo de Soares e Mourão (2017), que busca compreender as experiências de mulheres levantadoras de peso no que se refere a gênero, sexualidade e abjeção dos corpos, os autores (2017) observaram que esses corpos são questionados quanto à sua feminilidade, dada a dimensão corporal, e ressignificados. Esses corpos se tornam abjetos, pois ao mesmo tempo que atraem olhares, esses olhares têm uma carga de repulsa.

A relação estabelecida entre sociedade e cultura acaba por constituir normativas para todos, principalmente quando essa relação se estende à política e à religião. Os esportes também são considerados como um espaço de definição de padrões, havendo a necessidade de uma reconfiguração de todos os sistemas. Os campos esportivos precisam compreender a diversidade de identidades, de gêneros, sexualidades e corpos, construindo e consolidando uma prática mais propícia para a inclusão e permanência de todos. A evasão de pessoas que ocorre nos meios esportivos não é proveniente exclusivamente da falta ou não de habilidades físicas e técnicas, mas da normatização de corpos e habilidades que é instituída nesses locais. Esses campos, ao invés de serem apaziguadores e acolhedores, acabam sendo um espaço limitador para qualquer pessoa que não se enquadra dentro dos critérios instituídos.

Essa situação é observada a partir de um estudo de Travers e Deri (2011), que examina as concepções de pessoas transexuais participantes de uma equipe lésbica de *softball* e a forma como são tratadas. Das doze pessoas entrevistadas, oito se identificaram como homens transexuais, três como mulheres transexuais e uma como “*genderqueer/trans*” lésbica. Embora percebido um afastamento na perspectiva diádica de gênero, há uma modificação no espaço esportivo com a inclusão de pessoas transexuais, mesmo sendo um *lócus* que possui participantes de orientação homossexual. Apesar de possuir essa pluralidade de identidades de gênero e sexualidade, a partir dos relatos foi possível identificar falas que apontaram o espaço como acolhedor e outras que o consideraram como negativo e hostil.

Esse fato não é tão distante de outras realidades. Em um estudo de Grespan e Goellner (2014) sobre a inserção da lutadora de MMA, Fallon Fox, com o objetivo de analisar 510 comentários postados em “artefatos culturais específicos” (p. 1265) sobre a participação da atleta transgênero, foi possível analisar o quão preconceituosos são os comentários. Dentro do percurso teórico do estudo, Grespan e Goellner (2014) apresentam as dificuldades enfrentadas pela lutadora em obter licença e lutar na categoria feminina do MMA. Por sua vez, os comentários analisados ainda se configuram a partir do modelo binário de gênero e que sustenta

a ideia de uma ordem compulsória entre sexo, gênero e desejo, sobretudo harmonizando com a perspectiva de corpo. Assim, não há espaço nos discursos para qualquer transgressão dessa ordem compulsória e do corpo. Outro aspecto levantado nos discursos são de uma “suposta” vantagem das habilidades físicas, semelhante ao caso Tiffany, o que garantiria para a lutadora mais condições para alcançar a vitória. As autoras (2014) apontam que o corpo de Fallon Fox é considerado um corpo abjeto e que desencadeou comentários que questionam a elegibilidade e legitimação da lutadora, sendo “[...] possível identificar fobia, aversão e repulsa aos sujeitos que subvertem as representações normatizadas de gênero e de sexualidade [...]” (p. 1276). Ademais, as reações de todos os analisados direcionam para uma patologização, inclusive aqueles que defendem a participação de Fox.

Mesmo que as poucas políticas públicas prevista por algumas entidades, como o COI, o Princípio de Yogyakarta e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, de que se deve proporcionar condições e ambiente amistoso, propício para o ingresso e permanência de pessoas transgêneras, em especial transexuais, percebemos que o esporte, enquanto espaço de disputa e que categoriza as modalidades a partir do binarismo de gênero, reproduz as convenções sociais e a ordem compulsória de sexo, gênero e desejo. Até mesmo os espaços que podem ser considerados como híbridos (COELHO; 2009; DE BRITO; PONTES; PEREIRA, 2016) possuem características semelhantes à sociedade fora do âmbito esportivo, reforçando a diádica de gênero e menosprezando todos que não se enquadram nas prerrogativas instituídas, inclusive dos corpos dissidentes (TGEU, 2016; 2017).

Sobre os comentários analisados da postagem da página do *Facebook* “Quebrando o Tabu”, apontamos novamente que a categoria esporte foi considerada como uma ideia flutuante, devido ao fato de entendermos que toda a discussão presente na postagem possui relação direta com esse. Para tanto, decidimos manter em uma perspectiva ampla de categoria e que de algum modo possui relação com os posicionamentos da sociedade e, principalmente, dos procederes dos atores nas redes sociais. A partir dessa ideia, foram agrupados 97 comentários nessa categoria, tendo como maior frequência de palavras o termo “comitê”, “conselho” e “trans” (Quadro 18 e Figura 30). Essa conjuntura identifica que houve, por parte dos atores, um posicionamento de questionamento e reflexão sobre o ambiente esportivo, sobretudo dos órgãos esportivos administrativos sobre a decisão de incluir pessoas transexuais, particularmente de mulheres trans.

Quadro 18 \_ Frequência de palavras categoria esportes

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	comitê	6	26	comitê, comitês
2º	conselho	8	17	conselho
3º	trans	5	17	trans
4º	mulheres	8	16	mulher, mulheres
5º	olímpico	8	13	olímpico, olímpicos
6º	liga	4	10	liga
7º	decisão	7	9	decisão
8º	jogadoras	9	9	jogadora, jogadoras
9º	recordes	8	9	recordes
10º	pessoas	7	8	pessoa, pessoas
11º	esporte	7	7	esporte, esportes
12º	time	4	7	time, times
13º	feminino	8	6	feminino, femininos
14º	homem	5	6	homem
15º	jogos	5	6	jogo, jogos
16º	justo	5	6	justo, justos
17º	caso	4	5	caso, casos
18º	decide	6	5	decide
19º	internacional	13	5	internacional
20º	jogar	5	5	jogar

Fonte: Os autores (2019)



Figura 30 \_ Nuvem de Palavras: categoria esportes

Fonte: Os autores (2019)

O "conselho" deve estar absolutamente correto #sqn (Ator D)

Até "ontem" o mesmo não tinha expressão alguma no esporte, hj desponta como um fenômeno no volley feminino! (Ator E)

Em alguns jogos na liga, ele já quebrou vários recordes. Em um ano, terá todos os recordes com ele. Será que é apenas porque ele é um ótimo jogador ou está apenas sendo covardemente superior as outras jogadoras? (Ator B)

Hoje estamos discutindo esse assunto com educação e respeito, sabe Pq? Pq o Conselho decidiu q tudo bem. (Ator O)

Nao é pq um conselho acha que é certo que temos que baixa a cabeça e concordar. Na minha opinião ela leva muito superioridade as outras mulheres. Acredito eu que tinham que criar uma liga para pessoas trans, tipo cada um no seu quadrado (Ator R)

Tem que ver oq as jogadoras acham sobre isso, pois uma trans chegar quebrando recordes das melhores jogadoras da liga feminina não me parece muito normal [...] (Ator U)

Mas as mulheres jogadoras dos times adversários que tão ali na quadra suando, depois de anos dedicando a um treinamento e a carreira, a opinião deles é ignorada. Não decidem nada? (Ator AR)

[...] se quiser faz um liga trans que daí fica justo é melhor [...] (Ator BL)

[...] o esporte ainda é dividido pelo sexo biológico. BIOLÓGICO!! (Ator CI)

Até a Ana Paula jogadora de volei famosa criticou isso, pois, no final das contas, (Ator CQ)

COI liberou sem ter bases científicas. Não fizeram nenhum estudo para saber se atletas trans realmente não possuem vantagens ou em quais esportes elas poderiam possuir. Foi tudo na base do achismo e de uma agenda (Ator AM)

Quando colocamos em foco os esportes de alto rendimento, entendemos que há uma macroinstituição que consolida os regimentos para todos os setores esportivos, como é o caso do Comitê Olímpico Internacional. No caso particular de Tiffany Abreu, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) está alicerçada hierarquicamente com a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), que também se vincula ao COI. Nesse sentido, as regras e normativas deveriam atender a essas instituições, que têm os poderes de organizar as melhores formas para que a prática esportiva e de alto rendimento desenvolva corretamente, visando à justiça e à equidade entre todos os sujeitos praticantes. Em especial, e como entidade superior das instâncias esportivas, o COI estipula as diretrizes e é considerado como autoridade suprema do movimento esportivo internacional.

No entanto, esses espaços ainda possuem regimentos falhos, que não consolidam o processo de ingresso de pessoas transexuais nos esportes, ocasionando uma discussão e profundo impacto na sociedade heterocisnormativa. Para Griffin (2012), o medo que se instaurou nos anos de 1970 em todos os envolvidos (técnicos, técnicas, atletas e outros) que se identificavam com identidade de gênero e sexualidade dissonantes daquelas estabelecidas pela heterocisnormatividade, contrapõe a atual realidade. Esse fato se justifica pela maior visibilidade e disseminação das teorias e discussões sobre os estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade. O ambiente esportivo, sobretudo o voleibol, denominado de espaço

híbrido por Coelho (2009) e De Brito, Pontes e Pereira (2016), se tornou um espaço que compreenderia a pluralidade de gênero e sexualidade dos envolvidos, e quando há alguma forma de preconceito, esse é de forma velada. Como apontado pelos autores, o espaço do voleibol seria um *locus* em que há a existência de múltiplas formas identitárias, não havendo discriminação contra essas pessoas. No entanto, não foi isso que foi observado a partir de posicionamentos de diversas atletas e organizações que cerceiam esse espaço.

Mesmo que o espaço esportivo ainda seja influenciado pelo preconceito com pessoas gênero dissonantes e que reflete uma sociedade injusta, houve pequenas rupturas com paradigmas ortodoxos, principalmente pelo avanço de poucas, mas significativas leis que garantem direitos à comunidade LGBTQI. A diminuição da homofobia e da transfobia em qualquer contexto e nos esportes é proveniente dessas mudanças sociais e de conceitos (GRIFFIN, 2012). O aumento de atletas LGBTQI e a maior visibilidade de pessoas transgêneras nos esportes é resultado de um ambiente mais confortável e acolhedor, onde se aceita as identidades das pessoas. Houve uma maior conscientização por parte das instituições e de seus representantes de que há pessoas LGBTQI na sociedade que possuem interesse em adentrar e se manter no meio esportivo, havendo, inclusive, condições de chegarem ao alto rendimento. Mesmo que de forma singela, há um direcionamento de projeto e organizações de defesa que visam acolher essa comunidade, além de estudos que têm contribuído e sustentando significativamente as propostas para a diminuição da homofobia e transfobia nos esportes (GRIFFIN, 2012).

É evidente a distinção binária entre as categorias nos esportes, não havendo nenhuma outra forma de categorização, o que inclui o *Gay Games*. A maioria da população se entende como cisgênera, não havendo dificuldade em ingressar nessas categorizações esportivas, enquanto para as pessoas transexuais a situação se complica, pois deve-se atender a todas as normativas instituídas pelo COI, federações e confederações. Mesmo que ocorra a adequação dentro das normativas, as pessoas transexuais se deparam com uma sociedade e um contexto esportivo discriminatório. Esses que por sua vez carregam as marcas e estigmas da transexualidade (PAES; MOAS, 2018). Para Paes e Moas (2018) Tiffany rompe com essas propositivas aplicadas nos esportes, sobretudo com a ordem compulsória de sexo, gênero e desejo.

Outro aspecto que impacta as considerações acerca do ingresso de Tiffany é que o esporte tem uma predominância do universo masculino, cisgênero e heterossexual. Os esportes que reforçam essas categorias têm um maior impacto comercial e econômico na sociedade, influenciados pelas mídias e movimentando o capital financeiro esportivo (DA SILVA;

MOURA; LOPES, 2018). Atualmente a mídia tem noticiado um maior número de pessoas e atletas homossexuais e transexuais, os quais se tornam alvos de agressões. Quando Tiffany entrou em quadra brasileira para disputar a Superliga Feminina de Voleibol, ela adentrou um universo que a tornou alvo de diversos comentários, apoios, felicitações e ofensas.

Segundo De Brito (2017), o voleibol “descontrói o binarismo masculino/feminino, no contexto de exclusão do feminino no esporte, como também no dualismo masculinidade normativas/masculinidades desviantes” (p. 102). Não desmerecendo a perspectiva de Brito (2017), principalmente por também entendermos o espaço do voleibol com um espaço que aparentemente aceita as diferenças de gênero e sexualidade, o posicionamento citado acima nos leva a realizar alguns questionamentos: como esse ambiente se torna híbrido no sentido mais amplo da diversidade humana, atendendo a transgeneridade e a transexualidade? Será que não estaria atrelado somente ao gênero? Pelas diversas manifestações de atores das mídias, de atores sociais, de ex-atletas e atletas, ainda há uma restrição quanto à jogabilidade de atletas transexuais, mais do que nos casos de atletas homossexuais. Mesmo que no caso do voleibol haja uma quebra e/ou desconstrução de paradigmas acerca de gênero e sexualidade, ressaltamos que o universo esportivo ainda é alicerçado em discursos sociais institucionalizados e normalizadores das práticas (DO PRADO, 2017).

Essa situação é muito evidente em vários esportes, ainda mais considerando os números crescentes de casos de pessoas com gênero e sexualidade divergente que se assumiram nos esportes recentemente, como é o caso de Chris Voth, atleta canadense de voleibol que não conseguiu contrato por se assumir gay. No Brasil há casos de preconceitos contra atletas devido à orientação sexual, a exemplo do ex-atleta Lilico. Retomamos o questionamento anterior e ressaltamos que os discursos sociais de normatividade ainda estão presentes em todos os envolvidos no meio esportivo, seja qual for a modalidade. Ademais, esses discursos se estendem para além das quadras, envolvendo diversas pessoas que não são atletas. É evidente que se há impacto na mídia e um posicionamento negativo de um quantitativo significativo de pessoas, os dirigentes dos clubes esportivos acabam por excluir esses atletas que desencadeiam repercussões negativas para o esporte.

Essa reação dos dirigentes por vezes é explícita e em outras situações é velada. Uma situação que ocorreu no ano de 2017 e que viralizou na internet foi o vídeo de três atletas de um clube de futebol da terceira divisão do Rio Grande do Sul, em um momento de “brincadeira”<sup>60</sup> ocorrida no vestiário (WILKSON; OLIVEIRA, 2017). Mesmo que

---

<sup>60</sup> Utilizamos esse termo em concordância com o posicionamento dos atletas e como foi atribuído na reportagem sobre o caso (WILKSON; OLIVEIRA, 2017).

envergonhados e arrependidos com a situação, a direção acabou por designar o afastamento dos atletas devido à grande polêmica e repercussão negativa envolvendo o clube. Os atletas foram criticados, xingados e humilhados por realizarem uma “brincadeira” que, para alguns, fere a moral e os bons costumes. Entretanto, considerou-se que o referido comportamento que fere a heterocisnormatividade existente, principalmente, e nesse caso, dentro do universo futebolístico. Nessa situação, a reação dos dirigentes foi de afastar os atletas pela possibilidade de associarem a imagem do clube à “brincadeira”.

Dessa forma e a partir dessa exemplificação, fica evidente que o esporte reforça esses padrões e discursos instituídos. Há esportes que conseguem contornar determinadas situações, como é o caso do voleibol, e há outros que não permitem qualquer tipo de situação que se desvie dessas normativas, devido ao pensamento masculinizante hegemônico do meio. O caso de Tiffany é emblemático no Voleibol de alto rendimento no Brasil. Mesmo diante dos discursos dos atores sociais, do posicionamento de entidades esportivas, médicas e outras, o posicionamento do clube, do técnico e das companheiras de equipe da jogadora Tiffany foi de solidariedade, não atribuindo estigmas e/ou preconceitos à atleta e tampouco almejando a retirada dela durante os jogos da Superliga 2017/2018, e com renovação do contrato para a competição de 2018/2019 e 2019/2020.

Outro ponto que deve ser discutido, e que foi o conteúdo mais ressaltado dentro dos comentários da página analisada, se refere ao posicionamento do COI. Muitos atores questionaram o comitê de forma hostil, enquanto outros se posicionaram a favor dos regimentos para pessoas transgêneras organizados pelo órgão. Embora haja uma dicotomização sobre o posicionamento do COI nas falas dos atores, o COI alegou que fará novas discussões e possíveis modificações no regimento, de modo a promover melhor equidade nas competições. Mesmo com esse posicionamento, o grupo de atores das redes sociais não se sentiram confortáveis, apresentando indignação. Não obstante, evidenciamos, novamente, que há uma normativa do COI e que Tiffany Abreu atende a todos os requisitos apresentados nela (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018). Sendo assim, se a atleta está em conformidade com os pré-requisitos para jogar, então ela deve e pode jogar, exceto se houver intervenção da direção do clube e do time.

Por fim, os esportes e as concepções que permeiam esses espaços devem ser reconfigurados e ressignificados, de modo que a sociedade como um todo entenda a importância para a transformação do sujeito, individual e coletivamente, além de ser um espaço educativo, de socialização e de reflexão. Há a necessidade de políticas públicas mais eficazes para que isso ocorra, pois as atuais políticas e regimentos que tratam de pessoas transexuais ainda são escassos e falhos. Desse modo, é indispensável a ampliação de pesquisas, de mais discussões

acadêmicas e científicas para a consolidação de normativas mais inclusivas, que não se preocupem somente com o esporte de alto rendimento, mas também com o esporte de base, o esporte no âmbito escolar, o esporte como lazer e outras manifestações esportivas. Deve haver preocupação de mais ações afirmativas, de uma maior e melhor disseminação sobre o que vem a ser gênero, sexualidade, identidade de gênero, a fim de quebrar os paradigmas da heterocisnormatividade e da ordem compulsória sexo, gênero e desejo, relacionando com as práticas corporais, nesse caso com os esportes. Mesmo com a política atual do governo, em que a falácia “ideologia de gênero” é quase um slogan, é necessário haver uma maior mobilização, visibilização e divulgação dos movimentos sociais em prol da igualdade e equidade de todos na sociedade e nos esportes, desnaturalizando essa relação obrigatória sobre sexo e gênero (BUTLER, 2017) e sobretudo rompendo com essas falácias instituídas por uma camada política e religiosa predominante.

#### a) *Habilidades Físicas*

A subcategoria de habilidades físicas<sup>61</sup> foi idealizada visto que, em uma pré-análise do material, os atores fizeram várias alusões a elas. Dentre todo o material analisado, aplicando os critérios de inclusão e exclusão, organizamos 33 menções a habilidades físicas, sobretudo comparando essas com Tiffany Abreu, pessoas transexuais e não transexuais. Contudo, precisamos refletir, mesmo que brevemente, sobre esses posicionamentos, principalmente considerando o ambiente em que os sujeitos estão inseridos.

A partir do Quadro 12 e da Figura 31, identificamos pela frequência de palavras que o termo “mulher” possuiu, novamente, o maior número de contagem. Entretanto, foi discursado na rede social que há diferenças físicas, especificamente de força, entre mulheres transexuais e cisgêneras. Os comentários identificaram que mesmo com o tratamento hormonal, Tiffany e outras pessoas transexuais ainda possuem vantagens físicas no voleibol, considerando-as superiores às demais concorrentes.

Quadro 19 \_ Frequência de palavras na subcategoria habilidades físicas

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	mulheres	8	17	mulher, mulheres
2º	força	5	11	força

<sup>61</sup> Subcategoria alinhada à categoria biofisiológica, conforme metodologia. Atentamos que essa subcategoria tem um viés biológico, mas sendo tratada de forma mais sucinta, uma vez que o intuito não é discorrer com fundamentos baseados nessa ciência, e sim a partir das perspectivas das ciências sociais.

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
3º	física	6	7	física, físicas
4º	diferença	9	6	diferença, diferenças
5º	alta	4	5	alta, altas
6º	homens	6	5	homens
7º	trans	5	5	trans
8º	esporte	7	4	esporte, esportes
9º	fortes	6	4	forte, fortes
10º	muscular	8	4	muscular, musculares
11º	superior	8	4	superior, superiores
12º	superioridade	13	4	superioridade
13º	vantagem	8	4	vantagem
14º	estudo	6	3	estudo, estudos
15º	quadra	6	3	quadra
16º	questão	7	3	questão
17º	velocidade	10	3	velocidade
18º	vôlei	5	3	vôlei
19º	acredito	8	2	acredito
20º	agilidade	9	2	agilidade

Fonte: Os autores (2019)

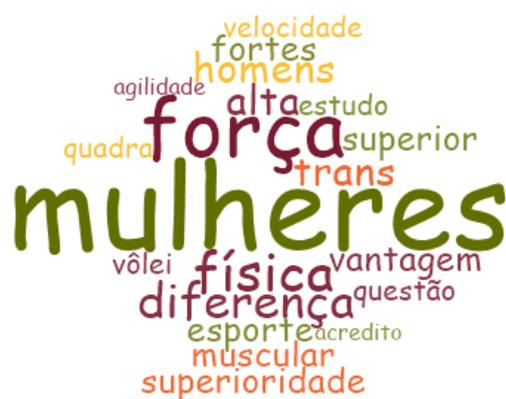


Figura 31 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria habilidades físicas

Fonte: Os autores (2019)

As habilidades físicas são fatores provenientes de uma periodização e sistematização adequada, e de um treinamento desportivo eficaz que visa à melhora dessas e das habilidades técnicas, táticas e psicológicas. Para tanto, o desenvolvimento não depende somente de um espaço, mas é a colaboração de vários outros contextos, inclusive do biológico, que permite um desenvolvimento pleno e harmonioso das habilidades. Weineck (2003), Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) apontam que as influências do ambiente externo e da hereditariedade corroboram o desenvolvimento individual. Ambientes que favorecem o desenvolvimento do

sujeito como um todo oportunizarão melhores condições para todas as dimensões<sup>62</sup> da vida humana, sobretudo nos esportes.

Para Weineck (2003), a técnica esportiva envolve procedimentos desenvolvidos para que as atividades sejam realizadas sem um gasto calórico alto e de forma objetiva, ou seja, para que se obtenha resultados positivos e máximos deve-se sistematizar estruturas que oportunizem desenvolvimento físico, técnico, tático e psicológico. O treinamento desportivo não requer somente o desenvolvimento de habilidades físicas, mas da competência técnica dos atletas, havendo a necessidade de uma equiparação desses a fim de propiciar paridade das habilidades e da técnica. A tática esportiva se refere à capacidade de desempenho, sendo definida pela tática geral e específica. A primeira reporta-se a dimensões que englobam variadas modalidades, enquanto a segunda trata de uma modalidade em particular. A tática também está relacionada com o desempenho individual e/ou coletivo. Weineck (2003) aponta que a tática esportiva se respalda nas melhoras da capacidade cognitiva, psicofísica e da técnica adquirida, direcionada ao comportamento e desempenho competitivo. Ademais, há outros fatores que interferem no desempenho atlético, como os processos cognitivos, emocionais e à vontade, fatores que devem ser otimizados para um melhor rendimento.

Na minha opinião ela leva muito superioridade as outras mulheres (Ator R)

[...] até concordo que ela tem essa redução de velocidade entre outros parâmetros físicos em comparação ao seu estado natural !! (Ator AN)

Imagina um saque dela comparado a de uma mulher cis? Um corte? Claro que faz diferença. (Ator AY)

Não queria chegar no ponto da discussão que os homens sempre são mais fortes, mais ágeis e mais velozes que as mulheres em todos os esportes, mas é nesse sentido que vai a conversa. (Ator AS)

No caso do vôlei que é o esporte em questão acredito que as diferenças físicas entre os sexos são levadas em consideração, a altura da rede é menor para mulheres, a força de saque e cortada é maior nos homens (ao menos visivelmente) Acredito que existam atletas de alta performance femininas superiores à homens na mesma condição, mas em outras características (talvez agilidade, visão de jogo, calma) mas a questão é que não competem entre si. (Ator BB)

Então ela tem mais força, estrutura corporal, musculatura diferentes de uma mulher. (Ator CM)

É tão difícil assim aceitar que ele é SIM superior as outras competidoras? É tão óbvio. Ele mal chegou e já quebrou inúmeros recordes. É só ver. (Ator B)

Compararam ela com ela mesma qdo era menino e o rendimento dela aumentou (Ator EO)

---

<sup>62</sup> Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), as dimensões estão relacionadas com a rotina diária, recreativa e competitiva ao longo da vida.

Mulher trans tem mais força do que uma mulher comum. (Ator FD)

Bem, eu sou formado em Educação Física, estudo sobre a área e posso opinar sem preconceito, ela leva muita vantagem sobre as outras. (Ator GI)

Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher trans que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres trans serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany. (Ator AH)

A partir dos exemplos apresentados acima, identificamos que há uma maior quantidade de comentários que remete à superioridade de Tiffany nas quadras, incluindo o posicionamento de um professor de Educação Física (Ator GI), enquanto uma pequena parcela de atores comenta a favor da jogabilidade de Tiffany e que há modificações significativas nas habilidades físicas, diminuindo a performance e o nível das habilidades físicas. Dentre esses comentários, em particular do ator GI, é possível identificar uma dialética entre as ciências biológicas e as ciências sociais e humanas, essas que circundam a Educação Física e oportunizam debates extensivos. Wenez, Schwengber e Dornelles (2017) discorrem sobre os corpos, entendendo que

[...] disputa-se com planos epistemológicos que define estes conceitos a partir dos discursos biológicos, os quais acionam o corpo e sua disposição em uma leitura biologizada/biologizante para explicar a sexualidade e/ou derivá-la desta constituição discursiva – em geral, com base no sexo (p. 34)

Grespan e Goellner (2014), Dos Anjos e Goellner (2017), especificam que os esportes refletem características da sociedade, sobretudo nas disputas de saberes e poderes que produzem uma lógica de diferenciação. Destarte, interpretamos que há um direcionamento dos treinamentos desportivos de acordo com a especificidade das modalidades. Constrói-se uma cultura dentro do contexto esportivo relacionado com as habilidades físicas exigidas, a fim de oportunizar condições para o desenvolvimento e a performance atlética. Em muitos desses espaços há um embasamento nos paradigmas heterocisnormativos, consolidados a partir de uma sociedade patriarcal que reforça e determina quais são os padrões aceitáveis para a modalidade. No caso específico do voleibol, que é caracterizado por Coelho (2009), de Brito, Pontes e Pereira (2016) como um espaço híbrido, a aceitação de corpos, gêneros e sexualidades deveria ser mais evidente. Entretanto, ainda há preconceitos velados com todos aqueles que são dissonantes aos padrões estabelecidos pela sociedade e pelos esportes. Isso se estende também para pessoas que não possuem habilidades físicas exigidas e específicas, sendo excluídas e/ou nunca alcançando o alto rendimento.

Tiffany Abreu se tornou um ícone dentro das quadras e do esporte brasileiro ao ser protagonista dos discursos e da quebra de paradigmas de sexo, gênero e sexualidade nos esportes. Ao se tornar protagonista, a jogadora se tornou alvo dos discursos de que ela “é homem”, com habilidades físicas, técnicas e táticas que foram desenvolvidas anteriormente ao processo de transição. Esse corpo se torna abjeto, conforme Butler (2017), sendo rejeitado por várias pessoas e por instituições esportivas, médicas e outras, justamente por romper com a ideia de que uma pessoa transexual possa jogar e ter condições equivalentes à de atletas cisgêneras. Isso desperta profundo ressentimento, desconfiança e hostilidade de pessoas fora e dentro das quadras. Fora das quadras, o discurso e o preconceito não se tornam tão velados quanto dentro, e as pessoas têm a possibilidade de exprimir livremente suas opiniões a respeito, não se preocupando em como será o retorno de tais opiniões. E isso se intensifica no ciberespaço, justamente por não haver barreiras que impeçam a liberdade de expressão<sup>63</sup>, podendo haver a criação de perfis, páginas e grupos *fakes* com a finalidade de difamar determinadas pessoas e disseminar o ódio (LÉVY, 2010).

#### b) Instituições Médicas

Outra subcategoria foi referente às instituições médicas, havendo 34 referências a elas. Muitos comentários de atores na publicação remetem a questões médicas (Quadro 20 e Figura 32), sobretudo aos estudos que cerceiam essa área e à incerteza da própria comunidade médica em corroborar o processo de inclusão de pessoas transexuais nas categorias limitadoras dos esportes. Várias falas relacionam os estudos médicos com a decisão e liberação do COI, onde é ressaltado pelos atores que há discordância sobre tal situação.

Quadro 20 \_ Frequência de palavras na subcategoria instituições médicas

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	médicos	7	25	médico, médicos
2º	estudos	7	6	estudo, estudos
3º	decisão	7	5	decisão
4º	liberaram	9	5	liberaram
5º	médica	6	5	médica, médicas
6º	questão	7	4	questão
7º	assunto	7	3	assunto
8º	caso	4	3	caso

<sup>63</sup> Destacamos que há o Marco Civil da Internet, isto é, a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (BRASIL, 2018), que protege os dados e informações de pessoas e instituições na internet.

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
9º	disseram	8	3	disseram
10º	próprios	8	3	próprios
11º	realmente	9	3	realmente
12º	trans	5	3	trans
13º	tratamento	10	3	tratamento
14º	vantagem	8	3	vantagem
15º	certeza	7	2	certeza
16º	chegaram	8	2	chegaram
17º	comitê	6	2	comitê
18º	competir	8	2	competir
19º	conclusão	9	2	conclusão
20º	deveria	7	2	deveria

Fonte: Os autores (2019)



Figura 32 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria instituições médicas

Fonte: Os autores (2019)

Torna-se evidente a fundamentação a partir de informações objetivas e concretas, que por vezes é originada a partir de estudos das ciências biológicas. As ciências sociais e humanas ainda são muito questionadas por um quantitativo de pessoas, devido à subjetividade que cerceia essa área. Para Waizbort (2008), ainda há uma concorrência entre essas duas, visto que as ciências biológicas buscam generalizar determinadas teorias para compreender a espécie e a evolução humana, enquanto as ciências sociais tentam compreender o processo de evolução a partir das práticas e vivências. No entanto, o próprio autor (2008) aponta que a existência da interação humana, do desenvolvimento da identidade, da corporeidade e de outras dimensões só é possível mediante a inserção em um contexto histórico, cultural, econômico e afetivo, e que assimilar e absorver todas essas informações só é possível por meio de fatores biológicos, como o funcionamento do cérebro. Dessa forma, não haveria a possibilidade de uma dissociação dessas áreas, visto que há a necessidade da comunicação das duas para a formação

individual e coletiva do sujeito. Inclui-se nesse contexto que o corpo não parte somente da teoria sobre a evolução humana biológica, mas sim, do vínculo com a cultura, com a história e a sociedade.

o assunto não é unânime entre a comunidade **médica** (muito pelo contrário) (Ator G, grifo nosso)

O COI não é uma Universidade nem uma publicação **médica**. (Ator I, grifo nosso)

Pra quem diz que não tem nenhum **médico** que discorda. Os próprios **médicos** que a liberaram disseram que ela não deveria competir. Só a liberaram pq existe essa possibilidade. (Ator K, grifo nosso)

Foi muito mais política do que **médica** esta decisão . (Ator AE, grifo nosso)

[...] tem outros **médicos** que dizem que precisa muito mais de um ano de tratamento. (Ator BS, grifo nosso)

Os próprios **médicos** que liberaram ela falaram que só o controle da testosterona nao adianta. (Ator BY, grifo nosso)

Não é a questão social de aceitação que está sendo discutida, mas sim a questão **médica**. (Ator B, grifo nosso)

Não é mais caso de opinião, é questão técnica, podendo ser cientificamente verificada por meio de **médicos** esportistas com testes e exames. Só é aceitável no debate dados de outros **médicos**, apresentando resultados contraditórios. (Ator FQ, grifo nosso)

Fica claro nos comentários que a maioria das pessoas apontam posicionamentos de médicos quanto à decisão sobre a jogabilidade de Tiffany Abreu. Em particular retomamos o posicionamento de João Grangeiro, coordenador do CONAMEV, de que ainda há divergências sobre as recomendações feitas pelo COI quanto à inclusão de pessoas transexuais nos esportes. Grangeiro aponta que segue as determinações realizadas pelo comitê, mesmo ressaltando que a jogadora possui características que destoam das demais. Rogério Friedman, endocrinologista da ABCD, é mais enfático no discurso sobre o processo de inclusão, apontando a necessidade da retirada da glândula testicular para que realmente ocorra o bloqueio da produção de testosterona (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018; KNOPLCH; FONSECA, 2018).

Iwamoto e Almeida (2018) salientam que esse posicionamento de Grangeiro e Friedman é reducionista, por tratar exclusivamente as características anatomicofisiológicas como forma de enquadrar Tiffany e demais jogadores transexuais dentro da normativa binária existente nos esportes. Como apresentado pelos autores (2018), Tiffany Abreu já se enquadra dentro de todas as perspectivas propostas por esses médicos representantes do CONAMEV e da ABCD, sendo que inclusive já realizou a cirurgia de redesignação sexual e realiza o tratamento de supressão hormonal conforme proposto pelo COI. Ademais, as características físicas, como estatura,

apontada por Grangeiro, não devem ser o único fator determinante para a classificação de atletas, visto que há outras jogadoras que são mais altas do que Tiffany. Alguns indicadores propostos pela heterocisnormatividade sobre o corpo afirmam que corpos mais fortes e altos são característicos dos homens e da masculinidade, sendo que mulheres que apresentam essas características são consideradas dissonantes (GOLDENBERG, 2005; SOARES; MOURÃO, 2017; IWAMOTO; ALMEIDA, 2018).

Nesse sentido e diante do posicionamento dos vários atores na publicação da página “Quebrando o Tabu” do *Facebook*, é necessário destacarmos que o COI possui uma equipe multidisciplinar competente para realizar as análises e ponderar se há equidade na jogabilidade de pessoas transexuais contra as cisgêneras. Mesmo que o órgão se posicione de forma que haja a necessidade de uma revisão das normativas, ele é capaz de compreender para além das leis, acolhendo a importância e a necessidade sociocultural das diretrizes analisadas e aprovadas. Nessa posição, rerepresentamos a integrante e consultora do COI, Joanna Harper, que possui formação em medicina, uma das principais pesquisadoras que relacionam a área médica com performance esportiva, atleta de corrida e, principalmente, mulher transexual. Essa posição de Harper garante a ela um lugar de fala dentro do comitê, dando-lhe mais respaldo para tratar do assunto, não somente diante das experiências pessoais dela, mas também por sua competência profissional (IWAMOTO; ALMEIDA, 2018). Analisado o documento do COI, “*Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism - November 2015*”, identificamos vinte integrantes, sendo que a maioria possui formação médica, com habilidade e competência para analisar e refletir sobre tal situação.

### c) *Legitimação da atleta Tiffany*

Por fim, a última subcategoria é a legitimação<sup>64</sup> da análise sociocultural, que foi compreendida como sendo um processo que é amparado de algum modo por princípios, documentos e leis, que tem uma justificativa concebida por uma lógica sobretudo alicerçada em uma perspectiva científica. Ressaltamos que a legitimação é um processo que é regularizado, tornando-se legal. Foram categorizadas 21 comentários que representam o posicionamento de legitimação da jogabilidade da atleta Tiffany. Nesses comentários, a maior frequência de palavras foi do termo “trans”, seguido de “jogar” e de “pessoas”, como perceptível no Quadro 21 e na Figura 33.

---

<sup>64</sup> Subcategoria da categoria Sociocultural, conforme metodologia.

Quadro 21 \_ Frequência de palavras na subcategoria legitimação

Ordem	Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
1º	trans	5	7	trans
2º	jogar	5	4	jogar
3º	pessoas	7	4	pessoas
4º	pontos	6	4	ponto, pontos
5º	bauru	5	3	bauru
6º	comitê	6	3	comitê
7º	esporte	7	3	esporte, esportes
8º	jogadoras	9	3	jogadora, jogadoras
9º	mulher	6	3	mulher, mulheres
10º	time	4	3	time, times
11º	acionada	8	2	acionada, acionadas
12º	competir	8	2	competir
13º	conheço	7	2	conheço
14º	contra	6	2	contra
15º	estudo	6	2	estudo, estudos
16º	existe	6	2	existe
17º	geral	5	2	geral
18º	homens	6	2	homens
19º	internacional	13	2	internacional
20º	liberar	7	2	liberar

Fonte: Os autores (2019)



Figura 33 \_ Nuvem de Palavras: subcategoria legitimação

Fonte: Os autores (2019)

[...] tanto é que publiquei aqui uma das pesquisas, entre outras que tem, só dar uma pesquisada. (Ator AH)

[...] essa pesquisa é um bom ponto de partida para o futuro posicionamento do COI (Ator AJ)

[...] ja foi decidido amigo...vc querendo ou nao ela vai jogar (Ator CD)

A unica vantagem dela é a altura e o tamanho dos ossos em geral que não diminuem, mas vale lembrar que existe bastante mulheres mais fortes e mais alta qe ela no volei feminimo, então não faz sentido impedir ela de competir por causa de tamanho. isso é surreal (Ator CF)

De acordo com as regras vigentes ela pode jogar, entretanto o próprio COI pretende rever as regras. (Ator AJ)

eu conheço trans, conheço o esporte tanto que afirmo que nenhuma outra jogadora entrou com ação contra a liberação dela para jogar, à discordâncias mas não ações [...] (Ator CT)

[...] ela foi liberada pelo comitê Internacional, coisa séria, o que te faz pensar que foi "golpe" essa liberação [...] (Ator CT)

concordo se o comitê olimpico juntamente com os médicos especialistas já deram o veredito, quem somos nós pra dar algum tipo de opinião? (Ator CT)

Gente, lógico que ela vai fazer mais pontos, além dela ser a oposta, está lá pra pontuar, ela é a oposta mais acionada da Super Liga. A levantadora do Bauru que só usa ela com opção, esquece até das outras (Ator GL)

E as próprias entidades já falaram que vão continuar o estudo e vão procurar se adequar a situação da melhor maneira possível. Se houver qualquer comprovação que ela tenha vantagem e tal, vão cortar ela, e pronto. enquanto isso, será que não podemos simplesmente comemorar o fato que demos um passo a mais para combater o preconceito à pessoas trans? (Ator GZ)

No momento isso não está acontecendo, e ela está jogando regulamentada. A superliga feminina não vai deixar de existir se jogadoras trans começarem a surgir, até porque ninguém tem cadeira cativa no vôlei. Só entra para um time quem tem como contribuir dentro de quadra. É um processo inteiramente novo e que merece observação, mas eu acredito que as federações vão achar a melhor solução para isso. (Ator GZ)

Alguns atores já compreendem que existem dados científicos que corroboram o processo de inclusão de pessoas transexuais nos esportes de alto rendimento. E que o COI, mesmo que ainda tenha um posicionamento consolidado, fará pesquisas e analisará todos os casos de forma individual e coletivamente, sobretudo investigando se há a possibilidade de atletas transexuais – no caso, mulheres transexuais – terem mais vantagens do que atletas cisgêneras.

É válido lembrarmos que os documentos do COI visam e se preocupam com a equidade dentro dos esportes (IOC, 2015; 2016). Jones et al. (2017) apresentam que mesmo que existam políticas esportivas administrativas que facilitem o ingresso e a jogabilidade de pessoas transexuais, ainda há falhas nesse processo, como não levarem em consideração as experiências vividas pelas pessoas transsexuais. Todo o processo de segregação do esporte e da comunidade em geral reforça o campo esportivo como um local de não aceitação dessas pessoas.

O processo de significação não pode ser analisado sem considerarmos o espaço social e a época específica da sociedade influenciando a visão de mundo dos sujeitos. E a legitimação de pessoas transexuais nos esportes não escapa disso, a atual sociedade vivenciou e vivencia

um processo de busca pelos direitos em prol de uma igualdade e equidade, direitos das mulheres, dos negros, dos menos favorecidos financeiramente, da comunidade LGBTQI e outros grupos minoritários. Os movimentos em prol desses grupos têm enfrentado barreiras para consolidar os direitos para todos. Diante desse atual cenário, é impossível desvincularmos a batalha das pessoas transexuais em busca de políticas públicas para melhores condições e qualidade de vida, diminuindo qualquer fator que possa menosprezar e possibilitar o desenvolvimento de qualquer transtorno psicofisiológico. Embora tenha havido muitas mudanças para atender a esse público, como é o caso do direito ao nome social (BRASIL, 2016a; 2017b), do tratamento e do processo cirúrgico pelo SUS (PORTAL BRASIL; 2015), da mudança no DSM-V (APA, 2014) e, no caso dos esportes, das diretrizes para a regulamentação da jogabilidade de pessoas transexuais (IOC, 2015; 2016), além de outras conquistas para essa comunidade, ainda há a necessidade de fortalecer normativas e legislações para esse público, como tem ocorrido recentemente sobre a MI-4733 e ADO 26.

Nessa nova sociedade que se organiza com profundos impactos das tecnologias e dos meios de comunicação, há a quebra de barreiras geográficas que possibilitam a disseminação de diversos discursos, positivos ou negativos, diretos ou indiretos, para todas as pessoas. Fica evidente que a ampliação desses diálogos e quebra das barreiras de comunicação oportunizaram a disseminação de mais informações e, conseqüentemente, da reestruturação e diálogos sobre os valores sociais, morais e éticos das pessoas e sociedade. De fato, isso possibilitou a disseminação dos princípios dos movimentos sociais, interesses e necessidades, em busca de uma legitimação social para as camadas menos favorecidas.

Todos esses fatores foram possíveis pela ampliação tecnológica e pela CMC. Mesmo que os posicionamentos dos atores na publicação analisada ainda sejam divididos de forma binária, ou seja, uns concordam e outros não com a inclusão da jogadora Tiffany Abreu, temos que compreender que os movimentos sociais possibilitaram a abertura de diversos espaços, incluindo os esportivos, para as pessoas transexuais. Ademais, a atleta está em conformidade com todos os requisitos regulamentados pelo comitê específico, se adequando a essas normativas. Mesmo que haja essas políticas públicas esportivas, e que Tiffany e demais atletas em situação semelhante tenham se adequado às normativas do COI, somente as modificações de tempo e do espaço social poderão levar a alterações que permitam ampliar e melhorar os regulamentos técnico-esportivos. A disseminação e discussão de conhecimentos em torno da diversidade de identidades de gênero e sexualidade possibilitará melhores condições de vida para pessoas transgêneras na sociedade, nos esportes e em outros ambientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos a necessidade de uma retomada teórica sobre os principais pontos abordados na construção desta tese, uma vez que percebemos a importância de considerações sobre a temática abordada. Para isso, ressaltamos os principais autores utilizados na produção, incluindo aqueles que se referem aos Estudos de Gênero e Sexualidade na Educação Física, como: Altmann (2017), Altmann et al. (2018), De Brito (2017), De Brito, Pontes e Pereira (2016), De Camargo (2014; 2016), De Camargo e Kessler (2017), Devede (2018), Devede et al. (2011), Dornelles, Wenetz, Schwengber (2017), Dos Anjos e Goellner (2017), Goellner (2005a, 2005b, 2007, 2009, 2010, 2012, 2013), Harper (2015), Harper, Betancurt e Matínez-Patiño (2016), Harper et al. (2018). Não deixamos de citar autoras com grande significância nos Estudos de Gênero e Sexualidade, como Butler (1988; 2017), Butler e Lourties (1998) e Louro (2001; 2014; 2016), Louro, Felipe e Goellner (2012).

Ficou clara durante esta pesquisa a influência das normativas instituídas cultural, histórica e socialmente por diversas instituições sobre temáticas que destoam das prerrogativas ditas como “normais” e aceitáveis pela sociedade. A cultura, situação que consideramos como flexível, permite que determinados pensamentos possam sobressair a outros, a ponto de determinar o que é “certo” e o que é “errado”. Essas manifestações são reforçadas por inúmeras estruturas e instituições, como a religião e a política, por exemplo. Instituições que reforçam o paradigma biológico da constituição identitária dos seres humanos e que instituem a aceitação (ou não) de determinados comportamentos na sociedade.

Sobre esses dois exemplos citados, não há como deixarmos de salientar a ultrajante ideia que permeia os Estudos de Gênero e Sexualidade, comparando com a falácia da “ideologia de gênero” tendenciosamente instituída por esses setores, e que de algum modo tomou uma proporção grandiosa na sociedade. A disseminação dessa falácia concedeu às pessoas o direito de comentarem e discutirem sobre gênero e sexualidade sem ao menos entender que essa prerrogativa falaciosa é mais uma forma grave de o atual governo federal e de algumas entidades religiosas imporem suas crenças e ideologias. Sobretudo, frisamos que essa disseminação possibilitou uma reação negativa da população sobre os Estudos de Gênero, que tem como objeto estudar a diversidade de manifestações dos seres humanos nos diversos campos. É lamentável que em pleno século XXI ainda existam instituições que discursam sobre a liberdade de ser e de identidade, e que se diz governar para todos, ainda se apropriem de falácias visando desmoralizar determinados grupos. Elucidando o referido, apontamos o

posicionamento do Ministro Celso de Mello durante a votação da LGBTfobia (MI-4733), realizada no dia 14 de fevereiro de 2019, e que satiriza posicionamentos do atual governo sobre a temática, além da omissão do Congresso Nacional de promover ações e leis que garantam direitos fundamentais do seres humanos para o grupo LGBTQI. Cabe destacarmos o posicionamento do Ministro Decano Celso de Mello, que aponta haver um “espantalho” moral criado por fundamentalistas à “ideologia de gênero”, votando a favor da criminalização da LGBTQIfobia, assemelhando-a ao crime de racismo.

Identificamos que a cultura é um conjunto de mecanismos de controle que tem o objetivo de normatizar, fiscalizar, vigiar e reprimir comportamentos, de modo a defini-los e linearizá-los. Nesse modelo de pensamento entende-se a estrutura estatal brasileira como uma cultura que privilegia aqueles que fazem parte de uma classe que se comporta de acordo com as convenções sociais instituídas, em particular, a heterocisnormatividade. Essa heterocisnormatividade é um dos instrumentos de vigilância de algumas comunidades, sobretudo a LGBTQI, que fogem aos modelos instituídos como corretos e que, segundo algumas pessoas, “ferem os valores da família tradicional”. A influência da cultura é presente em diversos mecanismos sociais, incluindo a mídia e o ciberespaço.

Ciberespaço, cibercultura e as redes sociais se tornaram um campo de atores sem identidades, o que possibilitou uma pluralidade de manifestações dos seres humanos. Embora entendamos que esse espaço oportunizou um debate amplo, também oportunizou a exposição de atores sem o conhecimento técnico e específico para tais debates. As redes sociais possibilitaram a visibilidade de alguns grupos sociais, mas, ao mesmo tempo, a invisibilidade de alguns atores, se camuflando através de discursos autoavaliativos que disseminam enquanto negam preconceitos, de perfis *fakes* e/ou que omitem a própria identidade. Outrossim, esse espaço pode ser entendido como um reforçador das normativas culturais e sociais *off-line*, mesmo que seja considerado um sítio amplo para o debate, por haver espaços plurais e específicos para determinados assuntos. Nesses espaços ainda há, contudo, a sobreposição da cultura e do pensamento vigentes na sociedade. O ciberespaço e a cibercultura se tornaram um cenário panóptico, onde se vigia, discute e julga diversos assuntos, principalmente aqueles que desviam da configuração normatizada socialmente.

A falta de conhecimento por parte da sociedade leva a considerar gênero e sexo como sinônimos, da mesma forma como ocorria há tempos. Reforça a ordem compulsória de sexo, gênero e desejo, naturalizando essa situação. Esse desentendimento sobre a pluralidade de identidade de gênero e a diversidade sexual provoca sentimentos que levam as pessoas a repudiarem e excluïrem as pessoas LGBTQI de diversos cenários, simplesmente por terem

comportamentos, atitudes, pensamentos, corpos e identidades singulares e que não corroboram com a ordem compulsória e/ou com a cultura heterocisnormativa. O campo esportivo é um reflexo da cultura vigente, reforçando também o binarismo de gênero e a segregação de pessoas com gênero e sexualidade divergentes. No entanto, esse espaço não é formado somente por aqueles que estão, direta e/ou indiretamente, em quadra, mas inclui todos os envolvidos externamente, como os espectadores. Esses por sua vez, e em alguns sujeitos esportistas, técnicos e comissão, tendem a ter posicionamentos contrários ao ingresso de pessoas que possuem identidade de gênero e sexualidade divergente, fundamentando seus discursos em estigmas e preconceitos, sobretudo em teorias fundamentalistas religiosas e reacionárias.

Ao longo desta tese foi possível ressaltarmos informações teóricas sobre os objetos de estudo, abarcando informações sobre a Teoria de Gênero e Sexualidade, conceitos, definições e características sobre as terminologias de sexo, gênero, sexualidade e identidade de gênero, e nesse último caso demos ênfase à transexualidade. Também realizamos um apanhado de informações sobre os esportes, apresentando sua importância para o desenvolvimento e formação pessoal, individual e coletiva, bem como para a transformação social e cultural. Outro objeto averiguado foi o ciberespaço e a cibercultura, realçando informações sobre os atores e as conexões estabelecidas por eles. Nesse momento foi impossível dissociarmos a comunicação mediada por computador das conexões estabelecidas pelos atores e como essas se estabelecem, criando uma rede de comunicações e grupos com interesses e necessidades específicas. Finalmente, tentamos enfaticamente aproximarmos e correlacionarmos todas as informações do nosso principal objeto de investigação, que é a repercussão numa das redes sociais sobre a inclusão da atleta Tiffany Abreu.

O estudo, tendo como metodologia a Análise de Conteúdo a partir do campo empírico-virtual *Facebook*, teve como objetivo principal realizar uma análise de conteúdo dos comentários presentes na página “Quebrando o Tabu”, construídos acerca da transexualidade no contexto esportivo, considerando a inclusão e permanência da jogadora de voleibol Tiffany. Nesse sentido foram analisados 623 comentários, distribuídos em treze comentários principais seguidos de suas respostas, ponderados pelo sistema numérico do *Facebook* como os mais relevantes. Foram 218 atores de gêneros e identidades de gêneros diferentes que participaram dos comentários e respostas na referida postagem, sendo possível analisarmos dois tipos de linguagem, a linguagem não verbal e a verbal. Assim, não foram analisados somente os textos escritos pelos atores das redes sociais, mas também as reações, via *emojis*, referentes à postagem na página.

Para a Análise de Conteúdo recorreremos à propositiva de Bardin (2016) de utilizar pelo menos duas formas de categorização dos conteúdos, sendo considerados os aspectos semânticos e léxicos, ou seja, a categoria temática e a classificação das palavras, respectivamente.

Sobre os posicionamentos, verbais e não verbais, ficou evidente que muitas informações não são compatíveis, isto é, algumas reações realizadas com os *emojis* situam uma maior aprovação do processo de inclusão da jogadora Tiffany Abreu, tendo 83,68% de reações distribuídas entre “curtir” (68,51%) e “amei” (15,17). Essa situação é contraditória quando analisados os comentários, onde diversos atores trazem suas opiniões pessoais sobre o caso e discordam que Tiffany seja uma mulher legítima e elegível para jogar na categoria feminina. Essas informações clarificam que os posicionamentos nas redes sociais, em particular no *Facebook*, podem ser distintas, sendo que muitos atores podem não se manifestar nas reações, mas se manifestar nos comentários. Também pudemos considerar que a reação só pode ser atribuída uma vez, enquanto os comentários podem ser emitidos diversas vezes. Entretanto, as expressões verbais e não verbais, quando utilizadas em consonância, agregam mais informações na análise proposta, oportunizando uma discussão crítica sobre os espaços das redes sociais e como os mecanismos funcionam, possibilitando, inclusive, a constituição de uma crítica à forma como a comunidade “Quebrando o Tabu” apresentou a proposição – de maneira binária – para que os participantes da comunidade (atores) se posicionassem.

A compreensão e organicidade das categorias e subcategorias analisadas foi possível pela adoção do mapa mental (*mind maps*), o que oportunizou melhor configuração das ideias. Mesmo que haja críticas quanto uma construção fixa do mapa mental, de que não oportuniza uma ampliação das categorias, entendemos que nesse momento foi relevante e necessário para que houvesse uma melhor sistemática de análise e atribuição dos comentários às categorias. Desse modo, mesmo que tentando esgueirar-se de um trato dicotômico, foi possível uma distinção dos comentários em elementos voltados para uma perspectiva sociocultural e biofisiológica. Essas codificações foram organizadas após o processo de pré-análise e, mesmo após diversas leituras do documento de análise, todas as formas levaram a essas duas categorias. Nesse processo de análise e, principalmente, no momento de discussão das categorias e subcategorias, foi levado em consideração o nosso lugar de fala enquanto pesquisadores da Educação Física e a linha de pesquisa ‘Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer’, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade de Brasília.

Buscamos não dar maior ênfase à categoria biofisiológica, mesmo que ela seja um dos principais elementos da exclusão e não concordância dos atores sobre processo de Tiffany

Abreu. Desse modo, enfatizamos a categoria sociocultural, organizando subcategorias que discutiram corpo, gênero, identidade de gênero, estigmas, preconceitos e legitimação a partir dos comentários emitidos pelos atores sociais da página em questão.

Quando observada a subcategoria corpo, a relação estabelecida é de que se considera o corpo de Tiffany e demais transexuais como um corpo abjeto. Pelos comentários, os atores se posicionam veemente quanto ao corpo de Tiffany ser um corpo “construído” por testosterona e modificado pelos bloqueadores, pelo tratamento hormonal e pelo processo de redesignação sexual. Isso de algum modo é ressaltado pelos atores como sendo um corpo diferente e com habilidades superiores às das atletas cisgêneras. Isso se configura, em grande parte dos comentários, como uma vantagem para a atleta transexual. Poucos atores sociais legitimaram o corpo dela como um corpo elegível para jogar na categoria feminina, considerando-o como abjeto.

Sobre gênero e identidade de gênero, ainda há uma distinção determinada pelos fatores anatômicos e fisiológicos, sobretudo a produção hormonal distinta em machos e fêmeas. Além disso, vários atores desconhecem as diferenças conceituais que permeiam sexo, gênero e identidade de gênero. Notadamente, na subcategoria sobre identidade de gênero houve vários posicionamentos sobre os termos cisgêneros ou cis e transgêneros ou trans, onde muitos questionavam essas distinções terminológicas. Outro ponto constantemente ressaltado nos comentários foi o questionamento de não haver repercussões sobre homens transexuais e o processo de inclusão nos esportes de alto rendimento. Quanto a esse fator, é notório que a segregação e o preconceito dos atores remete somente a mulheres transexuais, pois quando uma mulher se identifica como homem e se submete a todos os procedimentos para a transição de gênero, fazendo ou não a redesignação sexual, os atores ainda entendem que o corpo, as características anatomofisiológicas e as habilidades físicas ainda estão vinculadas ao sexo e gênero anterior, ou seja, sempre terão menos rendimento do que os homens cisgêneros. Sobre esse ponto, vale lembrarmos que o COI não faz uma ponderação profunda sobre os procedimentos para inclusão de homens transexuais, solicitando somente o tratamento de reposição hormonal de testosterona.

Essa associação feita dentro da subcategoria de gênero e identidade de gênero é refletida na subcategoria estigma. Há uma organização social que aponta características determinantes para os sujeitos, no caso, considerado por vários atores como um corpo abjeto para pessoas transexuais. Desse modo, os comentários mostram que há distinções, ou melhor, há estigmas que diferem as pessoas transgêneras das cisgêneras. No caso de Tiffany e de pessoas transexuais, há o estigma de corpos dissonantes daqueles apontados pelas estruturas

estruturantes como “normais” e aceitáveis, com marcas e cicatrizes que fazem parte da identidade dos sujeitos, mas que desatendem as características instituídas pela heterocisnormatividade. Esse fator é um dos tantos outros motivos que levam as pessoas a terem preconceitos (outra subcategoria analisada) contra pessoas transexuais nas diversas esferas sociais, incluindo os esportes.

Na subcategoria preconceito foram identificados vários comentários que nos levam a constatar a existência de julgamentos antecipados e precipitados, principalmente sem haver o discernimento sobre o que vem a ser sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero. Mesmo havendo um diálogo com atores que apontam informações científicas relevantes, ainda não há um processo de reflexão crítica e, possivelmente, de modificação conceitual por parte de muitos atores que se manifestaram de forma preconceituosa. Mesmo que esses atores considerem que não são preconceituosos, que os discursos que eles emitem não têm relação com o preconceito, há de se pontuar que a percepção falsa ou incompleta, que fomenta uma imagem distorcida da realidade pode ser considerada também como uma manifestação de preconceito. Ademais, consideramos que as redes sociais oportunizam aos atores posicionamentos sem qualquer fundamento técnico, o que suscita ainda mais o julgamento, a segregação e as profusas formas de preconceitos.

A última subcategoria analisada foi a de legitimação. Nessa, assim como nas demais, houve diversos posicionamentos prós e contras ao processo de inclusão de pessoas transexuais, especialmente acerca da Tiffany Abreu. Mesmo com posicionamentos contrários a isso, foi possível identificarmos uma consonância das falas de vários atores, inclusive de pessoas transexuais, apontando que Tiffany está em conformidade com todos os parâmetros estabelecidos pelo comitê. Que ela possui equidade e autorização para jogar na categoria em que está inscrita, visto que se identifica como mulher, possui menos de 10nmol/L e que, mesmo não sendo uma obrigatoriedade desde a última alteração da normativa do COI realizada em 2015, Tiffany realizou o processo de redesignação sexual. Os atores sociais que defendem Tiffany e o número de pontuação realizada nos jogos da Superliga Feminina de Voleibol 2017/2018 apontam que o fato de ter sido uma das maiores pontuadoras remete à tática de jogo idealizada pela equipe, ou seja, a atleta recebeu mais passes de bolas, tendo mais chances de pontuar e até mesmo de errar.

A categoria esporte foi considerada pelos pesquisadores como uma categoria macro e que percorre as outras, uma vez que é um dos conteúdos de discussão dos atores da página. Assim, a consideramos como uma ideia flutuante. Os esportes carregam em si uma profunda importância dentro da sociedade, principalmente sobre a formação humana individual e

coletiva. Considerados como transformadores sociais, os esportes possibilitam para os seus praticantes momentos de descontração, de lazer, de educação e de preparação para as competições, bem como o desenvolvimento de princípios morais, éticos e de valores. Não obstante, ainda é possível identificarmos que a grande maioria dos esportes ainda se mantém vinculada às perspectivas tradicionais, sobretudo no que compete ao binarismo de gênero, refletindo e reforçando estigmas e preconceitos presentes na sociedade. No caso do voleibol, mesmo sendo um campo híbrido e com a inclusão de Tiffany Abreu, a visibilidade dela oportunizou ao mesmo tempo uma repercussão na sociedade sobre o assunto, assim como uma reflexão sobre todos os âmbitos e a pluralidade de identidades de gênero. De algum modo, Tiffany, como precursora, permitiu uma maior discussão e mobilização dos diversos setores que estão envolvidos, direta ou indiretamente com os esportes, suscitando maior visibilidade das pessoas transgêneras e promovendo maior motivação e interesses de pessoas transexuais a ingressarem nos esportes.

Resgatamos o mapa conceitual (*concepts maps*) apresentado na metodologia, apontando que é incontestável a dicotomização dos posicionamentos analisados. Mesmo que queiramos nos distanciar dessa prerrogativa binária, os diversos posicionamentos dos atores levam a essa díade de prós e contras à inclusão de pessoas transexuais nos esportes de alto rendimento. É indubitável que os atores que são a favor do processo de inclusão conhecem a Teoria de Gênero e Sexualidade, as políticas públicas inclusivas, sobretudo as esportivas, apontando informações científicas sobre o processo. Há atores que trazem suas experiências como pessoas transexuais, e que mesmo seus comentários não tendo um caráter de tamanha cientificidade, acabam por apresentar suas expectativas, vivências, desafios e obstáculos encontrados dentro da sociedade e dos esportes, legitimando ainda mais a necessidade e importância de abertura para o ingresso de transgêneros. Há também atores que discordam do ingresso e que por vezes não possuem qualquer conhecimento sobre a temática, baseando-se em percepções a partir de valores pessoais, individuais, políticos, religiosos e ideológicos, ou tão somente em prerrogativas biológicas, não compreendendo que há uma multidimensionalidade sobre os sujeitos que corrobora sua formação identitária. Como salientado por vários autores tratados nesta tese, não se nega a influência biológica, mas esta não é a única dimensão que sensibiliza a formação identitária dos sujeitos, e não deve ser a única e exclusiva dimensão a ser utilizada como critério para o processo de identificação do ser humano.

Há a necessidade de uma revolução paradigmática da sociedade, das organizações governamentais, educacionais, familiares e outras, rompendo com a definição da heterocisnormatividade como a única forma aceitável e compreendendo que há diversas

manifestações identitárias, sobretudo quando relacionadas a gênero e sexualidade. Com isso haveria modificações estruturais da cultura e conseqüentemente da cibercultura, onde as pessoas seriam mais tolerantes e respeitosas com as demais, diminuindo os discursos de ódio, evitando qualquer tipo de violência, como a LGBTifobia e outras manifestações que menosprezem qualquer forma individual de ser e de se viver. Concomitante a isso, deve ocorrer um processo de ampliação de debates e discussões sobre a temática, além de pesquisas científicas sobre a temática que circundam a área de gênero e sexualidade, principalmente sobre a transexualidade, que ainda é um tabu dentro da sociedade e nos esportes. Esperamos que em pouco tempo os esportes sejam menos segregantes e mais inclusivos para todos, respeitando todas as formas de identidade, orientação sexual e corporeidade. Que os órgãos governamentais, administrativos e esportivos estabeleçam condições através de ações afirmativas, de direitos e deveres que incluam todos os sujeitos, para que se tenha equidade e igualdade dentro e fora das quadras, campos, estádios, centros de treinamentos etc.

Por fim, é importante salientarmos a grande revolução dos esportes com a entrada de pessoas transexuais, ocasionando uma ressignificação não somente do esporte, mas dos paradigmas culturais e sociais que imperam dentro de uma sociedade conservadora, heterossexista e machista como a brasileira. A jogadora Tiffany rompeu com os dispositivos binários estabelecidos pelas convenções sociais, causando uma grande polêmica dentro do universo competitivo, e mesmo estando em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo COI tem causado um processo de reflexão e crítica na sociedade. Consideramos, na qualidade de professores e pesquisadores da área da Educação Física, que o esporte precisa de mais “Tifannys”, a fim de oportunizar mais ressignificações e menos segregação na sociedade e nos esportes. No mais, a presente tese se destina a todos os pesquisadores da área da Educação Física e áreas afins, à comunidade LGBTQI e às pessoas que se interessam por essa temática, com vista a oportunizar e agregar mais informações para os Estudos de Gênero e Sexualidade.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, A. G. M. Travestilidade e transexualidade: o reconhecimento jurídico das identidades sociais. **Revista Hispeci & Lema On-Line**, Bebedouro, v. 7, n. 1, p. 126-142, 2016.
- ALTMANN, H. **Atividades físicas e esportivas e mulheres no Brasil**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Movimento é vida: Brasília, 2017.
- ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-16, 2018.
- ALVES, D.; FIGUEIREDO FILHO, D.; HENRIQUE, A. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje-2a Edição**, Pernambuco, v. 24, p. 119-134, 2015.
- AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C. e SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação [livro eletrônico]: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Espírito Santo, v. 9, n. 1, p. 49-63, Jan./Jun., 2006.
- ARÁN, M.; Zaidhaft, S.; MURTA, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, Jan./Abr., 2008.
- ATHAYDE, P. et al. O Esporte como Direito de Cidadania. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, 2016.
- BALJINDER, S. B.; KANWALJEET, S.; NARINDER, K. S. Equality, Equity and Inclusion: Transgender Athletes' Participation in Competitive Sports - a New Era. **Physical Culture and Sport. Studies and Research**, Poland, v. 49, n. 1, 2010.
- BANDEIRA, J. E. M. et al. Mulheres XY e a Síndrome de Insensibilidade aos Andrógenos. **RESU - Revista Educação em Saúde**, Anápolis, v. 3, n. 2, p. 115-117, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, Educação Física e Esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Santo André, v. 1, n. 4, p. 101-114, Dez., 2006.
- \_\_\_\_\_. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 189-217.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENTO, B. A. D. M. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n. 4, p. 95-112, 2009.

BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 44-51, Jul./Dez., 1993.

BIANCHI, A. Transgender women in sport. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 44, n. 2, p. 229-242, 2017.

BONLADO, A. Estado vai possibilitar cirurgias para pessoas trans. Paraná, 2017. Disponível em: < <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=95972> >. Acesso em: 17 de fevereiro.

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BRASIL. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: < [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf) >.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT**. Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2009. Disponível em: < <http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/planolgbt.pdf> >.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011**. Ministério da Saúde. Brasília: Diário Oficial da União, 2011. Disponível em: < [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836\\_01\\_12\\_2011.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html) >.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei nº 5002/2013**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315> >.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 8.727, de 28 de Abril de 2016**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: Diário Oficial da União, 2016a. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm) >.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei nº 5.002, de 2013 - Parecer do relator, Deputado Luiz Couto (PT-PB), pela aprovação, com emenda.** Comissão de Direitos Humanos e Minorias. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016b. Disponível em: < [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1454346&filenome=Tramitacao-PL+5002/2013](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1454346&filenome=Tramitacao-PL+5002/2013) >.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico].** Secretaria de Documentação. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2017a. Disponível em: < [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508200/CF88\\_EC85.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508200/CF88_EC85.pdf) >.

\_\_\_\_\_. **O Ministério Público e os direitos de LGBT: conceitos e legislação.** Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. Brasília: Ministério Público Federal, 2017b. Disponível em: < <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/pfdc/midioteca/nossas-publicacoes/o-ministerio-publico-e-a-igualdade-de-direitos-para-lgbti-2017> >.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.** Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: Casa Civil, 2018. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm) >.

\_\_\_\_\_. **Medida Provisória nº 870, de 1º de janeiro de 2019.** Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: Casa Civil, 2019. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Mpv/mpv870.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Mpv/mpv870.htm) >.

BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. *Movimento*, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015.

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, Baltimore, v. 40, n. 4, p. 519-531, Dez., 1988.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J.; LOURTIES, M. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. *Debate Feminista*, México, v. 18, p. 296-314, Out., 1998.

CABRAL, J. C. Ideologia de gênero: uma discussão político-social. *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 4, n. 7, p. 31-34, 2016.

CANSTOCKPHOTO. **Rede, Conexão, Virtual Estoque De Ilustração.** Canadá: CAN STOCK PHOTO INC., 2018.

CAPOBIANCO, L. A revolução em curso: Internet, Sociedade da Informação e Cibercultura. *Estudos em Comunicação*, Covilhã, v. 7, n. 2, p. 175-193, 2010.

CASTELLS, M. The Network Society: from Knowledge to Policy. In: CASTELLS, M. e CARDOSO, G. (Org.). **The network society: From knowledge to policy.** Washington, DC: Johns Hopkins Center for Transatlantic Relations, 2006. cap. 1, p.3-22.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. 19. ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CBV [CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL]. Equipes Superliga CIMED Feminina 2018/2019. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < <http://superliga.cbv.com.br/equipes-fem> >. Acesso em: 29 de janeiro.

CCES [CANADIAN CENTRE FOR ETHICS IN SPORT]. **Creating Inclusive Environments for Trans Participants in Canadian Sport**. Canadian Centre for Ethics in Sport. Canada: Intersol, 2016.

CERQUEIRA-SANTOS, E. et al. Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. **Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 235-245, 2010.

CFM [CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA]. **Resolução CFM nº 1.955/2010**. Conselho Federal de Medicina. Brasília: Diário Oficial da União 2016. Disponível em: < [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1955_2010.htm) >.

CFP [CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA]. **Resolução Nº 1, de 29 de janeiro de 2018**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília 2018. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf> >.

CHILAND, C. **Transexualismo**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

COELHO, J. A. G. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, L. H. D. e COSTA, C. E. (Org.). **Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p.115-140.

COLEMAN, D. L. Sex in Sport. **Law & Contemporary Problems**, Durham, v. 80, p. 63, 2017.

COURTINE, J.-J. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J., et al (Org.). **História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2011.

CRISTALDO, H. **CCJ do Senado avança na criminalização da LGBTfobia**. 2019. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-05/ccj-do-senado-avanca-na-criminalizacao-da-lgbtfobia> >. Acesso em: 02 jun 2019.

CSORDAS, T. A corporeidade como um paradigma para a Antropologia. In: CSORDAS, T. (Ed.). **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 101-146.

DA SILVA, M. R. N.; MOURA, S. K.; LOPES, D. T. Preconceito no esporte: casos do voleibol. **Revista Campo do Saber**, Paraíba, v. 4, n. 1, 2018.

DA SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; DE QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

DAÓLIO, J. Fenômeno social esporte na formação profissional em Educação Física. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 111-115, 1998.

DE ALMEIDA, M. A. B.; DE ROSE JUNIOR, D. Fenômeno esporte: relações com a qualidade de vida. In: VILARTA, G. L. G. R. e MONTEIRO, M. I. (Org.). **Qualidade de vida: evolução dos conceitos e práticas no século XXI**. Campinas: Ipes, 2010. p.11-18.

DE AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 589-603, 2011.

DE BRITO, L. T. “Deixa a pinta pra fora da quadra”: Sobre heteronormatividade e precariedade no contexto do voleibol. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2017, Salvador. **Anais...** Salvador: Editora Realize 2017.

DE BRITO, L. T.; PONTES, V. S.; PEREIRA, E. G. B. Masculinidades Queer no Voleibol - revisitando "The Iron Ladies". **TEXTURA-ULBRA**, Canoas, v. 18, n. 38, 2016.

DE CAMARGO, W. X. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 41-62, 2014.

\_\_\_\_\_. Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 97-114, 2016.

DE CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017.

DE FRANCO, A. Interação, inovação e sociedade em rede. 2014. Disponível em: < <https://super9me.wordpress.com/2014/10/27/interacao-inovacao-e-sociedade-em-rede/> >. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

DE JESUS, D. S. V. O impossível é nada: globalização, esporte e masculinidades. **Record: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-33, 2012.

DE MELLO FILHO, J. C. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26 Distrito Federal. Distrito Federal: 2019. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADO26votoMCM.pdf>> Acesso em: 01 jun 2019.

DE SOUZA, E. Grr, Uau, Haha... Entenda significados dos botões do Facebook Reactions. 2016. Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.html> >. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

DEVIDE, F. P. Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, 2018.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DICIONÁRIO DE GÊNERO. O que é gênero? Entenda a diferença entre sexo, orientação e gênero. 2016. Disponível em: < <http://www.dicionariodegeneros.com.br/#home> > . Acesso em: 20 de setembro.

DO PRADO, V. M. "Fica no gol para pegar as bolas": Educação Física Escolar e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação Física e Sexualidade**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, v.1, 2017. p.109-129.

DO PRADO, V. M.; NOGUEIRA, A. L. G. A. Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em “jogo”. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 60-72, 2018.

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e sexualidade**: desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.

DOS ANJOS, L. A.; GOELLNER, S. V. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., et al (Ed.). **Educação física e sexualidade**: desafios educacionais. 1. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017. p.51-72. (Coleção Educação Física).

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Singapore, v. 12, n. 4, p. 1143-1168, 2007.

FACEBOOK. Central de Ajuda - Quais os tipos de publicação que verei no Feed de Notícias? 2019a. Disponível em: <<https://m.facebook.com/help/166738576721085>>. Acesso em: 01 fev 2019.

FACEBOOK. Help Center – Stories. 2019b. Disponível em: <[https://www.facebook.com/help/fblite/126560554619115?helpref=faq\\_content&locale=en\\_US](https://www.facebook.com/help/fblite/126560554619115?helpref=faq_content&locale=en_US)>. Acesso em: 01 fev 2019.

FACHIN, L. E. Mandado de Injunção 4.733 Distrito Federal. Distrito Federal, 2019. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/MI4733mEF.pdf>>. Acesso em: 01 jun 2019.

FEDERATION OF GAY GAMES. Mission & Vision. San Francisco, 2018a. Disponível em: < <https://gaygames.org/Mission-&-Vision> >. Acesso em: 10 jan 2018.

\_\_\_\_\_. Who we serve. San Francisco, 2018b. Disponível em: < <https://gaygames.org/Who-Are-We-Here-For> >. Acesso em: 10 de janeiro.

FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 208-231, 2011.

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e preconceito**: o que pensam os futuros gestores de pessoas. Curitiba: Juruá, 2010.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FUNDAÇÃO VALE. **O esporte como possibilidade de desenvolvimento**. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Valores no esporte**. Brasília: Unesco, Fundação Vale, 2013b.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GALLI, R. A. et al. **Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 447-457, Out./Dez., 2013.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B.. Resignificações no esporte através da performance de Tiffany Abreu. **E-Legis-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, Brasília, v. 11, p. 24-44, 2018.

GEARY, D. C. **Male, Female**: The evolution of human sex differences. Washington DC: American Psychological Association (APA), 1998.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GENEL, M. Transgender Athletes: How Can They Be Accommodated? **Current Sports Medicine Reports**, Indianapolis, v. 16, n. 1, p. 12-13, 2017.

GLOBOESPORTE.COM. Ana Paula critica liberação de trans na Superliga: "Não é preconceito, é fisiologia". Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: < <https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/ana-paula-critica-liberacao-de-trans-na-superliga-nao-e-preconceito-e-fisiologia.ghtml> >. Acesso em: 20 de outubro.

GOELLNER, S. V. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-86, 2005a.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, Jan./Jun., 2005b.

\_\_\_\_\_. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, Mai./Ago., 2007.

\_\_\_\_\_. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, A. A. B. D. e PERIM, G. L. (Org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.

\_\_\_\_\_. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, p. 71-83, Mar., 2010.

\_\_\_\_\_. A Produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J., et al (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

GOMES, H. S. Facebook libera cinco novos botões alternativos ao 'curtir'. São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html> >. Acesso em: 27 de agosto.

GOOREN, L.; BUNCK, M. Transsexuals and competitive sports. **European Journal of Endocrinology**, United Kingdom, v. 151, n. 4, p. 425-429, 2004.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. Fallon fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, Out./Dez., 2014.

GRIFFIN, P. LGBT Equality in Sports: Celebrating our Successes and Facing our Challenges. In: CUNNINGHAM, G. B. (Org.). **Sexual Orientation and Gender Identity in Sport: Essays from Activists, Coaches, and Scholars**. Texas A&M University: Center for Sport Management Research and Education, 2012. p.1-12.

GRINSPAN, M. C., et al. **The Yogyakarta Principles plus 10**. Geneva 2017.

GUIZZO, B. S.; KRZIMINSKI, C. D. O.; OLIVEIRA, D. L. L. C. D. O Software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 53-60, Jan., 2003.

HARPER, J. Race times for transgender athletes. **Journal of Sporting Cultures and Identities**, Illinois, v. 6, n. 1, 2015.

HARPER, J.; BETANCURT, J. O.; MARTÍNEZ-PATIÑO, M. Analysis of the Performance of Transgender Athletes. In: WORLD CONGRESS OF PERFORMANCE ANALYSIS OF SPORT XI. 20, 2016, Melbourne. **Anais...** Alicante: Sporscience. 2016.

HARPER, J. et al. The fluidity of gender and implications for the biology of inclusion for transgender and intersex athletes. **Current Sports Medicine Reports**, Indianapolis, v. 17, n. 12, p. 467-472, 2018.

HIRD, M. J. Gender's nature: Intersexuality, transsexualism and the 'sex'/'gender' binary. **Feminist Theory**, Thousand Oaks, v. 1, n. 3, p. 347-364, 2000.

IOC [INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE]. **IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism**. International Olympic Committee. Lausanne, Switzerland: International Olympic Committee, 2015.

IWAMOTO, T. C.; ALMEIDA, D. M. F. D. The case of the transsexual athlete Tiffany Abreu and the repercussion in the social networks. **International Journal of Humanities and Social Science Invention**, Nigeria, v. 7, n. 12, p. 67-74, Dec., 2018.

JESUS, B. D., et al. **Diversidade sexual na escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Edição Especial. São Paulo: ECOS - Comunicação em Sexualidade, 2008.

JESUS, J. G. D. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. Brasília: 2012.

JONES, B. A. et al. Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies. **Sports Medicine**, New York, v. 47, n. 4, p. 701-716, Abr., 2017.

JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 97-121, 2004.

KNOPLOCH, C.; FONSECA, J. P. Médicos que liberaram Tiffany acham que ela não deveria atuar no feminino. São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/esportes/medicos-que-liberaram-tiffany-acham-que-ela-nao-deveria-atuar-no-feminino-22230250> >. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

KORMANN, M. et al. Síndrome de Insensibilidade Completa ao Androgênio: Relato de Caso de um hospital pediátrico de Curitiba. **Revista Médica da UFPR**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 38-40, 2016.

KUNZ, E. **Transformações didático-pedagógica do esporte.** 8. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2014.

KURTZ, J. Facebook domina ranking de redes sociais mais usadas no mundo: Rede social e aplicativos de Mark Zuckerberg ocupam quatro posições no ranking de plataformas mais usadas., 30 de julho de 2017 2017. Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghml> >. Acesso em: 24 de setembro de 2017.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C. e BEATRIZ, F. (Org.). **Linguagem, Gênero, Sexualidade: clássicos traduzidos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 13-30.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede.** Salvador: Edufba, 2012.

LAURETIS, T. D. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. D. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade.** 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo e modernidade.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

LE MOS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razon y palabra**, Quito, v. 41, p. 107-133, Jan./Mar., 2004.

LÉVY, P. O ciberepaço como um passo metaevolutivo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 59-67, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, J. L. O.; MANINI, M. P. Metodologia para Análise de Conteúdo Qualitativa integrada à técnica de Mapas Mentais com o uso dos softwares Nvivo e FreeMind. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 3, p. 63-100, 2016.

LOURO, G. L. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, p. 541-553, 2001.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOVE, A. Transgender exclusion and inclusion in sport. In: HARGREAVES, J. e ANDERSON, E. (Org.). **Routledge handbook of sport, gender and sexuality**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014. p.376-383.

LOVE, A.; LIM, S.-Y.; DESENSI, J. T. Mianne Bagger: A Transitioned Woman's Efforts for Inclusion in Professional Golf. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, Birmingham, v. 18, n. 1, p. 68-77, 2009.

MARINS, G. A.; DOS SANTOS, F. A.; MARQUES, H. J. O Olimpismo como estratégia para a produção e conservação da hegemonia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 36, p. 428-440, 2016.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

\_\_\_\_\_. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1esp, p. 46-62, 2007.

\_\_\_\_\_. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 27-46, 2018.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2011.

MINIWATTS MARKETING GROUP. World Internet Users and 2018 Population Stats. September 10, 2018. Disponível em: < <https://www.internetworldstats.com/stats.htm> >. Acesso em: 19 de agosto.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE). 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. p. 1-19.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, Jun., 2009.

MORO, G. H. M. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 17, n. 43, p.53-10, Set./Dez., 2016.

MURAD, M. **Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, Set./Dez., 2006.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

OMS [ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE]. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10. São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> >. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

ONU [ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS]. **Declaração Universal do Direitos Humanos**. Organização das Nações Unidas. Rio de Janeiro: UNIC - Centro de Informação das Nações Unidas, 2009.

PAES, E. D. A.; MOAS, L. D. C. O masculino, o feminino e o esporte—o projeto de Lei João Nery e um olhar sobre a jogadora de vôlei Tiffany. **Revista TransVersos**, Maracanã, n. 14, p. 133-149, 2018.

PAINS, C. 'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024> >. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

PAIVA, V. L. M. D. O. A pesquisa sobre interação e aprendizagem de línguas mediadas pelo computador. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 5-12, 2005.

\_\_\_\_\_. The language of emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, 2016.

PIRES, B. G. As políticas de verificação de sexo/gênero no esporte: Intersexualidade, doping, protocolos e resoluções. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 215-239, 2016.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é vida: Atividade Física e Esportivas para Todas as Pessoas**. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017.

PORTAL BRASIL. Cirurgias de mudança de sexo são realizadas pelo SUS desde 2008. Brasília, 2015. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008> >. Acesso em: 14 de abril de 2018.

PPGEF [PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA]. Linhas de Pesquisa. Brasília, 2018. Disponível em: < <http://www.ppgef.unb.br/linhas-de-pesquisa> >. Acesso em: 30 de junho.

PRINCÍPIO DE YOGYAKARTA. **Princípios de Yogyakarta:** Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Indonésia. 2014. Disponível em: < [http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf) >. Acesso em: 12 de março de 2018.

QSR INTERNATIONAL. Nvivo 11 for Windows Help: About concept maps. Austrália, 2018a. Disponível em: < [http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/About\\_concept\\_maps.htm](http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/About_concept_maps.htm) >. Acesso em: 20 de novembro.

\_\_\_\_\_. Nvivo 11 for Windows Help: About Memos. Austrália, 2018b. Disponível em: < [http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/about\\_memos.htm](http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/about_memos.htm) >. Acesso em: 20 de novembro.

\_\_\_\_\_. Nvivo 11 for Windows Help: About mind maps. Austrália, 2018c. Disponível em: < [http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/About\\_mind\\_maps.htm](http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/About_mind_maps.htm) >. Acesso em: 20 de novembro.

\_\_\_\_\_. Nvivo 11 for Windows Help: About nodes. Austrália, 2018d. Disponível em: < [http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/about\\_nodes.htm](http://help-nv11.qsrinternational.com/desktop/concepts/about_nodes.htm) >. Acesso em: 20 de novembro.

\_\_\_\_\_. Our History. Austrália, 2018e. Disponível em: < <http://www.qsrinternational.com/about-us/our-history> >. Acesso em: 20 de novembro.

QUEBRANDO O TABU. E esse é o caso de Tiffany. Porém, não deixa de ser um caso complexo. Você tem alguma opinião? . 2018a. Disponível em: < <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/uma-pol%C3%AAmica-compreens%C3%ADvel-mas-o-fato-%C3%A9-que-depois-de-pesquisas-com-m%C3%A9dicos-esp/1781103438612702/> >. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Página Inicial. Internet, 2018b. Disponível em: < <https://www.facebook.com/quebrandootabu/> >. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

QUEIROGA, L. Bolsonaro não explicita diretrizes para população LGBTI. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/fale-conosco/> >. Acesso em: 03 de janeiro.

RECUERO, R. D. C. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador. **Educação e Contemporaneidade:** pesquisas científicas e tecnológicas, Salvador, p. 251-274, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009b.

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, D. **Mulheres e esporte.** Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017.

RIBEIRO, J. D. C. L.; AMORIM, R. J. R.; DOS REIS NUNES, R. Selfies, emojis, likes: representações voláteis e leituras líquidas na era digital. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 161-173, 2016.

RODRIGUES, J. G. **Tudo igual no bolso: mulheres festejam mesma premiação dos homens na Liga:** Após anos de reclamação, FIVB enfim iguala premiação das competições feminina e masculina com a Liga das Nações. Campeãs das últimas edições do Grand Prix, brasileiras comemoram. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/tudo-igual-no-bolso-mulheres-festejam-mesma-premiacao-dos-homens-na-liga.ghtml>>. Acesso em: 15 jul 2018

ROUGHGARDEN, J. **Evolução do Gênero e da Sexualidade.** Londrina: Editora Planta, 2004.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2001.

SANTOS, A. C. Estudos Queer: identidades, contextos e acção colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 76, p. 3-15, Dezembro 2006.

SANTOS, E.; ROSSINI, T. Comunidade REA-Brasil no Facebook: um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In: PORTO, C. e SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação [livro eletrônico]:** publicar, curtir e compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

SANTOS, V. L. D. C.; DOS SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, Natal, v. 6, p. 307-328, 2014.

DA SILVA, R. L.; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT; C. K. Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Revista direito GV**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-467, 2011.

SCOTT, J. W. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, Jul./Dez., 1995.

\_\_\_\_\_. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, Jan./Abr., 2005.

SERRA, J. P. **Manual de teoria da comunicação.** Covilhã: Livros Labcom, 2007.

SILVA JUNIOR, A. M. As minorias sexuais e as políticas públicas do Governo Federal: entre avanços e retrocessos. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)**, Bebedouro, v. 1, n. 2, p. 21-54, 2013.

SIMÕES, M. Rodrigo virou Tiffany, o ícone transexual que agita o voleibol. 2017. Disponível em: < <https://www.dn.pt/desporto/interior/rodrigo-virou-tiffany-o-icone-transexual-que-agita-o-voleibol-5683123.html>>. Acesso em: 18 de março de 2019.

SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L. "Corpos que escapam": performatividades de gêneros, sexualidade e a abjeção no levantamento de peso. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., *et al* (Org.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2017. p.73-94. (Coleção Educação Física).

SODRÉ, R. Intersexuais são 167 mil, mas ainda estão invisíveis. 2016. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/interessa/intersexuais-s%C3%A3o-167-mil-mas-ainda-est%C3%A3o-invis%C3%ADveis-1.1244669>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2018.

TAVARES, L. 10 casos de atletas transgênero. São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://esportes.yahoo.com/fotos/10-casos-atletas-transg%C3%AAnero-slideshow-wp-195945307/photo-p-tia-thompson-recebeu-em-photo-195945008.html>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2019.

TGEU [TRANSGENDER EUROPE]. Transgender Day of Visibility 2016 – Trans Murder Monitoring Update. Alemanha, 2016. Disponível em: < <https://tgeu.org/transgender-day-of-visibility-2016-trans-murder-monitoring-update/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. TvT TMM TDoR 20017: Tables 2008 - Sep 2017. Alemanha, 2017. Disponível em: < [http://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2017\\_Tables\\_EN.pdf](http://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT_TMM_TDoR2017_Tables_EN.pdf)>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

TLPI [TRANSGENDER LAW & POLICY INSTITUTE]. **Guidelines for creating policies for transgender children in recreational sports**. United Kingdom: Transgender Law & Policy Institute, 2009.

TRANSATHLETE.COM. Policies by Organization. 2017. Disponível em: < <https://www.transathlete.com/policies-by-organization>>. Acesso em: 08 de março.

TRAVERS, A.; DERI, J. Transgender inclusion and the changing face of lesbian softball leagues. **International Review for the Sociology of Sport**, Thousand Oaks, v. 46, n. 4, p. 488-507, 2011.

TSUKAMOTO, M. H. C.; KNIJNIK, J. D. Ginástica Artística e representações de masculinidade no Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, 2009.

UNESCO [ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA]. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO 21 de novembro de 1978**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization 2013.

VECCHIOLI, D.; CARNEIRO, G. Achou Ruim? Primeira mulher trans no vôlei feminino brasileiro, Tiffany reforça direito de jogar entre choro e desabafo. 2018. Disponível em: < <https://www.uol/esporte/especiais/entrevista-tiffany-abreu.htm#leia-mais>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

WAIZBORT, R. Vespeiros da razão: perspectivas para um diálogo entre as ciências biológicas e as ciências sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 251-270, 2008.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. 1. ed. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2003.

WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V.; DORNELLES, P. G. Caminhos teóricos e políticos do trato com a sexualidade na Educação Física: uma análise inicial das produções na área (2001-2015). In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I., et al (Org.). **Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 23-50 (Coleção Educação Física).

WILKSON, A.; OLIVEIRA, L. Atletas vivem constrangimento após vídeo íntimo e dizem: 'Foi brincadeira'. São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/07/06/jogadores-de-video-intimo-admitem-erro-mas-dizem-que-foi-brincadeira.htm> >. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

ZAMAWE, F. C. The implication of using NVivo software in qualitative data analysis: Evidence-based reflections. **Malawi Medical Journal**, Chichiri, v. 27, n. 1, p. 13-15, 2015.

## **ANEXO**

**Anexo 1 - Comentários da publicação analisada no campo empírico-virtual “Quebrando o Tabu”**

Comentário I	<p><b><u>Ator A</u></b> a introdução já responde, existe um conselho e o mesmo concorda com a participação dela, não possuo formação que me capacite discordar da mesma, logo cabe a mim respeitar a decisão do órgão.</p>
	<p><b><u>Ator A</u></b> Ator CG reintero amigo, se existe um conselho é porque o mesmo está apto para tomar as decisões, se eles concordam porque minha irmã não aceitaria jogar com a mesma? Alias, eu não tenho que concordar com nada, sou telespectador somente e acima de tudo minha irmã é dona de suas decisões.</p>
	<p><b><u>Ator B</u></b> O principal médico do concelho disse que não acha justo. Ele apenas afirmou os níveis de testosterona no sangue. Não podemos esquecer que o corpo dele foi moldado por décadas com testosterona, o fazendo ser SIM, superior fisicamente as mulheres.</p>
	<p><b><u>Ator C</u></b> Acredito que, de acordo com o Thiago, no mínimo, em crescimento ósseo, muscular e hormonal baseado anteriormente em testosterona.</p>
	<p><b><u>Ator D</u></b> Não concordo, pois passou 30 anos com testosterona nos níveis masculinos desenvolvendo musculatura masculina durante todo esse período a partir desse hormônio. Mas aqui é lugar só de opiniões alheias a estudos de fisiologia humana, então.... O "conselho" deve estar absolutamente correto #sqn</p>
	<p><b><u>Ator E</u></b> Devido ao tempo curto para lhe mostrar os números dele na liga, da uma olhada no Google e ver oq ele tem feito por lá! Até “ontem” o mesmo não tinha expressão alguma no esporte, hj desponta como um fenômeno no volley feminino!</p>
<p><b><u>Ator F</u></b> Devo respeitar porem posso não concordar. Seguindo a mesma logica, diversas jogadoras profissionais deram declarações sobre a desigualdade fisica dentro da quadra, agora eu te pergunto: Quais desses medicos conselheiros jogam vôlei profissionalmente?</p>	

<p><b><u>Ator D</u></b> Ah, e foda-se que as outras mulheres que competem com ela passaram as últimas décadas sem nunca poder ter níveis altos de testosterona, afinal são só mulheres, né não?</p>
<p><b><u>Ator E</u></b> vira o disco... A discussão aqui está um nível a cima dessa ladainha chata!</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Gente, deixando as opiniões de lado, basta olhar os fatos. Em alguns jogos na liga, ele já quebrou vários recordes. Em um ano, terá todos os recordes com ele. Será que é apenas porque ele é um ótimo jogador ou está apenas sendo covardemente superior as outras jogadoras?</p>
<p><b><u>Ator G</u></b> Muito triste isso. O próprio COI vai rediscutir o tema, o assunto não é unânime entre a comunidade médica (muito pelo contrário), mas só porque o posicionamento atual vai ao encontro das suas convicções ideológicas, tem que ficar quieto e não pode questionar nem opinar. Oposto total de democracia. Tem que debater sim, conversar, opinar...Se você achar que alguém está errado, refute as alegações ao invés de desclassificar opiniões com argumento de autoridade.</p>
<p><b><u>Ator H</u></b> O Conselho é formado por mulheres?</p>
<p><b><u>Ator I</u></b> Esse aí se o Conselho mandar ele se jogar do precipício sob a alegação de que é bom para ele, ele se joga. O COI não é uma Universidade nem uma publicação médica.</p>
<p><b><u>Ator J</u></b> O comitê já falou que vai rever... Só não confundam preconceito com fisiologia #pas</p>
<p><b><u>Ator K</u></b> Vale a discussão. Os próprios médicos que a liberaram disseram que ela não deveria jogar enquanto não houvessem mais estudos.</p>
<p><b><u>Ator L</u></b> Conselho formado quais pessoas?</p>
<p><b><u>Ator M</u></b> "O conselho que decide ponto" Tá, eles não erram né? Assim como a Câmara dos Deputados nunca erra, afinal eles decidem.</p>
<p><b><u>Ator N</u></b> As mesmas pessoas que vem aqui dizer que tem que ser médico para poder opinar são aquelas que opinam sobre ciências políticas, economia, relações internacionais, administração pública, psicologia e outras centenas de matérias sem saber PORRA NENHUMA? Ata.</p>
<p><b><u>Ator A</u></b> <b><u>Ator B</u></b> amigo, o erro começa com sua persistência em atribuir a ela o gênero masculino, não estamos falando de um homem cis, mas sim de uma mulher</p>

trans. Aliás, vocês que tanto dizem ela ter superioridade física ao menos sabem o que é uma mulher trans? Estão achando que é simplesmente um homem biologicamente falando dizer: "pronto, sou uma mulher" !? Existe todo um processo pelo qual a pessoa passa na transição ,em minha forma leiga de falar não sei explicar com riqueza de detalhes mas sei que a taxa hormonal de testosterona dela teve de baixar drasticamente o que por si só configura radical mudança corporea.

**Ator O** Hoje estamos discutindo esse assunto com educação e respeito, sabe Pq? Pq o Conselho decidiu q tudo bem. Já pensou se eles tivessem decidido que não? Eles seriam atacados de todas as formas. A coisa anda tão pesada, q até as decisões podem ser tomadas de forma errada, por medo do que pode acontecer. (Sem ironia)

**Ator N** 👍👏 esse comentário da **Ator O** encerra pra mim. Perfeito

**Ator P** No comentário do **Ator A** não está dizendo que a opinião do conselho é única e irreversível, que não cabe discordância, pelo que entendi, ele como não é especialista não tem embasamento para discutir com pessoas que foram designadas a dar um parecer, logo ele não iria discordar, agora, se alguém aqui tem uma tese melhor que a do conselho que desenvolva.  
Aguardando os especialistas....

**Ator Q** O mesmo digo para condenação de Lula.

**Ator R** O povo alemão concordava com o Hitler e ele nao estava certo.  
Nao é pq um conselho acha que é certo que temos que baixa a cabeça e concordar. Na minha opinião ela leva muito superioridade as outras mulheres.  
Acredito eu que tinham que criar uma liga para pessoas trans, tipo cada um no seu quadrado.  
Mas com incentivos cada vez mais escassos ao esporte no Brasil essa ideia nunca sairá do papel.

**Ator A** **Ator P** justamente **Ator P**, vejo nos últimos anos o aumento nos comentários desprovidos de embasamento teórico, os famosos "pitacos" .Me oponho enfaticamente a isso, se sou leigo sobre algo não me resta nada alem de estudar a respeito ou acreditar nos órgãos considerados competentes pra falar a respeito. Por outro lado jamais vou dar grande valia a senso comum. Este fora importante? Sim. Mas felizmente temos a ciência com todo seu arsenal tecnológico a favor da prova e retorica, seja consolidando ou questionando. Mas jamais, desacreditando por si só.

<p><b><u>Ator S</u></b> Você abaixa a cabeça diante da decisão de um determinado grupo de pessoas sem ao menos questionar?</p> <p>Se a resposta for positiva, jamais poderá opinar de forma contrária sobre a escravidão, o nazismo, o comunismo etc.</p> <p>Lembre-se: grupos de pessoas decidiram isso. E eram pessoas bem inteligentes.</p>
<p><b><u>Ator T</u></b> <u>Thaís Alves</u> esse cara parece eu qnd me perguntam aa coisas b</p>
<p><b><u>Ator U</u></b> Então se o governo decide que ninguém recebe mais de 500 reais no mês tu simplesmente aceita? Tem que ver oq as jogadoras acham sobre isso, pois uma trans chegar quebrando recordes das melhores jogadoras da liga feminina não me parece muito normal, ainda que quando era homem não era nem destaque do próprio time e do nada virou a melhor jogadora da liga</p>
<p><b><u>Ator V</u></b> Vocês viram algum importante time de volei, basquete, futebol...com homem trans? Se existir, é normal, se não existir, alguma coisa está bem errada</p>
<p><b><u>Ator X</u></b> Concordo plenamente com vc <b>Ator A</b></p>
<p><b><u>Ator Y</u></b> Eu concordo. É triste ver gente falando coisas sem o devido conhecimento da parte biológica por trás desse caso. É complexo, ainda não há um consenso, e qualquer coisa que for decidida vai ter retaliações de ambos os lados, motivadas mais por crenças pessoais e causas políticas do que por argumentos científicos. O mais triste ainda é ver gente atacando a atleta por causa das mesmas crenças pessoais, e porque não aceita a decisão do comitê. Se não aceita a decisão do comite, apresente contraprovas dos relatórios utilizados para tomada de decisão.</p>
<p><b><u>Ator A</u></b> <b>Ator S</b> amigo, grupo de pessoas ta longe de ser um conselho, este não é formado por quaisquer pessoas (ao menos não deveriam), mas sim por pessoas gabaritadas na área. Sendo assim, sim, eu como leigo não vou dar pitaco na decisão dos mesmos. Se e somente si eu tivesse conhecimento científico o suficiente pra levantar uma tese e por a baixo a decisão deles, o faria. Caso contrário só faria parte da bagunça que se alastra e concomitantemente põe em risco a segurança da atleta.</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Se uma mulher faz tratamento hormonal para fazer a transição para se tornar homem, tu acha que seria justo ela jogar em um time masculino? Acha que ele estaria em pé de igualdade?</p> <p>A discussão não é no âmbito social de aceitação, mas sim de injustiça com as competidoras, que se em qualquer momento tivessem feito o uso de testosterona, seriam banidas do esporte. Simplesmente porque o uso de testosterona afeta o físico.</p>

<p>Ponto. Simples. Imagina 29 anos. Hoje os níveis estão baixos, mas não acontece um retrocesso na fisiologia. Ela não vai diminuir o tamanho dos pulmões, do coração, talvez até diminua a força, mas nunca chegando ao nível de uma mulher que nasceu mulher. Que nunca na vida fez uso de testosterona. É simplesmente.</p> <p>Repetindo, não é questão social, é médica. É de justiça. E basta olhar os números dela nos jogos para ver a superioridade incontestável dela.</p>
<p><b><u>Ator W</u></b> Corrigindo um homem trans</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Aceitar que ela é superior, não faz ninguém preconceituoso, apenas alguém que vê o que está na cara.</p>
<p><b><u>Ator A</u></b> <b><u>Ator W</u></b> amigo, quem tem que achar justo ou não é a mulher que se dispõe a tal. Norma é pra ser cumprida, mulher trans tem que jogar com mulher e não com homem (até porque caso contrário imagina os estigmas ao qual a pessoa teria de passar) .</p>
<p><b><u>Ator A</u></b> <b><u>Ator W</u></b> você está equivocado, se ela nasceu biologicamente falando homem e fez transição para o feminino, diz-se, mulher trans.</p>
<p><b><u>Ator Z</u></b> <b><u>Ator A</u></b>, você tocou num ponto interessante. A ciência vigente nem sempre está "certa", e os exemplos são inúmeros. As evidências arqueológicas pex apontam que existiu uma civilização ancestral que sofreu um cataclisma há 12.000 anos e que deixou mostras de sua tecnologia extremamente avançada que permanecem até hoje. Muitos cientistas concordam com essa linha que vem se mostrando cada vez mais óbvia, mas segundo a comunidade vigente são charlatões. No caso da atleta, concordo que se ela se estruturou quando adolescente com testosterona acima das competidoras já seria o suficiente pra se repensar sobre a questão que é delicada, tanto que o martelo ainda não foi batido. Mas também entendi que você se refere aos que adoram seguir um achismo até doente e sintomático por aqui nesse espaço. Aguardando a decisão final e oficial também aqui...</p>
<p><b><u>Ator AA</u></b> <b><u>Ator A</u></b> <b>parabéns</b> pela coerência!</p>
<p><b><u>Ator AB</u></b> Melhor resposta de todas!!!</p> <p>Sempre olho os comentários ( coisa de gente meio louca), e vi um comentário coerente, sensato.</p> <p>Ah, <b>parabéns</b> novamente!!!! 😊😊</p>
<p><b><u>Ator AC</u></b> Se o conselho decidiu quem somos ne ?! Adorei!</p>

	<p><b>Ator B Ator A</b> essas denominações e nomenclaturas me confundem. Chamar alguém de mulher trans, não seria errado? Já que deixa claro que não é uma mulher "mulher", mas sim uma mulher trans.</p> <p>Não seria melhor chamarmos apenas de mulher ou de homem? Tipo, acabei de ser chamado de homem cis. Até ontem eu era apenas homem. Isso me confunde muito</p>
	<p><b>Ator AD</b> Bem dito, mas vemos pessoas q querem discordar, dar "opinião" sem ao menos entender sobre o assunto. 😊🙄😏🙄</p>
	<p><b>Ator A Ator Z</b> sim amigo, como os amantes da área bem sabem a ciência é resistência a mudança mas ela em sua gênese deixa claro como é factual e portanto suscetiva a mudanças conforme o cenário se modifica. No momento tiveram a presente conclusão, a partir de tal salve quem tenha fundamentação que se resguarde, demais só tumultuam a competição com os tais "pitacos" .</p>
	<p><b>Ator AE</b> Eu possuo formação para e sou completamente contra a participação. Foi muito mais política do que médica esta decisão .</p>
	<p><b>Ator Z</b> Luiz, a ciência muitas vezes não se modifica com fatos, ao contrário, se cristaliza pra manter o status quo.</p>
	<p><b>Ator A Ator B</b> caro amigo, existe uma corrente sociopsicológica que trás discussões acerca disso, alguns dizem que sim, seria mais promissor se não houvessem tantas distinções. Por outro lado existe uma visão ao qual eu tendo concordar que existem "camadas sociais" invisíveis quiça desvalorizadas justamente por fugirem a "norma social" .Pra você ter um belo exemplo disso basta pensar em quantos transexuais que não estão envolvidos em meio a prostituição você conhece. Acredito que você entenda que nem de longe essas pessoas sonhavam em se prostituirem. A verdade é que as portas abrem ou fecham para as pessoas conforme o que elas representam de valor ao próximo. Como diria o saudoso Bauman, somo todos mercadorias, algumas imprescindíveis, outras com pouca valia e as demais obsoletas.</p>
COMENTÁRI	<p><b>Ator AF</b> opinião: "...o Comitê Olímpico Internacional (que é quem decide)..." segue a vida!</p>
	<p><b>Ator AG</b> Vamos no colocar no lugar das jogadoras?!?!? Tendo q levar porrada de um homem biológico!!!</p>

**Ator AH** Tem quem defenda que a estrutura óssea e os músculos das pessoas trans não alterariam após a hormonioterapia, pois as mudanças já ocorreram após a puberdade. Mas um estudo norte-americano chamado Race Times for Transgender Athletes, do Providence Protland Medical Center de Joana Harper, garante que o tratamenro hormonal de mulheres trans ou travestis produzem um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher trans que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres trans serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany.

No entanto, acho importante pesquisarmos e buscarmos essas pesquisas, artigos e formar uma opinião sem julgamentos e preconceitos baseadas em "achismos". É bom discutirmos com seriedade

**Ator AH** é baseado em ciência. O Comitê não se baseia em achismos, tanto é que publiquei aqui uma das pesquisas, entre outras que tem, só dar uma pesquisada.

**Ator AI** Brincadeiras a parte, mas a discussão saudável é importante **Ator AF**.  
Abraço

**Ator AJ Ator AH** essa pesquisa é um bom ponto de partida para o futuro posicionamento do COI.

Se você tiver o link da pesquisa cola pra gente aqui, precisamos ver o público/como foram feitos os testes!

**Ator AH Ator AJ** Na verdade penso que eles já se baseiam nela, e por esse motivo consideram a redução da testosterona o suficiente para uma trans jogar. Vou achá-la e deixar o link aqui

**Ator AK** O comitê vai rever isso depois dos jogos de inverno. Só ler a matéria. Isso prova que nem eles (médicos) tem certeza de tudo 😊;

**Ator AL** Injusto!

**Ator AM Ator AH**, no texto que você colocou para argumentar que as atletas trans não possuem vantagens temos a seguinte afirmação.

"To be clear: This study speaks only to distance running. Trans women who are sprinters may maintain something of an advantage over other female runners in that

<p>they tend to carry more muscle mass, potentially allowing for increased speed over short distances".</p> <p>Como diz, é um estudo sobre distância de corrida. Então não pode ser usado para vôlei e outros esportes.</p> <p>Se puder mande o estudo sobre o esporte que está em discussão.</p>
<p><b><u>Ator AN</u></b> <b><u>Ator AH</u></b> até concordo que ela tem essa redução de velocidade entre outros parâmetros físicos em comparação ao seu estado natural !! Mas a questão é a diferença entre potência, força e velocidade na prática física masculina e feminina ... Na média a discrepância é em torno dos 40% em força/potência no arremesso !!! Se ela tem uma diminuição de 12% em um corpo 40% mais forte ... você me desculpa mas a diferença ainda se torna muito grande !!! Logo as equipes irão tirar as atletas e colocar toda uma equipe trans já que se tem uma vantagem física sobre a outra, e Fica mais fácil ser campeão e ganhar verbas provenientes de premiação!!</p>
<p><b><u>Ator AO</u></b> <b><u>Ator AN</u></b> na minha opiniao o problema nao esta na simples força muscular, medida so erguendo uns pesos, e sim na envergadura, estrutura ossea, q possibilitam um movimento mais amplo, com mais torque e amplitude, que geram um golpe com muito mais potencia.</p>
<p><b><u>Ator N</u></b> Aí se o conselho decide o contrário aí aí aí... Esse papinho merda ia estar tão diferente... Pqp</p>
<p><b><u>Ator N</u></b> Complacência só com o que convém é foda hahaha</p>
<p><b><u>Ator AP</u></b> Agora o Temer decide algo, ele ta no poder, sabe mais que nós entao não devemos contestar.</p> <p>Se o comitê dissesse não, estariam reclamando pq ai não vale né.</p> <p>Pra mim não da nada, que eles façam o que acharem melhor pq eu não assisto, mas ai só no que convém o comitê teria razão.</p>
<p><b><u>Ator AQ</u></b> Oq tem de feminista se calando sobre o assunto não é brincadeira. Se for contra vai atingir suas manas traveco, se for a favor atinge as mulheres. Bando de hipócritas com essa ideologia furada, depois reclamam de serem tachadas de idiotas</p>
<p><b><u>Ator AR</u></b> Quer dizer que um monte de cara engravatado que se intitulam comitê é que decide se é justo um trans jogando contra as mulheres. Mas as mulheres jogadoras dos times adversários que tão ali na quadra suando, depois de anos dedicando a um treinamento e a carreira, a opinião deles é ignorada. Não decidem nada? Ta Serto</p>

<p><b><u>Ator AS</u></b> Resumindo, os homens teoricamente jogam melhor que as mulheres devido a maior força muscular, é isso? Serve pra todos os esportes? Ou só os que envolvem efetivamente força física? A técnica não é levada em conta? Tô perguntando mesmo, pq não estou entendendo como isso interfere num jogo de vôlei.</p>
<p><b><u>Ator AT</u></b> Em resumo: tudo uma questão de hierarquia. o conselho decidiu ,tá decidido. nao vamos refletir</p>
<p><b><u>Ator AU</u></b> O COI, ou órgão equivalente, já proibiu um dia mulheres de participarem de disputas esportivas. Só pq existe um ato oficial, não quer dizer que ele seja bom.</p>
<p><b><u>Ator AU</u></b> Em qual esporte não se leva vantagem por meio da força e resistência física? Pular mais alto, arremessar mais longe, chutar mais forte... qual esporte não tem isso?</p>
<p><b><u>Ator AV</u></b> Dimi Dimi no volei feminino até a rede é mais baixa que a dos homens... e tem outros detalhes que não sei precisar... mas tem varias jogadoras profissionais q são contra</p>
<p><b><u>Ator AX</u></b> E porque Lula nao aceita a decisao dos desembargadores? Eles que decidem!</p>
<p><b><u>Ator AY</u></b> Imagina um saque dela comparado a de uma mulher cis? Um corte? Claro que faz diferença. Não precisa ser profissional no assunto, só perceber que hoje jogando no time feminino ela é destaque e bate recordes mas no masculino não se destacava.</p>
<p><b><u>Ator AW</u></b> Uma cortada que faz, derruba as mulheres!!</p>
<p><b><u>Ator AZ</u></b> <a href="https://oglobo.globo.com/.../medicos-que-liberaram...">https://oglobo.globo.com/.../medicos-que-liberaram...</a> "— Ela nasceu homem e construiu seu corpo, músculos, ossos, articulações com testosterona alta. Nenhuma mulher, a não ser que tenha usado testosterona de origem externa ao organismo, conseguiria formar o mesmo corpo. É só olhar para a atleta, alta e muito forte" Palavras do responsável pela liberação da atleta</p>
<p><b><u>Ator AS</u></b> Mas tem muitas jogadoras com uma estatura bem maior que as outras jogadoras, mais altas e mais encorpadas, e isso nunca foi tópico de discussão. Além disso, o tratamento hormonal interfere na mudança de um corpo mais masculino pra ficar mais feminino. Não queria chegar no ponto da discussão que os homens</p>

	<p>sempre são mais fortes, mais ágeis e mais velozes que as mulheres em todos os esportes, mas é nesse sentido que vai a conversa. Sei lá.</p>
	<p><b>Ator BA</b> Esse fulano é baita de um cara de pau. . . . . vou pedir pra um médico desses sair no braço com a Dani Lins e depois com esse fulano aí. . . . aí ele vai ver a diferença de quem vem do feminino do Banespa e quem vem do Masculino italiano. . . . bando de mongoloides.</p>
	<p><b>Ator BB Ator AS</b> Mas essa diferença é biológica, não é uma mera constatação machista. Ela faz tratamento hormonal mas a construção da musculatura da atleta é masculina, órgãos, recuperação física mais rápida, não acredito que os níveis de testosterona isoladamente sejam parâmetro pra dizer que ela não tem vantagem sobre as demais atletas cis. É uma opinião de leiga, mas pelo que tenho lido, não é uma questão de preconceito e sim de igualdade no esporte.</p>
	<p><b>Ator BC</b> Gado é foda. Só aceita as ordens e segue o rebanho.</p>
	<p><b>Ator AS</b> Então, <b>Ator BB</b>, é essa minha dúvida. Biologicamente os homens são mais fortes, velozes e ágeis que as mulheres? Cientificamente comprovado? Treinamento, preparo físico e técnica não fazem diferença? Claro, não comparando uma jogadora da seleção com um atleta de fim de semana. Mas existe essa diferença desde que nasce? Ou pode ser construído? Se colocarmos um homem e uma mulher, com a mesma idade, mesma alimentação, mesmo treinamento, mesmo preparo, com as mesmas condições em tudo, a mesma dedicação, ainda assim o homem vai se sair melhor que a mulher? Não estou afirmando que é machismo mesmo. Só me surgiu essa dúvida se seria biológico, ou se fomos condicionados a isso. É uma dúvida mesmo.</p>
	<p><b>Ator BB Ator AS</b> Ah, não sei, penso que em determinados esportes (que talvez não envolvam tanto desempenho físico) talvez treinamento e preparação física consigam equiparar homens e mulheres, acho que tem outro fator que é a habilidade nata ou talento se pudermos chamar assim (alguém sem habilidade nata, mesmo que com todo treinamento jamais chegará a ser atleta profissional por exemplo). No caso do vôlei que é o esporte em questão acredito que as diferenças físicas entre os sexos são levadas em consideração, a altura da rede é menor para mulheres, a força de saque e cortada é maior nos homens (ao menos visivelmente) Acredito que existam atletas de alta performance femininas superiores à homens na mesma condição, mas em outras características (talvez agilidade, visão de jogo, calma) mas a questão é que</p>

	<p>não competem entre si. Essa é uma discussão importante pois trata da inclusão de trans, há pouco tempo atrás isso nem estaria em pauta. Acho positivo, porém precisamos ser justos com todos os atletas...</p>
	<p><b><u>Ator AH</u></b> O comitê baseia a entrada de Tiffany nessa pesquisa que mostrei, aqui fala mais sobre a mesma, para quem quiser olhar:  <a href="https://revistahibrida.com.br/.../tiffany-abreu-defende.../">https://revistahibrida.com.br/.../tiffany-abreu-defende.../</a></p>
	<p><b><u>Ator BD</u></b> Homem tem que ter opinião sobre isso? Acho que não!</p>
	<p><b><u>Ator BE</u></b> <b><u>Ator BD</u></b> perdeste uma grande chance de não falar uma grande besteira. Desde quando o sexo, opção sexual ou qualquer outra classificação determina o direito ou não de opinar sobre um assunto? Tem cada um(a) que aparece aqui sem a menor noção mesmo.</p>
	<p><b><u>Ator BF</u></b> Mulheres se recusem a competir !!!</p>
	<p><b><u>Ator BG</u></b> Acho que nunca será em pé de igualdade não ... igual aquela outra que está massacrando as mulheres na luta nada haver isso aí ... não é preconceito mas não existe pé de igualdade a força é outra os hormônios são outros affffffffff</p>
	<p><b><u>Ator BH</u></b> sei lá, não sou cientista mas no dia a dia enquanto um rapazinho de 15 anos está acumulando músculos no peitoral, uma moça da mesma idade está acumulando gordura para formação dos seios e outros atributos com menos tonus muscular, mesmo tendo o mesmo peso ele não terão a mesma força</p>
	<p><b><u>Ator BI</u></b> Tipo... se médicos disseram que não tem problema... quem somos nós pra falar? É igual a enorme quantidade de juristas que temos formados em análise de sistema ou ciência social falando do processo do Lula...</p>
	<p><b><u>Ator BJ</u></b> <b><u>Ator BD</u></b>. E por que você acha que não?</p>
	<p><b><u>Ator BJ</u></b> Eduardo Gobi. Você não pode validar o argumento com base na apresentação de um link. Isso é uma falácia. Faça um curso de dialética.</p>
	<p><b><u>Ator BK</u></b> Dos criadores de: "Não reconheço a condenação de Lula" vem aí: "Se a justiça disse que Tiffany é mulher, tem que respeitar" .....hipocrisia reina, vcs são uma piada.</p>
COMENTÁRIO 3	<p><b><u>Ator BL</u></b> O problema é que ela fez a alteração muito recentemente, e o corpo foi estruturado com testosterona, daí ela tem mais força física, mesmo estando hoje com testosterona controlada. Fica injusto.</p>
	<p><b><u>Ator BM</u></b> Ora ora, parece q temos um médico do Comitê Olímpico Internacional aqui</p>

<b><u>Ator BN</u></b> Medicos discordam
<b><u>Ator BO</u></b> Mas gente ela é doutora ela
<b><u>Ator BP</u></b> Entrem numa briga com uma trans modificada já adulta Ator BM e Ator BN se acharem que estão brigando com uma mulher vem e conta aqui kkkk
<b><u>Ator BQ</u></b> Tem que ser doutor pra saber isso, né?? galera viaja...
<b><u>Ator BR</u></b> Temos um expert vamos ouvila
<b><u>Ator BS</u></b> Ora ora, tem outros médicos que dizem que precisa muito mais de um ano de tratamento.  Outra coisa, quando teve uma atleta que era nascida mulher mas produzia mais testosterona por conta de um problema, o que o grande comitê fez?! Baniu a atleta. Dois pesos e duas medidas.
<b><u>Ator BT</u></b> Ator BP kkkk ri pra caralho!! Kkkk
<b><u>Ator BU</u></b> Estudos recentes comprovam que dado a alta taxa de medicamentos, a cirurgia de redesignação, etc, elas chegam a ter até mesmo um rendimento abaixo das mulheres cis. Mas claro, isso são estudos científicos, o que importa mesmo é a fonte leiga.
<b><u>Ator BV</u></b> esse povo ta estudando demais pra formar opinião. se fizer academia com esse nivel de conhecimento de vcs em um ano vai ter massa muscular que nenhum bodybuild tem.
<b><u>Ator AI</u></b> Exato
<b><u>Ator BX</u></b> Ator BP desde quando entrar numa briga com uma mulher trans tem mais relevância do que as análises médicas e técnicas feitas?? Que senso comum...
<b><u>Ator BW</u></b> Você já apertou a mão de uma trans? Tocou o corpo? Os ossos não diminuem, amigo... E sei que existe algo chamado memória muscular e também fibras musculares brancas grudadas a esses ossos.  Não preciso ser médico pra enxergar o óbvio...
<b><u>Ator BY</u></b> Os próprios médicos que liberaram ela falaram que só o controle da testosterona nao adianta.
<b><u>Ator BZ</u></b> Para os que estão "tirando" a resposta do cara , acho que vocês tem que dar uma pesquisada melhor , abraços hahaha
<b><u>Ator CA</u></b> você é formado em medicina ou biologia por qual universidade mesmo? Parece saber muito bem do que está falando quando cita genética.
<b><u>Ator CB</u></b> Legal as pessoas atacando a pessoa, em vez de discutir ideias

<b><u>Ator BL</u></b> Na real sou contra, se quiser faz um liga trans que daí fica justo é melhor
<b><u>Ator CC</u></b> Ela não pode jogar em um time masculino com a aparência feminina?
<b><u>Ator CD</u></b> Ora ora .temos um Sherlock Homes aqui
<b><u>Ator CE</u></b> Concordo.
<b><u>Ator CD</u></b> Ator BL ja foi decidido amigo...vc querendo ou nao ela vai jogar
<b><u>Ator BL</u></b> Ator CD realmente chef vc tem razão
<b><u>Ator CF</u></b> Faz 2 anos que ela fez a mudança (se eu tiver errado me corrijam) eu vi isso num portal que eu julgo confiável.  A unica vantagem dela é a altura e o tamanho dos ossos em geral que não diminuem, mas vale lembrar que existe bastante mulheres mais fortes e mais alta qe ela no volei feminimo, então não faz sentido impedir ela de competir por causa de tamanho. isso é surreal  Quanto a força ela tem as mesmas qe uma mulher normalmente tem.  Aconselho ver o canal do pirula falando sobre isso.
<b><u>Ator CG</u></b> Ora ora ora, temos various Xeroque Holmes que dizem que os outros Xeroques Holmes estão errados mas afinal qual Xeroques Holmes estão certos?
<b><u>Ator CH</u></b> O cara da opinião e os chatos dos infernos o metralham. Vão tomar no cu. E fim.
<b><u>Ator CI</u></b> Tinha escrito um comentário, mas preguiça aqui desses comentarios hein.... É simples gente: o esporte ainda é dividido pelo sexo biológico. BIOLÓGICO!! acho ela ótima mas acredito que seja injusto para maioria das jogadoras.
<b><u>Ator CJ</u></b> Vc é médico?
<b><u>Ator CK</u></b> Simples, cria uma liga trans. Semana passada uma lutadora trans nocauteou uma mulher em luta na Asia, o juiz demorou para finalizar a luta, resultado, edema cerebral e morte da lutadora, a mesma só aceitou a luta pq senão a fizesse, seria expulsa da federação do país, e ai? Feminicidio ou não? Amanhã o Mike Tyson resolve mudar de sexo e vai lutar na categoria feminina, e ai, acham isto certo?
<b><u>Ator BP</u></b> Ator BX ela tem ossos longos e musculatura compatíveis com um homem pq isso é formado até 18 anos.  Se ela fosse induzida desde a infância a condição feminina tudo bem, mas não foi.  Os ossos da mão de qualquer humano determinam seu sexo e idade sabia? Pois é.  Duvido que os dela sejam compatíveis com uma mulher.

<p>É desproporcional até numa cortada, tanto que muitos geneticistas discordam da decisão. Discordar não tem nada de senso comum não até conheço uma geneticista que te dá uma aula sobre isso... 🙄🙄</p>
<p><b><u>Ator AI</u></b> Uma lutadora trans matou uma oponente mulher no MMA, mas ora tem a testosterona "controlada"</p>
<p><b><u>Ator BX</u></b> Ator CH acho que vc não sabe o que é rede social, né? Coitado. Se alguém não quiser ser criticado ou contrariado, escreva sua opinião num diário.</p>
<p><b><u>Ator E</u></b> Ator CD Sendo de justiça passou longe daqui...</p>
<p><b><u>Ator BP</u></b> Reduzir a condição de gênero levando em conta apenas níveis hormonais que é bem senso comum... 🙄🙄</p>
<p><b><u>Ator J</u></b> Vamos e convenhamos! Não precisa ser nenhum médico pra saber que fisiologicamente ela leva vantagem. As próprias jogadoras já falaram disso. E isso não é preconceito e fisiologia.</p>
<p><b><u>Ator BX</u></b> Ator BW saber o básico de biologia não basta, vc tem que fazer pesquisas minuciosas e ver essa aplicabilidade na prática esportiva. Vc tem esses dados??</p>
<p><b><u>Ator BS</u></b> Está na hora do povo pensar racionalmente. Precisa de muito tempo pra um corpo modificar. Ator BP foi ótima no comentário. Leiam todos estudos, não só aquele que lhe agrada.</p>
<p><b><u>Ator CL</u></b> Eu acho que além de hormônios controlados, existe aquela intimidade com o corpo masculino que ela teve por tantos anos, memória muscular.. eu mesmo treino arte marcial há mais de 6 anos e existem movimentos que faço com dificuldade e que vários rapazes fazem com bem mais facilidade. Aí um desses rapazes passa pela mudança, o que acontecerá? Ela continuará tendo mais força, mais confiança e etc.. Viram o caso das lutadoras de mma? Mas sei lá, são vários achismos..</p>
<p><b><u>Ator AJ</u></b> É polêmico o tema, devemos sim discutir. De acordo com as regras vigentes ela pode jogar, entretanto o próprio COI pretende rever as regras.</p>
<p><b><u>Ator AH</u></b> Tem quem defenda que a estrutura óssea e os músculos das pessoas trans não alterariam após a hormonioterapia, pois as mudanças já ocorreram após a puberdade. Mas um estudo norte-americano chamado Race Times for Transgender</p>

<p>Athletes, do Providence Protland Medical Center de Joana Harper, garante que o tratamenro hormonal de mulheres trans ou travestis produzem um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher trans que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres trans serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany.</p> <p>No entanto, acho importante pesquisarmos, buscarmos esses artigos e formar uma opinião sem julgamentos e preconceitos baseadas em "achismos". É bom discutirmos com seriedade</p>
<p><b><u>Ator CM</u></b> Concordo plenamente. Geneticamente é um homem. Então ela tem mais força, estrutura corporal, musculatura diferentes de uma mulher. Aí vai dizer que hormônio controlado transforma ela em uma mulher....não mesmo</p>
<p><b><u>Ator CN</u></b> Fica sussa que mulher trans não é o Hulk não. Ate pq se fossem dariam uma surra nessa sua racinha fudida de preconceituosos que as matam diariamente.</p>
<p><b><u>Ator CH</u></b> pra contrariar ou criticar, tem que saber o que está falando ! Tem que ter o devido conhecimento para mostrar o oposto. O cara disse que não concorda. E de repente os contraditórios vieram dando "aulas" ao cara com suas ironias em vão. Ao invés de um debate sensato e explicações coerentes dentro de uma educação formal, vocês o zombam com sua mediocridade irônica. Pelo amor.</p>
<p><b><u>Ator CO</u></b> Verdade.</p>
<p><b><u>Ator AH</u></b> Ator CC Não pode, porque ela faz tratamento para reduzir a testosterona, logo é comprovado que a força dela não é mais como era, então os homens cisgênero levariam vantagens</p>
<p><b><u>Ator CP</u></b> Gente mas ele não foi preconceito o post pede pra deixar a opinião ele deu uma opinião e uma justificativa</p> <p>Mas interpretação parece que é individual ( cada um entende do jeito que quer né )</p>
<p><b><u>Ator CF</u></b> Pessoas qe estão replicando que uma lutadora mulher trans matou uma lutadora mulher</p> <p>Primeiramente: vocês são novos e tem tempo pra krl ainda nessa vida, então não poupem minutos com preguiça de buscar se as informações que vocês usam para</p>

	<p>embasar argumentos são verídicos</p> <p>Segundo: caso realmente isso tenha acontecido (o que não ocorreu), não poderia ter sido uma fatalidade? Vocês foram atrás das circunstâncias da morte? Obviamente não ne, se não teriam percebido que nao era real.</p>
COMENTÁRIO 4	<p><b><u>Ator AH</u> Ator J</b>, Tem mulheres que têm hiperandrogenismo, ou seja, uma produção de testosterona acima da média, e são autorizadas a jogar, mesmo tendo uma força abrupta. A tandara por exemplo era a recordista do vôlei, fazendo 37 pontos, sendo que a Tiffany fez dois pontos a mais. Algumas jogadoras criticaram, outras falaram que a a Tiffany tem a força de uma mulher forte, mas nada descomunal.</p>
	<p><b><u>Ator CQ</u></b> A quantidade de testosterona pode ser controlada, no caso da Tiffany, dos 29 anos de idade em diante, porém, ela viveu 29 anos com níveis de testosterona masculinos e teve todo o desenvolvimento físico inerente a esta condição. É tão difícil de entender que isso faz diferença demais em relação às mulheres?</p>
	<p><b><u>Ator CQ</u></b> Ator CT Os fatos falam por si só: magicamente, a Tiffany está quebrando todos os recordes femininos do volei com extrema facilidade, será mera coincidência?</p>
	<p><b><u>Ator CR</u></b> Primeiro que não tem nenhum médico ou cientista que prova que ela terá vantagem. O seu achismo não é prova, seu achismo não é argumento. É achismo. Espero ter sido Claro.</p>
	<p><b><u>Ator CA</u></b> Ator CR exatamente. ACHISMO não é argumento.</p>
	<p><b><u>Ator CQ</u></b> Ator CR Veja o porte físico, a grossura do braço da Tiffany e o desempenho dele nas quadras, ai me diga se os 29 anos de biologia com testosterona a níveis masculinos não estão fazendo diferença...</p>
	<p><b><u>Ator CS</u></b> É como se uma mulher tomasse bomba 29 anos e com 30 sem tomar ela pode jogar.</p>
	<p><b><u>Ator CT</u></b> Ator CQ, o acaso sempre teve para mim um sentido muito claro, para mim é apenas qualidade de atleta, ela é boa, sempre jogou volei não é de hoje, ta claro o que ? voce estudou onde ? endocrinologista ? efeito dos hormônios femininos diminuem massa muscular e óssea</p>
<p><b><u>Ator CU</u></b> Faz sim! Há perda de força, tônus muscular, humor. Os hormônios regulam tudo. Podemos ter como exemplo a tireoide. Faz um estrago absurdo.</p>	

<p><b><u>Ator CV</u></b> Podem querer mudar isso ou aquilo, mas continua sendo um homem jogando com mulheres. Não tenho preconceito com nada nesse mundo, mas isso acho injusto.</p>
<p><b><u>Ator K</u></b> Pra quem diz que não tem nenhum médico que discorda. Os próprios médicos que a liberaram disseram que ela não deveria competir. Só a liberaram pq existe essa possibilidade.</p>
<p><b><u>Ator CI</u></b> Vejo um bando de homi querendo mais uma vez opinar em assunto que somente diz respeito as mulheres.... acho o máximo... 🤔🙄</p>
<p><b><u>Ator CU</u></b> Ator CI , medo! Eles têm muito medo de perderem o espaço, que nunca se esforçaram pra conquistar. Entendo.</p>
<p><b><u>Ator CX</u></b> <b>Parabéns</b> pela reportagem postada <b>Ator K</b>, lembre-se apenas que dá próxima vez vc pode postar uma informação relevante de verdade ( antigo científico ou estudo de caso também científico ) não replicar uma informação tendenciosa, de um jornal tendencioso apenas para suportar o seu ponto de vista pouco fundamentado</p>
<p><b><u>Ator CX</u></b> Ator CI estamos bando de homem está falando sobre outro homem ! ( No ponto de vista do desenvolvimento motor e maturação tecidual )</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Só um recado pra essa galera. Achar que alguém que teve o corpo moldado por testosterona por 29 anos (e que tem toda a sua fisiologia modificada por esse hormônio) é uma grande injustiça, não torna ninguém preconceituoso, apenas alguém que olha o lado lógico.</p> <p>É tão difícil assim aceitar que ele é SIM superior as outras competidoras? É tão óbvio. Ele mal chegou e já quebrou inúmeros recordes. É só ver. Não é preconceito, é a injustiça na cara de vocês. Larguem a ideologia de lado e pensem como as mulheres jogadoras se sentem. Por favor!!!</p>
<p><b><u>Ator CT</u></b> Ator B da tempo de vc evitar está vergonha ,apaga ai</p>
<p><b><u>Ator CW</u></b> Você não percebe que a galerinha do "quebrando o tabu" gosta de defender esse tipo de matéria e situação, assim como a própria página, sempre querendo problematizar tudo e tentando fazer o preto virar branco?</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> Achismo? O cara jogou voley masculino e era só mais um jogador. Agora que joga no voley feminino "quebra recordes" e nego vem dizer que é "achismo".</p>
<p><b><u>Ator CZ</u></b> Ator CI Ué! Vc é doida? A galera lutando pra tudo ser de maneira igualitária e vc querendo pairar os limbos por gênero? Senhor!</p>

<p><b><u>Ator CQ</u></b> Ator CI Até a Ana Paula jogadora de volei famosa criticou isso, pois, no final das contas, é um homem (biologicamente falando) jogando contra mulheres, apenas.</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Ator CT vergonha porque? Porque tenho uma opinião diferente da tua, porém muito bem amparada nos fatos? Presta atenção, é simples: Não é a questão social de aceitação que está sendo discutida, mas sim a questão médica. Se quer existem estudos conclusivos sobre as consequências desse tratamento hormonal. Não é unanimidade nem entre os médicos e estudiosos. Mas tu sabe afirmar com toda certeza que é justo, mesmo os números COMPROVANDO que não.</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> É o maior clichê possível. Mas estudem sobre o assunto, sobre as consequências e sobre a superioridade física masculina. Não custa. Depois, guarda a ideologia no bolso por 5 minutos e conversa de forma lógica. 😊🙄</p>
<p><b><u>Ator CR</u></b> Ator CQ, se fosse por isso deveriam BARRAR A GAMOVA POR TER 2,02, BANIR AS CUBANAS E DOMINICANAS do vôlei pois é justo onde tem as jogadoras mais fortes e altas.</p>
<p><b><u>Ator CQ</u></b> Ator CR Não devem, pois são jogadoras biologicamente do mesmo sexo, logo, por características biológicas inerentes ao mesmo sexo elas podem ser favorecidas, porém, estão na mesma categoria de gênero. Outra coisa completamente diferente é colocar seres biologicamente diferentes para competir em uma categoria inerente à somente um sexo.</p>
<p><b><u>Ator CQ</u></b> Não, não vai ser melhor nem pior, será justa, principalmente com as outras mulheres.</p>
<p><b><u>Ator DA</u></b> Mimimi</p>
<p><b><u>Ator CT</u></b> <b><u>Ator B</u></b> Fatos que se baseiam em suposições ? Achismo? Comigo não cola ,opinião é diferente de impo-las , quando vc vem com este papo de "prestam atenção" "vocês não percebem" "É tão difícil aceitar ", quem é você para dizer isso ? Qual a sua qualificação para se colocar superior a todos, para opinião é quando você vem e diz a sua, nao quando vc quer que todos pensem como vc. eu conheço trans, conheço o esporte tanto que afirmo que nenhuma outra jogadora entrou com ação contra a liberação dela para jogar, à discordâncias mas não ações , neste caso só endocrinologista pode palpar a opinião com segurança conforme seus estudos, e</p>

<p>outra ela foi liberada pelo comitê Internacional, coisa séria, o que te faz pensar que foi "golpe" essa liberação , mas vocês só vai aceitar quando ter um trans homem sendo melhor que os homens cis, larga de ser idiota</p>
<p><b><u>Ator DB</u></b> A pessoa nasce homem, mas não se identifica como um. Ele se modifica a ponto de se tornar fisicamente do jeito que se sentirá bem. Tiffany é uma mulher, se sente como uma e quer fazer as mesmas coisas, só que enquanto mulher. Parece muito simples pra mim. Agora se tem tanta discordância dessa questão de diferença biológica por que o conselho permitiu galera? Alguém se prontifica a responder?</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> Ator CR poderia me explicar pq o mesmo qndo jogava entre os homens , não jogava nada.</p> <p>E hoje na liga feminina "quebra records". Aguardando sua resposta amigo, abraço.</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Ator CT não é achismo. Não tô bostejando opinião apenas. Tu já viu, estudou sobre o assunto? Ou apenas defende a ideia em páginas como essa?</p> <p>Existem estudos, opiniões de médicos, e não chegaram a uma conclusão. Não sou eu, são médicos especialistas. Pessoas que realmente entendem. E sobre o comitê, o médico que fez apenas a averiguação da quantidade de testosterona ( vale a pena ler sobre o assunto), disse que acha injusto, em função de todo o contexto. Mas sério, tirando opiniões, olha os números dela nos jogos. Pelo menos isso tu fez? Ou não? Só tá falando e falando?</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> Ator CT não é achismo. São números.</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Ator DB imagina se o comitê não aprovasse. Se falasse que não é justo e impedisse uma mulher trans de jogar vôlei. Tu consegue imaginar o caos? Para ele é melhor lidar com essa polêmica e com a visível superioridade dela do que ter que responder por milhares de processos por homofobia, transfobia e qualquer outro tipo de fobia existente.</p>
<p><b><u>Ator U</u></b> Conselho permitiu devido o tratamento deixar a testosterona dela baixa, mas o corpo dela já foi regado na base da testosterona, físico dela é de homem, rebater as bolas em uma média mais alta que as outras mulheres não se deve ao fato dela ter porte de homem?</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> Ator DB tudo em nome da mídia, querem revolucionar pra atrair mais patrocinadores e simpatizantes para o esporte que infelizmente muitos não dão a mínima.</p>
<p><b><u>Ator DC</u></b> Faz mt diferença sim</p>

	<p><b><u>Ator DB</u></b> <b>Ator B</b> e Ator CY parece contundente esse pensamento. Faz bastante sentido isso, e se for verdade é uma pena. Obrigada por responderem. E para incrementar a discussão eu vou postar um comentário de um colega que achei interessante. Deixando claro que eu não tenho opinião, me baseio em fatos comprovados cientificamente, o que não é o caso kkk</p>
	<p><b><u>Ator DB</u></b> "Tem quem defenda que a estrutura óssea e os músculos das pessoas trans não alterariam após a hormonioterapia, pois as mudanças já ocorreram após a puberdade. Mas um estudo norte-americano chamado Race Times for Transgender Athletes, do Providence Protland Medical Center de Joana Harper, garante que o tratamenro hormonal de mulheres trans ou travestis produzem um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. Há uma perda drástica de velocidade, força e resistência, logo isso derruba o mito da vantagem. Harper explica que uma mulher trans que inicia a TSH costuma correr 12% mais devagar do que antes, por exemplo e mostra que o fato de mulheres trans serem mais altas do que mulheres cis nem sempre leva vantagem em alguns esportes como fisiculturismo e ginástica olímpica, podemos aplicar no vôlei também, porque tem jogadoras maiores que a Tiffany.</p> <p>No entanto, acho importante pesquisarmos, buscarmos esses artigos e formar uma opinião sem julgamentos e preconceitos baseadas em "achismos". É bom discutirmos com seriedade..."</p>
	<p><b><u>Ator DD</u></b> Precisa explicar pro comitê olímpico que as vezes eles n sabem.</p>
	<p><b><u>Ator CY</u></b> Ator DB não é achismo. São números. Qndo homem Tiffany não jogava nada. Hoje Tiffany quebra recordes. Isso são números que nenhum cientista pode discutir. Você pode ter estudado 100 anos, pisar na lua, ser o pináculo da evolução mental ou ate mesmo construir o próprio sistema solar que ainda assim você não poderá discutir com números.</p>
	<p><b><u>Ator B</u></b> Contra fatos não há argumentos. Um estudo não derruba a realidade. Ela é superior, e esta nítido isso. É impossível negar. IMPOSSÍVEL!!!</p> <p>No papel é uma coisa, na realidade é muitooooo diferente. O socialismo que o diga.</p>
	<p><b><u>Ator DE</u></b> Ator CR péssima colocação, na haver mesmo! São mulheres, independente de altura e força, já a Tiffany não, ela é homem, mas fazer o que se hoje ninguém mais quer se indispor, por acharem que isso seria homofobia, o que não é.</p>

<p>Você viu uma asiática que teve que lutar luta livre com uma trans, e se não lutasse seria banida? Pois bem, ela foi banida da terra, pois morreu, devido à essa merda de acharem que trans são mulheres e lésbicas (modificadas) são homens, isso tem que ter limite! Isso é ter cuidado com o outro! Na minha visão apenas!</p>
<p><b><u>Ator AM</u></b> No texto que a Ator DB passou temos.</p> <p>"To be clear: This study speaks only to distance running. Trans women who are sprinters may maintain something of an advantage over other female runners in that they tend to carry more muscle mass, potentially allowing for increased speed over short distances".</p> <p>É um estudo sobre corrida de grandes distâncias. Então não podemos aplicar pra vôlei ou outros esportes.</p> <p>COI liberou sem ter bases científicas. Não fizeram nenhum estudo para saber se atletas trans realmente não possuem vantagens ou em quais esportes elas poderiam possuir. Foi tudo na base do achismo e de uma agenda.</p> <p>Se aplicarmos um pouco de lógica.</p> <p>Tiffany quando jogava no masculino era um atleta no máximo mediano, nunca tendo qualquer destaque. Quando passou a jogar no feminino tornou-se uma atleta de ponta, chegando a ser cogitada na seleção.</p> <p>Nível técnico ela manteve, se não tem vantagem física, significa que a categoria feminina é inferior a masculina. Seria isso que defendem?</p>
<p><b><u>Ator CT</u></b> Me apresentem esse números ? Cadê ?</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Ator CT procura filhão</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> O interesse é teu</p>
<p><b><u>Ator CT</u></b> Uai quem tá bancado a conhecedora aqui é você</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> KD os números?</p> <p>Vc n sabe ler n filhote?</p> <p>A Tiffany ta quebrando recordes. Pq ela n quebrava antes?</p> <p>Quem ta passando vergonha agora ,amigo?</p>
<p><b><u>Ator B</u></b> Conhecedor*</p> <p>E sério, procura, não vai querer tudo de mão beijada. Mas pelo jeito, já sei que tu não sabe muito sobre o assunto como um todo. Clássico.</p>
<p><b><u>Ator CY</u></b> Pesquisa ai números de Tiffany no torneio masculino e números de Tiffany agora. Internet serve é pra essas coisas.</p>

**Ator DF** Ótima conquista pro feminismo, agora as mulheres perdem pra homens na própria categoria.

**Ator DG** Na prática estamos vendo uma superioridade em quadra.

Complicado isto.

Eu sou contra por este motivo, na quadra esta mais que visível a superioridade física.

Agora sobre fobias, penso ter direito de opinar.

Tenho plena consciência que devo respeitar, tenho dever de aceitar a vontade do caminho escolhido.

Mas isto não vai me fazer mudar a opinião formada que é contra.

A opção sexual ou qual sexo pretende escolher para si, não interfere no caráter, prefiro um amigo trans que falso, mesmo não concordando.

Estes extremistas devem parar de impedir de termos opinião contrária ao homossexualismo ou de quem quer ser trans, tanto quanto os que são extremistas contra, a ponto de agredir.

**Ator DH** É muita idiotice!

**Ator DI** Eu e a ciência ? Pqp fala sério. É querer transformar plástico em madeira.

**Ator DJ** Kkkkkkkkkk mitooo

**Ator DK** "sexo que pretende escolher" para de bostear e para de falar como se entendesse sobre transgeneridade por gentileza

**Ator DL** Cada comentário imbecil... Como permitiram o nascimento de pessoas assim?

**Ator DM** Melhor comentário

**Ator DN** Qual parte de mulher trans você não entendeu?

**Ator DO** O preconceito de vocês não fará dela menos mulher, pode falar, gritar, se debater, mas a realidade da situação delas não cabe a nenhum de nós julgar, erro esse do ser humano de se achar tão especial a ponto de achar que sabe tudo. Bora olhar pro próprio umbigo, analisar nossa própria vida e parar de opinar no que não é da nossa conta, até porque o que achamos ou deixamos de achar é inútil, só quem vive é que sabe onde dói.

**Ator DP** e se a mulher for estéril? Ou o útero tiver problema? Ela deixa de ser mulher? Sua definição de mulher é tão limitada e tão fácil de ser quebrada com biologia e ciência.

<b><u>Ator DK</u></b> tem gente q n ve uma vergonha e ja quer passar ne
<b><u>Ator DQ</u></b> Que preocupação com o feminismo hein Ator DF, espero que quando os amigos reproduzem frases machistas você se porte do mesmo jeitinho ... coraaaageeeem...
<b><u>Ator DR</u></b> E as mulheres vão perdendo mais espaço no esporte.... A origem "dela" é masculina.
<b><u>Ator DS</u></b> Kkk tive que ri.
<b><u>Ator DT</u></b> Mulher trans não é homem seu boçal.
<b><u>Ator DU</u></b> MULHER TRANS
<b><u>Ator DV</u></b> Oq trans tem haver com feminismo. Falou merda hein colega...!?
<b><u>Ator DX</u></b> Ator DF é aquele tipico homem ignorante e preconceituoso, que detestas feministas pois elas dizem o quão merda ele é por ser um cara babaca, e que não vão aceitar os tipos dele. E pra completar a cereja do bolo, o cara ainda é transfobico. Pois não respeita o genero da mulher trans em questão. Ai percebemos pelo comentário dele, que o mesmo tentou fazer uma piada preconceituosa por dois véis de ignorância, para se sentir melhor com a propria insegurança e ignorância dele. Dá dó 🙄😏 tem gente que é assim mesmo. Pequena. Insegura. Ignorante. Intolerante.
<b><u>Ator DW</u></b> Ator DX, nossa como vc quer falar de preconceito sendo totalmente preconceituosa? Quanto ódio, aprenda a respeitar quem pensa diferente de vc, ou seja, respeite quem pensa.
<b><u>Ator DY</u></b> Não, ela é mulher logo não estão perdendo para homens
<b><u>Ator DG</u></b> Bostejar Ator DK ,pelo menos tenho respeito ao me dirigir a alguém, engraçado como de longe pela internet algumas pessoas se dirigem a outra. Garanto que na minha frente você não ia falar assim. Aí mostra a diferença entre a minha pessoa e a sua. Uma questão de educação, claro, se você souber que é isto
<b><u>Ator DZ</u></b> N existe isso de mulher trans n sejam estúpidos, um homem n pode ser uma mulher é biologicamente impossível eu sou a favor da inclusão do trans mas na categoria masculina e n na feminina, é um homem jogandoo liga feminina simplesmente isso.
<b><u>Ator DK</u></b> Ator DG eu nem falei contigo parceiro
<b><u>Ator EA</u></b> Só observando as tretas.
<b><u>Ator EB</u></b> Ator DX bostejando pelos dedos. Q pessoa baixa e ridícula

	<p><b><u>Ator EC</u></b> Como o assunto é complexo e melhor idiota não opinar</p>
	<p><b><u>Ator ED</u></b> A gente tem aqui alguns exemplos claros gente que não entende NADA de identidade de gênero.</p>
	<p><b><u>Ator EE</u></b> Olha, o meu feminismo não apoia a participação da Tiffany na Superliga!</p>
	<p><b><u>Ator EF</u></b> Cara... no mesmo tempo q achei ofensivo, tb achei engraçado kkkkkk</p>
	<p><b><u>Ator EG</u></b> infelizmente é só ofensivo e transfobico mesmo</p>
	<p><b><u>Ator EF</u></b> Combinamos q realmente sim, Ator EG</p>
	<p><b><u>Ator EH</u></b> Eu não vi nenhum homem ali, tu viu?</p>
	<p><b><u>Ator EI</u></b> Parece que os homens estão mais incomodados que as mulheres.</p>
	<p><b><u>Ator EJ</u></b> 😂😂😂😂😂😂😂😂😂 verdade</p>
	<p><b><u>Ator EK</u></b> Por mais comentário assim no mundo, pau no cu do politicamente correto. Kkkkk</p>
	<p><b><u>Ator EL</u></b> Na verdade não existe mulher trans ele é homem e fim de papo!</p>
	<p><b><u>Ator EM</u></b> Ator EI, na verdade, muitas mulheres na liga estão incomodadas, mas tem medo de falar, pois vão ser atacadas. A Tandara, da seleção, estava quieta tbm e agora resolveu falar q não acha justo. Muitas pensam assim, só tem medo de falar e ser massacrada pela mídia. O fato é q quando era Rodrigo, Tiffany era um jogador ruim, nunca teve destaque. Agora jogando com mulheres, bate recorde de pontos. Difícil não acreditar q exista vantagens. Veja q no atletismo, aconteceu algo parecido. Kate Hall é uma jovem campeã e quando um atleta trans, q tbm nunca teve destaque quando disputava com homens, veio correr contra ela, simplesmente massacrou e ganhou fácil. Então, eu prefiro olhar para os fatos q acontecem nas pistas e quadras, do q o COI ou essas organizações corrompidas falam. É muito complicado.</p>
	<p><b><u>Ator DG</u></b> Ator DK, então me desculpe o engano. É que escrevi exatamente que você criticou. Coincidência então.</p>
COMENTÁRIO 6	<p><b><u>Ator EN</u></b> Eu sou trans e gostaria de ressaltar que o efeito dos hormônios femininos diminuem massa muscular e ossea, s tem alguém que pode dar palpite nisso e o endocrinologista dela, segundo que tem muitas mulheres que jogam muito melhor que muitos homens, se fosse assim uma baixinha jamais poderia jogar no mesmo time de basquete que uma gigante por exemplo, fora que nao faz o menor nexo coloca-la num time masculino, esse aue todo e porque ela e talentosissima e uma vencedora, infelizmente a sociedade Brasileira nao aceita ver isso, saber que uma</p>

	<p>de nos pode sim chegar no topo!!!mas Desculpe vamos cada vez mais mostrar pra voces que podemos muito mais quer voces queiram quer nao!!!</p> <p><b>Ator CT</b> concordo se o comitê olimpico juntamente com os médicos especialistas já deram o veredito, quem somos nós pra dar algum tipo de opinião?</p> <p><b>Ator EO</b> Compararam ela com ela mesma qdo era menino e o rendimento dela aumentou. Será que se o comitê tivesse uma posição diferente as pessoas aceitariam? Eu fico na dúvida se essa foi uma decisão política para evitar constrangimentos. No entanto é verdade que muita gente usa isso para destilar o seu ódio contra os trans e isso é inaceitável.</p> <p><b>Ator EP</b> Uma coisa é o empoderamento das pessoas trans, o qual precisamos muito ainda. O outro é a importância da puberdade no desenvolvimento humano, a qual é muito relevante na construção corporal. Certas coisas não voltam completamente após a puberdade, mesmo após adequação hormonal posterior. É assunto delicado.</p>
COMENTÁRIO 7	<p><b>Ator EQ</b> eu acho que as características fisicas sao desiguais, como musculatura... ossos... e isso prejudica o desenvolvimento de várias atividades, principalmente no esporte. ela esta na categoria errada sim.</p> <p><b>Ator ER</b> só queria ter sua autoestima de achar que joga melhor do que a Marta huehuehue</p> <p><b>Ator ES</b> então aproveitem ora educar, caso contrário as respostas são tão "rasas" quanto quem responde julga 😊;)</p> <p><b>Ator ET</b> O comentário é muito pertinente. O estudo da fisiologia do esporte mostra que o desenvolvimento infanto-juvenil tem papel fundamental nos resultados do atleta de alto rendimento. Ou seja, mesmo controlando a testosterona, a estrutura física particularmente a osteomuscular possuirá grandes diferenças entre mulheres de nascimento e trans.</p> <p><b>Ator EU</b> Que coisa mais chata .. tudo é preconceito aff.. Não concordo como vários aqui .. e isso não nos torna preconceituosos .. até pq isso é questão de ter senso..</p>

<p><b><u>Ator EV</u></b> Há casos de mulheres cis que tem densidade óssea maior que a das demais. Isso por acaso é empencilho para a participação dessas no esporte assim como dizem que é para as demais?</p>
<p><b><u>Ator CA</u></b> Ator EQ exatamente! Sua opinião SEM EMBASAMENTO NENHUM. Faz um favor e enfia ela no cú.</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator CA 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 parabéns pela sua opinião! Ela acrescentou mto a nós! Não sei como uma pessoa tão educada como vc segue uma página tão humana qto está!</p>
<p><b><u>Ator EX</u></b> Faz parte do conselho, ou é endócrino, flor?</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator EX só os membros do conselho e endocrinologistas podem saber de anatomia humana 🙄🙄</p>
<p><b><u>Ator CA</u></b> Ator EQ prefiro ser mal educado com vagabundas homofóbicas.</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator CA de palavrão vc entende. Aprendi mto com vc! Obrigada!</p>
<p><b><u>Ator EW</u></b> Se os médicos tão dizendo que ela n leva vantagem quem é tu pra dizer q ela leva? É especialista da área amore? Sem falar q ao utilizar hormônios femininos faz com q se perca massa muscular e óssea</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator EW amoré, e minha opinião. Conforme a página disse acima! A página pediu opinião de todos e eu dei, eh só vc dar a sua também!</p>
<p><b><u>Ator EY</u></b> Errou burra.</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator EY vc parece mto inteligente!</p>
<p><b><u>Ator EY</u></b> Engenheiro e formado na USP, já você..</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator EY já eu vc não sabe de nada da minha vida! 🙄🙄</p>
<p><b><u>Ator EZ</u></b> Ator EV pra começar não existe mulher "cis"... Parem de chamar mulheres de cis.</p>
<p><b><u>Ator FA</u></b> Justamente por isso q ela faz terapia hormonal! Tao simples de entender</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FA se fosse tão simples, não teria essa repercussão toda!</p>
<p><b><u>Ator EV</u></b> Ator EZ, existe sim. Você é uma delas. Esse é o termo usado dentro do campo de pesquisa chamado Estudos de Gênero para se referir a mulheres que se identificam com o gênero que foi atribuído a elas no nascimento. Goste você ou não, essa palavra faz parte do campo de estudo da área.</p>
<p><b><u>Ator EV</u></b> E ela não é um homem, é uma mulher. Mulher trans. Insistir em desrespeitar a identidade de gênero é preconceito sim.</p>

<p><b><u>Ator FB</u></b> Ator EQ não achei seu comentário preconceituoso. Concordo plenamente com vc, mas só vejo comentários contrários, parece que o pessoal não viu os fatos de que ELE já quebrou vários recordes entre as mulheres, o que indica que ele tem vantagens sim sobre a mulherada!!! Mas se vc discordar você é machista e preconceituoso, mas enfim, os fatos estão aí, não vê quem não quer!</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FB eu nem acho que os recordes devem ser considerados!</p>
<p><b><u>Ator FC</u></b> Sua taxista, frentista. Se eu fosse mulher jogadora só jogaria no time dela. Imagina a vantagem que levaríamos contra o time adversário. Altas braçadas masculina contra moças</p>
<p><b><u>Ator FD</u></b> Concordo com Ator EQ. Mulher trans tem mais força do que uma mulher comum. Nem venham com o papo de "ah, mas existem mulheres" existem sim e são minorias então parem com isso. Se a questão fosse preconceito ficaria evidente p nós, mas é questão de força física.</p>
<p><b><u>Ator FC</u></b> Por mais que ele tome hormônios de mulher ela nunca estará no patamar físico feminino, sempre será mais forte. Como já disse se eu fosse jogadora de vôlei não ligaria dela estar na liga, mas só se fosse no meu time</p>
<p><b><u>Ator FE</u></b> Como disse Ator EV, existem muitas mulheres que têm maiores níveis de testosterona, são maiores, ossos mais robustos e possuem maior força física e aí? Elas são mulheres? Não vão poder jogar? Temos que ter cuidado com o que defendemos, o preconceito pode estar disfarçado com uma argumentação que parece boa, mas sempre precisamos desconstruir a argumentação para validá-la! Os preconceitos estão embutidos, são ensinados e nem percebemos e quando nos damos conta já estamos justificando eles, se precisar justificar demais desconfie!</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FE infelizmente essa questão está mto acima do preconceito! Não eh uma coisa subjetiva, eh biológica, fisiológica!</p>
<p><b><u>Ator FF</u></b> Aaaaaah, os cara tachando a moça como preconceituosa, mas não vi isso não. Ela opinou, e opiniões são diferentes. Mas em momento algum ela agrediu verbalmente a trans... Diferente de quem está a julgando de forma vulgar e podre!</p>
<p><b><u>Ator DT</u></b> Não é.... "EU ACHO"... É difícil não comentar achismo que reforça preconceito?</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator DT como eu disse anteriormente, preconceito eh mto subjetivo, para se comparar com a anatomia humana, que já é um patamar biológico!</p>

<p><b><u>Ator EV</u></b> Mas a própria biologia já foi usada como desculpa para se defender supostas verdades universais e justificar preconceito e discriminação, Ator EQ. Há amplos estudos que apontam isso. O que era pra ser descritivo, se torna prescritivo dentro de um ideal de feminilidade culturalmente estabelecido de que mulheres devem ser mais fracas. Só que nem todas as mulheres se encaixam dentro desse ideal. E nem sempre isso o que acontece. Tanto que há relatos de mulheres no início da era olímpica que quebraram recordes de homens. O que mudou de lá pra cá?</p>
<p><b><u>Ator EV</u></b> A própria questão do corpo e que há mulheres com densidade óssea semelhante a de homens e massa muscular maior que de alguns. O problema é querer estabelecer um padrão de corpo que nem todas se encaixam.</p>
<p><b><u>Ator DT</u></b> Continua sendo achismo. Sua base biológica mais ampla, não lhe faz especialista da situação. E eu duvido que vc tenha conversado com algum especialista ou alguma mulher trans pra entender como funciona esse processo. Repito: Achismo que reforça preconceito.</p>
<p><b><u>Ator EV</u></b> No caso da Tiffany, ninguém leva em consideração a ampla experiência que ela teve por ter jogado durante anos e que nesse último jogo ela foi acionada muito mais vezes do que as demais. Desconsidera-se uma série de outros fatores que influenciam o rendimento dela.</p>
<p><b><u>Ator FG</u></b> opinião: "...o Comitê Olímpico Internacional (que é quem decide)..." segue a vida!</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FG se a gente pensar assim, nunca vms melhorar nada na vida né? Se acomodar...</p>
<p><b><u>Ator FH</u></b> Hormônios femininos “degradam” a capacidade física que Tiffany ganhou quando não havia feito a cirurgia de correção física</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FH ahn?</p>
<p><b><u>Ator EQ</u></b> Ator FB eu vi msm! Está claro isso!</p>
<p><b><u>Ator FI</u></b> exatp!!!!</p>
<p><b><u>Ator FJ</u></b> Ator EV ela é um traveco, traveco o Ronaldo entende e continua sendo homem, tira uma célula do corpo pra ver se é mulher vtnc</p>
<p><b><u>Ator DT</u></b> se vc não é especialista ta afirmando essa merda aí pq? Vc sabia que no processo hormonal a musculatura tbm se deteriora e se perde essa "construção" masculina que vc ta falando???</p> <p>Gente, qual o problema em pesquisar direito as coisas antes de comentar essas</p>

	<p>merdas? Quantas trans precisam morrer de forma cruel por puro preconceito e burrice de vcs que ficam gritando a biologia o tempo todo pra apoiar a própria ignorância???</p> <p>Meu deus, como pode existir pessoas são egoístas, que não conseguem enxergar um palmo a frente e realizar um exercício simples de empatia???</p>
	<p><b><u>Ator FK</u></b> Calma kkkk. Ninguém vai morrer não. Alias se tiver alguém na intenção de disseminar discurso de ódio escolha outro post porque este está instrutivo. Pois bem, se esta pessoa em questão for fisiologicamente mais forte do que a população de pessoas praticantes de vôlei profissional, que exercem tal atividade na categoria feminina, cabe uma análise mais criteriosa ou talvez, uma imposição de condições a ser cumpridas. Exemplo: existe uma media de velocidade de corte e saque para o vôlei de categoria feminina, enquanto definição de categoria do esporte. Com uma margem de erro ou outra e talvez um ou outro outlawer você testa se esta pessoa sei lá, saca ou corta muito mais forte e decide. Será que o veredito foi tomado sob essas condições. Outro ponto, será que teríamos que impor (agora dando nome aos bois) pessoas trans que queiram exercer esportes a exames de "anti testosterona"? Porque isso se mantem com o uso contínuo de medicamentos, não? Imaginem num cenário onde a pessoa A comece a praticar um esporte X profissionalmente e pela pressão e rotina intensa esquece de tomar esses medicamentos, sua testosterona subiria para níveis maiores que os das outras atletas? Se deixarmos as bandeiras em casa e TODOS nós enquanto seres humanos da raça homo sapiens discutirmos de maneira saudável e eficaz, daqui uns anos isso deixará de ser um tabu para se tornar algo estranho e longínquo.</p>
COMENTÁRIO 8	<p><b><u>Ator BO</u></b> Se o comitê olimpico juntamente com os médicos especialistas já deram o veredito, quem somos nós pra dar algum tipo de opinião? Opina quem é preconceituoso... Sem mais.</p> <p><b><u>Ator CT</u></b> o comentário mais sensato !</p> <p><b><u>Ator FL</u></b> Na Alemanha o partido nazista decidiu por longos anos...</p> <p><b><u>Ator EP</u></b> Comitê olímpico é Deus. E todos honestos que nunca foram corrompidos. Tipo deputados ou senadores.</p> <p>Afinal, ninguém que possua poder ou influência iria ser corrompido.</p> <p>Bem sensato.</p>

<p><b><u>Ator CT</u></b> bom então eu indico o para o comitê que estudou, é endocrinologista ou melhor é uma trans e sabe do que ta falando.</p>
<p><b><u>Ator V</u></b> Conhece homem trans no time masculino de volei?</p>
<p><b><u>Ator FM</u></b> Uai, não se pode ter uma opinião contrária então que é preconceito?</p>
<p><b><u>Ator FN</u></b> não há nada que não deva ser questionado, eu ein.. que pensamento mais religioso.</p>
<p><b><u>Ator FO</u></b> Tudo tem que ser questionado, principalmente para poder compreender</p>
<p><b><u>Ator FP</u></b> Qualquer opinião contrária ao que é decidido por um comitê é necessariamente preconceito? Partindo dessa premissa, você chega a ser tão intolerante (à opinião alheia) quanto os próprios intolerantes (à vida sexual alheia). #mepoupe</p>
<p><b><u>Ator I</u></b> O Congresso deu um golpe na Dilma, mas se os deputados falaram, quem somos nós para reclamar, é ou não é?</p>
<p><b><u>Ator FQ</u></b> Faço minhas as palavras do Ator BO. Não é mais caso de opinião, é questão técnica, podendo ser cientificamente verificada por meio de médicos esportistas com testes e exames. Só é aceitável no debate dados de outros médicos, apresentando resultados contraditórios. O resto é preconceito.</p>
<p><b><u>Ator FR</u></b> Ator EP Na verdade o comitê olímpico é mais do que Deus, pois o comitê olímpico existe, deus não.</p>
<p><b><u>Ator FS</u></b> COMITÊ OLÍMPICO VIROU DEUS AGORA. acho que o que deve ser feito é cada um no seu quadrado, Liga Masculina, Liga Feminina e Liga Trans, pq não adianta falar que ele é uma mulher, pq não é, ate em campeonato Masculino ele já jogou. então vai ser assim, " se eu nao me der bem aki, viro trans e joga com as mulheres" será?????????</p>
<p><b><u>Ator FT</u></b> Tá dizendo que não devemos questionar? Nada muda mais que a opinião da ciência.</p>
<p><b><u>Ator AK</u></b> O comitê olímpico (Se vc leu a matéria. claro) vai rediscutir o tema após os jogos olímpicos de inverno, que acontecem em fevereiro. Então eu não colocaria tanta fé no COI, pq se nem eles que são médicos tem certeza, imagina nós.... Por isso várias opiniões divergentes!</p>
<p><b><u>Ator FU</u></b> Porra! Preconceito por não concordar como o comitê? Brincadeira!</p>
<p><b><u>Ator FV</u></b> Opina quem pensa e tem senso critico, não é robô moldada aceitar tudo!</p>

<b><u>Ator FX</u></b> Vixi, falou merda, kkkk se ferrou.
<b><u>Ator FP</u></b> A única coisa absoluta na ciência é que nada é absoluto. Nem o comitê olímpico chega a um consenso, então não vejo sentido em aceitar qualquer decisão do órgão como se fosse a verdade divina entalhada na pedra.
<b><u>Ator AP</u></b> Preconceituoso de que vei? Só uma opinião diferente da sua. Relaxa...
<b><u>Ator FW</u></b> Não vi ngm daqui nessa tranquilidade no caso da cura gay
<b><u>Ator FY</u></b> Nao opina quem é um doutrinado politicamente correto.
<b><u>Ator FY</u></b> Espero ver mulheres esportistas Trans fazendo o caminho inverso ahahahahahahaha. Sem mais (doutrinadinho obediente.)
<b><u>Ator FZ</u></b> Opina quem é preconceituoso? Cala a merda dessa boca
<b><u>Ator V</u></b> Ator FY, exato! Não vejo homens trans em importantes times de vôlei, basquete- se fosse normal, os homens trans estariam enfrentando os outros homens
<b><u>Ator GA</u></b> Opina quem é preconceituoso? Que viagem, kkkkkkkkk
<b><u>Ator GB</u></b> Como assim opina quem é preconceituoso????????? Opinião é bem. diferente de preconceito E quem diz que estes comitês , principalmente os brasileiros cheios de corrupção são confiáveis ???? É nitido o ganha que ele tem . E olha coisa que nao sou é preconceituso
<b><u>Ator GC</u></b> Preconceito?
<b><u>Ator GD</u></b> Se o Moro deu a sentença e o TRF-4 confirmou, quem somos nós pra discutir, né? Quem tem poder de decisão e conhecimento sobre direito são só os juízes. Então ninguém mais pode discutir ou opinar. Pq quem opina é preconceituoso.
<b><u>Ator GE</u></b> puta merda viu, se os politicos que você elegeu passar uma lei que diz que todo cidadão que não der metade do seu salario para o governo merece morrer e os especialistas em economia dizem que esta ok então tudo bem, né? o resto é preconceito... caralho, vai te fuder
<b><u>Ator GF</u></b> Os órgãos oficiais possuem tanta seriedade né? Fifa, Nações Unidas etc...
<b><u>Ator GG</u></b> Quem vê pensa que o comitê olímpico é um ligar bom, sem corrupção e gente podre

	<p><b><u>Ator BI</u></b> Mas tipo... pior são não médicos falando um assunto que nem os médicos chegaram num consenso...</p> <p><b><u>Ator BI</u></b> Alias, todo mundo pode dar opinião... agora, se una opinião que vale menos que um papel higiênico usado...</p> <p><b><u>Ator GH</u></b> Cara, o problema é que você esqueceu dos médicos com diploma de Facebook. Oras! Fica desmerecendo os “doutores com diploma de Facebook”, para mim eles sabem mais do que esses médicos aí que estudam há anos. #ironia. 😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂</p> <p><b><u>Ator BJ</u></b> Não meu querido, opina gente que tem critério propio e informação pra refutar isso.</p> <p><b><u>Ator BJ</u></b> Ator GH não precisa ser médico pra discutir isso. Isso é uma falácia. Use algo chamado lógica no seus argumentos.</p> <p><b><u>Ator GI</u></b> Bem, eu sou formado em Educação Física, estudo sobre a área e posso opinar sem preconceito, ela leva muita vantagem sobre as outras. O COI quando tomou a decisão não tinha dimensão do caso, tanto que estão reconsiderando a situação e marcaram um reunião para debater o tema.</p> <p><b><u>Ator GJ</u></b> Digamos amém pra TDS os nossos órgãos justos e competentes Afs</p> <p><b><u>Ator GK</u></b> Kkkkkkk como o politicamente correto apodrece cérebros</p>
COMENTÁRIO 9	<p><b><u>Ator CS</u></b> 30 anos criada e jogando com homens, De repente baixa testosterona e acha que tá 100%? Não está, é desigual e os resultados estão ai. Sem preconceito somente falando em biologia, altura, musculatura. Não da.</p> <p><b><u>Ator GL</u></b> Gente, lógico que ela vai fazer mais pontos, além dela ser a oposta, está lá pra pontuar, ela é a oposta mais acionada da Super Liga. A levantadora do Bauru que só usa ela com opção, esquece até das outras.</p> <p>Leiam a matéria, não tem nada de descomunal na atuação dela.</p> <p>No jogo em questão ela teve apenas 44% de acertos.</p> <p>A Tandara ou a Hooker se fossem acionadas deste modo teriam o mesmo ou até mais pontos que a Tiffany.</p> <p>"O rendimento impressionante de Tiffany no jogo contra o Praia Clube está relacionado ao número de vezes em que foi acionada: foram 75 bolas, com 44% de aproveitamento."</p>

<p><b><u>Ator GL</u></b> Acredite, assista, as duas que eu citei, e algumas como Rosamaria, Mari Paraíba, Fernanda Garay jogam melhor que ela.</p>
<p><b><u>Ator GM</u></b> Densidade óssea e massa muscular se perde. Pode ter certeza que o COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL avaliou tudinho.</p>
<p><b><u>Ator FY</u></b> Ah sim, avaliou sim... uma mulher de 1,91 com aquele corpo hahahaha é normal sim.</p>
<p><b><u>Ator CS</u></b> Ator GM. Pra sua informação e só a testosterona. O resto não tem avaliação nem regras ainda.</p>
<p><b><u>Ator GN</u></b> Flavio Ator CS as pessoas estão de um jeito. Que eu sinceramente acho que a sociedade está doente. A natureza é preconceituosa, a biologia é preconceituosa. So por Deus...</p>
<p><b><u>Ator CS</u></b> Biologia preconceituosa? Kkkkkkk Teoria da conspiração e mato!</p>
<p><b><u>Ator GO</u></b> Tem especialidade técnica no assunto em questão?</p>
<p><b><u>Ator GP</u></b> Ator FY tem várias jogadoras mais altas e com corpo semelhante. Não viaja filho</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Olha, um endocrinologista. A maioria das pessoas trans fazem a transição na adolescência ou próximo, ela não viveu 30 anos como homem, se o caso fosse mesmo testosterona, tem muita mulher cis com problema hormonal que tem mais teste que homem e precisa controlar.</p>
<p><b><u>Ator CS</u></b> Não a Tiffany... Ela jogou o campeonato italiano como homem. Rodrigo Pereira de Abreu nasceu em Goiás, no dia 29 de Outubro de 1984, a sétima criança de uma família pobre que o pai abandonou e deixou a filharada aos encargos solitários da mãe, Dona Amália. Descobriu cedo a sua tendência para a homoafetividade. No entanto, pelo seu tamanho e pela sua força física, aderiu ao Voleibol e se profissionalizou. Atingiu 1m94 de altura e 88kg de peso. E, na ponta-de-rede, atuou inclusive na Europa. Tiffany Pereira de Abreu, no final de 2012, ainda no Velho Continente, decidiu iniciar uma transição de gênero, enfrentar duas cirurgias e passar por uma re-hormonização. Numa explicação simplista, a paulatina diminuição dos seus teores de testosterona, um hormônio caracteristicamente masculino. Nas mulheres, o índice médio equivale a 10 nanogramas por litro de sangue.</p>

	<p><b><u>Ator GR</u></b> Não é ela que acha, são médicos, endócrinos, especialistas e o comitê... Se vc acha que não, baseado na sua pesquisa e estudo, publica aqui pra nós fera seus resultados.</p>
	<p><b><u>Ator CS</u></b> Da uma olhada com calma nos parâmetros do comite. São só nível de testosterona. O comitê ainda não está preparado pra avaliar tal caso e pra mim estão "teatando" com a tifany</p>
	<p><b><u>Ator FK</u></b> Num ponto eu concordo com o Ator CS. É tudo muito novo pra terem um veredito. E não entendi esse ódio contra a opinião alheia galera.</p>
	<p><b><u>Ator CS</u></b> Eu tô falando cara. O comitê mesmo já disse que precisa atualizar a regra pq hoje o parâmetro e testosterona e mais nada. Não tem essa análise toda que estão falando aí nao.</p>
	<p><b><u>Ator BI</u></b> Seu crm é de número?</p>
	<p><b><u>Ator BI</u></b> Alias, se você falar com qualquer trans, comentários em que a vida anterior com o gênero antigo é uma das maiores agressões que existem...</p>
	<p><b><u>Ator CS</u></b> Sai pra lá. Que agressão? Vai se tratar cara.</p>
	<p><b><u>Ator CS</u></b> Vida anterior? Trocou de sexo ou reencarnou?</p>
	<p><b><u>Ator GR</u></b> vai a merd@</p>
	<p><b><u>Ator BI</u></b> Ator CS vc quer dizwr a uma pessoa trans o que é agressão ou não? Isso só se compara a exposição "médica"...</p>
	<p><b><u>Ator BI</u></b> E pior, a sua ausência de sensibilidade é tamanha, que vc não consegue ver o quando uma vida muda. depois da troca de sexo... é vida anterior sim, e que, salvo situações excepcionalíssimas, você nunca cita...</p>
COMENTÁRIO 10	<p><b><u>Ator GS</u></b> Apesar de ser plausível a atitude e estamos mesmo em tempo de quebrar paradigmas, eu creio que isso é extremo. Um exemplo de comparação... Imagine uma mulher trans competindo nos pesos pesados do boxe... Mesmo que se iguale testosterona e peso, a pessoa desenvolveu o corpo todo como homem... Não tem como dizer que é justo e em pé de igualdade. É como por exemplo o Arnold, tomou bomba por muitos anos e foi enorme. Hoje, mesmo diminuído muito de tamanho, não se pode dizer que o corpo não manteve parte da forma/força.</p>
	<p><b><u>Ator GT</u></b> exatamente o desenvolvimento do corpo foi a base de muito mais testosterona do que o desenvolvimento do corpo feminino</p>

<p><b><u>Ator GU</u></b> a diferença é que o Arnold não passou por um tratamento hormonal que injetou hormônios femininos nele. O desempenho é equiparado entre uma mulher trans e uma mulher biológica. a ciência já provou isso.</p>
<p><b><u>Ator GS</u></b> Acho que como qualquer outro tratamento só saberemos os resultados reais ao longo prazo. Não acho que não é possível, só acho muito cedo pra se confirmar categoricamente.</p>
<p><b><u>Ator GS</u></b> Assim como as pessoas que tomam hormônios para crescer e melhorar desempenho e tem vários problemas futuros e reações no corpo</p>
<p><b><u>Ator AM</u></b> Marcus, quando você afirma a ciência já provou isso. Poderia mandar os estudos que chegaram a esse resultado.</p>
<p><b><u>Ator GV</u></b> Um estudo norte-americano chamado Race Times For Transgender Athletes, do Providence Protland Medical Center, garante que o tratamento hormonal provoca um decréscimo significativo de massa muscular e densidade óssea. Este mesmo estudo, foi comprovado que elas perdem drasticamente velocidade, força e resistência. Ele informa que uma mulher trans costuma correr 12% mais devagar que antes.</p>
<p><b><u>Ator GS</u></b> mesmo que tire até 12%... Não necessariamente colocaria em par de igualdade com uma mulher em todos os casos. É esse o ponto. Que nem eu disse, não acho impossível... Mas é cedo pra confirmar categoricamente que não há diferença relevante ao curto médio prazo do tratamento.</p>
<p><b><u>Ator GX</u></b> Concordo.</p>
<p><b><u>Ator GW</u></b> Na escola eu perdia pro time feminino ( era menino contra menina) Então... força não é tudo e no fim das contas não faz tanta diferença, ja que o que importa é a agilidade e a resposta a ação. (Reflexo)</p>
<p><b><u>Ator GY</u></b> Concordo</p>
<p><b><u>Ator GS</u></b> na sua escola estava competindo crianças e adolescentes... Um cenário bem oposto a atletas de rendimento de alto nível</p>
<p><b><u>Ator FK</u></b> O "significativo" que quebra o argumento Ator GV... essa bateria de comentários está a mais sensata e sem ódio kkk então vamos lá. O que as pessoas temem é uma injustiça com as outras atletas e somente isso. Se coloca na pele do comitê Internacional. Imagina a pressão que estão sofrendo para dizer se tal pessoa pode ou não exercer uma atividade profissional em algo que ate ontem era</p>

	<p>categorizado como simplesmente feminino e masculino. Ponto. Cabe apenas um pouco mais de calma nesse sentido esportivo. De resto é meter o pé na porta mesmo e trocar o motor com o avião voando. O que quero dizer é que este é um assunto muito mais complexo do que qual banheiro a pessoa deve usar caso ela seja trans... saca?</p>
COMENTÁRIO 11	<p><b><u>Ator GZ</u></b> As principais entidades que regulamentam o vôlei (COI, FIVB e CBV) liberaram a participação dela, e até que eles voltem atrás na decisão, ninguém tem que achar nada. É pura hipocrisia das pessoas criticarem a participação dela, até porque, se ela fosse uma atleta ruim e não tivesse correspondendo, ninguém reclamaria. As pessoas também esquecem que vôlei é um esporte ~~COLETIVO~~ e que não depende apenas dela uma possível vitória do time. Ela só marca esse monte de pontos porque até agora não jogou contra times que podem bater de frente com o Bauru (tirando o Praia *desfalcado*, e o Fluminense e Minas *que ganharam do Bauru*). Ela recebe uma quantidade ENORME de bolas, é normal que ela pontue muito no ataque, e mesmo pontuando muito, o aproveitamento dela gira em torno de 44%, que não é um número tão extravagante assim. Se as outras atacantes do Bauru não tem a capacidade de pontuar, É ÓBVIO, que as levantadoras vão encher ela de bolas. A sociedade ainda é muito preconceituosa e é normal ocorrer esse estranhamento, mas como disse, cabe às federações decidirem se ela deve ou não jogar. Enquanto isso, a gente comemora esse início da quebra de barreiras dentro de um país que mais mata pessoas trans no mundo. VAI TIFFANY ❤️&lt;3</p>
	<p><b><u>Ator CY</u></b> Então pq qndo ele jogou na liga masculina nunca quebrou recorde algum?</p>
	<p><b><u>Ator GZ</u></b> Ator CY quando ela participou da superliga masculina, jogou por times que estavam na segunda divisão (superliga B). Realmente, não tem como saber, até porque não temos jogos televisionados da superliga B. Ela poderia ter se destacado lá e nunca saberemos. Fato é que, ninguém 'muda de sexo' só pra ter vantagem em esporte, visto que existe uma carga negativa enorme em cima de pessoas trans na nossa sociedade. Mas de qualquer forma, não sou eu que vou dizer se é certo ou errado ela participar, até porque sou apenas telespectador. Não torço pela Tiffany, torço por uma sociedade livre de preconceitos e que introduzam essas pessoas da melhor forma possível na sociedade! 😊:)</p>
	<p><b><u>Ator HA</u></b> brother.. o ponto aí eh o físico.. não a habilidade..jogadores passam a VIDA fazendo exames anti doping... ela sempre teve testosterona...muito acima de</p>

<p>uma mulher..</p> <p>imagina se hoje.. o Lebron james.. fizesse tratamento de 2 anos e baixasse seu nível de testosterona...ele já é um tanque de guerra.. jogar com as mulheres seria injusto... estrutura óssea e muscular se desenvolveram assim...</p>
<p><b><u>Ator HA</u></b> busca depois o caso de doping da corredora indiana que o doping barrou ela porque seu corpo NATURALMENTE produzia mais testosterona em maior quantidade que de uma mulher normal.. eh complexo...e a decisão de um COI ou de uma CBV eh muito mais política que médica nesses casos..</p>
<p><b><u>Ator GZ</u></b> Ator HA ele não faria isso porque ele não é uma mulher trans. ninguém faz isso pq tem vontade ou vai levar vantagem no esporte. as pessoas que fazem isso nasceram com o gênero psíquico diferente do físico, e passam pelos processos para poder equiparar os dois. E as próprias entidades já falaram que vão continuar o estudo e vão procurar se adequar a situação da melhor maneira possível. Se houver qualquer comprovação que ela tenha vantagem e tal, vão cortar ela, e pronto. enquanto isso, será que não podemos simplesmente comemorar o fato que demos um passo a mais para combater o preconceito à pessoas trans?</p>
<p><b><u>Ator HB</u></b> E se esse passo a mais for em falso? E sobre o vôlei ser um esporte coletivo, assista a final da olimpíada de 2012 (se não me engano) entre Brasil e Rússia. Após a mudança do central russo para oposto - o Brasil estava com vantagem no placar e a ponto de fechar o jogo - o jogo virou. Apenas um jogador mudou todo o jogo. Isso é bem comum em esportes coletivos.</p>
<p><b><u>Ator GZ</u></b> Se for um passo em falso as entidades vão cuidar para que isso não aconteça mais, simples assim! O que não precisamos é de um monte de gente destilando ódio em cima dela, pq ela já deve sofrer muito por ser "diferente". Só isso. 😊:)</p>
<p><b><u>Ator HB</u></b> Muserskyi é o nome do jogador russo, e o Brasil teve dois match points. Um jogador diferenciado faz a diferença rsrs.</p>
<p><b><u>Ator GZ</u></b> Mas aí não se trata SÓ do jogador né. Se trata de todo um esquema tático em cima daquele jogador. A Ting Zhu sofria no passe, e a técnica escondeu ela na linha de passe e a China ganhou as olimpíadas. Muitas vezes acontece isso de um jogador definir, mas não é o caso dela, até porque, ela só ganhou contra times fracos e perdeu dos dois times que estão na parte superior da tabela (praia e Minas). E eu conheço o Muserski, vi a final, e foi uma tacada inteligentíssima do técnico</p>

**Ator HC** Ator GZ Não vejo ninguém destilando ódio sobre a Tiffany, apenas vejo pessoas defendendo que ela tem vantagens físicas sobre as outras por ter nascido homem, e ser um atleta todo este tempo. Também sou a favor de políticas de integração de trans, homos, etc, que sofrem em uma sociedade preconceituosa, como a nossa, e também acredito que ela não optou pela troca apenas para ter vantagens físicas, porem é claro que ela tem vantagens físicas sobre as outras. Quando vc justifica que ele faz mais pontos pq é mais acionada, e sendo conhecedor de técnica de vôlei pelos seus comentários, ela sofre marcação mais intensa que outras atletas, e mesmo assim mantém uma média de altíssimo nível. Não podemos querer sanar um problema gerando outro, e mesmo a Tiffany não tendo a intensão de mudar de sexo para obter vantagens, ela tem sim estas vantagens. Temos que brigar por políticas públicas sim, porem neste caso, em esporte de alto rendimento, não tenho dúvidas que se continuar desta forma, os prejuízos serão enormes para as mulheres, que tbm brigam a muito tempo para serem reconhecidas nos esportes, por igualdade salarial, etc. não podemos tapar o sol com a peneira!!!

**Ator GZ** Ator HC sugiro que você acompanhe a página da CBV no facebook para ver o que eu quero dizer com comentários de ódio. Sorte sua não ter visto nada até agora, mas eles existem sim. E eu volto a repetir: se as entidades acharem que é melhor que ela não continue, ela não vai continuar, fim de papo. No momento isso não está acontecendo, e ela está jogando regulamentada. A superliga feminina não vai deixar de existir se jogadoras trans começarem a surgir, até porque ninguém tem cadeira cativa no vôlei. Só entra para um time quem tem como contribuir dentro de quadra. É um processo inteiramente novo e que merece observação, mas eu acredito que as federações vão achar a melhor solução para isso.

**Ator HB** Então até que se ache a melhor solução, que seja debatido.

**Ator HD** Acho que se abrirá um campo para mulheres trans no esporte feminino e o mesmo não ocorrerá com os homens trans no masculino. Um time contrata jogadoras e jogadores que tenham vantagens, que sejam melhores , a discussão que pode ser vantajoso ter uma mulher trans num time , não será a mesma para um homem trans, com menos força que os demais

**Ator V** Exato fosse natural, teríamos homens trans jogando em times importantes. Continuando assim, a tendência será os times terem apenas mulheres trans

**Ator HE** a discussão sobre a decisão do Coi e outras entidades.... eles já disseram "não temos parâmetros, é algo novo e ela está dentro do que exigimos". eles vão reavaliar antes dos próximos jogos olímpicos.... não pensem que COI TINHA um único estudo de uma atleta que se formou masculino e depois se tornou feminino como parâmetro pra liberar, eles não tinham, até pq é difícil fazer um estudo sério com um N razoável de atletas homens que se tornam mulheres, eles não tem como opinar muito e liberaram pq não tem um estudo q diga q ela se sobrepõe apesar de estar demonstrando isso. não há estudo não pode barrar. ela está dentro do único parâmetro q eles têm, baixa testosterona. eles mesmo dizem que é difícil falar sobre. médicos de esporte condenam a decisão. o assunto é muuuito mais complexo. Coi só permitiu pq nunca antes teve tantos casos. agora que vai começar a estudar o assunto.

**Ator HE** outro detalhe enquanto homem Tiffany jogou em times menores e não conseguiu melhor colocação. ela tem uma formação tão superior que entrou arrebatando no feminino e tá aí, nos melhores times... vcs não acham q isso quer dizer algo? torço pra que ela permaneça no vôlei e não seja impedida de jogar mas que parece uma desvantagem pras outras parecem.... agora se liberar geral tem que liberar pras jogadoras tomarem testosterona por alguns anos, já que permitem uma trans que até alguns anos atrás tava moldando o corpo como atleta masculino.

**Ator HA** brother..ngm está dizendo que Tiffany fez isso de propósito.. e sabemos que é algo que não se controla.. ela é mulher na cabeça e ponto... mas é inegável que existe uma questão física aí.. e concordo que a sociedade tem que incluir ela...mas isso não dá o direito de ela ser uma atleta profissional com vantagens em virtude disso..

**Ator GZ** Se as entidades chegarem à conclusão que ela leva vantagem, aí ela será afastada, até que se tenham estudos mais aprofundados sobre a questão de pessoas trans no esporte. O caso dela não é o primeiro e dificilmente será o último, e como nem a ciência ainda tem uma resposta definitiva, resta olhar pelo lado social e de inclusão da situação, que já é uma baita de uma vitória! Não tem porque nos estressarmos à toa, o que tiver de ser, será. A única coisa que me incomoda é que tem pessoas que usam o caso dela como pretexto para destilar ódio e preconceito, isso sou totalmente contra.

**Ator HB** Não tem como ser uma baita vitória se causar prejuízo ou desvantagens pra modalidade.

	<p><b><u>Ator GZ</u></b> A modalidade não está sofrendo prejuízo algum, os torneios estão continuando sem interferência</p> <p><b><u>Ator HB</u></b> É cedo pra ter certeza de qualquer coisa não acha?</p> <p><b><u>Ator GZ</u></b> Sim, mas no momento não está causando. E como eles disseram que vão rever isso, não tem porque ficar se doendo por antecipação</p> <p><b><u>Ator HF</u></b> Por que as pessoas nao podem ter opiniao? Ao que me. consta, os campeonatos precisam de audiência para existir. Logo, a superliga corre riscos sim.</p> <p><b><u>Ator HG</u></b> Porra velho, que comentário exemplar</p> <p><b><u>Ator HH</u></b> Claro que opinião pública importa! Podemos opinar sim.</p> <p><b><u>Ator GI</u></b> Seguindo a sua lógica, não devemos contestar a leis ou a sociedade em que vivemos, já que as instituições superiores já tomaram as decisões sobre tudo.</p> <p><b><u>Ator GJ</u></b> Como é? Não tem q achar?</p> <p>Oi?</p> <p>Hein?</p> <p>Bora pô-la pra jogar futebol americano c mulheres no pior time p c verem o resultado</p> <p><b><u>Ator GJ</u></b> E mais</p> <p>Digamos amém p TD e qqr decisão dos nossos justos e competentes órgãos!</p> <p>Para né</p>
COMENTÁRIO 12	<p><b><u>Ator GO</u></b> A lutadora Ronda, mulher cis, disse que antes de toda luta faz bastante sexo pra aumentar o nível de testosterona, ficando assim mais forte que as outras na hora da luta, não vejo ninguém reivindicando que ela tá com o nível de testosterona acima antes de lutar. A transição das mulheres trans é pesada, a maioria perde a força, entre outros acontecimentos. Um comitê internacional concorda que ela pode jogar, aí vem uns Zé bostinhas achar q sabe algo sobre, preguiça.</p> <p><b><u>Ator HI</u></b> A testosterona não é a única diferença entre homens e mulheres... Homens têm mais capacidade respiratória. O coração bombeia mais sangue. O corpo da mulher tem mais tendências a lesão. O nível de testosterona que a Ronda "aumenta" com sexo é mínimo. É quase chá pra gripe... Até ajuda, mas não é medicinal. O que impressiona é ver que as pessoas pensam que só testosterona que faz toda a diferença entre masculino e feminino.</p>

<p><b><u>Ator GQ</u></b> <b><u>Ator HI</u></b> não, não acho que é apenas isso. todos nos, pessoas trans, passamos todo mês por endocrinologista, vc é endocrino? se não for, sugiro que tire suas duvidas com um, pq muita coisa muda com nosso tratamento hormonal.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Eu sei que o hormônio muda. Mas seu coração e seu pulmão não vai mudar.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Engraçado que não estou vendo homens trans entrando na briga... Digo... Indo disputar no masculino.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Homens trans lutam UFC, futebol, um monte de coisas, nos times masculinos, tem músculos enormes, a testosterona muda completamente nossa musculatura, assim como muda tbm das mulheres trans. Procure um endócrino, tire suas dúvidas, melhor que achismos.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Como diz a matéria, um " comitê internacional" autorizou baseado em estudos.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Não autorizou por causa de estudos... Olhe bem a matéria. Autorizaram porque não tinha todos os estudos que negassem. Mas os médicos já estão indo contra a decisão.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Achismo...</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Se não tiveram estudos que negassem, pq negar? Ela é mulher, de todo modo, não há pq. Matéria do Globo não é referência de nada pra mim, desculpe.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Nenhuma novidade sob o sol, o próprio povo LGBT é muito preconceituoso com pessoas trans, nada novo.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Querido, a matéria da página aqui é do Globo Esporte. A Globo não é referência quando não te convém?</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Ela é mulher. Isso eu concordo. Mas ela não pode jogar em igualdade com as outras mulheres. Seria o mesmo se uma mulher sem deficiência quisesse jogar com uma cega... Não é que não seja, é que é desigual.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Então de acordo com sua teoria todos em um time de basquete teriam q ter a mesma altura, nenhum mais baixo ou mais alto?</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Ela teria então q não jogar? Ou jogar em um time masculino? Mais segregação? Mais violência contra mulheres trans q já são marginalizadas todos os dias? Sério, vc tem problemas.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Não. Não tenho problemas. Você tem. Que já que não consegue debater começa a ofender.</p>

<p><b><u>Ator HI</u></b> Aliás... Questão comum dos movimentos sociais pós modernos... Não se aceita debate. Todos devem aceitar a opinião e pronto.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Não estamos debatendo opiniões, vc esta falando de segregação, ficou comum defender violência e dizer que é opinião.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> Bem comum de gente cis, que não faz ideia do que estar em um lugar marginalizado a vida toda.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Não estou defendendo segregação. Estou dizendo que o corpo feminino é diferente. Não estou falando em aspectos sociais. Acredito e defendo os direitos dos transexuais. Mas, quanto a essa decisão em específico, eu realmente acho que, até que a medicina evolua ao ponto de realmente deixar igual os corpos, não da para competir.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Você quem está distorcendo o que eu estou falando.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> vc conhece ou tem contato com uma mulher trans? de verdade de coração e com toda calma do mundo, tenha esse contato, pra ver pessoalmente e tirar assim suas conclusões. não falei das travestis, sim das mulheres trans. tenha esse contato e analise novamente, então vai saber do que estou falando, como disse acima, não seria justo colocar aquele homem trans pra jogar com mulheres, pq muita coisa muda. mas enfim, veja vc propria. abraço paz no mundo.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Em momento algum falei em violência, deixei de respeita-la como mulher, desrespeitei o nome social. Mas, infelizmente, não há como disputar com mulheres cis em igualdade no momento, pois há grande diferença e não está apenas na testosterona, mas na formação do corpo, músculo, ossos, tendoes, condições respiratórias, cardíacas...</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> como perguntei antes, vc acha que aquele homem trans pode competir com mulheres cis?</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Se ele estiver fazendo o tratamento não. Porque a força vai ser descomunal. Assim como não se é permitido às atletas cis usarem hormônios. Mas acredito que os homens trans podem competir no masculino, se desejarem. Apesar de que não estou vendo essa briga toda deles pra entrar no masculino... Porque será...</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> <b><u>Ator GQ</u></b>, a questão não é social. Eu acho justa a luta dos trans. Mas, nesse caso, ainda não dá pra entrar no campeonato feminino. Pelo menos não nos que a</p>

<p>força ou resistência física seja ponto chave. Tanto é assim que não tenho problemas com os homens trans jogarem com os homens cis. Porque, nesse caso, os homens trans podem, inclusive, continuar o tratamento tranquilamente.</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> Ah... Sim, <b><u>Ator GQ</u></b>. Eu tenho contato com trans. Homens e mulheres. E coloco minha opinião e ainda bem que eles são muito tranquilos para debater sem precisar jogar o discurso de "você é cis, cala a boca". Eles argumentam.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> entenda, o mundo trans infelizmente é muito excluído, vc é cis, de coração, não faz a menor ideia. nos homens trans lutamos todo dia pra entrar no esporte masculinos, pq temos que ser reconhecidos pelo q somos "homens". tem diversos homens em luta com homens cis, em esportes, e os que não estão, estão sempre lutando para tal, ate pq não temos nenhuma limitação, somos homens assim como os cis, o fato de não ter penis não interfere em nada, mesmo através de meios cirúrgicos alguns ja tenham. mas essa luta existe, so não é noticiada. agora, se homem trans pode competir com cis, pq a mulher trans não? o tratamento é mais pesado q dos homens trans, mais delicado, elas perdem força, musculatura, tudo muda, é muito radical a mudança. como disse antes, sugiro que conheça mais, seu embasamento é em algo que vc não conhece.</p>
<p><b><u>Ator GQ</u></b> tenho pena dos seus amigos trans, muita pena. preconceito disfarçado de opinião é oq mais vemos hj em dia.</p>
<p><b><u>Ator HJ</u></b> Tem pênis natural logo é homem</p>
<p><b><u>Ator HJ</u></b> Juguem uma liga trans</p>
<p><b><u>Ator HI</u></b> <b><u>Ator GQ</u></b>, não da para jogar ainda na liga feminina porque o que indica é que os tratamentos só diminuem a testosterona, mas deixa a mulher trans em vantagem na competição. Você está misturando o cunho social na história. Estou falando de força física, condições respiratórias, cardíacas, musculares. E, nesses quesitos, a diferença é alta. As mulheres cis não conseguirão jogar. É uma questão simples. É concorrência desleal. Mas tudo o que eu digo você encara como "preconceito disfarçado". E não é. Até mesmo porque eu estou argumentando com dados. Você está apenas colocando a sua vivência social. Eu entendo quando você diz que há muito preconceito. Mas não da pra jogar com mulheres cis de igual pra igual. A vantagem vai ser absurda. Essa mulher jogava no masculino até pouco tempo. Não era nem reconhecida. Diz que não tem nada demais, mas em 7 jogos quebrou um dos maiores recordes do feminino. De um jogador mediano pra em 7</p>

jogos quebrar recordes? E não há vantagem? Quanto ao fato da genitalia... Não vou nem discutir isso porque não é o foco. Se a questão fosse apenas essa eu nem teria falado nada. Porque respeito os homens trans independente disso. Você quem acha que não. Talvez você me conheça melhor do que eu mesma, né... Vai saber...